ALDOUS
HUXLEY
Admirável mundo novo
BIBLIOTECA AZUL

ALDOUS
HUXLEY
Admirável
mundo novo
BIBLIOTECA AZUL

Admirável mundo novo

Aldous Huxley

tradução
Lino Vallandro
Vidal Serrano

“Les utopies apparaissent comme bien plus réalisables qu’on ne le croyait autrefois. Et nous nous trouvons actuellement devant une question bien autrement angoissante: Comment éviter leur réalisation définitive? ... Les utopies sont réalisables. La vie marche vers les utopies. Et peut-être un siècle nouveau commence-t-il, un siècle où les intellectuels et la classe cultivée rêveront aux moyens d’éviter les utopies et de retourner à une société non utopique, moins ‘parfaite’ et plus libre.”

nicolas berdiaeff

Prefácio

TODOS OS MORALISTAS ESTÃO DE ACORDO em que o remorso crônico é um sentimento dos mais indesejáveis. Se uma pessoa procedeu mal, arrependa-se, faça as reparações que puder e trate de comportar-se melhor na próxima vez. Não deve, de modo nenhum, pôr-se a remoer suas más ações. Espojar-se na lama não é a melhor maneira de ficar limpo.

A arte possui também sua moralidade, e muitas das regras desta são iguais, ou pelo menos análogas, às da ética comum. O remorso, por exemplo, é tão indesejável com relação à nossa arte de má qualidade quanto com relação ao nosso mau comportamento. A má qualidade deve ser identificada, reconhecida e, se possível, evitada no futuro. Esmiuçar as deficiências literárias de vinte anos atrás, tentar remendar uma obra defeituosa para levá-la à perfeição que não teve em sua primeira forma, passar a nossa meia-idade procurando remediar os pecados artísticos cometidos e legados por aquela outra pessoa que éramos na juventude — tudo isso, certamente, é vão e infrutífero. Eis por que este novo *Admirável mundo novo* sai igual ao antigo. Seus defeitos como obra de arte são consideráveis; mas, para corrigi-los, eu teria de reescrever o livro — e, ao reescrevê-lo, como uma outra pessoa, mais velha, provavelmente eliminaria não apenas as falhas da narrativa, mas também os méritos que pudesse ter tido originariamente. Assim, resistindo à tentação de chafurdar no remorso artístico, prefiro deixar o bom e o mau como estão e pensar em outra coisa.

Entretanto, parece-me que vale a pena mencionar pelo menos o defeito mais grave do romance, que é o seguinte: o Selvagem é posto diante de duas alternativas apenas, uma vida de insanidade na Utopia ou a vida de um primitivo numa aldeia de índios, vida esta mais humana em alguns aspectos, mas, em outros, pouco menos estranha e anormal. Na época em que foi escrito o livro, eu achava divertida e muito possivelmente

verdadeira a ideia de que os seres humanos são dotados de livre-arbítrio para escolher entre a insanidade, de um lado, e a demência, de outro. Contudo, o Selvagem muitas vezes fala mais racionalmente do que, a rigor, o justificaria sua formação entre os praticantes de uma religião que é um misto de culto da fertilidade e de ferocidade de *Penitentes*. Nem mesmo o conhecimento de Shakespeare poderia justificar, na verdade, tais manifestações. E no fim, por certo, ele é levado a recuar da sanidade mental; o *penitentismo* nativo reafirma sua autoridade e o Selvagem acaba no autoflagelo maníaco e no desespero suicida. “E esses morrem sempre infelizes” — para satisfação do divertido e pirrônico esteta que era o autor da fábula.

Hoje não sinto o menor desejo de demonstrar que a sanidade é impossível. Pelo contrário, embora continue não menos tristemente certo que a sanidade é um fenômeno bastante raro, estou convencido de que ela pode ser alcançada, e gostaria de vê-la mais difundida. Por ter dito isso em diversos livros recentes e, acima de tudo, por ter compilado uma antologia do que disseram os sãos de espírito acerca da sanidade e de todos os meios pelos quais ela pode ser obtida, ouvi de um eminente crítico acadêmico a observação de que sou um triste sintoma do fracasso de uma classe intelectual em tempo de crise. A inferência é, suponho, que o professor e seus colegas são alegres sintomas de êxito. Os benfeitores da humanidade merecem as honras e a comemoração devidas. Construamos um Panteão para os professores. Deveria localizar-se entre as ruínas de uma das cidades destruídas da Europa ou do Japão, e acima da entrada eu inscreveria, em letras de seis ou sete pés de altura, estas simples palavras: CONSAGRADO À MEMÓRIA DOS EDUCADORES DO MUNDO. SI MONUMENTUM REQUIRIS CIRCUMSPICE.

Mas, voltando ao futuro... Se eu reescrevesse o livro agora, ofereceria uma terceira alternativa ao Selvagem. Entre as duas pontas do seu dilema, a utópica e a primitiva, estaria a possibilidade de alcançar a sanidade de espírito — possibilidade já realizada, até certo ponto, numa

comunidade de exilados e refugiados do Admirável Mundo Novo, estabelecidos dentro dos limites da Reserva. Nessa comunidade, a economia seria descentralista e georgista, e a política, kropotkiniana e cooperativista. A ciência e a tecnologia seriam usadas como se, a exemplo do sábado, tivessem sido feitas para o homem, e não (como no presente e ainda mais no Admirável Mundo Novo) como se o homem tivesse de ser adaptado e escravizado a elas. A religião seria a procura consciente e inteligente do Objetivo Final do homem, a busca do conhecimento unitivo do Tao imanente ou Logos, da Divindade transcendente ou Brama. E a filosofia de vida predominante seria uma espécie de Utilitarismo Superior, em que o princípio da Maior Felicidade ocuparia posição secundária em relação ao do Objetivo Final — e a primeira pergunta a ser formulada e respondida em qualquer contingência da vida seria: "De que modo este pensamento ou ato ajudará ou impedirá a consecução, por mim e pelo maior número possível de outros indivíduos, do Objetivo Final do homem?"

Educado entre os primitivos, o Selvagem (nesta hipotética nova versão do livro) não seria transportado para a Utopia senão depois de ter tido a oportunidade de aprender algo em primeira mão sobre a natureza de uma sociedade composta de indivíduos em livre cooperação, dedicados à busca da sanidade de espírito. Assim alterado, *Admirável mundo novo* possuiria uma inteireza artística e filosófica (se é admissível usar uma palavra tão importante a propósito de uma obra de ficção) que, em sua forma atual, evidentemente lhe falta

Mas *Admirável mundo novo* é um livro sobre o futuro e, sejam quais forem suas qualidades artísticas ou filosóficas, um livro desse tipo só poderá nos interessar se suas profecias derem a impressão de poderem, concebivelmente, vir a realizar-se. Do nosso atual posto de observação, quinze anos mais abaixo no plano inclinado da história moderna, até que ponto seus prognósticos parecem plausíveis? Que aconteceu no penoso intervalo para confirmar ou invalidar as predições de 1931?

Uma enorme e óbvia falha de previsão é imediatamente visível. *Admirável mundo novo* não contém nenhuma referência à fissão nuclear. Essa omissão é, na verdade, um tanto curiosa, pois as possibilidades da energia nuclear tinham sido tópico comum de debates durante anos antes de ser escrito o livro. Meu velho amigo Robert Nichols escrevera até uma peça de sucesso a respeito do assunto, e lembro-me de que eu próprio o mencionara de passagem num romance publicado em fins da década de 20. De modo que, como já disse, parece muito curioso que os foguetes e helicópteros do sétimo século de Nosso Ford não fossem movidos por núcleos de desintegração. O lapso pode não ser perdoável; mas é, pelo menos, fácil de explicar. O tema de *Admirável mundo novo* não é o avanço da ciência em si; é esse avanço na medida em que afeta os seres humanos. Os triunfos da física, da química e da engenharia são tacitamente dados como suposições. Os únicos progressos científicos descritos especificamente são os que se relacionam com a aplicação aos seres humanos dos resultados de futuras pesquisas nos terrenos da biologia, da fisiologia e da psicologia. É somente por meio das ciências da vida que se pode mudar radicalmente a qualidade desta. As ciências da matéria podem ser aplicadas de tal modo que destruam a vida ou a tornem irreversivelmente complexa e desconfortável; mas, a menos que sejam usadas como instrumentos pelos biólogos e psicólogos, não podem modificar as formas e expressões naturais da própria vida. A liberação da energia atômica assinala uma grande evolução na história humana, porém (salvo se nos explodirmos e assim pusermos ponto final à história) não a revolução final e mais profunda.

Essa revolução verdadeiramente revolucionária deverá ser realizada, não no mundo exterior, mas sim na alma e na carne dos seres humanos. Vivendo, como viveu, num período revolucionário, o Marquês de Sade fez uso, com muita naturalidade, dessa teoria das revoluções para racionalizar seu tipo peculiar de insanidade. Robespierre realizara a espécie de revolução mais superficial, a política. Penetrando um pouco mais,

Babeuf tentara a revolução econômica. Sade considerava-se o apóstolo da revolução verdadeiramente revolucionária, que iria além da mera política e economia — a revolução dos indivíduos, homens, mulheres e crianças, cujos corpos se tornariam, de então em diante, a propriedade sexual comum, e cujas mentes deveriam ser expurgadas de todas as decências naturais, de todas as inibições laboriosamente adquiridas da civilização tradicional. Entre a doutrina de Sade e a revolução verdadeiramente revolucionária não há, por certo, nenhuma relação necessária ou inevitável: Sade era um lunático, e a meta mais ou menos consciente de sua revolução eram a destruição e o caos universal. Os homens que governam o Admirável Mundo Novo podem não ser sãos de espírito (no sentido "absoluto" da expressão), mas não são loucos. Sua meta não é a anarquia, e sim a estabilidade social. É para alcançar essa estabilidade que eles realizam, por meios científicos, a revolução última, pessoal, verdadeiramente revolucionária.

Enquanto isso, porém, estamos na primeira fase do que talvez seja a penúltima revolução. Sua fase seguinte poderá ser a guerra atômica, e nesse caso não precisamos nos preocupar com profecias sobre o futuro. Mas é concebível que tenhamos bastante bom senso, se não para pôr fim a todas as lutas, pelo menos para nos portarmos de maneira tão racional como o fizeram nossos antepassados do século XVIII. Os horrores inimagináveis da Guerra dos Trinta Anos constituíram-se realmente numa lição para os homens, e por mais de cem anos os políticos e generais da Europa resistiram conscientemente à tentação de empregar seus recursos militares até os limites da destrutividade ou (na maioria dos conflitos) de continuar a combater até que o inimigo fosse inteiramente aniquilado. Eram agressores, sem dúvida, ávidos de lucro e de glória; mas eram também conservadores, decididos a manter, a todo custo, intato o seu mundo como um mecanismo em condições de funcionamento. Nos últimos trinta anos, não tem havido conservadores, apenas radicais nacionalistas da direita e radicais nacionalistas da esquerda. O último estadista conservador foi o quinto

Marquês de Lansdowne; e, quando ele escreveu uma carta ao *The Times* sugerindo que a Primeira Guerra Mundial deveria ser concluída por meio de um acordo, como o tinham sido, em sua maioria, as guerras do século XVIII, o diretor daquele jornal historicamente conservador recusou-se a publicá-la. Os radicais nacionalistas impuseram sua vontade, com as consequências que todos conhecemos — bolchevismo, fascismo, inflação, depressão, Hitler, Segunda Guerra Mundial, ruína da Europa e fome quase universal.

Supondo, pois, que seremos capazes de aprender tão bem com Hiroshima como nossos antepassados aprenderam com Magdeburgo, podemos esperar um período não de paz, na verdade, mas sim de guerra limitada e apenas parcialmente destrutiva. Durante esse período, pode-se presumir que a energia nuclear será utilizada para fins industriais. O resultado, como é bastante óbvio, será uma série de mudanças econômicas e sociais sem precedentes na sua rapidez e totalidade. Todos os padrões de vida humana existentes serão rompidos, e terão de ser improvisados novos padrões em conformidade com o fato não humano da força atômica. O cientista nuclear, Procrusto em roupagem moderna, preparará a cama em que a humanidade deverá deitar-se; e se a humanidade não se ajustar, tanto pior para ela. Terão de haver algumas ampliações e algumas amputações — o mesmo tipo de ampliações e amputações que vem ocorrendo desde que a ciência aplicada realmente se pôs em marcha; mas, desta vez, serão bem mais drásticos do que no passado. Essas operações nada indolores serão dirigidas por governos totalitários altamente centralizados. Isso é inevitável, porquanto o futuro imediato deverá parecer-se ao passado imediato, em que as mudanças tecnológicas rápidas, verificadas numa economia de produção em massa e entre uma população predominantemente destituída de posses, sempre tenderam a provocar a confusão econômica e social. Para enfrentar a confusão, o poder tem sido centralizado e o controle governamental, ampliado. É provável que todos os governos do mundo venham a ser quase que completamente totalitários mesmo antes da utilização da energia nuclear; que o serão durante e após essa utilização, parece quase certo. Só

um movimento popular em grande escala pelas descentralização e iniciativa local poderá deter a atual tendência para o estatismo. Atualmente, não existe nenhum sinal de que venha a ocorrer tal movimento.

Não há, por certo, nenhuma razão para que os novos totalitarismos se assemelhem aos antigos. O governo pelos cassetetes e pelotões de fuzilamento, pela carestia artificial, pelas prisões e deportações em massa, não é simplesmente desumano (ninguém se importa muito com isso hoje em dia); é, de maneira demonstrável, ineficiente — e numa época de tecnologia avançada a ineficiência é o pecado contra o Espírito Santo. Um Estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que os chefes políticos de um Poder Executivo todo-poderoso e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão. Fazer com que eles a amem é a tarefa confiada, nos Estados totalitários de hoje, aos ministérios de propaganda, diretores de jornais e professores. Seus métodos, porém, são ainda primitivos e pouco científicos. A afirmação jactanciosa dos antigos jesuítas de que, se lhes fosse dado educar a criança, se responsabilizariam pelas opiniões religiosas do homem, não era mais do que o produto da racionalização de um desejo. E o pedagogo moderno é, com toda probabilidade, bem menos eficiente no condicionamento dos reflexos de seus alunos do que o eram os reverendos que educaram Voltaire. Os maiores triunfos da propaganda têm sido obtidos, não por atos positivos, mas pela abstenção. Grande é a verdade, mas ainda maior, do ponto de vista prático, é o silêncio em torno da verdade. Pela simples abstenção de mencionar certos assuntos, pela interposição do que o sr. Churchill denomina uma “cortina de ferro” entre as massas e os fatos ou argumentos que os chefes políticos locais consideram indesejáveis, os propagandistas totalitários têm influenciado a opinião com muito mais eficácia do que poderiam tê-lo feito pelas mais eloquentes invectivas, pelas mais convincentes refutações lógicas. Mas o silêncio não basta. Se se quiser evitar a perseguição, a liquidação e outros sintomas de atrito social, os aspectos positivos da propaganda deverão ser tão eficazes como os

negativos. Os mais importantes Projetos Manhattan do futuro serão vastas pesquisas, sob patrocínio governamental, em torno do que os políticos e os cientistas participantes chamarão "o problema da felicidade" — em outras palavras, o problema de fazer com que as pessoas amem sua servidão. Sem segurança econômica, o amor à servidão simplesmente não pode existir; para maior brevidade, suponho que o todo-poderoso executivo e seus administradores conseguirão resolver o problema da segurança permanente. Mas a segurança tende a tornar-se em muito pouco tempo uma coisa aceita como normal. Sua realização constitui uma revolução meramente superficial, externa. O amor à servidão não pode ser instituído senão como fruto de uma profunda revolução pessoal nas mentes e nos corpos humanos. Para efetuar essa revolução precisamos, entre outras coisas, das descobertas e invenções enumeradas a seguir. Primeiro, uma técnica de sugestão consideravelmente aperfeiçoada — pelo condicionamento infantil e, mais tarde, com o auxílio de drogas, como a escopolamina. Segundo, uma ciência das diferenças humanas completamente desenvolvida, que permita aos administradores encaminhar qualquer indivíduo ao seu devido lugar na hierarquia social e econômica. (As pessoas mal-adaptadas à sua posição tendem a alimentar pensamentos perigosos sobre o sistema social e a contagiar os outros com seus descontentamentos.) Terceiro (uma vez que a realidade, por mais utópica que seja, é algo de que as pessoas precisam tirar férias com bastante frequência), um substituto para o álcool e os outros narcóticos, que seja ao mesmo tempo menos nocivo e mais prazeroso que o gim ou a heroína. E quarto (mas este seria um projeto a longo prazo, que demandaria gerações de controle totalitário para ser levado a bom termo), um sistema infalível de eugenia, destinado a padronizar o produto humano, facilitando assim a tarefa dos administradores. Em *Admirável mundo novo* essa padronização do produto humano foi levada a extremos fantásticos, embora, talvez, não impossíveis. Técnica e ideologicamente, ainda estamos muito longe dos bebês enfrascados e dos grupos Bokanovsky de semialeijões. Mas, pelo ano 600 d.F., quem sabe o que não estará

acontecendo? Entrementes, as outras características desse mundo mais feliz e mais estável — os equivalentes do soma e da hipnopedia e o sistema científico de castas — não estão, provavelmente, a mais de três ou quatro gerações de nós. E a promiscuidade sexual de *Admirável mundo novo* também não parece tão distante. Já existem cidades norte-americanas em que o número de divórcios é igual ao de casamentos. Dentro de poucos anos, sem dúvida, licenças para casamento serão vendidas como as licenças para a posse de cães, válidas por um período de doze meses, sem nenhuma lei que proíba a troca de cães ou a posse de mais de um cão de cada vez. À medida que diminui a liberdade política e econômica, a liberdade sexual tende a aumentar como compensação. E o ditador (a não ser que precise de massa de manobra e de famílias para colonizar territórios despovoados ou conquistados) agirá prudentemente estimulando essa liberdade. Em conjunção com a liberdade de sonhar sob a influência das drogas, do cinema e do rádio, ela ajudará a reconciliar os súditos com a servidão que é o seu destino.

Tudo considerado, a Utopia parece estar muito mais perto de nós do que qualquer pessoa, apenas quinze anos atrás, poderia imaginar. Nessa época, eu a projetei para daqui a seiscentos anos. Hoje parece perfeitamente possível que o horror esteja entre nós dentro de um único século. Isto é, se nos abstivermos de nos explodirmos antes disso. Na verdade, a menos que prefiramos a descentralização e o emprego da ciência aplicada, não como o fim a que os seres humanos deverão servir de meios, mas como o meio de produzir uma raça de indivíduos livres, teremos apenas duas alternativas: ou diversos totalitarismos nacionais militarizados, tendo como raiz o terror da bomba atômica e como consequência a destruição da civilização (ou, no caso de guerras restritas, a perpetuação do militarismo); ou então um totalitarismo supranacional suscitado pelo caos social resultante do progresso tecnológico, e em particular da energia atômica, totalitarismo esse que se transformará, ante a necessidade de eficiência e estabilidade, na tirania assistencial da Utopia. É escolher.

1946

Admirável mundo novo

Um

UM EDIFÍCIO CINZENTO E ATARRACADO, DE trinta e quatro andares apenas. Acima da entrada principal, as palavras CENTRO DE INCUBAÇÃO E CONDICIONAMENTO DE LONDRES CENTRAL e, num escudo, o lema do Estado Mundial: COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE.

A enorme sala do andar térreo dava para o norte. Apesar do verão que reinava para além das vidraças, apesar do calor tropical da própria sala, a luz tênue que entrava pelas janelas era fria e crua, buscando, faminta, algum manequim coberto de roupas, algum vulto acadêmico pálido e arrepiado, mas só encontrando o vidro, o níquel e a porcelana de brilho glacial de um laboratório. À algidez hibernal respondia a algidez hibernal. As blusas dos trabalhadores eram brancas, suas mãos estavam revestidas de luvas de borracha pálida, de tonalidade cadavérica. A luz era gelada, morta, espectral. Somente dos cilindros amarelos dos microscópios vinha um pouco de substância rica e viva, que se esparramava como manteiga ao longo dos tubos reluzentes.

— E esta — disse o Diretor, abrindo a porta — é a Sala de Fecundação.

No momento em que o Diretor de Incubação e Condicionamento entrou na sala, trezentos Fecundadores, curvados sobre os seus instrumentos, estavam mergulhados naquele silêncio em que se ousa apenas respirar, naquele cantarolar ou assobiar inconsciente que traduz a mais profunda concentração. Uma turma de estudantes recém-chegados, muito jovens, rosados e inexperientes, seguia com certo nervosismo, com uma humildade um tanto abjeta, os passos do Diretor. Todos traziam cadernos de notas, em que, cada vez que o grande homem falava, rabiscavam desesperadamente. Eles bebiam ali seu saber na própria fonte. Era um

privilégio raro. O D.I.C. de Londres Central sempre fazia questão de conduzir pessoalmente seus novos alunos na visita aos vários serviços e dependências.

— Só para dar a vocês uma ideia de conjunto — explicava-lhes. Porque era preciso, naturalmente, que tivessem alguma ideia de conjunto para poderem fazer seu trabalho inteligentemente — mas uma ideia o mais resumida possível, para que se tornassem membros úteis e felizes da sociedade. Porque os detalhes, como se sabe, conduzem à virtude e à felicidade; as generalidades são males intelectualmente necessários. Não são os filósofos, mas sim os colecionadores de selos e os marceneiros amadores que constituem a espinha dorsal da sociedade.

— Amanhã — acrescentava, sorrindo-lhes com uma jovialidade levemente ameaçadora — os senhores entrarão no trabalho sério. Não terão tempo para generalidades. Enquanto isso...

Enquanto isso, era um privilégio. Da própria fonte para o caderno de notas. Os rapazes rabiscavam febrilmente.

Alto e um tanto magro, mas ereto, o Diretor adiantou-se sala adentro. Tinha o queixo alongado e os dentes fortes, um pouco proeminentes, que seus lábios grossos, de curva acentuada, mal conseguiam encobrir quando não estava falando. Velho? Jovem? Trinta anos? Cinquenta? Cinquenta e cinco? Era difícil dizer. Aliás, não vinha ao caso; nesse ano da estabilidade, 632 d.F., a ninguém ocorreria perguntar.

— Vou começar pelo começo — disse o D.I.C., e os estudantes mais aplicados anotaram sua intenção no caderno: *Começar pelo começo*. — Isto — agitou a mão — são as incubadoras. — E, abrindo uma porta de proteção térmica, mostrou-lhes porta-tubos empilhados uns sobre os outros e cheios de tubos de ensaio numerados. — A provisão de óvulos para a semana. Mantidos à temperatura do sangue; ao passo que os gametas masculinos — e abriu outra porta — devem ser guardados a 35º, em vez de 37º. A temperatura normal do sangue esteriliza. Carneiros envoltos em termogênio não procriam cordeiros.

Sempre apoiado nas incubadoras, forneceu-lhes, enquanto os lápis corriam ilegivelmente de um lado a outro das páginas, uma breve descrição do moderno processo de fecundação; falou primeiro, naturalmente, da sua introdução cirúrgica — "a operação suportada voluntariamente para o bem da Sociedade, sem esquecer que proporciona uma gratificação de seis meses de ordenado"; continuou com uma exposição sumária da técnica de conservação do ovário, seccionado no estado vivo e em pleno desenvolvimento; passou a considerações sobre a temperatura, a salinidade e a viscosidade ideais; fez alusão ao líquido em que se conservavam os óvulos desprendidos e maduros; e, levando os alunos às mesas de trabalho, mostrou-lhes até como se retirava esse líquido dos tubos de ensaio; como o fazia cair gota a gota sobre as lâminas de vidro, especialmente aquecidas, para preparações microscópicas; como os óvulos que ele continha eram inspecionados com vista em possíveis caracteres anormais, contados e transferidos para um recipiente poroso; como (e levou-os a observar a operação) esse recipiente era mergulhado em um caldo tépido contendo espermatozoides que nele nadavam livremente — "na concentração mínima de cem mil por centímetro cúbico", insistiu —; e como, depois de dez minutos, o vaso era retirado do líquido e seu conteúdo, novamente examinado; como, se ainda restassem óvulos não fecundados, era ele mergulhado uma segunda vez e, se necessário, uma terceira; como os óvulos fecundados voltavam às incubadoras, onde eram conservados os Alfas e os Betas até seu acondicionamento definitivo em bocais, enquanto os Gamas, os Deltas e os Ípsilons eram retirados ao fim de apenas trinta e seis horas para serem submetidos ao Processo Bokanovsky.

— Ao Processo Bokanovsky — repetiu o Diretor, e os estudantes sublinharam essas palavras em seus cadernos.

Um ovo, um embrião, um adulto — é o normal. Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se: de oito a noventa e seis germes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião, um adulto completo. Assim se

consegue fazer crescer noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso.

— A bokanovskização — disse o D.I.C., para concluir — consiste essencialmente numa série de interrupções do desenvolvimento. Nós detemos o crescimento normal e, paradoxalmente, o ovo reage germinando em múltiplos brotos.

Reage germinando. Os lápis entraram em atividade.

Ele apontou. Sobre uma esteira muito lenta, um porta-tubos cheio de tubos de ensaio penetrava numa grande caixa metálica e outro surgia. Ouvia-se um leve rumor de máquinas. Os tubos levavam oito minutos para atravessar a caixa de ponta a ponta, explicou, ou seja, oito minutos de exposição direta aos raios X, o que é quase o máximo que um ovo pode suportar. Um pequeno número morria; outros, os menos suscetíveis, dividiam-se em dois; a maioria proliferava em quatro brotos; alguns, em oito; todos eram reenviados às incubadoras, onde os brotos começavam a desenvolver-se; então, passados dois dias, eram submetidos subitamente ao frio; ao frio e à interrupção de crescimento. Os brotos dividiam-se, por sua vez, em dois, em quatro, em oito. Depois, tendo germinado, eram submetidos a uma dose quase letal de álcool; em consequência, proliferavam de novo, e, tendo germinado, ficavam então a desenvolver-se em paz, brotos de brotos de brotos — toda nova interrupção seria geralmente fatal. A essa altura, o ovo primitivo tinha fortes probabilidades de se transformar em um número qualquer de embriões, de oito a noventa e seis — o que é, hão de convir, um aperfeiçoamento prodigioso em relação à natureza. Gêmeos idênticos — mas não em insignificantes grupos de dois ou três, como nos velhos tempos da reprodução vivípara, quando um ovo se dividia às vezes, acidentalmente, e sim em dúzias, em dezenas, de uma só vez.

— Dezenas — repetiu o Diretor, e fez um gesto largo com o braço, como se distribuísse liberalidades a uma multidão. — Dezenas.

Um dos estudantes, todavia, cometeu a tolice de perguntar em que consistia a vantagem.

— Meu bom rapaz! — O Diretor virou-se vivamente para ele. — Não vê, pois? Não vê? — Ergueu a mão; sua atitude era solene. — O Processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social!

Um dos principais instrumentos da estabilidade social.

Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Todo o pessoal de uma pequena usina constituído pelos produtos de um único ovo bokanovskizado.

— Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! — sua voz estava quase trêmula de entusiasmo. — Sabe-se seguramente para onde se vai. Pela primeira vez na história. — Citou o lema planetário: — “Comunidade, identidade, estabilidade”. — Grandes palavras. — Se pudéssemos bokanovskizar indefinidamente, todo o problema estaria resolvido.

Resolvido por meio de Gamas típicos, Deltas invariáveis, Ípsilons uniformes. Milhões de gêmeos idênticos. O princípio da produção em série aplicado enfim à biologia.

— Mas ai de nós! — o Diretor sacudiu a cabeça. — *Não podemos* bokanovskizar indefinidamente.

Noventa e seis, tal parecia ser o limite; setenta e dois, uma boa média. Fabricar com o mesmo ovário e os gametas do mesmo macho o maior número possível de grupos de gêmeos idênticos — era o que se podia fazer de melhor (um melhor que, infelizmente, não passava de um menos mau). E até isso era difícil.

— Porque, na natureza, são necessários trinta anos para que duzentos óvulos cheguem à maturidade. Mas o nosso problema é estabilizar a população neste momento, aqui e agora. Produzir gêmeos com o conta-gotas no decurso de um quarto de século, para que serviria isso?

Evidentemente, não serviria para nada. Mas a técnica de Podsnap tinha acelerado imensamente o processo de maturação. Era possível obter

pelo menos cento e cinquenta óvulos maduros no espaço de dois anos. Que se fecunde e se bokanovskize — em outras palavras, que se multiplique esse número por setenta e dois, e se obterão onze mil irmãos e irmãs em cento e cinquenta grupos de gêmeos idênticos, todos quase da mesma idade, com uma diferença máxima de dois anos.

— E, em casos excepcionais, podemos obter de um único ovário mais de quinze mil indivíduos adultos.

Fazendo sinal a um jovem louro de tez rosada que por ali passava nesse momento, chamou:

— Sr. Foster! — o jovem aproximou-se. — Poderia indicar-nos o número máximo obtido de um único ovário, sr. Foster?

— Dezesseis mil e doze, neste Centro — respondeu o sr. Foster, sem hesitação. Falava muito depressa, tinha os olhos azuis e vivos, e sentia um prazer evidente em citar algarismos. — Dezesseis mil e doze; em cento e oitenta e nove grupos de idênticos. Mas, sem dúvida, já se conseguiu coisa muito melhor — continuou com desembaraço — em alguns centros tropicais. Cingapura tem produzido frequentemente mais de dezesseis mil e quinhentos; e Mombasa já atingiu a marca dos dezessete mil. Mas acontece que eles são injustamente privilegiados. É preciso ver como um ovário de negra reage ao extrato de pituitária! É de causar assombro, quando se está habituado a trabalhar com material europeu. Apesar disso — acrescentou, rindo (mas havia um brilho combativo em seus olhos, e o queixo erguido era um desafio) —, apesar disso, nós temos a intenção de ultrapassá-los, se houver possibilidade. Estou trabalhando neste momento com um ovário maravilhoso de Delta-Menos. Tem apenas dezoito meses. Mais de doze mil e setecentas crianças já, decantadas ou em embrião. E ele ainda vai longe. Um dia havemos de vencer!

— É desse espírito que eu gosto! — exclamou o Diretor, com uma palmadinha no ombro do sr. Foster. — Venha conosco e transmita a estes rapazes o seu saber de especialista.

O sr. Foster sorriu modestamente.

— Com muito prazer.

Eles o seguiram.

Na Sala de Enfrascamento, tudo era agitação harmoniosa e atividade ordenada. Placas de peritônio de porca, todas cortadas nas dimensões exatas, chegavam continuamente, em pequenos elevadores, do Depósito de Órgãos no subsolo. Bzzz e depois clique! — as portas do elevador abriam-se amplamente. O Forrador de Bocais tinha só de estender a mão, pegar a placa, introduzi-la, acomodá-la e, antes que o bocal assim guarnecido tivesse tempo de se distanciar ao longo da esteira sem fim — bzzz, clique! —, outra placa de peritônio subia rapidamente das profundezas subterrâneas, pronta para ser introduzida em outro bocal, que seguia o anterior nessa lenta e interminável procissão sobre a esteira.

Depois dos Forradores vinham os Matriculadores. A procissão avançava; um a um, os ovos eram transferidos dos seus tubos de ensaio para os recipientes maiores; com destreza, a guarnição de peritônio sofria uma incisão, a mórula era posta no seu lugar, a solução salina era transvasada... e já o bocal seguia adiante, passando então a vez aos Rotuladores. A hereditariedade, a data da fecundação, o Grupo Bokanovsky, todos os detalhes eram transferidos do tubo de ensaio para o bocal. Não mais anônima, mas com nome, identificada, a procissão recomeçava lentamente sua marcha; lentamente, através de uma abertura na parede, por onde passava à Sala de Predestinação Social.

— Oitenta e oito metros cúbicos de fichas de papelão — disse o sr. Foster com manifesto prazer, quando entravam.

— Contendo *todas* as informações necessárias — acrescentou o Diretor.

— Postas em dia todas as manhãs.

— E coordenadas todas as tardes.

— Com base nas quais se fazem os cálculos.

— Tantos indivíduos, de tal e tal qualidade — disse o sr. Foster.

— Distribuídos em tais e tais quantidades.

— O Índice de Decantação ideal a qualquer momento.

— As perdas imprevistas prontamente compensadas.

— Prontamente — repetiu o sr. Foster. — Se os senhores soubessem quantas horas extra tive de fazer depois do último terremoto no Japão!

Riu, bem-humorado, e meneou a cabeça.

— Os Predestinadores mandam seus números aos Fecundadores.

— Que enviam a eles os embriões pedidos.

— E os bocais chegam aqui para serem predestinados detalhadamente.

— Depois disso, descem ao Depósito dos Embriões.

— Para onde nós vamos agora.

E, abrindo uma porta, o sr. Foster se pôs à frente deles, conduzindo-os ao subsolo por uma escada.

A temperatura continuava tropical. Desceram a uma penumbra cada vez mais densa. Duas portas e um corredor com duas voltas protegiam o subsolo contra qualquer infiltração de luz diurna.

— Os embriões são como filmes fotográficos — disse o sr. Foster jocosamente, empurrando a segunda porta. — Só suportam a luz vermelha.

Com efeito, a penumbra quente e abafada, na qual os estudantes o seguiram então, era visível e rubra, como as pálpebras fechadas numa tarde de verão. Os flancos arredondados dos bocais que se alinhavam ao infinito, fileira após fileira, prateleira sobre prateleira, rebrilhavam como incontáveis rubis, e entre os rubis se moviam os espectros de homens e mulheres com olhos vermelhos, e com todos os sintomas de lupo. Um zumbido, um ruído de máquinas agitava levemente o ar.

— Dê-lhes alguns números, sr. Foster — disse o Diretor, já cansado de falar.

O sr. Foster sentia-se imensamente feliz de poder fazê-lo.

— Duzentos e vinte metros de comprimento, duzentos de largura, dez de altura — apontou para cima. Como galinhas bebendo, os estudantes levantaram os olhos para o teto distante.

Três andares de porta-bocais: ao nível do solo, primeira galeria, segunda galeria.

O arcabouço metálico das galerias superpostas, delgado como teia de aranha, estendia-se em todas as direções até se perder na penumbra. Perto dele, três fantasmas vermelhos estavam ativamente ocupados em descarregar garrafões, que retiravam de uma escada móvel.

Era a escada rolante que vinha da Sala de Predestinação Social.

Cada bocal podia ser colocado em um dentre quinze porta-garrafas, e cada um destes, embora não se percebesse, era uma esteira que avançava à razão de trinta e três centímetros e um terço por hora.

Duzentos e sessenta e sete dias, à razão de oito metros por dia. Dois mil, cento e trinta e seis metros ao todo. Uma volta ao nível do solo, mais uma na primeira galeria, a metade de outra na segunda, e na ducentésima sexagésima sétima manhã, a luz do dia na Sala de Decantação. Daí em diante, a existência independente — ou assim chamada.

— Mas nesse ínterim — disse o sr. Foster em conclusão — conseguimos fazer muita coisa a eles, oh!, muita, muita coisa.

Seu riso era sagaz e triunfante.

— Esse é o espírito que me agrada — disse novamente o Diretor. — Façamos a volta. Dê-lhes todas as explicações, sr. Foster.

O sr. Foster explicou tudo de forma precisa.

Falou do embrião desenvolvendo-se no seu leito de peritônio. Fez com que eles provassem o rico pseudossangue de que ele se nutria. Explicou por que ele precisava ser estimulado com placentina e tiroxina. Falou do extrato de corpo amarelo. Mostrou as canaletas pelas quais, a cada doze metros entre zero e dois mil e quarenta, ele era injetado automaticamente. Falou das doses gradativamente maiores de extrato de pituitária, administradas durante os últimos noventa e seis metros do percurso. Descreveu a circulação materna artificial instalada em cada bocal no metro cento e doze; mostrou o reservatório de pseudossangue, a bomba centrífuga que mantinha o líquido em movimento acima da placenta e o impelia através do pulmão sintético e do filtro de resíduos. Referiu-se à perigosa tendência do embrião para a anemia; às doses maciças de extrato

de estômago de porco e de fígado de feto de potrilho que, por isso, era preciso fornecer-lhe.

Mostrou-lhes o mecanismo simples por meio do qual, durante os dois últimos metros de cada percurso de oito, eram sacudidos simultaneamente todos os embriões para se familiarizarem com o movimento. Aludiu à gravidade do chamado “trauma da decantação” e enumerou as precauções tomadas para reduzir ao mínimo, por um adestramento apropriado do embrião no bocal, esse choque perigoso. Falou-lhes das provas de sexo efetuadas nas proximidades do metro duzentos. Explicou o sistema de rotulagem — um T maiúsculo para os machos, um círculo para as fêmeas e, para aquelas destinadas a ficarem neutras, um ponto de interrogação preto sobre fundo branco.

— Porque, veja bem — disse o sr. Foster —, na imensa maioria dos casos a fecundidade é simplesmente um incômodo. Um ovário fértil em mil e duzentos, eis o que seria plenamente suficiente para nossas necessidades. Mas nós queremos ter boa possibilidade de escolha. E, naturalmente, é preciso conservar sempre uma margem de segurança enorme. Por isso deixamos que se desenvolvam normalmente até trinta por cento de embriões femininos. Os outros recebem uma dose de hormônio sexual masculino a cada vinte e quatro metros, durante o resto do percurso. Resultado: são decantados como neutros, absolutamente normais sob o ponto de vista da estrutura (salvo — viu-se obrigado a reconhecer — o fato de terem, na verdade, uma ligeira tendência para o aparecimento de barba), mas estéreis. Garantidamente estéreis. O que nos leva finalmente — continuou o sr. Foster — a deixar o domínio da simples imitação servil da natureza para entrar no mundo muito mais interessante da invenção humana.

Esfregou as mãos. Porque, veja bem, não se contentavam com simplesmente incubar os embriões: isso, qualquer vaca era capaz de fazer.

— Nós também predestinamos e condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados, sob a forma de Alfas

ou de Ípsilons, de futuros carregadores ou de futuros... — ia dizer “futuros Administradores Mundiais”, mas, corrigindo-se, completou: — futuros Diretores de Incubação.

O D.I.C. recebeu a lisonja com um sorriso.

Achavam-se no metro trezentos e vinte do porta-tubos número onze. Um jovem mecânico Beta-Menos estava trabalhando com chave de parafusos e chave inglesa na bomba de pseudossangue de um bocal que passava. O zumbido do motor elétrico tornava-se frações de tom mais grave à medida que ele apertava as porcas... Mais grave, mais grave... Uma torção final, um olhar ao contador de voltas, e pronto. Deu dois passos ao longo da fileira e recomeçou a operação na bomba seguinte.

— Ele está diminuindo o número de giros por segundo — explicou o sr. Foster. — O pseudossangue circula mais devagar; por conseguinte, passa pelos pulmões a intervalos mais longos; portanto, fornece menos oxigênio ao embrião. Nada como a escassez de oxigênio para manter um embrião abaixo do normal. — De novo esfregou as mãos.

— Mas por que precisamos manter o embrião abaixo do normal? — perguntou um estudante ingênuo.

— Que asno! — disse o Diretor, rompendo um longo silêncio. — Não lhe ocorreu que, para um embrião de Ípsilon, é preciso um meio de Ípsilon, tanto quanto uma hereditariedade de Ípsilon?

Evidentemente, não lhe havia ocorrido essa ideia. Ficou encabulado.

— Quanto mais baixa é a casta — disse o sr. Foster —, menos oxigênio se dá.

O primeiro órgão afetado era o cérebro. Em seguida, o esqueleto. Com setenta por cento de oxigênio normal, obtinham-se anões. Com menos de setenta por cento, monstros sem olhos.

— Que não têm nenhuma utilidade — concluiu o sr. Foster.

Ao passo que (sua voz tornou-se confidencial e ansiosa), se se pudesse descobrir uma técnica para reduzir o período de maturação, que

vitória, que benefício para a Sociedade!

— Considerem o cavalo — os jovens consideraram. — Maduro aos seis anos; o elefante, aos dez. Enquanto, aos treze anos, um homem ainda não está sexualmente amadurecido, e não é adulto antes dos vinte anos. Daí, naturalmente, esse fruto do desenvolvimento retardado: a inteligência humana.

— Mas nos Ípsilons — disse com muita propriedade o sr. Foster — nós não precisamos de inteligência humana.

Não precisavam dela e não a obtinham. Mas, ainda que nos Ípsilons o espírito estivesse maduro aos dez anos, eram necessários dezoito para que o corpo ficasse em condições para o trabalho. Que longos anos de imaturidade, supérfluos e desperdiçados! Se se pudesse acelerar o desenvolvimento físico até torná-lo tão rápido, digamos, como o de uma vaca, que enorme economia para a Comunidade!

— Enorme! — murmuraram os estudantes. O entusiasmo do sr. Foster era contagioso.

Suas explicações tornaram-se mais técnicas; falou da coordenação anormal das glândulas endócrinas, que fazia com que os homens crescessem tão lentamente; admitiu, como explicação, uma mutação germinal. Seria possível destruir os efeitos dessa mutação? Seria possível fazer regredir o embrião de Ípsilon, por meio de uma técnica apropriada, até a normalidade dos cães e das vacas? Tal era o problema. E estava perto de ser resolvido.

Pilkington, em Mombasa, produzira indivíduos que eram sexualmente maduros aos quatro anos e de porte adulto aos seis anos e meio. Um triunfo científico. Mas socialmente inúteis. Homens e mulheres de seis anos e meio eram demasiado estúpidos, mesmo para realizar o trabalho de um Ípsilon. E o processo era do tipo tudo ou nada: ou não se conseguia nenhuma modificação, ou se modificava completamente. Ainda estavam tentando encontrar o meio-termo ideal entre adultos de vinte anos e adultos de seis anos. Até então sem êxito. O sr. Foster suspirou e balançou a cabeça.

Suas peregrinações através da penumbra rubra os tinham levado às proximidades do metro cento e setenta do porta-tubos número nove. A partir desse ponto, o porta-tubos desaparecia em uma canaleta e os bocais percorriam o resto de seu trajeto numa espécie de túnel, interrompido aqui e ali por aberturas de dois ou três metros de largura.

— Condicionamento ao calor — disse o sr. Foster.

Túneis quentes alternavam-se com túneis resfriados. O resfriamento estava ligado ao desconforto sob a forma de raios X diretos. Quando chegavam a ponto de serem decantados, os embriões tinham horror ao frio. Ficavam predestinados a emigrarem para os trópicos, a serem mineiros, tecelões de seda de acetato e operários de fundição. Mais tarde, seu espírito seria formado de maneira a confirmar as predisposições do corpo.

— Nós os condicionamos de tal modo que eles se dão bem com o calor — disse o sr. Foster em conclusão. — Nossos colegas lá em cima os ensinarão a amá-lo.

— E esse — interveio sentenciosamente o Diretor — é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos *obrigados* a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar.

Num intervalo entre dois túneis, uma enfermeira ocupava-se em sondar delicadamente, por meio de uma longa e fina seringa, o conteúdo gelatinoso de um bocal que passava. Os estudantes e seu guia detiveram-se a observá-la por alguns instantes, em silêncio.

— Então, Lenina — disse o sr. Foster, quando ela finalmente retirou a seringa e se endireitou.

A moça voltou-se, sobressaltada. Podia-se ver que era excepcionalmente bonita, embora a luz lhe emprestasse uma máscara de lupo e olhos roxos.

— Henry! — Seu sorriso evidenciou, num clarão vermelho, uma fileira de dentes de coral.

— Encantadora, encantadora — murmurou o Diretor, e, dando-lhe dois ou três tapinhas, recebeu em troca um sorriso de deferência.

— Que é que você está dando a eles aí? — perguntou o sr. Foster, imprimindo à sua voz um tom muito profissional.

— Oh, a tifoide e a doença do sono habituais.

— Os trabalhadores dos trópicos começam a receber inoculações no metro cento e cinquenta — explicou o sr. Foster aos estudantes. — Os embriões ainda têm guelras. Imunizamos o peixe contra as moléstias do futuro homem. — Depois, voltando-se para Lenina: — Às quinze para as cinco no terraço, esta tarde, como de costume.

— Encantadora — disse o Diretor mais uma vez, e, com uma palmadinha final, afastou-se atrás dos outros.

No porta-tubos número dez, filas de trabalhadores das indústrias químicas da geração seguinte estavam sendo exercitadas na tolerância ao chumbo, à soda cáustica, ao alcatrão, ao cloro. O primeiro de um grupo de duzentos e cinquenta embriões de mecânicos de aviões-foguetes passava justamente diante da marca do metro mil e cem no porta-tubos número três. Um mecanismo especial mantinha os recipientes em rotação constante.

— Para melhorar seu sentido de equilíbrio — explicou o sr. Foster. — Efetuar reparos no exterior de um avião-foguete em pleno voo é um trabalho penoso. Nós retardamos a circulação quando eles estão em posição normal, de modo que fiquem parcialmente privados de alimento, e dobramos o afluxo de pseudossangue quando estão de cabeça para baixo. Aprendem, assim, a associar essa posição com o bem-estar. Na verdade, eles não se sentem verdadeiramente felizes senão quando estão de cabeça para baixo. E agora — continuou — eu gostaria de lhes mostrar um condicionamento muito interessante para intelectuais Alfa-Mais. Temos um grupo grande no porta-tubos número cinco. Ao nível da Primeira Galeria — gritou para dois rapazes que tinham começado a descer para o andar térreo. — Eles se acham mais ou menos na altura do metro novecentos — explicou. — Na realidade, não se pode efetuar nenhum condicionamento intelectual útil antes que os fetos tenham perdido a cauda. Sigam-me.

Mas o Diretor havia consultado o relógio.

— Dez para as três — disse. — Receio que não tenhamos tempo para dedicar aos embriões intelectuais. Precisamos subir aos berçários antes que as crianças tenham terminado a sesta.

O sr. Foster ficou decepcionado.

— Pelo menos uma olhadela na Sala de Decantação — suplicou.

— Está bem, vamos — o Diretor sorriu com indulgência. — Apenas uma olhadela.

Dois

DEIXARAM O SR. FOSTER NA SALA de Decantação. O D.I.C. e seus alunos entraram no elevador mais próximo e foram levados ao quinto andar.

BERÇÁRIOS. SALAS DE CONDICIONAMENTO NEOPAVLOVIANO, indicava o painel de avisos.

O Diretor abriu uma porta. Entraram numa ampla sala vazia, muito clara e ensolarada, pois toda a parede do lado sul era ocupada por uma única janela. Meia dúzia de enfermeiras, com as calças e jaquetas do uniforme regulamentar de linho branco de viscose, os cabelos assepticamente cobertos por toucas brancas, estavam ocupadas em dispor vasos com rosas sobre o assoalho, numa longa fila, de uma extremidade à outra da sala. Grandes vasos, apinhados de flores. Milhares de pétalas, amplamente desabrochadas e de uma sedosa maciez, semelhantes às faces de inumeráveis pequenos querubins, mas querubins que, naquela claridade, não eram exclusivamente róseos e arianos, mas também luminosamente chineses, também mexicanos, também apopléticos de tanto soprarem as trombetas celestes, também pálidos como a morte, pálidos da brancura póstuma do mármore.

As enfermeiras perfilaram-se ao entrar o D.I.C.

— Disponham os livros — disse ele, secamente.

Em silêncio, elas obedeceram à ordem. Entre os vasos de rosas, os livros foram devidamente dispostos — uma fileira de livros infantis pequenos, cada um aberto, de modo convidativo, em alguma gravura agradavelmente colorida, de animal, peixe ou pássaro.

— Agora, tragam as crianças.

Elas saíram apressadamente da sala e voltaram ao cabo de um ou dois minutos, cada qual empurrando uma espécie de carrinho, em que, nas suas quatro prateleiras de tela metálica, vinham bebês de oito meses, todos

exatamente iguais (um Grupo Bokanovsky, evidentemente) e todos (já que pertenciam à casta Delta) vestidos de cáqui. — Ponham as crianças no chão.

Os bebês foram descarregados.

— Agora, virem-nas de modo que possam ver as flores e os livros.

Virados, os bebês calaram-se imediatamente, depois começaram a engatinhar na direção daquelas massas de cores brilhantes, daquelas formas tão alegres e tão vivas nas páginas brancas. Enquanto se aproximavam, o sol ressurgiu de um eclipse momentâneo atrás de uma nuvem. As rosas brilharam como sob o efeito de uma súbita paixão interna; uma energia nova e profunda pareceu espalhar-se sobre as páginas reluzentes dos livros. Das filas de bebês que se arrastavam engatinhando, elevaram-se gritinhos de excitação, murmúrios e gorgolejos de prazer.

O Diretor esfregou as mãos.

— Excelente! — comentou. — Até parece que foram feitos sob encomenda.

Os mais rápidos engatinhadores já haviam alcançado o alvo. Pequeninas mãos se estenderam incertas, tocaram, pegaram, despetalando as rosas transfiguradas, amarrotando as páginas iluminadas dos livros. O Diretor esperou que todos estivessem alegremente entretidos. Depois disse:

— Observem bem — e, levantando a mão, deu o sinal.

A Enfermeira-Chefe, que se encontrava junto a um quadro de ligações na outra extremidade da sala, baixou uma pequena alavanca.

Houve uma explosão violenta. Aguda, cada vez mais aguda, uma sirene apitou. Campainhas de alarme soaram, enlouquecedoras.

As crianças sobressaltaram-se, berraram; suas fisionomias estavam contorcidas pelo terror.

— E agora — gritou o D.I.C. (pois o barulho era ensurdecedor) —, agora vamos gravar mais profundamente a lição por meio de um ligeiro choque elétrico.

Agitou de novo a mão, e a Enfermeira-Chefe baixou uma segunda alavanca. Os gritos das crianças mudaram subitamente de tom. Havia algo de desesperado, de quase demente, nos urros agudos e espasmódicos que elas então soltaram. Seus pequenos corpos contraíam-se e retesavam-se; seus membros agitavam-se em movimentos convulsivos, como se puxados por fios invisíveis.

— Nós podemos eletrificar todo aquele lado do assoalho — berrou o Diretor para explicar-se. — Mas isso basta — continuou, fazendo um sinal à enfermeira.

As explosões cessaram, as campainhas pararam de soar, o uivo da sirene foi baixando de tom em tom até silenciar. Os corpos rigidamente contraídos distenderam-se; o que antes fora o soluço e o ganido de pequenos candidatos à loucura expandiu-se novamente no berreiro normal do terror comum.

— Ofereçam-lhes de novo as flores e os livros.

As enfermeiras obedeceram; mas, à aproximação das rosas, à simples visão das imagens alegremente coloridas do gatinho, do galo que faz cocorocó e do carneiro que faz bé, bé, as crianças recuaram horrorizadas; seus berros recrudesceram subitamente.

— Observem — disse o Diretor, triunfante. — Observem.

Os livros e o barulho intenso, as flores e os choques elétricos — na mente infantil esses pares já estavam ligados de forma comprometedora; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra parecida, estariam casados indissoluvelmente. O que o homem uniu, a natureza é incapaz de separar.

— Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam de um ódio "instintivo" aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida — o Diretor voltou-se para as enfermeiras. — Podem levá-las.

Sempre gritando, os bebês de cáqui foram colocados em seus carrinhos e levados para fora da sala, deixando atrás de si um cheiro de leite azedo e um agradabilíssimo silêncio.

Um dos estudantes levantou a mão. Embora compreendesse perfeitamente que não se podia permitir que pessoas de casta inferior desperdiçassem o tempo da Comunidade com livros e que havia sempre o perigo de lerem coisas que provocassem o indesejável descondicionamento de algum dos seus reflexos... enfim, ele não conseguia entender o referente às flores. Por que se dar ao trabalho de tornar psicologicamente impossível aos Deltas o amor às flores?

Pacientemente, o D.I.C. explicou. Se se procedia de modo que as crianças se pusessem a berrar diante de uma rosa, era por considerações de alta política econômica. Há não muito tempo (mais ou menos um século) tinham se condicionado os Gamas, os Deltas e até mesmo os Ípsilons a amar as flores — as flores em particular e a natureza selvagem em geral. O fim visado era despertar neles o desejo de irem ao campo sempre que fosse oportuno, obrigando-os assim a utilizar os meios de transporte.

— E eles não utilizavam os meios de transporte? — perguntou o estudante.

— Sim, e muito — respondeu o D.I.C. —, mas nada mais.

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas *não* a tendência a consumir transporte. Pois era essencial, evidentemente, que continuassem a ir ao campo, mesmo tendo-lhe horror. O problema era encontrar uma razão economicamente melhor para o consumo de transporte do que a simples afeição às flores silvestres e às paisagens. Ela fora devidamente descoberta.

— Nós condicionamos as massas a detestarem o campo — disse o Diretor, em conclusão —, mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que elas consumam artigos manufaturados, assim como transporte. Daí esses choques elétricos.

— Compreendo — disse o estudante; e calou-se, admirado.

Houve um silêncio; depois, pigarreando para clarear a voz:

— Era uma vez — começou o Diretor —, quando Nosso Ford ainda estava neste mundo, um rapazinho chamado Reuben Rabinovitch. A língua dos pais de Reuben era o polonês. — O Diretor interrompeu-se: — Suponho que sabem o que é o polonês, não?

— Uma língua morta.

— Como o francês e o alemão — acrescentou outro, exibindo com zelo seus conhecimentos.

— E "pais"? — perguntou o D.I.C.

Fez-se um silêncio embaraçado. Vários rapazes coraram. Ainda não tinham aprendido a fazer a distinção, importante mas por vezes muito sutil, entre a indecência e a ciência pura. Um deles, por fim, teve a coragem de levantar a mão.

— Os seres humanos, antigamente, eram... — hesitou; o sangue subiu-lhe às faces. — Enfim, eram vivíparos.

— Muito bem — o Diretor aprovou com um sinal de cabeça.

— E quando os bebês eram decantados...

— Nasciam — corrigiu ele.

— Bom, então, eram os pais... isto é, não os bebês, está claro; os outros — o pobre rapaz estava atrapalhadíssimo.

— Em uma palavra — resumiu o Diretor —, os pais eram o pai e a mãe — essa indecência, que, na realidade, era ciência, caiu com estrépito no silêncio daqueles jovens, que não ousavam olhar-se. — A mãe — repetiu ele em voz alta, para fazer penetrar bem fundo a ciência; e, inclinando-se para trás na cadeira, disse gravemente: — São fatos desagradáveis, eu sei. Mas é que a maioria dos fatos históricos é mesmo desagradável.

Voltou ao caso do pequeno Reuben — do pequeno Reuben em cujo quarto, certa noite, por descuido, seu pai e sua mãe (hum, hum!) tinham deixado ligado o aparelho de rádio. (Pois é preciso lembrar que, naqueles

tempos de grosseira reprodução vivípara, os filhos eram sempre criados pelos pais, e não em Centros de Condicionamento do Estado.)

Enquanto a criança dormia, o aparelho começou, de repente, a captar um programa transmitido de Londres; e na manhã seguinte, para espanto de seu... (hum) e de sua... (hum) (os mais arrojados entre os rapazes arriscaram-se a trocar um sorriso), o pequeno Reuben levantou-se repetindo, palavra por palavra, uma longa palestra desse curioso escritor antigo (um dos poucos cujas obras permitiu-se que chegassem até nós), George Bernard Shaw, que, segundo a tradição bastante documentada, falava sobre seu próprio gênio. Para o... (piscada de olho) e a... (risinho) do pequeno Reuben, essa palestra era, sem dúvida, totalmente incompreensível e, pensando que o filho tivesse enlouquecido de repente, chamaram um médico. Por sorte, este compreendia o inglês, reconheceu a palestra como sendo a que Shaw transmitira pelo rádio, percebeu a importância do que acontecera e escreveu a respeito uma carta à imprensa médica.

— O princípio do ensino durante o sono, ou hipnopedia, estava descoberto — o D.I.C. fez uma pausa de impacto.

O princípio estava descoberto, mas decorreriam muitos anos até que ele tivesse aplicações úteis.

— O caso do pequeno Reuben ocorreu apenas vinte e três anos depois do lançamento do primeiro Modelo T de Nosso Ford — aqui o Diretor fez o sinal do T sobre o estômago e todos os estudantes o imitaram, reverentes. — No entanto...

Furiosamente, os estudantes rabiscaram: *A hipnopedia, primeiro emprego oficial e no ano* 214 *d.F. Por que não antes? Duas razões: a)...*

— Esses primeiros experimentadores — dizia o D.I.C. — seguiram um caminho errado. Acreditavam que se podia fazer da hipnopedia um instrumento de educação intelectual...

(Um menino, adormecido sobre seu lado direito, o braço direito estendido, a mão direita pendendo por sobre a beira da cama. Através de

uma abertura redonda e gradeada na parede de uma caixa, uma voz fala baixinho.

— O Nilo é o mais extenso dos rios da África e o segundo em comprimento de todos os rios do globo. Embora não atinja o comprimento do Mississippi-Missouri, o Nilo está em primeiro lugar entre todos os rios quanto ao comprimento da bacia, que se estende por trinta e cinco graus de latitude...

No café da manhã, no dia seguinte:

— Tommy — pergunta alguém — , você sabe qual é o rio mais extenso da África?

Sinal negativo com a cabeça.

— Mas você não se lembra de uma coisa que começa assim: "O Nilo é..."?

— O-Nilo-é-o-mais-extenso-dos-rios-da-África-e-o-segundo-em-comprimento-de-todos-os-rios-do-globo... — As palavras saem em torrente. — Embora-não-atinja...

— Muito bem, qual é o rio mais extenso da África?

Os olhos ficam inexpressivos.

— Não sei.

— Mas o Nilo, Tommy!

— O-Nilo-é-o-mais-extenso-dos-rios-da-África-e-o-segundo...

— Então, qual é o rio mais extenso, Tommy?

Tommy desata a chorar.

— Eu não sei — responde entre lágrimas.)

Essas lágrimas, esclareceu o Diretor, desanimaram os primeiros pesquisadores. As experiências foram abandonadas. Não se fizeram mais tentativas de ensinar o comprimento do Nilo às crianças durante o sono. Muito acertadamente. Não se pode aprender uma ciência sem saber do que se trata.

— Ao passo que, se ao menos tivessem começado pela educação *moral*... — disse o Diretor, conduzindo a turma para a saída. Os estudantes

o acompanharam, rabiscando desesperadamente enquanto caminhavam e durante todo o trajeto no elevador. — A educação moral, que não deve nunca, em circunstância alguma, ser racional.

"Silêncio, silêncio", murmurou um alto-falante, enquanto saíam do elevador no décimo quarto andar, e "Silêncio, silêncio", repetiram incansavelmente, em intervalos regulares, outros alto-falantes ao longo de cada corredor. Os estudantes, e o próprio Diretor, puseram-se automaticamente a caminhar nas pontas dos pés. Eles eram Alfas, por certo, mas até mesmo os Alfas haviam sido bem condicionados. "Silêncio, silêncio." Toda a atmosfera do décimo quarto andar vibrava com o imperativo categórico.

Cinquenta metros de percurso nas pontas dos pés levaram-nos a uma porta que o Diretor abriu cautelosamente. Transpuseram o limiar e penetraram na penumbra de um dormitório de janelas fechadas. Oitenta pequenos leitos alinhavam-se ao longo da parede. Havia um ruído de respiração leve e regular, e um murmúrio contínuo, como de vozes muito baixas sussurrando ao longe.

Uma enfermeira levantou-se quando eles entraram e perfilou-se diante do Diretor.

— Qual é a lição esta tarde? — perguntou ele.

— Nós tivemos Sexo Elementar durante os primeiros quarenta minutos. Mas agora passamos para o curso elementar de Consciência de Classe.

O Diretor percorreu lentamente a longa fila de pequenos leitos. Rosados e distendidos pelo sono, oitenta meninos e meninas respiravam suavemente. Debaixo de cada travesseiro saía um murmúrio. O D.I.C. parou e, inclinando-se sobre um dos pequenos leitos, escutou atentamente.

— Curso elementar de Consciência de Classe? Vamos ouvir isso um pouco mais alto.

Na extremidade da sala, um alto-falante destacava-se da parede. O Diretor foi até ele e apertou um botão.

"... se vestem de verde", disse uma voz suave, mas bem nítida, começando no meio de uma frase, "e as crianças Deltas se vestem de cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado estúpidos para saberem ler e escrever. E, além disso, se vestem de preto, que é uma cor horrível. Como sou feliz por ser um Beta."

Houve uma pausa, depois a voz recomeçou:

"As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são estúpidos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado estúpidos para saberem..."

O Diretor repôs o interruptor na posição original. A voz calou-se. Apenas o seu tênue fantasma continuou a murmurar sob os oitenta travesseiros.

— Eles ouvirão isso repetido mais quarenta ou cinquenta vezes antes de acordarem; depois, outra vez na quinta-feira, e novamente no sábado. Cento e vinte vezes, três vezes por semana, durante trinta meses. Depois disso, passarão a uma lição mais adiantada.

Rosas e choques elétricos, o cáqui dos Deltas e uma baforada de assa-fétida — ligados indissoluvelmente antes que a criança saiba falar. Mas o condicionamento sem palavras é grosseiro e genérico; é incapaz de fazer apreender as distinções mais sutis, de inculcar as formas de comportamento mais complexas. Para isso é preciso palavras, mas palavras sem explicação racional. Em suma, a hipnopedia.

— A maior força moralizadora e socializante de todos os tempos.

Os estudantes anotavam tudo nos seus cadernos.

Novamente o Diretor tocou o botão.

"... são formidavelmente inteligentes", dizia a voz suave, insinuante, infatigável. "Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque..."

Não exatamente como gotas de água, embora esta, na verdade, seja capaz de cavar buracos no granito mais duro; mas, antes, como gotas de cera derretida, gotas que aderem e se incorporam àquilo sobre o que caem, até que, finalmente, a rocha não seja mais que uma só massa escarlate.

— Até que, finalmente, o espírito da criança *seja* essas coisas sugeridas, e que a soma dessas sugestões *seja* o espírito da criança. E não somente o espírito da criança. Mas também o adulto, para toda a vida. O espírito que julga, e deseja, e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, *nós*! — O Diretor quase gritou, em seu triunfo. — Que o Estado sugere. — Bateu com a mão na mesa mais próxima. — Daí segue-se que...

Um ruído o fez voltar-se.

— Oh, Ford! — disse, em outro tom. — Não é que eu acordei as crianças!

Três

LÁ FORA, NO JARDIM, ERA A hora do recreio. Nus, sob o suave calor do sol de junho, seiscentos ou setecentos meninos e meninas corriam sobre a grama, soltando gritos agudos, ou jogavam bola, ou se acocoravam silenciosamente em grupos de dois ou três entre os arbustos em flor. As rosas desabrochavam, dois rouxinóis cantavam seu solilóquio nas ramagens, um cuco emitia gritos dissonantes entre as tílias. O ar era modorrento com o murmúrio das abelhas e dos helicópteros.

O Diretor e seus alunos detiveram-se alguns momentos a observar uma partida de Balatela Centrífuga. Vinte crianças reunidas em círculo, em torno de uma torre de aço cromado. Uma bola atirada para cima, de modo a cair na plataforma do alto da torre, precipitava-se no interior, batia sobre um disco em rotação rápida, era projetada através de uma ou outra das numerosas aberturas existentes no envoltório cilíndrico e devia ser aparada.

— É estranho — comentou o Diretor, enquanto se afastavam —, é estranho pensar que, mesmo no tempo de Nosso Ford, a maioria dos jogos não tivesse mais acessórios que uma ou duas bolas, alguns bastões e talvez um pedaço de rede. Imaginem que tolice permitir que as pessoas se dedicassem a jogos complicados que não contribuíam em nada para aumentar o consumo. Atualmente, os Administradores não aprovam nenhum jogo novo, salvo se se demonstrar que ele necessita, pelo menos, de tantos acessórios quanto o mais complicado dos jogos existentes. — Interrompeu-se.

— Eis ali um grupinho encantador — disse, apontando com o dedo.

Num pequeno espaço gramado entre altas moitas de urzes mediterrâneas, duas crianças, um garoto de cerca de sete anos e uma menina que poderia ter um ano a mais, dedicavam-se muito seriamente,

com toda a concentração de sábios absortos em algum trabalho de descoberta, a um jogo sexual rudimentar.

— Encantador, encantador! — repetiu sentimentalmente o D.I.C.

— Encantador — concordaram os estudantes, por cortesia. Mas seus sorrisos eram um tanto condescendentes. Fazia muito pouco tempo que eles tinham posto de lado as brincadeiras infantis dessa natureza para que pudessem contemplá-los agora sem uma certa dose de desprezo. Encantador? Mas era apenas uma dupla de fedelhos brincando, nada mais. Fedelhos, simplesmente.

— Sempre tenho a impressão... — continuou o Diretor no mesmo tom levemente piegas, quando foi interrompido por um vigoroso bu-hu-hu.

De uma moita próxima saiu uma babá puxando pela mão um garotinho que berrava. Uma menina seguia-os com ar inquieto.

— Que há? — perguntou o Diretor.

A babá deu de ombros.

— Nada de mais — respondeu. — É simplesmente este menino que parece pouco disposto a tomar parte nos jogos eróticos de costume. Eu já o tinha observado antes, uma ou duas vezes. E hoje recomeçou. Agora mesmo se pôs a berrar...

— Palavra de honra — interrompeu a menina, apreensiva —, eu não tinha a intenção de machucá-lo nem coisa parecida. Palavra de honra.

— Está claro que não, minha querida — disse a babá em tom tranquilizador. — De modo que — recomeçou, dirigindo-se novamente ao D.I.C. — vou levá-lo ao Superintendente-Adjunto de Psicologia. Só para ver se ele não tem nada de anormal.

— Muito bem — disse o Diretor. — Leve-o ao Superintendente. Você vai ficar aqui, pequena — acrescentou, enquanto a babá se afastava com o menino, que continuava a chorar. — Como se chama?

— Polly Trotsky.

— É um nome muito bonito, sim senhora — continuou o Diretor. — Agora corre, e vai ver se encontra outro garoto para brincar.

A criança saiu correndo entre as moitas e logo desapareceu.

— Que criaturinha graciosa! — disse o Diretor, seguindo-a com os olhos. Depois, dirigindo-se aos estudantes: — O que lhes vou contar, agora, poderá parecer inacreditável. Mas é que, quando não se conhece a História, os fatos relativos ao passado, em geral, parecem mesmo incríveis.

Revelou a espantosa verdade. Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações posteriores, os brinquedos eróticos entre as crianças eram considerados anormais (houve uma gargalhada); e não apenas anormais, mas realmente imorais (não!); e eram, portanto, rigorosamente reprimidos.

A fisionomia de seus ouvintes tomou uma expressão de incredulidade espantada. O quê? As pobres crianças não tinham o direito de se divertir? Não podiam acreditar.

— E até mesmo os adolescentes — dizia o D.I.C. —, os adolescentes como os senhores...

— Não é possível!

— Salvo um pouco de autoerotismo e de homossexualidade, às escondidas... absolutamente nada.

— *Nada?*

— Na maioria dos casos até terem mais de vinte anos.

— Vinte anos? — ecoaram os estudantes, num ruidoso coro de ceticismo.

— Vinte anos — repetiu o Diretor. — Eu os preveni de que achariam isso incrível.

— Mas, então, o que acontecia? — perguntaram. — Quais eram os resultados?

— Os resultados eram terríveis. — Uma voz profunda e vibrante interpôs-se no diálogo, sobressaltando-os.

Voltaram-se. À margem do pequeno grupo estava um desconhecido — um homem de estatura média, cabelos pretos, nariz adunco, lábios vermelhos e carnudos, olhos muito escuros e penetrantes.

— Terríveis — repetiu.

O D.I.C. sentara-se naquele instante num dos bancos de aço forrados de borracha, convenientemente espalhados pelo jardim; mas, ao ver o recém-chegado, levantou-se de um salto e precipitou-se para ele, as mãos estendidas, sorrindo efusivamente, com todos os dentes à mostra.

— Senhor Administrador! Que prazer inesperado! Rapazes, atenção. Eis o Administrador; eis Sua Fordeza Mustafá Mond.

Nas quatro mil salas do Centro, os quatro mil relógios elétricos deram simultaneamente quatro horas. Vozes desencarnadas ressoaram, saindo dos pavilhões dos alto-falantes.

"Saída para a turma principal do dia! A segunda turma ao trabalho! Saída para a turma principal do..."

No elevador em que subiam para o vestiário, Henry Foster e o Diretor-Adjunto de Predestinação deram as costas um tanto ostensivamente a Bernard Marx, do Gabinete de Psicologia: desviavam-se daquela reputação desagradável.

O ruído leve das máquinas agitava ainda o ar rubro do Depósito dos Embriões. As turmas podiam ir e vir, uma face arroxeada a substituir outra; majestosamente e sem cessar, as esteiras continuavam avançando pouco a pouco, com sua carga de futuros homens e mulheres.

Lenina Crowne dirigiu-se a passos rápidos para a porta.

Sua Fordeza Mustafá Mond! Os olhos dos estudantes que o saudaram quase saltavam das órbitas. Mustafá Mond! O Administrador Residente da Europa Ocidental! Um dos Dez Administradores Mundiais! Um dos Dez... e ele sentara-se no banco com o D.I.C., ia ficar ali, sim, ficar e falar com eles, até... O saber ia chegar a eles diretamente da fonte. Diretamente da boca do próprio Ford!

Duas crianças tostadas como camarões saíram de uma moita próxima, contemplaram-nos um instante com os olhos arregalados de admiração, depois voltaram aos seus brinquedos entre a folhagem.

— Lembram-se todos — disse o Administrador, com sua voz forte e profunda —, lembram-se todos, suponho, daquelas belas e inspiradas palavras de Nosso Ford: “A História é uma farsa”. A História — repetiu pausadamente — é uma farsa.

Agitou a mão; e dir-se-ia que, com um invisível espanador, sacudia um pouco de poeira, e a poeira era Harappa, era Ur na Caldeia; algumas teias de aranha, que eram Tebas e Babilônia, Cnossos e Micenas. Uma espanada, depois outra — e onde estava Ulisses, onde estava Jó, onde estavam Júpiter, Gotama e Jesus? Uma espanada — e essas manchas de lama antiga que se chamavam Atenas e Roma, Jerusalém e a China Clássica — todas haviam desaparecido. Uma espanada e o lugar onde era a Itália ficou vazio. Uma espanada — desaparecidas as catedrais; uma espanada, mais uma — aniquilados o *Rei Lear* e os *Pensamentos de Pascal*. Uma espanada — desaparecida a *Paixão*; outra — morto o Réquiem; mais outra — acabada a *Sinfonia*; mais outra...

— Você vai ao Cinema Sensível hoje à noite, Henry? — perguntou o Predestinador-Adjunto. — Ouvi dizer que o novo filme do Alhambra é magnífico. Há uma cena de amor sobre um tapete de pele de urso; dizem que é maravilhosa. Cada um dos pelos do urso é reproduzido. Os efeitos táteis mais surpreendentes...

— É por isso que não lhes ensinam História — dizia o Administrador. — Mas agora é chegado o momento...

O D.I.C. olhou-o, nervoso. Corriam rumores estranhos acerca de velhos livros proibidos, ocultos num cofre do gabinete do Administrador. Bíblias, poesia — só mesmo Ford sabia o quê.

Mustafá Mond interceptou seu olhar preocupado e as comissuras de seus lábios vermelhos contraíram-se ironicamente.

— Tranquilize-se, Diretor — disse em leve tom jocoso. — Não vou corrompê-los.

O D.I.C. ficou tremendamente encabulado.

Aqueles que se sentem desprezados fazem bem em ostentar um ar de desprezo. O sorriso que aflorou no rosto de Bernard Marx era desdenhoso. Cada um dos pelos do urso, na verdade!

— Certamente, não deixarei de ir — disse Henry Foster.

Mustafá Mond inclinou-se para a frente, brandiu diante deles seu dedo indicador:

— Procurem compreender — disse, e sua voz causou-lhes um frêmito estranho na região do diafragma. — Procurem compreender o que significava ter uma mãe vivípara.

Novamente aquela palavra obscena. Mas, dessa vez, nenhum deles pensou em sorrir.

— Procurem imaginar o que significava “viver no seio da família”.

Eles tentaram imaginar; mas, evidentemente, sem nenhum êxito.

— E sabem o que era um “lar”?

Menearam a cabeça.

Deixando a penumbra vermelha do subsolo, Lenina Crowne bruscamente subiu dezessete andares, virou à direita ao sair do elevador, meteu-se por um corredor comprido e, abrindo uma porta assinalada VESTIÁRIO DAS MOÇAS, mergulhou num caos atordoante de braços, bustos e lingeries. Torrentes de água quente enchiam cem banheiras, respingavam ou escoavam delas com um gorgolejar ruidoso. Roncando e sibilando, oitenta aparelhos de massagem a vibro-vácuo sacudiam e sugavam simultaneamente a carne firme e tostada de oitenta soberbos espécimes femininos. Todas falavam a plenos pulmões. Uma máquina de Música Sintética trinava um solo de supertrombone de pistão.

— Olá, Fanny — disse Lenina à moça que tinha o cabide e o armário junto aos dela.

Fanny trabalhava na Sala de Enfrascamento e seu sobrenome era igualmente Crowne. Mas, como os dois bilhões de habitantes não tinham,

entre si, mais de dois mil sobrenomes, nada havia de particularmente curioso nessa coincidência.

Lenina puxou seus zíperes — para baixo, o da túnica, para baixo, com um gesto de ambas as mãos, os dois que sustinham as calças, para baixo, ainda uma vez, a fim de desprender as roupas íntimas. Conservando os sapatos e as meias, dirigiu-se para as salas de banho.

O lar, o lar — algumas peças exíguas, onde se apinhavam, de maneira sufocante, um homem, uma mulher periodicamente prolífica, um bando de meninos e meninas de todas as idades. Falta de ar, falta de espaço; uma prisão insuficientemente esterilizada; a obscuridade, a doença, os odores.

(A evocação feita pelo Administrador era tão vívida, que um dos rapazes, mais sensível que os outros, só com a descrição empalideceu e esteve a ponto de vomitar.)

Lenina saiu do banho, secou-se com a toalha, pegou um longo tubo flexível ligado à parede, dirigiu-o contra o peito como se quisesse suicidar-se e apertou o gatilho. Uma onda de ar quente empoou-a de talco finíssimo. Havia uma variedade de oito diferentes perfumes e águas-de-colônia em pequenas torneiras acima do lavatório. Abriu a terceira a contar da esquerda, impregnou-se de chipre e, levando nas mãos as meias e os sapatos, saiu para ver se algum dos aparelhos de vibro-vácuo estava desocupado.

E o lar era sórdido psíquica e fisicamente. Do ponto de vista psíquico, era uma toca de coelhos, um monturo, aquecido pelos atritos da vida que nele se comprimia. Que intimidades sufocantes, que relacionamento perigoso, insensato, obsceno, entre os membros do grupo familiar! Insanamente, a mãe cuidava de seus filhos (*seus* filhos)... cuidava deles como uma gata cuida de seus filhotes... mas como uma gata que falasse, uma gata que soubesse dizer e repetir uma e muitas vezes: “Meu filhinho, meu filhinho!...”. E ainda: “Meu filhinho, oh, oh, ao meu seio, as mãozinhas, a fome, este prazer indescritivelmente doloroso! Até que,

finalmente, meu filhinho dorme, meu filhinho dorme com uma bolha de leite branco no canto da boca. Meu filhinho dorme...”.

— Sim — disse Mustafá Mond, meneando a cabeça —, é natural que os senhores estremeçam.

— Com quem você vai sair esta noite? — perguntou Lenina, voltando da vibromassagem como uma pérola iluminada por dentro, rosada e brilhante.

— Com ninguém.

Lenina ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Já faz algum tempo que não venho me sentindo bem — explicou Fanny. — O dr. Wells me aconselhou a tomar um Sucedâneo de Gravidez.

— Mas, querida, você tem apenas dezenove anos de idade. O primeiro Sucedâneo de Gravidez não é obrigatório senão aos vinte e um anos.

— Sei disso, querida. Mas há pessoas que se sentem melhor começando mais cedo. O dr. Wells me disse que as morenas de quadris largos, como eu, deveriam tomar seu primeiro Sucedâneo de Gravidez aos dezessete anos. De modo que, na realidade, eu estou atrasada dois anos, e não adiantada.

Abriu a porta de seu pequeno armário e apontou para a fileira de caixas e vidros rotulados que se alinhavam na prateleira de cima.

— *Xarope de Corpo Amarelo* — Lenina leu os nomes em voz alta. — *Ovarina garantida fresca: não deve ser usada além de 1º de agosto de* 632 *d.F. Extrato de glândula mamária: tomar três vezes ao dia, antes das refeições, com um pouco de água. Placentina: em injeções intravenosas de* 5 *cc de três em três dias...* Ufa! — fez Lenina, arrepiada. — Como detesto injeções intravenosas! E você?

— Eu também. Mas quando elas fazem bem à gente...

Fanny era uma jovem extremamente gentil.

Nosso Ford — ou nosso Freud, como, por alguma razão inescrutável, preferia ser chamado sempre que tratava de assuntos

psicológicos —, Nosso Freud foi o primeiro a revelar os perigos espantosos da vida familiar. O mundo estava cheio de pais — e, em consequência, cheio de aflição; cheio de mães — e, portanto, cheio de toda espécie de perversões, desde o sadismo até a castidade; cheio de irmãos e irmãs, de tios e tias — cheio de loucura e suicídio.

— Entretanto, entre os selvagens de Samoa, em certas ilhas ao largo da costa da Nova Guiné...

O sol tropical envolvia como um mel morno os corpos nus das crianças que brincavam promiscuamente entre flores de hibisco. O lar era qualquer uma das vinte casas cobertas de folhas de palmeira. Nas ilhas Trobriand, a concepção era obra de espíritos ancestrais; ninguém jamais ouvira falar em pai.

— Os extremos se tocam — disse o Administrador. — Pela excelente razão que eles foram levados a se tocarem.

— O dr. Wells garante que, fazendo três meses de tratamento com Sucedâneo de Gravidez, minha saúde melhorará muito nos três ou quatro próximos anos.

— Bom, faço votos de que ele esteja com a razão — retorquiu Lenina. — Mas, Fanny, você realmente quer dizer que, durante os próximos três meses, não vai...?

— Oh, não, querida. Somente uma ou duas semanas, nada mais. Passarei a noite no clube, jogando Bridge Musical. E você, vai sair?

Lenina fez que sim.

— Com quem?

— Com Henry Foster.

— Outra vez? — O rosto de Fanny, bondoso e um tanto arredondado, tomou uma expressão incongruente, de espanto magoado e desaprovador. — Você quer dizer com isso que *ainda* está saindo com Henry Foster?

Mães e pais, irmãos e irmãs. Mas havia também maridos, esposas, amantes. Havia também a monogamia e o romantismo.

— Se bem que os senhores provavelmente não sabem o que vem a ser tudo isso — observou Mustafá Mond.

Eles balançaram a cabeça.

A família, a monogamia, o romantismo. Em toda parte o sentimento de exclusividade, em toda parte a concentração do interesse, uma estreita canalização dos impulsos e da energia.

— Mas cada um pertence a todos — concluiu, citando o provérbio hipnopédico.

Os estudantes aprovaram com um sinal de cabeça, manifestando vigorosamente sua concordância com uma afirmação que mais de sessenta e duas mil repetições lhes tinham feito aceitar, não apenas como verdadeira, mas como axiomática, evidente por si mesma, absolutamente indiscutível.

— Mas, afinal de contas — protestou Lenina —, faz apenas uns quatro meses que ando com Henry.

— *Apenas* quatro meses! Essa é boa! E, além disso — continuou Fanny, apontando-lhe um dedo acusador —, não houve mais ninguém durante todo esse tempo, não é?

Lenina enrubesceu, mas seus olhos e o tom de sua voz continuaram desafiadores.

— Não, não houve mais ninguém — respondeu, quase com truculência. — E, francamente, não vejo por que teria de haver alguém mais.

— Ah, ela francamente não vê por que deveria haver alguém mais — repetiu Fanny como se se dirigisse a um ouvinte invisível, atrás do ombro esquerdo de Lenina. Depois, mudando subitamente de tom: — Mas, falando sério, eu acho mesmo que você devia se cuidar. É tão terrível continuar tanto tempo assim com um único homem. Aos quarenta anos, ou aos trinta e cinco, vá lá. Mas na *sua* idade, Lenina! Não, francamente, isso não se faz. E você sabe como o D.I.C. se opõe a tudo o que for intenso ou

muito prolongado. Quatro meses com Henry Foster, sem ter outro homem! Ele ficaria furioso se soubesse...

— Imaginem água sob pressão em um tubo — disse o Administrador.

Eles imaginaram.

— Eu o furo uma vez. Que jato!

Furou-o vinte vezes. Houve vinte pequenos jatos de água, insignificantes.

“Meu filhinho! Meu filhinho!”

“Mamãe!” A loucura é contagiosa.

“Meu amor, meu único amor, meu tesouro, meu tesouro...”

Mãe, monogamia, romantismo. A fonte jorra bem alto; o jato é impetuoso e branco de espuma. O impulso não tem mais que uma saída. Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e infelizes. Seu mundo não lhes permitia aceitar as coisas naturalmente, não os deixava ser sadios de espírito, virtuosos, felizes. Com suas mães e seus amantes; com suas proibições, para as quais não estavam condicionados; com suas tentações e seus remorsos solitários; com todas as suas doenças e intermináveis dores que os isolavam; com suas incertezas e sua pobreza — eram forçados a sentir as coisas intensamente. E, sentindo-as intensamente (intensamente e, além disso, em solidão, no isolamento irremediavelmente individual), como poderiam ter estabilidade?

— Naturalmente, não é preciso que você o deixe. Basta arranjar outro, de tempos em tempos, eis tudo. Ele tem outras mulheres, não é?

Lenina reconheceu que sim.

— É claro. Pode-se confiar que Henry Foster se portará como um perfeito cavalheiro, sempre correto. E, além disso, é preciso pensar no Diretor. Você sabe como ele dá importância...

Lenina fez um sinal afirmativo:

— Ele me deu um tapinha no traseiro esta tarde.

— Aí está! — exclamou Fanny, com ar triunfante. — Isso mostra exatamente quais são as ideias dele: o mais estrito respeito pelas

convenções.

— Estabilidade — disse o Administrador. — Estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social. Não há estabilidade social sem estabilidade individual.

Sua voz soava como uma trombeta. Ouvindo-o, eles se sentiram maiores, mais confortáveis.

A máquina gira, gira, e deve continuar girando — para sempre. Seria a morte se ela parasse. Havia um bilhão raspando a crosta da Terra. As engrenagens começaram a girar. Ao cabo de cento e cinquenta anos, eram dois bilhões. Cessar de todas as engrenagens. Decorridas cento e cinquenta semanas, havia, novamente, apenas um bilhão. Milhões de homens e mulheres morreram de fome.

As rodas da máquina têm de girar constantemente, mas não podem fazê-lo se não houver quem cuide delas. É preciso que haja homens para cuidar delas, homens tão constantes como as rodas nos seus eixos, homens sãos de espírito, obedientes, satisfeitos em sua estabilidade.

Gritando: "Meu filhinho, minha mãe, meu tudo, meu único amor"; gemendo: "Meu pecado, meu Deus terrível"; urrando de dor, delirando de febre, lamentando a velhice e a pobreza — como poderiam cuidar das engrenagens? E se não pudessem cuidar das engrenagens... Seria difícil enterrar ou cremar os cadáveres de milhões de homens e mulheres.

— Afinal de contas — o tom de voz de Fanny era persuasivo —, não há nada de doloroso ou desagradável em ter um ou dois homens além de Henry. E, nessas condições, você devia realmente ser um pouco mais promíscua...

— Estabilidade — insistiu o Administrador. — Estabilidade. A necessidade fundamental e definitiva. Daí, tudo isto...

Com um gesto da mão indicou os jardins, o enorme edifício do Centro de Condicionamento, as crianças nuas escondidas entre as moitas ou correndo pelo gramado.

Lenina meneou a cabeça.

— Não sei por que — disse, pensativa —, mas já faz algum tempo que não me sinto muito inclinada à promiscuidade. Há ocasiões em que isso acontece. Você nunca sentiu a mesma coisa, Fanny?

A outra inclinou a cabeça num gesto de simpatia e compreensão.

— Mas é preciso fazer o esforço necessário — disse em tom sentencioso. — É preciso portar-se convenientemente. Afinal, cada um pertence a todos.

— Sim, cada um pertence a todos — Lenina repetiu lentamente a fórmula e, suspirando, calou-se um momento; depois, tomando a mão de Fanny e apertando-a de leve:

— Você tem razão, Fanny. Como sempre. Farei o esforço necessário.

Reprimido, o impulso transborda, e a inundação é sentimento; a inundação é paixão; a inundação é loucura até: tudo depende da força da corrente, da altura e da resistência do dique. O curso de água não contido flui tranquilamente pelos canais que lhe foram destinados, rumo a uma calma euforia. (O embrião tem fome; dia após dia, a bomba do pseudossangue faz, sem parar, suas oitocentas voltas por minuto. O bebê decantado berra; imediatamente uma enfermeira chega com uma mamadeira de secreção externa. O sentimento está à espreita nesse intervalo de tempo entre o desejo e sua satisfação. Reduza-se esse intervalo, derrubem-se todos esses velhos diques inúteis.)

— Felizes jovens! — disse o Administrador. — Nenhum trabalho foi poupado para lhes tornar a vida emocionalmente fácil, para os preservar, tanto quanto possível, até mesmo de ter emoções.

— Ford está no seu calhambeque — murmurou o D.I.C. — Tudo vai bem pelo mundo.[1]

— Lenina Crowne? — disse Henry Foster, repetindo como um eco a pergunta do Predestinador-Adjunto, enquanto cerrava o fecho das calças. —

Ah, é uma garota esplêndida. Maravilhosamente pneumática. Admiro-me de você não a ter experimentado ainda.

— Não sei como — retrucou o Predestinador-Adjunto. — Hei de experimentá-la, certamente. Na primeira oportunidade.

De onde estava, do outro lado do vestiário, Bernard Marx ouviu o que eles diziam e empalideceu.

— E, para falar a verdade — disse Lenina —, estou começando a sentir um pouco de tédio por não ter todos os dias outra pessoa que não seja Henry. — Enfiou a meia esquerda. — Você conhece Bernard Marx? — perguntou com um tom de excessiva indiferença que era evidentemente forçado.

Fanny pareceu sobressaltada.

— Você não quer dizer que...?

— Por que não? Bernard é um Alfa-Mais. Além disso, convidou-me para ir a uma das Reservas de Selvagens com ele. Sempre tive vontade de ver uma Reserva de Selvagens.

— Mas e a reputação dele?

— Que me importa a reputação dele?

— Dizem que não gosta do Golfe-Obstáculo.

— Dizem, dizem — zombou Lenina.

— E, além disso, ele passa a maior parte do tempo sozinho... *sozinho*! — havia horror na voz de Fanny.

— Pois bem, ele deixará de estar sozinho quando estiver comigo. E, afinal, por que é que as pessoas têm tanta má vontade com ele? Eu o acho bastante simpático.

Sorriu consigo mesma. Como ele se mostrara ridiculamente tímido! Quase assustado, como se ela fosse um Administrador Mundial e ele, um Gama-Menos, daqueles que cuidavam das máquinas.

— Considerem a sua própria existência — disse Mustafá Mond. — Algum dos senhores já encontrou um obstáculo intransponível?

A pergunta recebeu como resposta um silêncio negativo.

— Algum dos senhores já foi obrigado a sofrer um longo intervalo de tempo entre a consciência de um desejo e a sua satisfação?

— Bom, eu... — começou um dos rapazes, depois hesitou.

— Fale — disse o D.I.C. — Não faça Sua Fordeza esperar.

— Uma vez tive de esperar quase quatro semanas até que uma moça me deixasse possuí-la.

— E o senhor sofreu, em consequência, uma forte emoção?

— Foi horrível.

— Horrível; justamente — concordou o Administrador. — Nossos antepassados eram tão tolos e tinham a visão tão limitada que, quando apareceram os primeiros reformadores propondo libertá-los de tão horríveis emoções, nem quiseram saber disso.

"Falam nela como se fosse um pedaço de carne." Bernard rangeu os dentes. "Experimentá-la assim ou assado! Como se fosse carne de ovelha. Eles a rebaixam à categoria de um pedaço de carne de ovelha. Ela me disse que ia pensar, que me daria uma resposta esta semana. Oh, Ford, Ford, Ford!" Ele gostaria de ir lá e esmurrá-los — com força, muitas e muitas vezes.

— Sim, eu aconselho você a experimentá-la — dizia Henry Foster.

— Tomem o caso da Ectogênese. Pfitzner e Kawaguchi haviam elaborado a técnica completa. Mas os governos dignaram-se a lançar para ela um olhar sequer? Não. Havia uma coisa chamada Cristianismo. Era preciso que as mulheres continuassem a ser vivíparas.

— Ele é tão feio! — objetou Fanny.

— Mas eu até gosto da aparência dele.

— E, além disso, tão *pequeno* — Fanny fez uma careta; a baixa estatura era uma coisa tão horrível e típica das castas inferiores.

— Pois eu acho isso encantador — retrucou Lenina. — A gente tem vontade de acariciá-lo. Você sabe. Como um gato.

Fanny escandalizou-se.

— Dizem que alguém se enganou quando ele ainda estava no bocal. Pensaram que fosse um Gama e puseram álcool no seu pseudossangue. É por isso que é tão franzino.

— Que absurdo! — Lenina ficou indignada.

— O ensino pelo sono chegou a ser proibido na Inglaterra. Havia uma coisa chamada liberalismo. O Parlamento, se é que os senhores sabem o que era isso, votou uma lei contra ele. Conservaram-se as atas das sessões. Discursos sobre a liberdade do indivíduo. A liberdade de ser ineficiente e infeliz. A liberdade de ser um parafuso redondo num buraco quadrado.

— Mas, meu caro, é com muito prazer, asseguro-lhe. Com muito prazer — Henry Foster deu um tapinha no ombro do Predestinador-Adjunto. — Afinal de contas, cada um pertence a todos.

"Cem repetições, três noites por semana, durante quatro anos", pensou Bernard Marx, que era especialista em hipnopedia. "Sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade. Imbecis!"

— Ou então o Sistema de Castas. Constantemente proposto, constantemente rejeitado. Havia uma coisa chamada democracia. Como se os homens fossem mais do que físico-quimicamente iguais!

— Bom, o que posso dizer é que vou aceitar o convite dele.

Bernard os odiava. Mas eles eram dois, eram grandes, eram fortes.

— A Guerra dos Nove Anos começou em 141 d.F.

— Mesmo que *fosse* verdade essa história de álcool no pseudossangue dele...

— O fosgênio, a cloropicrina, o iodacetato de etila, a difenilcianarsina, o cloroformiato de triclormetila, o sulfeto de dicloretila. Sem falar no ácido cianídrico.

— Coisa que eu simplesmente não acredito — disse Lenina em conclusão.

— O ruído de quatorze mil aviões avançando em formação de batalha. Mas, no Kurfürstendamm e na Oitava Circunscrição de Paris, a explosão das bombas de antraz fez apenas um pouco mais de barulho que o estouro de um saco de papel.

— Porque tenho *muita* vontade de ver uma Reserva de Selvagens.

— $CH_3\ C_6\ H_2\ (NO_2)_3 + Hg\ (CNO)_2$ = o que, em suma? Um enorme buraco no chão, uma montoeira de paredes, alguns fragmentos de carne e muco, um pé ainda calçado voando no ar e caindo no meio dos gerânios — dos gerânios escarlates; que espetáculo esplêndido naquele verão!

— Você é incorrigível, Lenina. Desisto.

— A técnica russa para contaminar o abastecimento de água era particularmente engenhosa.

Dando-se as costas, Fanny e Lenina continuaram a trocar de roupa em silêncio.

— A Guerra dos Nove Anos, o Grande Colapso Econômico. Era preciso escolher entre a Administração Mundial e a destruição. Entre a estabilidade e...

— Fanny Crowne também é uma boa garota — disse o Predestinador-Adjunto.

Nos berçários, a lição de Consciência de Classe Elementar havia terminado; as vozes adaptavam a futura procura à futura oferta industrial: “Como eu adoro andar de avião”, murmuravam, “como eu adoro andar de avião, como eu adoro ter roupas novas, como eu adoro...”

— O liberalismo, naturalmente, morreu de antraz, mas, de qualquer forma, nada se podia realizar pela violência.

— Ela está longe de ser tão pneumática quanto Lenina. Oh, muito longe!

“Mas as roupas velhas são horríveis”, continuava o murmúrio infatigável. “Nós sempre jogamos fora as roupas velhas. Mais vale dar fim que conservar, mais vale dar fim...”

— Governar é deliberar, e não atacar. Governa-se com o cérebro e com as nádegas, nunca com os punhos. Por exemplo, houve o regime do consumo obrigatório...

— Bem, estou pronta — disse Lenina; mas Fanny continuava muda, de costas para ela. — Vamos fazer as pazes, Fanny querida.

— Cada homem, cada mulher, cada criança tinha a obrigação de consumir tanto por ano. Em favor da indústria. O único resultado...

“Mais vale dar fim que consertar. Quanto mais se remenda, menos se aproveita. Quanto mais se remenda...”

— Qualquer dia destes — disse Fanny, com sombria ênfase — você ainda vai se meter em maus lençóis.

— A objeção de consciência em enorme escala. Tudo para não consumir. A volta à natureza...

“Como eu adoro andar de avião, como eu adoro andar de avião.”

“A volta à cultura. Isso mesmo, à cultura. Não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros.”

— Estou bem assim? — perguntou Lenina. Sua blusa era de tecido de acetato verde-garrafa, com pele de viscose verde nos punhos e na gola.

— Oitocentos adeptos da Vida Simples foram ceifados pelas metralhadoras em Golders Green.

“Mais vale dar fim que consertar, mais vale dar fim que consertar.”
Um short de veludo cotelê verde e meias brancas de lã de viscose, dobradas logo abaixo do joelho.

— Depois houve o célebre Massacre do Museu Britânico. Dois mil entusiastas da cultura envenenados com sulfeto de dicloretila.

Um boné de jóquei, verde e branco, protegia os olhos de Lenina; seus sapatos eram de um verde vivo e muito lustrosos.

— No fim — disse Mustafá Mond — os Administradores compreenderam a ineficácia da violência. Os métodos mais lentos, porém infinitamente mais seguros, da ectogênese, do condicionamento neopavloviano e da hipnopedia...

E na cintura ela trazia uma cartucheira verde de pseudomarroquim com detalhes em prata, que continha (pois Lenina não era uma neutra) a provisão regulamentar de anticoncepcionais.

— Finalmente foram utilizadas as descobertas de Pfitzner e Kawaguchi. Uma propaganda intensiva contra a reprodução vivípara...

— Perfeita! — exclamou Fanny com entusiasmo. Não podia resistir por muito tempo ao encanto de Lenina. — E que cinto malthusiano *adorável*!

— Acompanhada de uma campanha contra o Passado; do fechamento dos museus; da destruição dos monumentos históricos, que foram arrasados (felizmente, a maioria já havia sido destruída durante a Guerra dos Nove Anos); da supressão dos livros publicados antes do ano 150 d.F.

— Eu simplesmente preciso conseguir um igual — disse Fanny.

— Havia, por exemplo, umas coisas chamadas pirâmides.

— Minha velha cartucheira de couro negro envernizado...

— E um homem chamado Shakespeare. Naturalmente, nunca ouviram falar nele...

— É simplesmente horrível, aquela minha cartucheira.

— Tais são as vantagens de uma educação verdadeiramente científica.

“Quanto mais se remenda, menos se aproveita; quanto mais se remenda, menos...”

— A introdução do primeiro Modelo T de Nosso Ford...

— Faz quase três meses que a tenho.

— Escolhida como data inicial da nova era.

“Mais vale dar fim que consertar; mais vale dar fim...”
— Como já lhes disse, havia uma coisa chamada Cristianismo.

“Mais vale dar fim que consertar.”

— A ética e a filosofia do subconsumo...

“Eu adoro roupas novas, eu adoro roupas novas, eu adoro...”

— Absolutamente essenciais quando havia subprodução; mas, na era das máquinas e da fixação do nitrogênio, um verdadeiro crime contra a sociedade.

— Foi presente de Henry Foster.

— Cortou-se a extremidade superior de todas as cruzes para delas se fazerem TT. Havia também uma coisa chamada Deus.

— É de pseudomarroquim legítimo.

— Agora temos o Estado Mundial. E as comemorações do Dia de Ford, os Cantos Comunitários, os Ofícios de Solidariedade.

“Ford! Como eu os odeio!”, pensava Bernard Marx.

— Havia uma coisa chamada Céu; entretanto, eles bebiam quantidades enormes de álcool.

“Tal como carne, como um pedaço de carne.”

— Havia uma coisa chamada alma e uma coisa chamada imortalidade.

— Pergunte a Henry onde o comprou.

— Mas eles tomavam morfina e cocaína.

“E, o que é ainda pior, ela própria se considera uma carne.”

— Dois mil farmacologistas e bioquímicos foram subvencionados pelo Estado no ano 178 d.F.

— Ele está mesmo com ar sombrio — disse o Predestinador-Adjunto, apontando para Bernard Marx.

— Seis anos depois, era fabricado comercialmente. A droga perfeita.

— Vamos mexer com ele.

— Eufórico, narcótico, agradavelmente alucinatório.

— Lúgubre, Marx, lúgubre. — A palmada no ombro sobressaltou-o, fez com que erguesse os olhos. Era Henry Foster, aquele animal. — Você precisa é de um grama de soma.

— Todas as vantagens do Cristianismo e do álcool; nenhum dos seus inconvenientes.

“Ford! Tenho vontade de matá-lo!” Mas limitou-se a dizer: — Não, obrigado — e a afastar o tubo de comprimidos que lhe ofereciam.

— Podem proporcionar a si mesmos uma fuga da realidade sempre que desejarem, e retornar a ela sem a menor dor de cabeça nem sombras de mitologia.

— Tome — insistiu Henry Foster. — Tome.

— A estabilidade estava praticamente assegurada.

— Com um centímetro cúbico se curam dez sentimentos lúgubres — disse o Predestinador-Adjunto, citando um aforismo comum da sabedoria hipnopédica.

— Faltava apenas vencer a velhice.

— Ora, não me amolem! — gritou Bernard Marx.

— Upa!

— Os hormônios gonadais, a transfusão de sangue jovem, os sais de magnésio...

— E lembre-se que um grama vale mais que o “ora” que se clama...

Os dois saíram rindo.

— Todos os estigmas fisiológicos da velhice foram suprimidos. E com eles, naturalmente...

— Não se esqueça de falar-lhe do cinto malthusiano — disse Fanny.

— Com eles, todas as peculiaridades mentais do velho. O caráter permanece constante por toda a vida.

— ...duas voltas de Golfe-Obstáculo antes do anoitecer. Tenho de ir correndo.

— No trabalho, nas diversões; aos sessenta anos, nossas forças e nossos gostos são o que eram aos dezessete. Os velhos, nos tristes dias de outrora, renunciavam, retiravam-se, dedicavam-se à religião, passavam o tempo lendo e pensando, *pensando*!

“Idiotas, porcos!”, dizia Bernard Marx consigo mesmo, caminhando em direção ao elevador.

— Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar; ou se, alguma vez, por um acaso infeliz, um abismo de tempo se abrir na substância sólida de suas distrações, sempre haverá o soma, o delicioso soma, meio grama para um descanso de meio dia, um grama para um fim de semana, dois gramas para uma excursão ao esplêndido Oriente, três para uma sombria eternidade na Lua; de onde, ao retornarem, se encontrarão na outra margem do abismo, em segurança na terra firme das distrações e do trabalho cotidiano, correndo de um cinema sensível a outro, de uma mulher pneumática a outra, de um campo de Golfe-Eletromagnético a...

— Vá embora, menina! — gritou o D.I.C., irritado. — Vá, garoto! Não veem que Sua Fordeza está ocupado? Vão fazer noutro lugar os seus brinquedos eróticos.

— Pobres crianças! — disse o Administrador.

Lenta, majestosamente, com um leve zumbido de máquinas, as esteiras avançavam à razão de trinta centímetros por hora. Na obscuridade vermelha cintilavam inúmeros rubis.

Quatro

1

O ELEVADOR ESTAVA CHEIO DE HOMENS que vinham dos Vestiários dos Alfas, e a entrada de Lenina foi acolhida com diversos acenos e sorrisos amistosos. A jovem era muito popular e, numa ou noutra ocasião, havia passado a noite com quase todos eles.

Eram rapazes amáveis, pensou, enquanto retribuía os cumprimentos. Rapazes encantadores! Contudo teria preferido que as orelhas de George Edzel não fossem tão grandes (teria ele recebido uma gota a mais de paratiroide no metro 328?). E, olhando para Benito Hoover, não pôde deixar de lembrar-se que ele, sem roupa, era realmente demasiado peludo.

Virando-se, os olhos um pouco entristecidos pela lembrança dos pelos negros e crespos de Benito, viu a um canto o pequeno corpo delgado, a fisionomia melancólica de Bernard Marx.

— Bernard! — aproximou-se dele. — Eu estava a sua procura. — Sua voz clara dominava o ruído do elevador em movimento. Os outros voltaram-se, curiosos. — Queria lhe falar da nossa projetada visita ao Novo México... — com os cantos dos olhos, viu que Benito Hoover abria a boca, surpreso. “Está admirado porque não vou mendigar o direito de ir com *ele* outra vez!”, disse consigo mesma. Depois, em voz alta e mais calorosamente do que nunca: — Ficarei simplesmente encantada de acompanhá-lo durante uma semana em julho — acrescentou. (De qualquer modo, assim manifestava em público sua infidelidade a Henry Foster. Fanny deveria dar-se por satisfeita, embora se tratasse de Bernard.) — Isso — e Lenina dirigiu-lhe seu sorriso mais deliciosamente significativo — se você ainda me quiser...

O rosto pálido de Bernard ruborizou-se. “Por que será?”, perguntou-se ela, espantada e, ao mesmo tempo, sensibilizada com essa estranha homenagem ao seu poder.

— Não seria melhor falarmos disso em outro lugar? — ele balbuciou, com ar profundamente embaraçado.

“Como se eu tivesse dito alguma inconveniência”, pensou Lenina. “Ele não ficaria mais perturbado se eu tivesse dito uma piada obscena — se lhe tivesse perguntado quem era sua mãe, ou coisa assim.”

— Quero dizer... com toda essa gente em torno de nós... — A confusão embargava-lhe a voz.

O riso de Lenina foi franco e completamente inocente.

— Como você é esquisito! — disse; e realmente o achava esquisito. — Você me prevenirá pelo menos uma semana antes, não é? — continuou em outro tom. — Decerto vamos tomar o Foguete Azul do Pacífico. Ele parte da Torre de Charing-T, não? Ou de Hampstead?

Antes que Bernard pudesse responder, o elevador parou.

— Terraço! — gritou uma voz rascante.

O ascensorista era um pequeno ser simiesco, que vestia a túnica negra de um Semialeijão Ípsilon-Menos.

— Terraço!

Abriu amplamemente as portas. O cálido esplendor do sol da tarde o fez estremecer e piscar os olhos.

— Ah, terraço! — repetiu com voz extática. Parecia que acabava de acordar súbita e prazerosamente de um estupor aniquilante. — Terraço!

Ergueu os olhos, sorrindo, para os rostos de seus passageiros, com uma espécie de adoração de cão que espera um afago. Conversando e rindo, eles saíram para a claridade. O ascensorista seguiu-os com o olhar.

— Terraço? — repetiu ainda uma vez.

Então uma campainha soou e, do teto do elevador, um alto-falante começou, muito docemente, mas em tom imperioso, a dar ordens.

“Descer, descer. Décimo oitavo andar. Descer, descer. Décimo oitavo andar. Descer, descer...”

O ascensorista fechou bruscamente as portas, apertou um botão e recaiu de imediato na penumbra sussurrante do elevador, a penumbra de seu próprio estupor habitual.

Estava quente e claro no terraço. A tarde de verão parecia entorpecida pelo zumbido dos helicópteros que passavam; e o zunido mais grave dos aviões-foguetes que se arremessavam, invisíveis, através do céu luminoso, oito ou dez quilômetros acima, era como uma carícia no ar sereno. Bernard Marx respirou fundo. Ergueu os olhos para o céu, circunvagou-os pelo horizonte azul e, finalmente, fixou-os no rosto de Lenina.

— Que beleza de tarde, não é? — sua voz tremia um pouco.

Ela dirigiu-lhe um sorriso que expressava a mais completa simpatia e compreensão.

— Simplesmente perfeita para o Golfe-Obstáculo — respondeu com arrebatamento. E agora eu tenho de ir, Bernard. Henry fica zangado quando o faço esperar... Avise-me da data a tempo... — e, acenando, afastou-se correndo pelo amplo terraço, em direção aos hangares.

Bernard ficou parado, contemplando as cintilações cada vez mais distantes das meias brancas, os joelhos bronzeados curvando-se e retesando-se com vivacidade, outra vez, ainda outra, e os meneios mais suaves daquele short de veludo cotelê bem justo, sob a blusa verde-garrafa. Tinha na fisionomia uma expressão de sofrimento.

— Ela é bonita mesmo, não é? — disse uma voz forte e alegre atrás dele.

Bernard estremeceu e voltou a cabeça. O rosto rechonchudo e vermelho de Benito Hoover sorria, radiante, para ele — radiante de manifesta cordialidade. Benito possuía um bom gênio notório. Dizia-se que ele poderia atravessar a vida inteira sem tomar um grama de soma. A raiva, os acessos de mau humor, que os outros não podiam vencer senão por meio de fugas de esquecimento, jamais o atacavam. A realidade, para Benito, era sempre risonha.

— E pneumática, também. E quanto! — Depois, em outro tom: — Mas olhe aqui, você está com ar abatido! O que você está precisando é de um grama de soma — metendo a mão no bolso direito da calça, Benito tirou um frasco: — Com um centímetro cúbico se curam... Mas olhe aqui!

Bernard repentinamente virara as costas e fugira.

Benito, espantado, seguiu-o com o olhar. "Que poderá ter essa criatura?", perguntou-se; e, balançando a cabeça, concluiu que aquela história do álcool, que diziam ter sido posto no pseudossangue do pobre rapaz, provavelmente era verdadeira. "Deve ter-lhe afetado o cérebro."

Guardou o frasco de soma e, tirando do bolso um pacotinho de chiclete de hormônio sexual, meteu uma pastilha na boca e dirigiu-se lentamente para os hangares, ruminando.

Henry Foster mandara tirar seu aparelho do boxe e, quando Lenina chegou, já a esperava instalado na cabina.

— Quatro minutos de atraso — foi seu único comentário, enquanto ela subia e se sentava ao seu lado.

Pôs o motor em marcha e acionou as hélices do helicóptero. O aparelho ergueu-se verticalmente no ar. Henry acelerou; o ruído da hélice tornou-se mais agudo, passando do zumbido de um zangão ao de uma vespa, do de uma vespa ao de um mosquito; os instrumentos marcavam uma subida de quase dois quilômetros por minuto. Londres diminuía sob eles. As enormes construções, encimadas por terraços planos como mesas, ao fim de alguns segundos não eram mais que um canteiro de cogumelos geométricos, brotando em meio ao verde dos parques e jardins. Entre eles, na ponta de uma haste delgada, um criptógamo mais alto, mais esguio, a Torre de Charing-T, levantava para o céu um disco de concreto reluzente.

Semelhantes a vagos bustos de atletas lendários, nuvens enormes e densas flutuavam preguiçosamente no firmamento azul acima de suas cabeças. De uma delas caiu de repente um pequeno inseto escarlate, zumbindo durante a queda.

— É o Foguete Vermelho que chega de Nova York neste momento — disse Henry. Olhando o seu relógio, acrescentou: — Sete minutos de

atraso — e balançou a cabeça. — Esses serviços do Atlântico... são de uma impontualidade verdadeiramente escandalosa!

Tirou o pé do acelerador. O ronco das hélices, acima deles, caiu uma oitava e meia, repassando, em sentido inverso, do zumbido da vespa ao do zangão, ao da mangangava, ao do besouro, ao da carocha. A velocidade ascensional do aparelho diminuiu; um instante depois, estavam suspensos e imóveis no espaço. Henry empurrou uma alavanca; houve um estalido. Lentamente, a princípio, depois cada vez mais rápido, até não ser mais que uma névoa circular diante deles, a hélice propulsora começou a girar. O vento da velocidade horizontal sibilava cada vez mais agudamente nas varas de aço. Henry tinha o olhar fixo no contador de giros; quando a agulha indicou mil e duzentos, ele desembreou as hélices do helicóptero. O aparelho tinha então bastante impulso horizontal para poder voar.

Lenina olhou pela janela do assoalho, entre seus pés. Sobrevoavam a zona de seis quilômetros, reservada para parques, que separava Londres Central de seu primeiro cinturão de subúrbios-satélites. A área verde formigava de vida em perspectiva reduzida, como uma miniatura. Florestas de torres de Balatela Centrífuga luziam entre o arvoredo. Perto de Shepherd's Bush, duas mil duplas mistas de Betas-Menos jogavam tênis sobre superfícies de Riemann. Uma dupla fileira de campos de Pelota-Escalátor margeava a estrada real desde Notting Hill até Willesden. No estádio de Ealing realizava-se um festival de ginástica e canto para Deltas.

— Que cor horrível, o cáqui — observou Lenina, expressando os preconceitos hipnopédicos de sua casta.

Os edifícios do Estúdio de Cinema Sensível de Hounslow cobriam sete hectares e meio. Ao lado, uma legião de trabalhadores, vestidos de preto e cáqui, ocupava-se em revitrificar a superfície da Estrada Real de Oeste. Abria-se o orifício de escoamento de um dos enormes cadinhos móveis no momento em que voavam sobre ele. A pedra fundida se derramava sobre a estrada numa torrente de incandescência ofuscante; os rolos compressores de amianto iam e vinham; à passagem de uma regadeira termicamente isolada, o vapor elevava-se em nuvens brancas.

Em Brentford, a fábrica da Companhia Geral de Televisão parecia uma pequena cidade.

— Devem estar no momento de mudar as turmas — comentou Lenina.

Como pulgões e formigas, as raparigas Gama em verde-folha e os Semialeijões em negro enxameavam ao redor das entradas ou formavam fila para tomarem lugar nos bondes monotrilhos. Betas-Menos cor de amora iam e vinham por entre a multidão. O terraço do edifício principal fervilhava com a chegada e partida dos helicópteros.

— Palavra de honra — disse Lenina —, estou contente de não ser uma Gama.

Dez minutos depois, estavam em Stoke Poges e tinham começado sua primeira volta de Golfe-Obstáculo.

2

COM OS OLHOS QUASE SEMPRE BAIXOS, e desviando-os imediata e furtivamente quando, por acaso, os pousava em algum de seus semelhantes, Bernard atravessou o terraço às pressas. Dava a impressão de ser um homem perseguido, mas perseguido por inimigos que não queria ver, temeroso de que lhe parecessem ainda mais hostis do que imaginara e de que lhe fizessem, em decorrência disso, experimentar uma sensação de maior culpa e de solidão ainda mais irremediável.

“Aquele maldito Benito Hoover!” Entretanto, o rapaz procedera com boa intenção. O que, de certo modo, era ainda pior. Os bem-intencionados comportavam-se da mesma forma que os mal-intencionados. A própria Lenina o fazia sofrer. Lembrou-se das semanas de indecisão tímida, no curso das quais ele a contemplara e desejara, sem esperança de algum dia ter coragem para convidá-la. Ousaria enfrentar o risco de ser humilhado por uma recusa desdenhosa? Mas, se ela dissesse “sim”, que êxtase! Pois bem, agora ela o dissera e, apesar disso, ele continuava a sentir-

se desconsolado — desconsolado porque ela dissera que estava uma tarde perfeita para o Golfe-Obstáculo, porque fora correndo juntar-se a Henry Foster, porque o achara esquisito ao não querer falar em público de seus assuntos mais íntimos. Desconsolado, em suma, porque ela se portara como deveria toda moça inglesa sadia e virtuosa, e não de alguma outra forma anormal e extraordinária.

Abriu a porta de seu boxe e ordenou a dois empregados Deltas-Menos desocupados que empurrassem o aparelho para o terraço. O serviço dos hangares era feito por um só Grupo Bokanovsky e aqueles homens eram gêmeos, identicamente pequenos, negros e horrorosos. Bernard dava suas ordens no tom brusco, um pouco arrogante e até ofensivo de quem não está muito certo de sua superioridade. Ter de tratar com representantes das castas inferiores constituía sempre, para Bernard, uma experiência penosa. Porque, fosse qual fosse a causa (e era bem possível que os rumores a respeito do álcool em seu pseudossangue tivessem fundamento — pois, apesar de tudo, acidentes como esse aconteciam), o físico de Bernard não era muito melhor que o de um Gama típico. Ele era oito centímetros menor do que a estatura normal dos Alfas e era proporcionalmente delgado. O contato com os membros das castas inferiores lembrava-lhe sempre, dolorosamente, essa insuficiência física. "Eu sou eu, e bem quisera não o ser"; o sentimento do eu era nele intenso e aflitivo. Cada vez que tinha de encarar um Delta horizontalmente, e não de cima para baixo, sentia-se humilhado. Aquela criatura o trataria com o respeito devido à sua casta? Essa pergunta o atormentava. E não sem razão. Porque os Gamas, os Deltas e os Ípsilons haviam sido, até certo ponto, condicionados de forma a associarem a massa corporal com a superioridade social. Na verdade, um leve preconceito hipnopédico em relação à estatura era universal. Daí o riso das mulheres a quem ele fazia propostas, as peças que lhe pregavam os homens de sua classe. A zombaria fazia com que se sentisse um pária e, sentindo-se um pária, portava-se como tal, o que fortalecia a prevenção contra ele e intensificava o desprezo e a hostilidade que seus defeitos físicos despertavam. Isso, por sua vez, aumentava o sentimento de exclusão e

solidão. Um temor crônico de ser desdenhado fazia-o evitar seus pares, fazia-o ostentar diante de seus inferiores uma atitude de arrogância e de egocentrismo. Com que amargura invejava homens como Henry Foster e Benito Hoover! Homens que nunca eram obrigados a gritar com um Ípsilon para que suas ordens fossem cumpridas; homens para quem sua posição era uma coisa lógica e natural; homens que se moviam no sistema de castas como um peixe na água — tão completamente à vontade que não tinham consciência de si próprios, nem do elemento benéfico e confortável dentro do qual existiam.

Com lentidão e má vontade, segundo lhe pareceu, os empregados gêmeos levaram seu aparelho até o terraço.

— Depressa! — disse Bernard, irritado. Um deles olhou-o. Seria uma espécie de ironia bestial o que ele percebia naqueles olhos cinzentos e vazios? — Depressa! — gritou mais alto, e sua voz tinha um timbre desagradavelmente áspero.

Subiu no helicóptero e, um minuto depois, voava para o sul, na direção do rio.

Os diversos Escritórios de Propaganda e o Colégio de Engenharia Emocional estavam instalados em um mesmo edifício de sessenta andares em Fleet Street. No subsolo e nos primeiros andares achavam-se as oficinas e os escritórios dos três grandes jornais de Londres — *O Rádio Horário*, jornal para as castas superiores, *A Gazeta dos Gamas*, verde-pálido, e, em papel cáqui e exclusivamente em palavras monossilábicas, *O Espelho dos Deltas*. Depois vinham, sucessivamente, os Escritórios de Propaganda pela Televisão, pelo Cinema Sensível e pela Voz e Música Sintéticas — que ocupavam vinte e dois andares. A seguir, vinham os laboratórios de pesquisa e os estúdios onde os autores de Trilhas Sonoras e os Compositores Sintéticos realizavam seu delicado trabalho. Os dezoito últimos andares eram ocupados pelo Colégio de Engenharia Emocional.

Bernard pousou no terraço da Casa da Propaganda e desceu do aparelho.

— Telefone ao sr. Helmholtz Watson — ordenou ao porteiro Gama-Mais — e diga-lhe que o sr. Bernard Marx o espera no terraço.

Sentou-se e acendeu um cigarro.

Helmholtz estava escrevendo quando recebeu o recado.

— Diga-lhe que vou em seguida — respondeu, e pendurou o fone. Depois, dirigindo-se à sua secretária, continuou, no mesmo tom de voz oficial e impessoal:

— Deixo-lhe o trabalho de arrumar meus papéis — e, fingindo não perceber o sorriso luminoso da moça, levantou-se e encaminhou-se a passos rápidos para a porta.

Era um homem de poderosa compleição, peito amplo, ombros largos, maciço e, no entanto, de movimentos vivos, elástico e ágil. O pilar redondo e sólido do pescoço sustentava uma cabeça admiravelmente bem formada. Os cabelos eram escuros e crespos, as feições fortemente pronunciadas. A seu modo vigoroso e enfático, era belo e tinha o ar (como sua secretária não se cansava de repetir) de um Alfa-Mais até o último centímetro. Por profissão, era professor do Colégio de Engenharia Emocional (Seção de Redação) e, no intervalo de suas atividades educativas, trabalhava como Engenheiro em Emoção. Escrevia regularmente para *O Rádio Horário*, compunha cenários para filmes sensíveis e tinha o dom de criar slogans e versinhos hipnopédicos.

“Competente” — tal era o veredicto dos chefes a seu respeito. “Talvez” (e sacudiam a cabeça, baixando significativamente a voz) “um pouco competente *demais*.”

Sim, um pouco competente demais; eles tinham razão. Um excesso mental produzira em Helmholtz Watson efeitos muito parecidos com os que, em Bernard Marx, resultavam de um defeito físico. A insuficiência óssea e muscular tinha isolado Bernard de seus semelhantes, e o sentimento de ser um indivíduo à parte era considerado, segundo os padrões correntes, um excesso mental, o qual, por sua vez, provocava um afastamento mais acentuado. A Helmholtz, o que dava tão penosa consciência de si mesmo e de estar totalmente só era um excesso de capacidade. O que esses dois

homens tinham em comum era a consciência de serem individualidades. Mas, enquanto Bernard, o fisicamente deficiente, sofrera toda a sua vida pela consciência de ser um indivíduo à parte, só recentemente Helmholtz Watson, tendo descoberto seu excesso mental, compreendera também o que o diferenciava das pessoas que o cercavam. Esse campeão de Pelota-Escalátor, esse amante infatigável (dizia-se que possuíra seiscentas e quarenta mulheres em menos de quatro anos), esse admirável homem de comitês, eminentemente sociável, percebera de súbito que o esporte, as mulheres e as atividades comunais não eram, no que lhe dizia respeito, senão coisas de secundária importância. Na realidade, interessava-se por outra coisa. Mas pelo quê? Pelo quê? Esse era o problema que Bernard viera discutir com ele, ou melhor — já que era sempre Helmholtz quem falava —, viera ouvir, mais uma vez, seu amigo discutir.

Três encantadoras jovens da Seção de Propaganda pela Voz Sintética abordaram Helmholtz ao sair do elevador.

— Oh, Helmholtz, querido, venha fazer conosco uma ceia campestre nos prados de Exmoor! — agarravam-se a ele, suplicantes.

Helmholtz balançou a cabeça e desvencilhou-se, abrindo caminho entre elas.

— Não, não.

— Não vamos convidar nenhum outro homem.

Ele, porém, permaneceu inabalável, apesar da tentadora promessa.

— Não — repetiu —, estou ocupado. — E prosseguiu resolutamente sua marcha.

As jovens deixaram-se arrastar atrás dele. E somente quando subiu ao helicóptero de Bernard e fechou a porta elas abandonaram a perseguição.

— Essas mulheres! — disse, enquanto o aparelho se elevava no ar. — Essas mulheres! — Balançou a cabeça e franziu a sobrancelha. — São de apavorar.

Bernard concordou hipocritamente, pois, no íntimo, gostaria de poder atrair tantas jovens, e com a mesma facilidade que Helmholtz. Sentiu uma súbita e urgente necessidade de se gabar.

— Vou levar Lenina Crowne comigo ao Novo México — disse, no tom mais despreocupado que lhe foi possível.

— Ah, sim? — replicou Helmholtz, com a mais completa indiferença. E, depois de uma pequena pausa: — Faz uma ou duas semanas que larguei todos os meus comitês e todas as minhas mulheres. Você não pode imaginar a celeuma que andaram fazendo no Colégio. Seja como for, valeu a pena, creio. Os efeitos... — hesitou. — Pois são estranhos, muito estranhos.

Uma insuficiência física podia produzir uma espécie de excesso mental. Ao que parece, o processo era reversível. O excesso mental podia, por sua vez, produzir a cegueira e a surdez da solidão deliberadamente procurada, a impotência artificial do ascetismo.

O restante da pequena viagem aérea efetuou-se em silêncio. Assim que chegaram e se recostaram confortavelmente nos sofás pneumáticos do quarto de Bernard, Helmholtz voltou à carga. Falando muito lentamente, perguntou:

— Você nunca teve a sensação de ter em si alguma coisa que, para se exteriorizar, espera somente que você lhe dê a chance? Uma espécie de força excedente que você não esteja utilizando, algo assim como aquela água toda que se precipita na cachoeira em vez de passar pelas turbinas?

Dirigiu a Bernard um olhar interrogativo.

— Você se refere às emoções que se poderia experimentar se as coisas fossem diferentes?

Helmholtz balançou a cabeça.

— Não é bem isso. Estou pensando numa sensação estranha que experimento às vezes, a sensação de ter alguma coisa importante a dizer e o poder de exprimi-la... só que eu não sei o que é, e não posso utilizar esse poder. Se houvesse algum outro modo de escrever... Ou, então, outros assuntos a tratar... — calou-se; depois: — Você vê, eu sou bastante hábil em inventar frases, quero dizer, essas expressões que nos dão um sobressalto, quase como se a gente se sentasse sobre um alfinete, tão novas e excitantes elas parecem, embora se refiram a alguma coisa hipnopedicamente óbvia.

Mas isso não parece suficiente. Não basta que as frases sejam boas, seria preciso que o que delas se fizesse também fosse bom.

— Mas as coisas que você produz, Helmholtz, são boas.

— Ah, sim, dentro dos seus limites. — Helmholtz deu de ombros. — Mas são limites tão estreitos! O que eu faço, de certo modo, não é importante o bastante. Sinto que poderia fazer coisas bem mais importantes. Sim, e mais intensas, mais violentas. Mas o quê? O que é que há de mais importante para dizer? E como é possível dizer algo violento sobre assuntos do gênero que se é forçado a tratar? As palavras podem ser como os raios X, se as usarmos adequadamente: penetram em tudo. A gente lê e é trespassado. Essa é uma das coisas que eu procuro ensinar aos meus alunos: como escrever de modo penetrante. Mas de que diabo serve uma pessoa ser trespassada por um artigo sobre Cantos Comunitários ou sobre o último aperfeiçoamento dos órgãos aromáticos? Além disso, será possível fazer com que as palavras sejam verdadeiramente penetrantes — quero dizer, como os raios X mais diretos — quando se trata de assuntos desse gênero? Pode-se dizer alguma coisa a respeito de nada? É a isso, afinal, que se reduz a questão. Eu tento, eu me esforço...

— Psiu! — fez subitamente Bernard, levantando um dedo; os dois apuraram os ouvidos. — Creio que há alguém atrás da porta — sussurrou.

Helmholtz levantou-se, atravessou o cômodo nas pontas dos pés e, num movimento rápido, abriu a porta. Não havia ninguém, naturalmente.

— Desculpe-me — disse Bernard, desconcertado. — Devo andar com os nervos um pouco excitados. Quando as pessoas desconfiam de nós, acabamos também por desconfiar delas.

Passou a mão pelos olhos, suspirou, sua voz tornou-se lamentosa. Estava justificando-se.

— Se você soubesse o que tenho suportado nestes últimos tempos! — continuou, quase chorando, e o acesso de autopiedade parecia uma fonte que, de repente, se pusesse a jorrar. — Se você soubesse!

Helmholtz Watson ouvia-o com certo constrangimento.

“Pobre Bernard!”, pensou. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se um tanto envergonhado por seu amigo. Teria preferido que Bernard mostrasse um pouco mais de amor-próprio.

Cinco

1

PELAS OITO HORAS DA NOITE, estava começando a escurecer. Os alto-falantes da torre do edifício principal do Clube de Stoke Poges puseram-se a anunciar, com uma voz de tenor que tinha algo de sobre-humano, o fechamento dos campos de golfe. Lenina e Henry abandonaram a partida e voltaram para o Clube. Dos prados do Truste de Secreções Internas e Externas chegavam os mugidos dos milhares de reses que forneciam, com seus hormônios e seu leite, as matérias-primas para a grande usina de Farnham Royal.

Um zumbir incessante de helicópteros enchia o crepúsculo. A intervalos regulares de dois minutos e meio, uma campainha e apitos agudos anunciavam a partida de um dos rápidos trens monotrilhos que reconduziam à metrópole, do seu campo separado, os jogadores de golfe pertencentes às castas inferiores.

Lenina e Henry subiram no seu aparelho e partiram. A duzentos e cinquenta metros de altitude Henry diminuiu a velocidade das hélices e ambos permaneceram suspensos, por um ou dois minutos, sobre a paisagem que se diluía nas sombras. A floresta de Burnham Beeches estendia-se, como um vasto lago de obscuridade, para a linha brilhante do céu a oeste. Rubra no horizonte, a luz que ainda restava do sol poente espalhava-se para o alto, passando do alaranjado ao vermelho e a um verde muito pálido. Para o norte, além e acima das árvores, a usina de Secreções Internas e Externas projetava intensos resplendores elétricos por todas as janelas de seus vinte andares. Abaixo deles jaziam as construções do Clube de Golfe — os enormes quartéis das castas inferiores e, do outro lado de um muro divisório, as casas menores reservadas aos sócios Alfas e Betas. As vias de

acesso à estação do monotrilho estavam negras com o fervilhar das castas inferiores, que se moviam como formigas. Sob a abóbada de vidro, um trem iluminado precipitou-se no espaço aberto. Seguindo sua rota em direção a sudeste através da planície ensombrecida, seus olhos foram atraídos pelos majestosos edifícios do Crematório de Slough. A fim de garantir a segurança dos voos noturnos, as quatro altas chaminés estavam iluminadas por projetores e encimadas por sinais vermelhos de perigo. Era um ponto de referência.

— Por que é que as chaminés têm em redor aquelas coisas que parecem balcões? — perguntou Lenina.

— Recuperação do fósforo — explicou Henry num estilo telegráfico. — Durante o trajeto para o alto da chaminé, os gases sofrem quatro tratamentos diferentes. Em outros tempos, quando se fazia uma cremação, o P_2O_5 era completamente desperdiçado. Hoje, recuperam-se mais de noventa e oito por cento. Mais de um quilo e meio por corpo de adulto. Isso representa, só para a Inglaterra, quase quatrocentas toneladas de fósforo por ano — Henry falava cheio de orgulho, regozijando-se sinceramente com tal resultado, como se fosse obra sua. — É muito bom pensar que podemos continuar sendo socialmente úteis mesmo depois de mortos. Fazendo crescerem as plantas.

Lenina, entretanto, desviara os olhos e observava verticalmente a estação do monotrilho abaixo deles.

— É muito bom — concordou. — Mas é estranho que os Alfas e Betas não façam crescer mais plantas do que aquelas horríveis Gamas, Deltas e Ípsilons ali.

— Todos os homens são físico-quimicamente iguais — disse Henry em tom sentencioso. — Além disso, até mesmo os Ípsilons prestam serviços indispensáveis.

— Até os Ípsilons... — Lenina lembrou-se repentinamente de certa ocasião em que, ainda meninazinha de colégio, despertara no meio da noite e se dera conta, pela primeira vez, do murmúrio que enchia todas as suas

horas de sono. Olhou de novo o raio de lua, a fila de caminhas brancas; ouviu outra vez aquela voz muito suave que dizia (as palavras, tinha-as presentes, inesquecíveis depois de tantas repetições durante as noites): "Cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém. Até os Ípsilons são úteis. Não poderíamos passar sem os Ípsilons. Cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém...". Relembrou o seu primeiro choque de medo e surpresa; as especulações de seu espírito em meia hora de insônia; e depois, sob a influência das repetições sem fim, sua mente acalmando-se pouco a pouco com a aproximação sedativa e acariciadora do sono deslizando de mansinho... — Suponho que, na realidade, os Ípsilons não se importam de serem Ípsilons — disse em voz alta.

— Está claro que não. Por que haveriam de se importar? Eles não concebem outro gênero de vida. Nós, naturalmente, nos importaríamos. Mas acontece que fomos condicionados de outro modo e, além disso, começamos com uma hereditariedade diferente.

— Estou muito contente por não ser uma Ípsilon — observou Lenina com convicção.

— E se você fosse uma Ípsilon — retorquiu Henry — o seu condicionamento a deixaria não menos satisfeita por não ser uma Beta ou uma Alfa.

Conectou a hélice propulsora e dirigiu o aparelho para Londres. Atrás deles, a oeste, o carmesim e o alaranjado quase se haviam dissipado; uma nuvem escura avançara para o zênite. Voando por cima do Crematório, o helicóptero subiu verticalmente sobre a coluna de ar aquecido que se elevava das chaminés e recaiu, também de súbito, quando penetrou na corrente descendente de ar frio que se seguia.

— Que maravilhosa montanha-russa! — Lenina riu deliciada.

Mas o tom da resposta de Henry foi, durante um momento, quase melancólico.

— Você sabe o que era essa montanha-russa? Era o desaparecimento final e definitivo de algum ser humano. Subindo num jato

de ar quente. Seria curioso saber quem era: um homem, uma mulher, um Alfa, um Ípsilon... — Suspirou. Depois, resolutamente alegre, concluiu: — De qualquer forma, há uma coisa de que podemos estar certos; fosse quem fosse, em vida foi feliz. Agora todos são felizes.

— Sim, agora todos são felizes — ecoou Lenina. Tinham ouvido essas palavras repetidas cento e cinquenta vezes por noite, durante doze anos.

Pousando em Westminster, no terraço de um edifício de apartamentos de quarenta andares onde Henry morava, dirigiram-se logo para o salão de refeições. Aí, em companhia ruidosa e alegre, tiveram um excelente jantar. Com o café, foi-lhes servido soma. Lenina tomou dois comprimidos de meio grama e Henry, três. As nove e vinte atravessaram a rua para irem ao recentemente inaugurado Cabaré da Abadia de Westminster. A noite estava límpida, sem lua e estrelada; porém Lenina e Henry, por sorte, não tomaram conhecimento desse fato desalentador. Os anúncios luminosos em pleno céu excluíam eficazmente a escuridão exterior. CALVIN STOPES E SEUS DEZESSEIS SEXOFONISTAS. Na fachada da nova Abadia, as letras gigantescas fulguravam convidativamente. O MELHOR ÓRGÃO DE PERFUMES E CORES DE LONDRES. A MÚSICA SINTÉTICA MAIS RECENTE.

Entraram. Com o perfume de âmbar cinzento e de sândalo, o ar parecia quente e pesado. No teto em cúpula da sala, o órgão de cores pintara momentaneamente um pôr do sol tropical. Os Dezesseis Sexofonistas tocavam um velho sucesso popular: “Não há bocal nenhum que no mundo se iguale a ti, meu Bocal adorado”. Quatrocentos pares dançavam um *five-step* sobre o assoalho encerado. Lenina e Henry formaram logo o par número quatrocentos e um. Como gatos melodiosos ao luar, os sexofones gemeram, nos registros alto e tenor, como se estivessem desmaiando. Com uma riqueza prodigiosa de sons harmônicos, seu coro trêmulo foi se elevando a alturas mais sonoras, cada vez mais sonoras — até que, por fim, com um gesto da mão, o maestro desencadeou a arrasadora nota final de música do éter, varrendo para fora de toda existência os dezesseis artistas

meramente humanos. Trovão em lá bemol maior. E então, quase em silêncio, quase na obscuridade, seguiu-se uma deturgescência gradual, um *diminuendo* que deslizava por graus, por quartos de tom, até um acorde de dominante fracamente murmurado, que se arrastava ainda (enquanto os ritmos de cinco-quatro continuavam seus compassos no violoncelo), carregando os segundos obscurecidos de uma expectativa intensa. E enfim a expectativa foi satisfeita. Houve um súbito nascer do sol explosivo e, simultaneamente, os Dezesseis entoaram a canção:

Ó amado Bocal, foi a ti que exaltei!
Ó amado Bocal, por que me decantei?
Dentro de ti o céu é puro e sossegado,
E o tempo é suave e bom como um vale;
Ah!
Não há Bocal nenhum que no mundo se iguale
A ti, meu Bocal adorado!

Fazendo evoluções de *five-step* com os outros quatrocentos pares no salão da Abadia de Westminster, Lenina e Henry dançavam, entretanto, em outro mundo — o mundo quente, cheio de cores vivas, o mundo infinitamente acolhedor criado pelo soma. Como todos eram bons, e belos, e deliciosamente divertidos! "Ó amado Bocal, foi a ti que exaltei!..." Mas Lenina e Henry possuíam o que eles exaltavam... Nesse mesmo momento e nesse mesmo lugar, eles estavam no interior do bocal — a salvo no seu interior, gozando o tempo radioso, o céu perpetuamente azul.

E quando, esgotados, os Dezesseis depuseram os seus sexofones e o aparelho de Música Sintética começou a executar o que havia de mais moderno em Blues Malthusianos lentos, Lenina e Henry eram como dois embriões gêmeos, embalados docemente pelas vagas de um oceano de pseudossangue.

"Boa noite, caros amigos. Boa noite, caros amigos." Os alto-falantes encobriam suas ordens com uma polidez complacente e musical. "Boa noite, caros amigos..."

Obedientemente, como todos os demais, Lenina e Henry abandonaram o edifício. No céu, as deprimentes estrelas haviam percorrido um longo trajeto. Mas, embora a cortina separadora dos anúncios luminosos em grande parte se tivesse desfeito, os dois jovens continuaram mergulhados na feliz inconsciência da noite.

Uma segunda dose de soma, ingerida meia hora antes do encerramento, erguera um muro intransponível entre o universo real e seus espíritos. Foi num bocal que eles atravessaram a rua; num bocal tomaram o elevador para subirem ao quarto de Henry, no vigésimo oitavo andar. No entanto, embora estivesse encerrada no bocal, e a despeito daquele segundo grama de soma, Lenina não se esqueceu de tomar todas as precauções anticoncepcionais prescritas pelos regulamentos. Anos de hipnopedia intensiva e, dos doze aos dezessete, exercícios malthusianos três vezes por semana tinham tornado a prática desses cuidados quase tão automática como o pestanejar.

— Ah, isto me faz lembrar... — disse ela, voltando do banheiro. — Fanny Crowne quer saber onde você conseguiu aquela linda cartucheira de pseudomarroquim verde que me deu.

2

AS QUINTAS-FEIRAS, a cada quinze dias, eram para Bernard dias da Cerimônia de Solidariedade. Depois de jantar cedo no Afroditeu (para o qual Helmholtz recentemente fora eleito em virtude do Artigo 2º do Regulamento), despediu-se do amigo e, chamando um táxi no terraço, ordenou ao condutor que voasse para o Orfeão Comunitário Fordson. O aparelho subiu uns duzentos metros, depois rumou para leste e, ao fazer essa volta, diante dos olhos de Bernard surgiu o Orfeão, gigantescamente belo. Iluminados por projetores, seus trezentos e vinte metros de pseudomármore branco de Carrara brilharam numa incandescência nívea acima de Ludgate Hill; em cada um dos quatro ângulos de sua plataforma

para helicópteros, um T imenso luzia, escarlate, no céu noturno, e pelas bocas de vinte e quatro enormes trombetas de ouro ressoava uma solene música sintética.

— Droga, estou atrasado! — murmurou Bernard ao avistar Big Henry, o relógio do Orfeão. E, com efeito, quando ele deixava o táxi, Big Henry deu a hora. "Ford", bramiu uma formidável voz de baixo, saindo de todas as trombetas de ouro. "Ford, Ford, Ford..." Nove vezes. Bernard correu para o elevador.

O grande auditório para as cerimônias do Dia de Ford e outros Cantos Comunitários gerais estava situado no andar térreo do edifício. Acima, à razão de cem por andar, estavam as sete mil salas em que os Grupos de Solidariedade realizavam as cerimônias quinzenais. Bernard desceu ao trigésimo terceiro andar, enfiou-se apressadamente pelo corredor, hesitou um momento diante da Sala 3210 e, decidindo-se, abriu a porta e entrou.

Graças a Ford! Ele não era o último a chegar. Das doze cadeiras dispostas em torno da mesa circular, ainda havia três desocupadas. Deslizou para a mais próxima, procurando fazer-se notar o menos possível, e preparou-se para acolher de sobrecenho franzido os outros retardatários que chegassem.

— Que foi que você jogou esta tarde? — perguntou, voltando-se para ele, a moça que estava sentada à sua esquerda. — Golfe-Obstáculo ou Eletromagnético?

Bernard olhou-a (Ford! Era Morgana Rothschild!) e teve de confessar, corando, que não tinha jogado nenhum dos dois. Morgana fitou-o espantada. Houve um silêncio embaraçoso.

Depois, ostensivamente, ela virou as costas e dirigiu-se ao homem mais esportivo que estava à sua esquerda.

"Belo começo para uma Cerimônia de Solidariedade", pensou Bernard, desconsolado, e previu que mais uma vez não conseguiria a comunhão de pensamento. Se ao menos tivesse tido o cuidado de olhar à

sua volta, em vez de se precipitar para a cadeira mais próxima! Poderia ter sentado entre Fifi Bradlaugh e Joana Diesel. Entretanto, fora plantar-se cegamente ao lado de Morgana. *Morgana!* Ford! Aquelas sobrancelhas negras — ou melhor, aquela sobrancelha, pois elas se uniam acima do nariz! Ford! E à sua direita estava Clara Deterding. Sem dúvida, as sobrancelhas de Clara não se juntavam. Mas a moça era verdadeiramente pneumática *demais*. Ao passo que Fifi e Joana eram exatamente como convinha. Rechonchudas, louras, não muito grandes... E era aquele grande cretino do Tom Kawaguchi que agora se sentava na cadeira livre entre as duas.

A última pessoa a chegar foi Sarojini Engels.

— A senhora está atrasada — disse com severidade o Presidente do Grupo. — Que isso não se repita.

Sarojini desculpou-se e tomou o seu lugar entre Jim Bokanovsky e Herbert Bakunin. O grupo estava agora completo, o círculo de solidariedade estava perfeito e sem ausências. Um homem, uma mulher, um homem — num anel de alternância sem fim ao redor da mesa. Eram doze, prontos a se reunirem em um, esperando aproximarem-se, fundirem-se, perderem em um ser maior suas doze identidades distintas.

O Presidente levantou-se, fez o sinal do T e, ligando a música sintética, desencadeou o suave, infatigável rufar de tambores e um coro de instrumentos — de quase-sopro e supercordas — que repetiram expressivamente, muitas e muitas vezes, a melodia breve e obsedante do Primeiro Cântico de Solidariedade. Outra vez, mais outra — e não era o ouvido que percebia o ritmo martelado, era o diafragma; o gemido e o clangor daquelas harmonias reiteradas assombravam não o espírito, mas as entranhas, criando uma ardente compaixão.

O Presidente fez de novo o sinal do T e sentou-se. A cerimônia tinha começado. Os comprimidos de soma consagrados foram colocados no centro da mesa. A taça da amizade, cheia de refresco de morango com soma, foi passada de mão em mão e, com a fórmula “Bebo ao meu

aniquilamento”, levada doze vezes aos lábios. Depois, com o acompanhamento da orquestra sintética, cantaram o Primeiro Cântico de Solidariedade.

Nós somos doze, ó Ford; em tuas mãos reunidos
Como as gotas que caem no Rio Social;
Ah! Faz com que corramos destemidos
Como teu Calhambeque sem rival!

Doze estrofes ardentes. Depois, a taça da amizade passou novamente de mão em mão. “Bebo ao Ser Maior”, tal era a fórmula. Todos beberam. Infatigavelmente, a música continuava a se fazer ouvir. Os tambores rufavam. Os sons plangentes e atroadores das harmonias eram uma obsessão nas entranhas enternecidas. Cantaram o segundo Cântico de Solidariedade:

Vem, Amigo Social, ó Ser Supremo e forte,
Ó Aniquilador dos Doze em Um, gigante!
Todos queremos morrer, porque a morte
É desta vida o mais sublime instante!

Novamente, doze estrofes. A essa altura, o soma já começara a atuar. Os olhos brilhavam, as faces estavam coradas, a luz interior da benevolência universal irradiava-se de cada rosto, em sorrisos felizes e amistosos. O próprio Bernard sentiu-se um pouco enternecido. Quando Morgana Rothschild virou-se e dirigiu-lhe um sorriso radiante, ele fez o que pôde para retribuí-lo. Mas a sobrancelha, aquela escura monocelha, continuava ali; Bernard não podia deixar de vê-la — por mais que se esforçasse, não podia. O enternecimento ainda não fora bastante. Se ele estivesse sentado entre Fifi e Joana, quem sabe... Pela terceira vez, a taça da amizade circulou. “Bebo à iminência de Sua Vinda”, disse Morgana Rothschild, em sua vez de dar início ao rito circular. Sua voz era forte, exultante. Ela passou a taça a Bernard. “Bebo à iminência de Sua Vinda”, repetiu ele, com um esforço sincero para sentir que a Vinda era iminente;

mas aquela sobrancelha continuava a obcecá-lo, e a Vinda, para ele, era terrivelmente remota. Bebeu e passou a taça a Clara Deterding. “Será outro fracasso, eu sei”, disse consigo mesmo, mas continuou a fazer o possível para ostentar um sorriso radiante.

A taça da amizade completara o seu circuito. Erguendo a mão, o Presidente fez um sinal; o coro entoou o Terceiro Cântico da Solidariedade.

Senti que vem a vós o Grande Ser dos dias!
Alegrai-vos com a sorte ideal que ele vos deu!
Fundi-vos ao cantar das melodias,
Porque enfim eu sou vós e vós sois eu.

À medida que uma estrofe sucedia a outra, as vozes vibravam com uma excitação cada vez mais intensa. O sentimento da iminência da Vinda era como uma tensão elétrica no ar. O Presidente fez parar a música e, com a última nota da derradeira estrofe, fez-se um silêncio absoluto — o silêncio da expectativa tensa, a vibrar e a ofegar com uma vida galvânica. O Presidente estendeu a mão e, de súbito, uma Voz, uma Voz forte e profunda, mais musical do que qualquer voz simplesmente humana, mais cheia, mais quente, mais vibrante de amor, de desejo ardente e de compaixão, uma Voz maravilhosa, misteriosa, sobrenatural, falou-lhes por sobre suas cabeças. “Oh, Ford! Ford! Ford!”, disse ela muito devagar, decrescendo de volume e numa escala descendente. Uma sensação de calor suave se irradiou do plexo solar a cada uma das extremidades do corpo dos que escutavam; as lágrimas subiram-lhes aos olhos; parecia-lhes que o coração, as entranhas, se moviam no interior do corpo como se tivessem vida independente. “Ford!” Eles se fundiam. “Ford!” Estavam fundidos. Depois, em outro tom, de repente, sobressaltando-os: “Escutem!”, trombeteou a Voz. “Escutem!” Eles escutaram. Depois de uma pausa, ela decresceu até não ser mais que um murmúrio, mas um murmúrio que, de algum modo, era mais penetrante que o grito mais agudo. “Os pés do Grande Ser”, disse; e repetiu: “Os pés do Grande Ser”. O murmúrio tornou-se quase inaudível: “Os pés do Grande Ser estão na escada”. E outra vez houve um silêncio, e a expectativa, que se

distendera momentaneamente, tornou a retesar-se, como uma corda que se estira, mais tensa, mais tensa ainda, quase a ponto de romper-se. Os pés do Grande Ser — ah! eles os ouviam, eles os ouviam, descendo suavemente os degraus, aproximando-se cada vez mais pela escada invisível. Os pés do Grande Ser. E, de súbito, o ponto de ruptura foi atingido. Com os olhos arregalados, os lábios abertos, Morgana Rothschild levantou-se num salto.

— Ouço-o! — exclamou. — Ouço-o!

— Ele chega! — bradou Sarojini Engels.

— Sim, ele chega, ouço-o! — Fifi Bradlaugh e Tom Kawaguchi levantaram-se simultaneamente.

— Oh! Oh! Oh! — fez Joana, num testemunho inarticulado.

— Ele chega! — urrou Jim Bokanovsky.

O Presidente inclinou-se para a frente e, com um leve toque da mão, desencadeou um delírio de címbalos e de instrumentos de metal, uma febre de marteladas em tantãs.

— Oh, ele chega! — gritou Clara Deterding. — Ai! — e era como se lhe cortassem a garganta.

Sentindo que era o momento de fazer alguma coisa, Bernard também se pôs de pé num pulo e bradou:

— Ouço-o! Ele chega!

Mas não era verdade. Não ouvia nada e, para ele, ninguém chegava. Ninguém — apesar da música, apesar da excitação crescente. Todavia, agitou os braços, gritou como os outros; e quando os demais se puseram a bambolear, a bater com os pés e a caminhar a passos arrastados, ele também bamboleou, também arrastou os pés.

Deram a volta à sala, uma procissão circular de dançarinos, cada um com as mãos nos quadris do dançarino precedente — e assim continuaram, volta após volta, gritando em uníssono, batendo com os pés ao ritmo da música, marcando vigorosamente a cadência com as mãos nas nádegas do que estava à sua frente; doze pares de mãos batendo como uma só; como uma só, doze pares de nádegas ressoando viscosamente. Doze em um, doze em um. “Ouço-o, ouço-o chegar!” A música acelerou-se, os pés

bateram mais rápido, mais rápido, ainda mais rápido, bateram as mãos rítmicas. E subitamente uma poderosa voz sintética de baixo rugiu as palavras que anunciavam a expiação próxima e a consumação final da solidariedade, a vinda do Doze-em-Um, a encarnação do Grande Ser. "Orgião-espadão", cantou ela, enquanto os tantãs continuavam a martelar seu rufo febril:

Orgião-espadão, Ford e alegria a rodo,
Com beijos unir-se às moças num só Todo!
E cada rapariga vá com seu rapaz;
Orgião-espadão assim vos satisfaz.

"Orgião-espadão..." Os dançarinos retomaram o refrão litúrgico: "Orgião-espadão, Ford e alegria a rodo, com..." E, enquanto cantavam, as luzes iam amortecendo lentamente — amortecendo e, ao mesmo tempo, tornando-se mais quentes, mais ardentes, mais rubras, de tal modo que, por fim, eles dançavam na penumbra vermelha de um Depósito de Embriões. "Orgião-espadão..." Na sua obscuridade fetal e cor de sangue, os dançarinos continuaram por algum tempo a circular, a bater, a bater incessantemente o ritmo infatigável. "Orgião-espadão..." Depois a ronda oscilou, rompeu-se, desagregando-se parcialmente sobre os divãs que rodeavam — um círculo encerrando outro círculo — a mesa e suas cadeiras planetárias. "Orgião-espadão..." Ternamente, a Voz, profunda, cantarolava e arrulhava; na penumbra vermelha, seria possível dizer que um enorme pombo negro planava, benfazejo, acima dos dançarinos agora deitados sobre o ventre ou sobre o dorso uns dos outros.

Estavam de pé no terraço; Big Henry acabava de dar as onze. A noite estava calma e tépida.

— Foi maravilhoso, não acha? — comentou Fifi Bradlaugh. — Simplesmente maravilhoso.

Ela fitou Bernard com uma expressão de enlevo, mas um enlevo em que não havia nenhum vestígio de agitação ou de superexcitação — pois

estar superexcitado ainda é estar insatisfeito. Seu êxtase era o êxtase calmo da perfeição atingida, a paz, não da simples saciedade e do nada, mas da vida em equilíbrio, das energias em repouso e contrabalançadas. Uma paz rica e viva. Porque a Cerimônia de Solidariedade havia dado tanto quanto tomara, não tendo esgotado parcialmente senão para reencher. Ela estava completa, tornara-se perfeita, ainda era mais que simplesmente ela mesma.

— Não achou maravilhoso? — insistiu, fixando no rosto de Bernard seus olhos brilhantes, de um fulgor sobrenatural.

— Sim, achei maravilhoso — mentiu ele, e desviou o olhar; a visão daquela fisionomia transfigurada era uma acusação e, ao mesmo tempo, uma lembrança irônica do que o afastava dos demais.

Sentia-se tão aflitivamente só, agora, quanto no começo da Cerimônia — mais isolado ainda, em virtude do vácuo que nele não fora preenchido, em virtude de sua saciedade inerte. Irremediavelmente isolado, enquanto os outros se fundiam no Grande Ser; só, mesmo no amplexo de Morgana — bem mais só, na verdade, mais irremediavelmente ele mesmo do que nunca o fora em sua vida. Tinha saído da penumbra vermelha para o fulgor banal da eletricidade com o sentimento do eu intensificado a ponto de se tornar um martírio. Sentia-se totalmente infeliz, e talvez (os olhos luminosos de Fifi o acusavam) fosse por sua própria culpa.

— Absolutamente maravilhoso — repetiu. Mas a única coisa em que podia pensar era nas sobrancelhas de Morgana.

Seis

1

"ESTRANHO, ESTRANHO, *estranho*", tal o juízo formado por Lenina acerca de Bernard Marx. Tão estranho, na verdade, que durante as semanas seguintes ela se perguntou mais de uma vez se não deveria mudar de ideia a respeito de suas férias no Novo México e dar preferência a ir ao Polo Norte com Benito Hoover. O inconveniente era que ela já conhecia o Polo Norte, onde estivera ainda no último verão com George Edzel, e, além do mais, achara tudo simplesmente horrível. Nada para fazer, e o hotel desoladoramente antiquado — sem televisão nos quartos, sem órgão aromático, nada mais que música sintética, e essa mesmo infecta, e somente vinte e cinco Quadras de Pelota-Escalátor para mais de duzentos hóspedes. Não, de modo algum poderia suportar de novo o Polo Norte. Além disso, ela só fora uma vez aos Estados Unidos. E, mesmo assim, por tão pouco tempo! Um fim de semana barato em Nova York — fora com Jean Jacques Habibullah ou com Bokanovsky Jones? Não se lembrava. Aliás, isso não tinha a mínima importância. A perspectiva de tornar a voar para o Ocidente, e por uma semana inteira, era muito sedutora. Além do que, passariam pelo menos três dos sete dias na Reserva de Selvagens. Do pessoal do Centro, somente meia dúzia, quando muito, já estivera no interior de uma dessas Reservas. E, como psicólogo Alfa-Mais, Bernard era um dos poucos homens de suas relações que tinham direito a uma autorização. Para Lenina, a oportunidade era única. No entanto, os modos estranhos de Bernard eram de tal forma também únicos que ela hesitava em aproveitá-la, e até pensara em se arriscar a ir de novo ao Polo com aquele Benito tão divertido. Benito, pelo menos, era normal. Ao passo que Bernard...

“É o álcool no pseudossangue” — tal a explicação que dava Fanny a cada uma de suas excentricidades. Mas Henry — com quem, uma noite em que estavam deitados juntos, Lenina discutira, não sem um pouco de ansiedade, sobre o caráter de seu novo amante —, Henry comparara o pobre Bernard a um rinoceronte.

— Não se pode ensinar habilidades a um rinoceronte — explicou ele, no seu estilo conciso e vigoroso. — Há homens que são quase rinocerontes, não reagem de maneira adequada ao condicionamento. Pobres coitados! Bernard é um desses. Felizmente para ele, é bastante competente em seu trabalho. Se não fosse isso, o Diretor decerto não o teria conservado. Contudo — acrescentou consoladoramente —, acho que é bastante inofensivo.

Bastante inofensivo, talvez; mas também bastante inquietante. Para começar, aquela mania de fazer as coisas na intimidade. O que equivalia, na prática, a não fazer absolutamente nada. Afinal, que se poderia fazer na intimidade? (Salvo, é claro, ir para a cama; mas isso não se podia fazer constantemente.) Sim, o quê? Muito pouco. Na primeira tarde em que saíram juntos, o tempo estava maravilhoso. Lenina propusera que fossem nadar no Torquay Country Club e depois jantar no Oxford Union. Mas Bernard achou que haveria gente demais. E se fossem jogar uma partida de Golfe-Eletromagnético em Saint Andrews? Ele recusou outra vez; considerava o Golfe-Eletromagnético um desperdício de tempo.

— Mas, então, para que serve o tempo? — perguntou Lenina, não sem espanto.

Aparentemente, para fazer passeios na Região dos Lagos; pois era isso o que ele propunha. Aterrissar no cume do Skiddaw e caminhar durante uma ou duas horas por entre as urzes.

— Sozinho com você, Lenina.

— Mas, Bernard, nós ficaremos sós toda a noite.

Bernard ruborizou-se e desviou o olhar.

— Eu queria dizer... sós para conversar — murmurou.

— Para conversar? Mas sobre o quê? — caminhar e conversar pareciam-lhe um modo bem estranho de passar a tarde.

Por fim, ela o convenceu, bem contra vontade, a voarem até Amsterdã para assistirem às quartas de final do Campeonato Feminino de Luta Livre de Pesos-Pesados.

— No meio da multidão — resmungou ele. — Como sempre.

Manteve-se obstinadamente taciturno a tarde inteira, recusou-se a falar com as amigas de Lenina (que encontraram às dúzias no bar onde eram servidos sorvetes de soma, nos intervalos das lutas); e, apesar de seu estado de espírito lamentável, recusou terminantemente o sundae de framboesa na dose de meio grama, que ela lhe oferecia com insistência.

— Prefiro ser eu mesmo — disse ele —; eu mesmo e desagradável. E não outro, por mais alegre que seja.

— Um grama a tempo nos poupa muito mais — retrucou Lenina, servindo-lhe uma brilhante pérola de sabedoria hipnopédica.

Bernard repeliu com impaciência o copo que a moça lhe oferecia.

— Vamos, não se zangue — disse ela. — Lembre-se: com um centímetro cúbico se curam dez sentimentos lúgubres.

— Ora, pelo amor de Deus, cale-se! — gritou ele.

Lenina deu de ombros.

— Um grama vale mais do que o "ora" que se clama — concluiu com altivez e tomou o sundae.

No regresso, durante a travessia da Mancha, Bernard quis por força parar o propulsor e ficar suspenso no helicóptero a menos de trinta metros das ondas. O tempo mudara, soprava um vento ríspido, o céu estava nublado.

— Olhe — ordenou ele.

— Mas é horrível — disse Lenina, afastando-se da janela. Estava aterrorizada pelo vácuo envolvente da noite, pelas negras ondas espumantes que se encapelavam abaixo deles, pelo disco pálido da lua, espantado e atormentado entre as nuvens que corriam. — Vamos ligar o rádio. Depressa.

Estendeu a mão para o botão de sintonia no quadro de comando de bordo e o fez girar ao acaso: "...dentro de ti o céu é puro e sossegado", cantaram dezesseis vozes em um trêmulo falsete, "e o tempo é suave como num vale..."

Depois, um soluço, e o silêncio. Bernard desligara o rádio.

— Eu quero contemplar o mar, em paz — disse. — Não se pode nem olhar, com esse barulho infernal nos ouvidos.

— Mas é tão agradável. E, além disso, não quero olhar.

— Mas eu quero — insistiu ele. — Isso me dá a sensação... — hesitou, procurando as palavras — ...a sensação de ser mais *eu*, se é que você compreende o que quero dizer. De agir mais por mim mesmo, e não tão completamente como parte de alguma outra coisa. De não ser simplesmente uma célula do corpo social. Você não tem a mesma sensação, Lenina?

Mas Lenina estava chorando.

— É horrível, é horrível — repetia. — E como é que você pode falar assim de não querer ser parte do corpo social? Não podemos prescindir de ninguém. Até os Ípsilons...

— Sim, já sei — disse Bernard com sarcasmo. — "Até os Ípsilons são úteis!" Eu também. E gostaria imensamente de não servir para nada!

Lenina escandalizou-se com a blasfêmia.

— Bernard! — protestou, espantada e aflita. — Como pode falar assim?

Bernard, em outro tom, respondeu meditativamente:

— Como posso? Não, o verdadeiro problema é este: como é que não posso; ou antes, pois sei perfeitamente por que é que não posso, o que eu sentiria se pudesse, se fosse livre, se não estivesse escravizado pelo meu condicionamento?

— Mas, Bernard, você diz as coisas mais espantosas!

— Você não tem o desejo de ser livre, Lenina?

— Não sei o que é que você quer dizer. Eu sou livre. Livre para me divertir da melhor maneira possível. Todos são felizes agora.

Ele riu.

— Sim: "Todos são felizes agora". Nós começamos a dar isso às crianças a partir dos cinco anos. Mas você não deseja ter liberdade para ser feliz de algum outro modo, Lenina? De um modo pessoal, por exemplo, e não como os outros?

— Não sei o que você quer dizer — repetiu Lenina. Depois, voltando-se para ele, suplicou: — Oh, Bernard, vamos voltar. Como eu detesto estar aqui!

— Não gosta de estar comigo?

— Claro que sim, Bernard! É este lugar horroroso.

— Achei que estaríamos mais... mais *juntos* aqui, sem nada além do mar e da lua. Mais juntos do que na multidão, ou mesmo do que em minha casa. Você não compreende isso?

— Não, eu não compreendo nada — respondeu ela com decisão, disposta a conservar sua incompreensão intata. — Nada. E o que eu compreendo ainda menos que tudo — continuou em outro tom — é por que você não toma soma quando tem essas ideias horríveis. Você as esqueceria completamente. E, em vez de se sentir infeliz, ficaria alegre. Sim, *muito* alegre — repetiu, e, apesar de todo o tormento que transparecia em seus olhos, sorriu com um ar que ela procurava tornar convidativo e voluptuoso.

Ele olhou-a em silêncio, com a fisionomia muito séria, sem retribuir o sorriso — olhou-a fixamente. Após alguns segundos, os olhos de Lenina desviaram-se; ela deu um risinho nervoso, procurou dizer alguma coisa e não pôde. O silêncio prolongou-se. Quando por fim Bernard falou, foi em voz fraca e cansada.

— Está bem, então; vamos voltar.

E, pisando forte no acelerador, fez o aparelho subir para o céu como um foguete. A mil e duzentos metros de altitude, pôs em movimento a hélice propulsora. Voaram em silêncio por um ou dois minutos. Depois, subitamente, Bernard pôs-se a rir. De um modo esquisito, pensou Lenina, mas, em todo caso, era uma risada.

— Você está melhor? — arriscou-se a perguntar.

Como única resposta, ele tirou uma das mãos dos controles e, passando os braços em volta do corpo de Lenina, acariciou-lhe os seios.

“Graças a Ford”, pensou a moça, “ele voltou à normalidade.”

Meia hora depois, chegavam à casa de Bernard. Ele engoliu de uma só vez quatro comprimidos de soma, ligou o rádio e a televisão e começou a despir-se.

— E então — perguntou Lenina, com um ar significativamente malicioso, quando se encontraram na tarde seguinte no terraço —, não acha que nos divertimos ontem?

Bernard anuiu com um sinal de cabeça. Subiram ao helicóptero. Uma pequena sacudida, e ei-los a caminho.

— Todos me dizem que sou extremamente pneumática — disse Lenina em tom pensativo, acariciando as próprias pernas.

— Extremamente — mas havia uma expressão de dor nos olhos de Bernard. “Como carne”, pensou.

Ela ergueu os olhos com certa inquietação.

— Mas você não me acha gorducha *demais*?

Bernard balançou a cabeça negativamente. “Tal como um pedaço de carne.”

— Você me acha bem feita? — novo sinal afirmativo. — Sob todos os pontos de vista?

— Perfeita — respondeu ele em voz alta. E, interiormente: “É assim que ela encara a si mesma. Não se importa de ser somente carne”.

Lenina esboçou um sorriso de triunfo. Mas sua satisfação era prematura.

— Entretanto — disse ele, após pequena pausa —, eu preferiria que as coisas tivessem terminado de outro modo.

— De outro modo? Havia então outros modos de terminar?

— Eu preferiria que não tivessem terminado na cama — especificou.

Lenina espantou-se.

— Não em seguida, no primeiro dia.

— Mas então, como...?

Ele começou a dizer-lhe uma porção de absurdos incompreensíveis e perigosos. Lenina fez o que pôde para tapar mentalmente os ouvidos, mas de vez em quando um fragmento insistia em se tornar perceptível. "... para experimentar o efeito produzido pela repressão dos meus impulsos", ouviu-o dizer. Essas palavras pareceram despertar algo em seu espírito.

— Nunca deixe para amanhã o prazer que puder gozar hoje — disse ela com seriedade.

— Duzentas repetições, duas vezes por semana, dos quatorze aos dezesseis anos e meio — foi o único comentário dele. As palavras loucas e perversas continuaram. — Quero saber o que é a paixão — ela o ouviu dizer. — Quero sentir alguma coisa com intensidade.

— Quando o indivíduo sente, a comunidade treme — declarou Lenina.

— E por que não haveria de tremer um pouco?

— Bernard!

Mas Bernard não se abalou.

— Adultos intelectualmente e durante as horas de trabalho — continuou. — Criancinhas, no que diz respeito ao sentimento e ao desejo.

— Nosso Ford amava as criancinhas.

Sem fazer caso da interrupção, ele prosseguiu:

— Um dia destes me ocorreu de repente a ideia de que talvez fosse possível ser adulto sempre.

— Não compreendo — retrucou Lenina em tom firme.

— Eu sei. E é por isso que dormimos juntos ontem, como crianças, em vez de sermos adultos e esperarmos.

— Mas foi divertido — insistiu Lenina. — Não foi?

— Oh, imensamente divertido — respondeu ele, mas com uma voz tão desolada, tão profundamente infeliz, que Lenina sentiu de súbito evaporar-se por completo seu triunfo. Talvez ele a tivesse achado gorducha demais, no fim das contas.

— Eu não disse? — foi o único comentário de Fanny quando Lenina veio fazer-lhe confidências. — É o álcool que lhe puseram no pseudossangue.

— Mesmo assim — insistiu Lenina — eu gosto dele. Tem umas mãos tão lindas! E aquela maneira de mover os ombros, como é atraente! — suspirou. — Mas eu gostaria que ele não fosse tão esquisito.

2

DETENDO-SE POR UM MOMENTO diante da porta do gabinete do Diretor, Bernard respirou fundo e ergueu os ombros, preparando-se para enfrentar a animosidade e a censura que, tinha certeza, ia encontrar lá dentro. Bateu e entrou.

— Uma autorização que venho pedir-lhe para assinar, senhor Diretor — disse, com ar tão despreocupado quanto possível, e colocou o papel sobre a mesa.

O Diretor lançou para ele um olhar azedo. Mas o papel trazia o timbre do Gabinete do Administrador Mundial, e a assinatura de Mustafá Mond, nítida e em preto, se estendia embaixo da página. Tudo estava perfeitamente em ordem. O Diretor não tinha outro remédio. Escreveu a lápis sua assinatura — duas pálidas e pequenas letras, humildemente prostradas aos pés de Mustafá Mond — e ia entregar o papel sem uma palavra de comentário ou despedida benevolente, quando seu olhar foi atraído por qualquer coisa escrita no texto da autorização.

— Para a Reserva do Novo México? — perguntou, e o tom de sua voz, o olhar que levantou para Bernard, exprimiam uma espécie de agitado espanto.

Surpreendido com a surpresa do Diretor, Bernard balançou afirmativamente a cabeça. Houve um silêncio.

O Diretor reclinou-se para trás na cadeira, franzindo a testa.

— Quanto tempo fará? — disse, falando mais consigo mesmo que com Bernard. — Vinte anos, suponho. Mais perto dos vinte e cinco, talvez. Eu devia ter a sua idade... — suspirou e balançou a cabeça.

Bernard sentiu-se muito embaraçado. Um homem tão respeitador das convenções, tão escrupulosamente correto como o Diretor, cometendo tão grosseira inconveniência? Dava-lhe vontade de esconder o rosto, de sair da sala correndo. Não que visse qualquer coisa de intrinsecamente repreensível no fato de uma pessoa aludir ao passado longínquo; era um daqueles preconceitos hipnopédicos de que (assim imaginava) se libertara de todo. O que o constrangia era saber que o Diretor condenava isso — e que, embora condenando, se traía a ponto de infringir a proibição. Impelido por que força interior? Apesar do seu embaraço, Bernard escutou com uma curiosidade ávida.

— Tive a mesma ideia que o senhor — dizia o Diretor. — Eu queria ver os selvagens. Obtive uma autorização para ir ao Novo México e lá fui durante minhas férias de verão. Acompanhado da moça com quem eu andava naquela ocasião. Era uma Beta-Menos e creio... — fechou os olhos — creio que tinha cabelos louros. Em todo caso, era pneumática, excepcionalmente pneumática; disso me recordo. Pois bem, nós fomos, observamos os selvagens, passeamos a cavalo e tudo o mais. E então... (foi quase no fim da minha licença); e então... bem, ela se perdeu. Nós havíamos escalado a cavalo uma daquelas abomináveis montanhas, estava horrivelmente quente e o ar, pesado, e depois do almoço adormecemos. Ou, pelo menos, eu adormeci. Com certeza, ela foi dar um pequeno passeio sozinha. Seja como for, quando acordei, ela não estava lá. E a tempestade mais espantosa que jamais vi desabou sobre mim. Chovia a cântaros, trovejava, relampejava; os cavalos soltaram-se e fugiram; eu caí ao tentar pegá-los, machuquei o joelho a ponto de não poder caminhar senão com muita dificuldade. Apesar disso, procurei por toda parte, gritei, vasculhei os arredores. Mas não encontrei vestígio dela. Pensei então que devia ter voltado sozinha para a hospedaria. Por isso me arrastei até o vale, percorrendo o caminho por onde tínhamos vindo. O joelho me doía

atrozmente e eu tinha perdido o meu soma. Levei muitas horas. Só cheguei à hospedaria depois da meia-noite. E ela não estava lá... Ela não estava lá — repetiu o Diretor. Houve um silêncio. — Bem — continuou por fim —, no dia seguinte fizeram-se buscas, mas não conseguimos encontrá-la. Com certeza caiu em algum barranco, ou foi devorada por um leão das montanhas. Só Ford sabe! De qualquer modo, foi horrível. Isso me perturbou muito, na ocasião. Mais do que deveria, sem dúvida. Porque, afinal de contas, foi um acidente de tal natureza que poderia ter ocorrido a qualquer um; e, por certo, o corpo social subsiste, embora as células componentes mudem.

Mas esse consolo hipnopédico não parecia ter sido bastante eficaz. Balançando a cabeça, o Diretor continuou em voz mais baixa:

— Às vezes ainda sonho com isso. Sonho que sou despertado pelo estrondo do trovão e descubro que ela não está mais ali, sonho que saio à sua procura entre as árvores, que procuro por toda parte... — mergulhou no silêncio das recordações.

— O senhor deve ter tido um choque terrível — disse Bernard, quase com inveja.

Ao som de sua voz, o Diretor teve consciência, num sobressalto, do lugar onde se achava; lançou um olhar a Bernard e, desviando os olhos, ruborizou-se intensamente; tornou a olhá-lo com súbita suspeita e, em tom irritado, disse do alto de sua dignidade:

— Não pense que eu mantinha relações indecorosas com aquela moça. Nada de emocional, nada que se prolongasse indefinidamente. Tudo era perfeitamente sadio e normal — entregou a autorização a Bernard. — Não sei, verdadeiramente, por que o aborreci com essa anedota trivial — irritado consigo mesmo por ter deixado escapar um segredo vergonhoso, descarregou sua cólera sobre Bernard. Seu olhar era agora francamente malévolo. — Desejo aproveitar esta oportunidade, sr. Marx, para lhe dizer que não estou nem um pouco satisfeito com as informações que recebo sobre o seu comportamento fora das horas de trabalho. O senhor dirá, sem dúvida, que não tenho nada a ver com isso. Mas tenho a ver, sim. Devo

preocupar-me com a boa reputação do Centro. É preciso que meus colaboradores estejam acima de qualquer suspeita, especialmente os das castas superiores. Os Alfas são condicionados de tal forma que não são necessariamente infantis no seu comportamento emocional. Mas isso é uma razão a mais para que façam um esforço especial no sentido de se adaptarem. É seu dever serem infantis, mesmo contra as próprias inclinações. Assim, pois, sr. Marx, advirto-o lealmente — a voz do Diretor vibrava com uma indignação que se tornara agora virtuosa e impessoal, e que era a expressão da censura da própria Sociedade. — Se eu ouvir falar outra vez em alguma infração às normas de decoro infantil, pedirei sua transferência para um Subcentro, de preferência na Islândia. Passe bem. — E, virando-se na cadeira giratória, retomou a pena e pôs-se a escrever.

"Isso lhe servirá de lição", disse consigo mesmo. Mas enganava-se. Pois Bernard saiu do gabinete de cabeça erguida, exultante, enquanto batia a porta atrás de si, com a ideia de enfrentar sozinho a ordem das coisas; exaltado pela consciência embriagadora de sua significação e importância pessoais. A própria ideia da perseguição deixava-o impávido e, em vez de deprimi-lo, atuava antes como um tônico. Sentia-se bastante forte para fazer frente às calamidades e vencê-las, bastante forte para enfrentar até a Islândia. E essa confiança tornava-se ainda maior pelo fato de ele não acreditar realmente, por um só instante, que teria de enfrentar fosse o que fosse. As pessoas simplesmente não eram transferidas por motivos dessa espécie. A Islândia era uma mera ameaça. Uma ameaça muito estimulante e vivificante. Caminhando ao longo do corredor, atreveu-se até a assobiar.

Foi um relatório heroico o que ele fez aquela noite sobre sua entrevista com o D.I.C. "E então", assim terminava, "eu disse a ele simplesmente que fosse para o Passado sem Fundo, e saí a passos firmes. E pronto." Dirigiu a Helmholtz Watson um olhar de expectativa, aguardando a recompensa de simpatia, de encorajamento, de admiração que lhe era devida. Mas não ouviu uma palavra sequer. Helmholtz ficou sentado em silêncio, os olhos fixos no chão.

Gostava muito de Bernard, reconhecia ser ele o único homem de suas relações com quem podia conversar sobre assuntos que julgava importantes. Contudo, havia em Bernard coisas que detestava. Aquela prepotência, por exemplo. E as explosões de uma autopiedade com as quais ela alternava, que era verdadeiramente abjeta. E o seu hábito deplorável de mostrar-se ousado após o fato, e cheio, a distância, da mais extraordinária presença de espírito. Ele detestava essas coisas — justamente porque gostava de Bernard. Os segundos passaram. Helmholtz continuou com os olhos postos no chão. E, de súbito, Bernard corou e desviou o olhar.

3

A VIAGEM TRANSCORREU sem nenhum incidente. O Foguete Azul do Pacífico chegou a New Orleans com dois minutos e meio de atraso, perdeu quatro minutos em um tornado sobre o Texas, mas, encontrando uma corrente aérea favorável na longitude de 95º oeste, pôde chegar a Santa Fé apenas quarenta segundos fora do horário.

— Quarenta segundos num voo de seis horas e meia. Nada mau — admitiu Lenina.

Dormiram essa noite em Santa Fé. O hotel era ótimo — incomparavelmente superior, por exemplo, àquele horrível Aurora Bora Palace onde Lenina tanto sofrera no verão anterior. O ar líquido, a televisão, a massagem a vibro-vácuo, o rádio, a solução de cafeína a ferver, os anticoncepcionais quentes e os perfumes de oito diferentes qualidades estavam instalados em todos os quartos. O aparelho de música sintética estava funcionando no momento em que eles entraram no hall, e nada deixava a desejar. Um aviso afixado no elevador anunciava que havia no hotel sessenta Quadras de Pelota-Escalátor e que se podia jogar tanto Golfe-Obstáculo como Golfe-Eletromagnético no parque.

— Acho isto simplesmente maravilhoso! — exclamou Lenina. — Quase desejaria que pudéssemos ficar aqui. Sessenta Quadras de Pelota-

Escalátor...

— Não haverá nenhuma na Reserva — advertiu Bernard. — E também não haverá perfumes, nem televisão, nem mesmo água quente. Se você acha que não pode suportar isso, fique aqui até a minha volta.

Lenina ofendeu-se.

— Claro que posso suportar. Se eu disse que aqui era maravilhoso foi somente porque... ora, porque o progresso realmente é uma coisa maravilhosa, não é?

— Quinhentas repetições, uma vez por semana, dos treze aos dezessete anos — disse Bernard desalentado, como se falasse consigo mesmo.

— Que foi que você disse?

— Eu disse que o progresso é uma coisa maravilhosa. É por isso que você não deve ir à Reserva, a menos que tenha muita vontade.

— Mas eu tenho muita vontade.

— Está bem, então — respondeu Bernard; e suas palavras eram quase uma ameaça.

A autorização que traziam tinha de ser assinada pelo Conservador da Reserva, em cujo gabinete eles se apresentaram, como cumpria, na manhã seguinte. Um porteiro negro Ípsilon-Mais levou o cartão de Bernard e os fez entrar quase imediatamente.

O Conservador era um Alfa-Menos louro e braquicéfalo, baixo, vermelho, de cara de lua cheia, espáduas largas, voz forte e atroadora muito apropriada para a transmissão de saber hipnopédico. Era uma verdadeira mina de informações desconexas e de bons conselhos gratuitos. Tendo começado a falar, continuava incessantemente trovejando:

— ...Quinhentos e sessenta quilômetros quadrados, divididos em quatro Sub-Reservas, cada uma delas cercada de tela metálica em alta-tensão...

Nesse momento, e sem razão aparente, Bernard lembrou-se de súbito que deixara completamente aberta a torneira de água-de-colônia de seu banheiro.

— ...Percorrida por uma corrente proveniente da estação hidrelétrica do Grand Canyon.

"Vai me custar uma fortuna, até que eu volte!" Bernard via mentalmente a agulha do contador de perfume avançar volta após volta no mostrador, como uma formiga, infatigavelmente. "É preciso telefonar com urgência a Helmholtz Watson."

— ...Mais de cinco mil quilômetros de cerca de tela a sessenta mil volts.

— Não diga — disse Lenina gentilmente, sem ter a mínima ideia do que o Conservador dissera, mas aproveitando a pausa dramática do homem. Quando o Conservador começara a dissertar com sua voz tonitruante, ela havia ingerido discretamente meio grama de soma, o que lhe permitira ficar ali sentada, serena, sem ouvir e sem pensar em absolutamente nada, mas fixando nele seus grandes olhos azuis, com um ar de profunda atenção.

— Tocar na cerca é morte instantânea — declarou solenemente o Conservador. — Não há meio de escapar de uma Reserva de Selvagens.

A palavra "escapar" era sugestiva.

— Talvez seja conveniente pensarmos em partir — disse Bernard, fazendo menção de levantar-se. A pequena agulha negra avançava, como um inseto, mordiscando o tempo, devorando o seu dinheiro.

— Não há meios de escapar — repetiu o Conservador, fazendo-o sentar com um gesto da mão; e, como a autorização ainda não estava assinada, Bernard não teve outro remédio senão obedecer. — Aqueles que nascem na Reserva... e não esqueça, prezada senhorita — acrescentou, dirigindo a Lenina uma olhadela obscena e falando num sussurro inconveniente —, não esqueça que na Reserva as crianças ainda *nascem*, sim, elas nascem de fato, por mais revoltante que isso possa parecer...

Esperava que essa alusão a um assunto vergonhoso fizesse Lenina corar; porém, ela contentou-se em esboçar um sorriso de simulada compreensão e retrucar:

— Não diga!

Decepcionado, o Conservador prosseguiu:

— Aqueles, repito, que nascem na Reserva estão destinados a morrer nela.

"Destinados a morrer"... Um decilitro de água-de-colônia por minuto. Seis litros por hora.

— Talvez — tentou novamente Bernard — devamos...

Inclinando-se para a frente, o Conservador bateu com o dedo indicador na mesa.

— Os senhores me perguntam quantas pessoas vivem na Reserva. E eu respondo... — triunfante — eu respondo que não sei. Somente podemos fazer um cálculo aproximado.

— Não diga!

— Digo, minha cara senhorita.

Seis vezes vinte e quatro — não, estaria mais perto de seis vezes trinta e seis. Bernard estava pálido e trêmulo de impaciência. Mas a exposição retumbante continuava, inexorável.

—...Cerca de sessenta mil índios e mestiços... absolutamente selvagens... nossos inspetores visitam de tempos em tempos... fora disso, nenhuma comunicação com o mundo civilizado... ainda conservam seus hábitos e costumes repugnantes... o casamento, se sabe o que isso quer dizer, minha cara senhorita; famílias... nenhum condicionamento... superstições monstruosas... o Cristianismo, o totemismo, o culto dos antepassados... línguas extintas, como o zuni, o espanhol, o atabasco... pumas, porcos-espinhos e outros animais ferozes... moléstias contagiosas... sacerdotes... lagartos venenosos...

— Não diga!

Conseguiram finalmente desvencilhar-se. Bernard correu para o telefone. Depressa, depressa; mas teve de esperar três minutos para obter comunicação com Helmholtz Watson.

— Parece até que já estamos entre os selvagens — queixou-se. — Maldita incompetência!

— Tome um grama de soma — sugeriu Lenina.

Ele recusou, preferindo sua raiva. Até que, enfim, graças a Ford, obteve a ligação e, sim, era Helmholtz; Helmholtz, a quem explicou o que havia acontecido e que prometeu ir à sua casa imediatamente, sim, imediatamente, e fechar a torneira, sim, imediatamente, mas que aproveitou a oportunidade para lhe repetir o que o D.I.C. havia dito em público, na véspera à noite...

— O quê? Está procurando alguém para me substituir? — A voz de Bernard soava angustiada. — Então está mesmo decidido? Ele falou na Islândia? Você diz que sim? Ford! A Islândia...

Desligou o fone e virou-se para Lenina. Seu rosto estava pálido, sua expressão era de completo acabrunhamento.

— Que é que há? — perguntou ela.

— O que há? — deixou-se cair pesadamente numa cadeira. — Vão me mandar para a Islândia.

Muitas vezes, no passado, ele se perguntara o que sentiria se fosse submetido (sem soma e sem poder contar com outra coisa senão seus próprios recursos interiores) a alguma grande provação, a alguma dor; chegara mesmo a desejar ardentemente que tal acontecesse. Apenas uma semana antes, no gabinete do Diretor, imaginara-se resistindo corajosamente, aceitando estoicamente, sem uma palavra, o sofrimento. As ameaças do Diretor haviam-no realmente estimulado, haviam lhe dado a sensação de ser mais do que era. Isso, porém, ele percebia agora; era porque não levara a sério as ameaças, não acreditara que, chegado o momento, o D.I.C. as cumpriria. Agora que elas, segundo parecia, seriam efetivamente postas em execução, Bernard sentia-se aterrado. Daquele estoicismo que imaginara, daquela coragem teórica, não restava nenhum vestígio.

Irritou-se consigo mesmo — que imbecil tinha sido! —, com o Diretor — como era injusto em não lhe proporcionar uma última oportunidade para emendar-se, essa oportunidade que, agora, não tinha a menor dúvida, ele sempre tivera a intenção de aproveitar. E a Islândia, a Islândia...

Lenina balançou a cabeça.

— “Fui” e “serei” me deixam doente — citou —; um grama, e com o “sou” fico contente.

Conseguiu, por fim, convencê-lo a engolir quatro comprimidos de soma. Ao cabo de cinco minutos, as raízes e os frutos haviam desaparecido; a flor do presente desabrochava, inteiramente rósea. Um recado trazido pelo porteiro anunciou-lhes que, por ordem do Conservador, um guarda da Reserva estava à disposição deles, com um helicóptero, e esperava-os no terraço do hotel. Um mulato de uniforme verde-Gama cumprimentou-os e passou a expor o programa da manhã.

Uma olhadela, do alto, a dez ou doze dos principais *pueblos*, depois uma aterrissagem para o almoço no vale de Malpaís. A hospedaria era confortável, e lá em cima, no *pueblo*, os selvagens estariam provavelmente celebrando sua festa de verão. Seria o melhor lugar para passarem a noite.

Embarcaram no helicóptero e partiram. Dez minutos depois, cruzaram a fronteira que separava a civilização do estado selvagem. Por montes e vales, cortando os desertos de sal ou de areia, atravessando florestas, descendo às profundidades violáceas dos cânions, transpondo penhascos, picos e *mesas*, a cerca corria invariavelmente em linha reta, símbolo geométrico do desígnio humano triunfante. E junto a ela, aqui e ali, um mosaico de ossadas brancas, uma carcaça ainda não apodrecida, escura sobre o solo fulvo, marcava o lugar onde veados ou touros, pumas, porcos-espinhos ou coiotes, ou então urubus vorazes atraídos pelas exalações da carniça e fulminados como por uma justiça poética, haviam se aproximado demais dos fios metálicos destruidores.

— Eles nunca aprendem — disse o piloto de uniforme verde, apontando para os esqueletos lá embaixo. — E nunca aprenderão — acrescentou, e riu como se, de algum modo, atribuísse a si um triunfo pessoal sobre os animais eletrocutados.

Bernard pôs-se também a rir; depois de dois gramas de soma, a piada parecia boa, sem que ele soubesse por quê. Riu e quase em seguida adormeceu; e dormindo sobrevoou Taos e Tesuque, Nambe, Picuris e

Pojoaque, Sia e Cochiti, Laguna, Acoma e a Mesa Encantada, Zuni, Cibola e Ojo Caliente, acordando por fim quando o aparelho estava pousado em terra, Lenina carregava as valises para uma pequena casa e o mulato verde-Gama falava uma linguagem incompreensível com um jovem índio.

— Malpaís — explicou o piloto enquanto Bernard saltava do helicóptero. — Aquela é a hospedaria. E há danças hoje à tarde no *pueblo*. Ele os levará — apontou para o jovem selvagem de ar sombrio. — Deve ser engraçado — sorriu, mostrando os dentes. — Tudo o que eles fazem é engraçado — dito isso, subiu ao aparelho e pôs o motor em marcha. — Voltarei amanhã. E, lembre-se — acrescentou em tom tranquilizador para Lenina —, eles são absolutamente inofensivos; os selvagens não lhes farão mal algum. Eles têm bastante experiência com as bombas de gás para saberem que não devem fazer brincadeiras de mau gosto.

Rindo sempre, acionou as hélices, acelerou e partiu.

Sete

A *MESA* PARECIA UM NAVIO retido por uma calmaria num estreito de poeira cor de leão. O canal serpenteava entre margens escarpadas, e, de um a outro dos paredões, corria obliquamente um filete verde: o rio e os campos que regava. Na proa desse navio de pedra no centro do estreito, erguia-se o *pueblo* de Malpaís, como se fizesse parte dele, um afloramento de forma definida e geométrica da rocha nua. Bloco sobre bloco, cada andar menor que o inferior, as casas altas elevavam-se no céu azul como pirâmides com degraus e truncadas. A seus pés, um montão irregular de construções baixas, uma rede de muros; e de três lados, os precipícios caindo em linha reta no vale. Algumas colunas de fumaça subiam verticalmente no ar pesado, e nele se diluíam.

— Estranho — disse Lenina. — Muito estranho — era seu modo habitual de expressar reprovação. — Isto não me agrada. E esse homem também não me agrada — apontou para o guia índio que tinha sido designado para levá-los ao *pueblo* lá em cima. Seu sentimento era evidentemente retribuído: até as costas do homem, que caminhava adiante deles, eram hostis, sombriamente desdenhosas. — E, além disso — baixou a voz —, ele cheira mal.

Bernard não tentou negar. Continuaram sua marcha.

De repente, dir-se-ia que todo o ar tinha adquirido vida, e pulsava, pulsava com o movimento incansável do sangue. Lá em cima, em Malpaís, os tambores rufavam. Seus pés acompanharam o ritmo daquele coração misterioso; eles apressaram o passo. O caminho que percorriam levou-os ao pé do precipício. Os flancos do enorme navio-*mesa* os dominavam de toda a sua altura — noventa metros até a amurada.

— Se pelo menos pudéssemos ter trazido o helicóptero até aqui! — disse Lenina, olhando com ressentimento a superfície nua do rochedo

saliente. — Tenho horror de caminhar, e a gente se sente tão pequena quando está no sopé de uma montanha.

Continuaram a andar por algum tempo à sombra da *mesa*, contornaram um promontório e, finalmente, em um barranco cavado pelas águas, depararam-se com a escada que subia ao tombadilho. Galgaram-na. Era uma trilha muito íngreme, que ziguezagueava de um lado a outro do barranco. Em certos momentos o pulsar dos tambores era quase inaudível, em outros parecia que estavam rufando logo além da primeira curva.

Quando estavam na metade do caminho, uma águia passou voando tão perto deles, que sentiram no rosto o vento frio produzido pelo bater das asas. Em uma brecha do rochedo jazia um grande monte de ossos. Tudo era opressivamente estranho, e o índio exalava um odor cada vez mais forte. Saíram do barranco, por fim, para a plena luz do sol. O topo da *mesa* era um convés chato de pedra.

— Parece a Torre de Charing-T — comentou Lenina.

Mas não lhe foi dado gozar por muito tempo a descoberta dessa semelhança tranquilizadora. Um ruído de passos amortecidos a fez virar-se. Nus do pescoço ao umbigo, com o corpo castanho-escuro raiado de riscas brancas ("como quadras de tênis asfaltadas", explicaria Lenina tempos depois), o rosto tornado inumano pela pintura com tinta escarlate, preta e ocre, dois índios vinham correndo ao longo da trilha. Seus cabelos negros estavam trançados com tiras de pele de raposa e de flanela vermelha. Mantos de plumas de peru flutuavam sobre seus ombros, enormes diademas de penas explodiam em cores vistosas em torno de suas cabeças. A cada passo que davam, ouvia-se o retinir das pulseiras de prata, o chocalhar dos pesados colares de ossos e de contas de turquesa. Aproximaram-se calados, correndo silenciosamente com seus mocassins de camurça. Um deles segurava um espanador; o outro trazia em cada mão coisas que de longe pareciam ser três ou quatro pedaços de corda grossa. Algumas das cordas retorciam-se de modo inquietante e, de súbito, Lenina percebeu que eram cobras.

Os homens aproximaram-se mais e mais; seus olhos sombrios encaravam-na, porém sem darem o menor sinal de a terem visto ou de terem conhecimento da sua existência. A cobra que antes se retorcia agora pendia flacidamente como as outras. Os homens passaram.

— Isto não está me agradando — disse Lenina. — Isto não está me agradando.

Agradou-lhe ainda menos o que a esperava à entrada do povoado, onde o guia os deixou para ir em busca de instruções. A sujeira, em primeiro lugar, os montes de imundície, o pó, os cães, as moscas. O rosto de Lenina franziu-se numa careta de nojo. Levou o lenço ao nariz.

— Mas como é que podem viver assim? — exclamou, numa voz de incredulidade indignada. (Não era possível.)

Bernard deu de ombros filosoficamente.

— Seja como for, faz cinco ou seis mil anos que vivem assim. De modo que já devem estar habituados, suponho.

— Mas a limpeza está próxima da fordeza — insistiu ela.

— Sim, e "civilização é esterilização" — replicou Bernard, completando em tom irônico a segunda lição hipnopédica de higiene elementar. — Mas essa gente nunca ouviu falar em Nosso Ford, e não é civilizada, de modo que não há por que...

— Oh! — ela agarrou-se no braço de Bernard. — Olhe!

Um índio quase nu descia muito vagarosamente a escadinha do terraço do primeiro andar de uma casa ali perto — um degrau após o outro, com a cautela trêmula da extrema velhice. Seu rosto estava enrugado e negro como uma máscara de obsidiana. A boca, sem dentes, era chupada. Nos cantos dos lábios, e de cada lado do queixo, luziam alguns pelos espetados, quase brancos contra a pele escura. Os cabelos compridos, não trançados, caíam-lhe em madeixas grisalhas pelo rosto. O corpo era curvado e tão magro que parecia quase não ter mais carne sobre os ossos. Muito devagar ele descia, parando em cada degrau antes de arriscar outro passo.

— O que é que ele tem? — sussurrou Lenina. Estava com os olhos arregalados de horror e espanto.

— Ele é velho, simplesmente — respondeu Bernard, com toda a indiferença que lhe foi possível aparentar. Estava também sobressaltado, mas fez um esforço para se mostrar imperturbável.

— Velho? — repetiu ela. — Mas o Diretor é velho, e há uma porção de gente que é velha, e no entanto não são assim.

— É porque não deixamos que fiquem assim. Nós os preservamos de doenças, mantemos artificialmente as secreções internas no nível de equilíbrio da juventude. Não deixamos cair a taxa de magnésio e cálcio abaixo do que era aos trinta anos. Fazemos transfusões de sangue jovem. Mantemos o metabolismo estimulado permanentemente. Por isso, sem dúvida, eles não têm esse aspecto. Em parte — acrescentou — também porque a maioria morre antes de atingir a idade daquele velho. A juventude quase intata até os sessenta anos, e depois, zás!, o fim.

Lenina, porém, não o ouvia. Observava o ancião. Ele descia devagar, devagar. Seus pés tocaram o chão. Virou-se; profundamente encovados, seus olhos ainda eram extraordinariamente vivos. Eles a fitaram muito tempo, vazios de expressão, sem surpresa, como se ela não estivesse ali. Depois, lentamente, curvado e arrastando-se, o velho passou diante deles e desapareceu.

— Mas é terrível — murmurou Lenina. — É espantoso. Não devíamos ter vindo aqui.

Tateou no bolso à procura do soma — e só então descobriu que, por um descuido sem precedentes, deixara o vidro na hospedaria. Os bolsos de Bernard também estavam vazios.

Não restava a Lenina senão afrontar, sem socorro exterior, os horrores de Malpaís. Estes se abateram sobre ela, abundantes e rápidos. O espetáculo de duas moças dando o seio a seus bebês fê-la corar e virar o rosto. Nunca tinha visto, em toda sua vida, coisa tão indecente. E o que tornava aquilo ainda pior era que, em vez de fechar os olhos discretamente, Bernard se pôs a fazer comentários francos sobre o revoltante espetáculo vivíparo. Envergonhado, agora que os efeitos do soma tinham desaparecido,

da fraqueza de que dera mostras pela manhã no hotel, ele se esforçava para mostrar-se forte e libertado de opiniões ortodoxas.

— Que relações maravilhosamente íntimas! — disse, ultrapassando deliberadamente todos os limites. — E que intensidade de sentimentos devem criar! Penso muitas vezes que talvez nos tenha faltado algo por não termos tido mãe. E talvez também tenha faltado alguma coisa a você por não *ser* mãe, Lenina. Imagine-se sentada ali, com um pequeno bebê seu...

— Bernard! Como é que você pode...? — a passagem de uma velha com oftalmia e uma doença da pele distraiu-a de sua indignação. — Vamos embora — suplicou. — Tudo isto não me agrada nem um pouco.

Nesse instante, porém, o guia voltou e, fazendo-lhes sinal para que o seguissem, conduziu-os ao longo da estreita rua, entre as casas. Dobraram uma esquina. Um cão morto jazia sobre um monte de lixo; uma mulher com bócio catava piolhos na cabeça de uma menina. O guia deteve-se junto a uma escada, levantou a mão verticalmente, depois estendeu-a horizontalmente para diante. Obedeceram à ordem muda — subiram a escada e, transpondo a porta a que ela dava acesso, entraram num comprido e estreito cômodo, um tanto escuro, que cheirava a fumaça, gordura queimada e roupa usada muito tempo sem lavar. Na outra extremidade do cômodo via-se uma porta pela qual penetrava um raio de sol, assim como o barulho, muito forte e próximo, dos tambores.

Atravessaram o umbral e encontraram-se num espaçoso terraço. Abaixo deles, encerrada entre as casas altas, achava-se a praça da aldeia, fervilhante de índios. Mantos brilhantes, penas espetadas em cabeleiras negras, o refulgir de turquesas, peles escuras lustrosas com o calor. Lenina levou novamente o lenço ao nariz. No espaço livre no centro da praça havia duas plataformas circulares de alvenaria e argila socada — telhados, evidentemente, de câmaras, porque no centro de cada uma das plataformas se abria um alçapão, com uma escada que subia da obscuridade interior. Dali vinha um som de flautas que quase se perdia no rufar persistente e implacável dos tambores.

Lenina gostou dos tambores. Fechando os olhos, entregou-se ao seu trovejar velado e repetido, deixou que lhe invadisse por completo o eu consciente, até que, para ela, não existisse mais do que essa única e profunda pulsação sonora. Ela se lembrava, com tranquilidade, dos ruídos sintéticos das Cerimônias de Solidariedade e das comemorações do Dia de Ford. "Orgião-espadão", murmurou consigo mesma. Os tambores rufavam exatamente no mesmo ritmo.

Houve uma súbita explosão de canto que a sobressaltou — centenas de vozes masculinas gritando num uníssono rouco e metálico. Algumas notas prolongadas, e o silêncio, o silêncio atroador dos tambores; depois, estrídula, como um relincho agudo, a resposta das mulheres. Em seguida, de novo, os tambores; e, ainda uma vez, emitida pelos homens, a afirmação profunda e bravia de sua virilidade.

Estranho — sim. O lugar era estranho, a música também o era; o vestuário, os bócios, as moléstias da pele, os velhos, tudo era estranho. Mas, quanto ao espetáculo em si, não parecia haver nada de particularmente estranho nele.

— Isso me lembra os cantos comunitários das castas inferiores — disse Lenina a Bernard.

Dentro em pouco, porém, a semelhança com aquela cerimônia inócua pareceu-lhe muito menor. Pois, repentinamente, surgiu como um enxame, do fundo daquelas câmaras redondas do subterrâneo, um grupo pavoroso de monstros. Horrendamente mascarados, ou pintados a ponto de perderem todo o aspecto humano, começaram a dançar em torno da praça, batendo com os pés no chão, numa estranha dança claudicante; davam voltas sem parar, cantando e marchando, outra vez, ainda outra — um pouco mais depressa a cada volta; e os tambores mudaram e aceleraram o ritmo, que se tornou semelhante ao latejar da febre nos ouvidos; e a multidão começou a fazer coro com os dançarinos, em tom cada vez mais alto; e uma primeira mulher urrou, depois outra, e mais outra, como se as estivessem matando; e depois, subitamente, o que ponteava a dança destacou-se do círculo, correu para um grande baú de madeira que havia na

extremidade da praça, ergueu a tampa e tirou um par de cobras negras. Um urro vigoroso se ergueu na multidão, e todos os demais dançarinos correram para ele com as mãos estendidas. O homem atirou as cobras para os primeiros que chegaram, depois tornou a mergulhar as mãos no baú. Novas serpentes, negras, pardas, malhadas — ele as ia tirando e arremessando para os outros. Então a dança recomeçou num ritmo diferente. Fizeram e refizeram a volta da praça, com suas serpentes, serpenteando com um leve movimento ondulatório dos joelhos e dos quadris. Volta após volta. Depois o líder fez um sinal e, uma após outra, todas as serpentes foram atiradas ao chão, no meio da praça; um ancião saiu do subsolo e polvilhou-as com farinha de trigo; pelo outro alçapão surgiu uma mulher que as borrifou com água de um jarro preto. A seguir, o velho ergueu a mão e logo, surpreendente e aterradoramente, se fez um silêncio absoluto. Os tambores cessaram de rufar, a vida parecia ter acabado. O ancião apontou para os dois alçapões que davam acesso ao mundo inferior. E lentamente, erguidas por mãos invisíveis, emergiram, de um, a imagem pintada de uma águia, e de outro, a de um homem nu pregado numa cruz. Ali ficaram aparentemente gravitando, como se observassem. O velho bateu palmas. Quase nu, com apenas uma tanga de algodão branco, um rapaz de cerca de dezoito anos destacou-se da multidão e manteve-se diante do velho, com as mãos cruzadas sobre o peito e a cabeça baixa. O ancião fez sobre ele o sinal-da-cruz e afastou-se. Lentamente, o rapaz se pôs a caminhar ao redor do monte de serpentes que se retorciam. Tinha terminado a primeira volta e estava no meio da segunda quando um homem de elevada estatura, com máscara de coiote e trazendo na mão um chicote de couro trançado, saiu da roda dos dançarinos e avançou para ele. O rapaz continuou sua marcha como se não o tivesse percebido. O homem-coiote levantou o chicote; houve um longo momento de expectativa, depois um movimento rápido, o sibilar do látego e seu impacto sonoro e seco na carne. O corpo do rapaz teve um estremecimento, mas ele não soltou nem um gemido e continuou sua marcha no mesmo passo lento e regular. O coiote deu outro golpe, e outro, e mais outro; a cada chicotada elevava-se da multidão um suspiro convulsivo,

depois um gemido profundo. O rapaz continuou a caminhar. Duas, três, quatro vezes fez a volta da praça. O sangue escorria abundantemente. Cinco voltas, seis voltas. Súbito, Lenina tapou o rosto com as mãos e pôs-se a soluçar. — Oh, faça-os parar, faça-os parar — implorou. Mas o látego batia, batia inexoravelmente. Sete voltas. Então, de repente, o rapaz tropeçou e, sempre sem emitir um som sequer, caiu para a frente. Inclinando-se sobre ele, o ancião tocou-lhe as costas com uma comprida pena branca, ergueu-a no ar um momento, rubra, para que todos a vissem, depois a sacudiu três vezes sobre as cobras. Dela caíram algumas gotas, e repentinamente os tambores rufaram de novo em torrentes de notas precipitadas; ouviu-se um grande brado. Os dançarinos lançaram-se para a frente, recolheram as serpentes e saíram correndo da praça. Homens, mulheres e crianças, toda a multidão saiu correndo atrás deles. Um minuto depois, a praça estava vazia; ficara apenas o rapaz, estendido de bruços, no lugar onde caíra, absolutamente imóvel. Três velhas saíram de uma das casas, ergueram-no com alguma dificuldade e o levaram para dentro. A águia e o homem crucificado permaneceram algum tempo de guarda sobre o *pueblo* deserto; depois, como se já tivessem visto o bastante, baixaram lentamente, cada um por seu alçapão, desaparecendo no mundo subterrâneo.

Lenina continuava a soluçar.

— Mas é horroroso! — repetia sem cessar, e todas as consolações de Bernard foram vãs. — É horroroso! Aquele sangue! — estremeceu. — Ah, se eu tivesse o meu soma!

Ouviu-se um ruído de passos no cômodo.

Lenina não se moveu, permaneceu sentada, o rosto escondido nas mãos, sem nada ver, alheia. Somente Bernard se virou.

O vestuário do jovem que apareceu nesse momento, no terraço, era o de um índio; mas seus cabelos trançados eram cor de palha, tinha os olhos azul-claros, sua pele era branca, bronzeada.

— Olá! Bons dias! — disse o desconhecido, em inglês impecável mas peculiar. — São civilizados, não? Vêm do Outro Lado, de fora da Reserva?

— Quem, grande Ford... ? — começou Bernard, espantado.

O jovem suspirou e balançou a cabeça.

— Um homem bem infeliz — e, apontando com o dedo as manchas de sangue no centro da praça, perguntou, com voz trêmula de emoção: — Veem essa “mancha maldita”?[2]

— “Um grama vale mais que o mal que se proclama” — disse maquinalmente Lenina por entre as mãos que lhe cobriam o rosto. — Ah, se ao menos eu tivesse o meu soma!

— *Eu* é que devia ter estado ali — prosseguiu o jovem. — Por que não me aceitaram como vítima? Eu teria dado dez voltas, quinze, vinte. Palowhtiwa não foi além de sete. De mim eles poderiam ter obtido duas vezes mais sangue. “Tingir de sangue os mares tumultuosos...”[3] — Abriu os braços num gesto largo; depois, com desespero, deixou-os cair. — Mas não me permitiram. “Eu lhes desagradava por causa da minha tez.”[4] Foi sempre assim. Sempre. — tinha os olhos rasos de lágrimas; sentiu vergonha e virou o rosto.

O espanto fez Lenina esquecer a falta de soma. Tirou as mãos das faces e, pela primeira vez, olhou o desconhecido.

— Quer dizer que *desejava* ser chicoteado?

Ainda com os olhos desviados, o jovem fez um sinal afirmativo.

— Para o bem do *pueblo*, para fazer vir a chuva e crescer o trigo. E para agradar a Pukong e a Jesus. E também para mostrar que sou capaz de suportar a dor sem gritar. Sim — e sua voz subitamente tomou um timbre novo; virou-se, ergueu altivamente os ombros, levantou a cabeça com orgulho, com um ar de desafio —, para mostrar que sou um homem... Oh!

Teve uma respiração convulsa e calou-se, boquiaberto. Pela primeira vez na vida via o rosto de uma moça cujas faces não eram cor de chocolate ou de pele de cão, cujos cabelos eram castanho-claros e permanentemente ondulados, e cuja expressão (surpreendente novidade!) era de benévolo interesse. Lenina sorria-lhe; que rapaz simpático, pensava ela, e que corpo bonito! O sangue afluiu ao rosto do jovem; baixou os

olhos, levantou-os um instante, somente para ver que ela continuava a sorrir-lhe, e ficou de tal modo perturbado que teve de virar-se e fingir que estava olhando atentamente alguma coisa do outro lado da praça.

As perguntas de Bernard lhe desviaram a atenção. Quem? Como? Quando? De onde? Mantendo os olhos fixos no rosto de Bernard (pois ele sentia um desejo tão intenso de ver Lenina sorrindo que simplesmente não se atrevia a olhá-la), o jovem procurou explicar sua presença. Linda e ele — Linda era sua mãe (essa palavra deixou Lenina contrafeita) — eram estranhos na Reserva. Linda viera de longe, do Outro Lado, havia muito tempo, antes de ele ter nascido, com um homem de quem era filho. (Bernard prestou mais atenção.) Ela saíra a caminhar por aquelas montanhas que ficavam lá para o norte, caíra de um lugar escarpado e ferira a cabeça.

— Continue, continue — disse Bernard com excitação.

Caçadores de Malpaís acharam-na e levaram-na para o *pueblo*. Quanto ao homem de quem era filho, Linda nunca mais o viu. Chamava-se Tomakin. (Sim, o prenome do D.I.C. era Thomas.) Decerto fora embora para o Outro Lado, sem ela — um homem mau, impiedoso, sem escrúpulos.

— De modo que nasci em Malpaís — disse em conclusão. — Em Malpaís. — E balançou a cabeça.

A sordidez daquela casinha nas cercanias do *pueblo*!

Um terreno coberto de poeira e imundície separava-a da aldeia. Dois cães famintos fuçavam de maneira repelente o lixo espalhado diante da porta. No interior, quando eles entraram, a penumbra cheirava mal e zumbia com o voo das moscas.

— Linda! — chamou o rapaz.

Do fundo do outro cômodo, uma voz feminina um tanto rouca respondeu: “Já vou”. Eles esperaram. No chão, em tigelas, viam-se restos de uma refeição, talvez de várias refeições.

A porta abriu-se. Uma mulher loura muito gorda transpôs o umbral e ficou parada, fitando os visitantes com um olhar incrédulo, boquiaberta.

Lenina notou com repugnância que lhe faltavam dois dentes da frente. E a cor dos que ainda restavam!... Teve um estremecimento. Era pior do que o velho. Tão gorda! E todas aquelas rugas no rosto, aquelas carnes moles pendentes, aquelas dobras! E as bochechas caídas, com aquelas manchas arroxeadas! E as veias vermelhas no nariz, os olhos injetados! E aquele pescoço — aquele pescoço; e a manta que usava sobre a cabeça — esfarrapada e imunda. E sob a túnica parda, em forma de saco, aqueles seios enormes, a saliência do ventre, as ancas! Oh, muito pior que o velho, muito pior! E, de repente, aquela criatura prorrompeu numa torrente de palavras, precipitou-se para ela com os braços abertos e — Ford! Ford! era repugnante demais, ainda um minuto e ela teria náuseas — apertou-a contra aquela saliência, contra aquele peito, e pôs-se a beijá-la, Ford!, a *beijá-la*, babando — e o seu cheiro era abominável, evidentemente nunca tomava banho, e recendia àquele produto horrível que se punha nos frascos dos Deltas e dos Ípsilons (não, não era verdade o que se dizia a respeito de Bernard), realmente cheirava a álcool! Lenina desprendeu-se dela o mais depressa que pôde.

Achou-se frente a frente com um rosto desfigurado e banhado em lágrimas; a criatura estava chorando.

— Oh, minha querida, minha querida! — a torrente de palavras fluía entre soluços. — Se soubesse como estou contente, depois de tantos anos! Um rosto civilizado! Sim, e roupas civilizadas! Porque eu pensava que nunca mais tornaria a ver um pedaço de legítima seda de acetato! — tateou com os dedos a manga da blusa de Lenina. Suas unhas estavam pretas. — E esse adorável calção de belbutina de viscose! Sabe, minha querida, eu ainda tenho minhas velhas roupas, aquelas com que vim, guardadas numa caixa. Eu lhe mostrarei mais tarde. Se bem que, naturalmente, o acetato está todo esburacado. Mas a cartucheira branca é *tão* linda... embora deva reconhecer que a sua, de pseudomarroquim verde, é ainda mais bonita. Verdade é que não me serviu para muita coisa aquela cartucheira — suas lágrimas recomeçaram a correr. — John deve ter lhes contado isso. O que eu sofri, e sem possibilidade de conseguir um grama de

soma. Apenas um gole de mescal de tempos em tempos, quando Popé me trazia. Popé é um rapaz que eu conheci. Mas o mescal deixa a gente tão indisposta depois, e o *peyotl* dá náuseas; e, além disso, tornava ainda mais penosa aquela horrível sensação de vergonha no dia seguinte. E eu tinha tanta vergonha! Imagine: eu, uma Beta, ter um bebê; ponha-se no meu lugar! — a simples sugestão fez Lenina estremecer de horror. — Se bem que não foi por minha culpa, juro; porque até hoje não sei como foi isso, visto que fiz todos os exercícios malthusianos; você sabe, contando: um, dois, três, quatro. Sempre, juro; o que não impede que, apesar de tudo, tenha acontecido; e naturalmente não havia aqui nada parecido com um Centro de Abortos. A propósito, ele continua em Chelsea? — perguntou. Lenina fez um sinal afirmativo com a cabeça. — E sempre iluminado com projetores nas terças e sextas? — Lenina fez novamente que sim. — Aquela linda torre de vidro rosa! — a pobre Linda ergueu o rosto e, de olhos cerrados, contemplou extasiada a imagem brilhante da recordação. — E o Tâmisa, à noite... — murmurou. Grossas lágrimas escoaram-se lentamente por entre as pálpebras fechadas. — E a volta de helicóptero, ao entardecer, de Stoke Poges. E depois o banho quente e uma massagem a vibro-vácuo... Mas aí está — respirou profundamente, balançou a cabeça, abriu os olhos, fungou uma ou duas vezes, por fim assoou nos dedos e limpou-os na bainha da túnica. — Oh, desculpe — disse, em resposta à involuntária careta de nojo que Lenina fez. — Não devia ter feito isso. Desculpe. Mas que é que se vai fazer quando não se tem um lenço? Eu me lembro como isso me atormentava, toda esta imundície, e nada de asséptico! Estava com um corte horrível na cabeça, quando me trouxeram para cá. Você não imagina o que punham na ferida. Imundície, pura imundície. “Civilização é Esterilização”, eu dizia a eles. E “No meu estreptococo alado,/ Voa a Banbury-T,/ Para ver meu banheiro niquelado/ Com um W.C.”,[5] como se fossem crianças. Mas não compreendiam, está claro. Como poderiam compreender? E, afinal de contas, acabei me habituando, suponho. De qualquer forma, como seria possível conservar tudo limpo, sem água quente encanada? E olhe esta

roupa. Esta lã horrível não é como o acetato. Ela dura, dura!... E a gente é obrigada a remendá-la, se por acaso se rasga. Mas eu sou uma Beta; trabalhava na Sala de Fecundação; nunca ninguém me ensinou a fazer essas coisas. Não era minha obrigação. Além disso, nunca foi direito remendar roupa. É atirar fora quando estiverem estragadas e comprar novas. "Quanto mais se remenda, menos se aproveita." Não é verdade? Remendar é antissocial. Mas aqui tudo é diferente. É como se a gente vivesse no meio de loucos. Tudo o que fazem é loucura — lançou um olhar em redor, viu que John e Bernard as tinham deixado e caminhavam de um lado para outro lá fora, na poeira e no lixo; mesmo assim, baixou confidencialmente a voz, inclinando-se de tal modo, enquanto Lenina se retesava e recuava, que seu hálito empestado de veneno para embriões agitava os cabelos que caíam no rosto da jovem. — Por exemplo — disse, num murmúrio rouco —, veja como os casais se unem aqui. É uma loucura, uma completa loucura. Cada um pertence a todos, não é? Não é? — insistiu, puxando a manga de Lenina. Esta, virando a cabeça, fez um sinal afirmativo, expirou o ar que havia retido e conseguiu inspirar um ar relativamente puro. — Pois bem, aqui — prosseguiu a outra — ninguém pode pertencer a mais de uma pessoa. E se a gente procede como de costume, os outros acham isso imoral e antissocial. A gente é odiada e desprezada. Uma vez, estiveram aqui umas quantas mulheres e me fizeram uma cena porque os homens vinham me visitar. E por que não? E depois se atiraram sobre mim... Não, foi horrível demais. Nem posso lhe contar isso — Linda cobriu o rosto com as mãos e estremeceu. — Como as mulheres aqui são odiosas! Loucas, loucas e cruéis. E, é claro, não sabem nada de exercícios malthusianos, bocais, decantação, essas coisas todas. E por isso estão sempre tendo filhos, como cadelas. É revoltante! E pensar que eu... Oh, Ford, Ford, Ford!... Entretanto, John foi um grande consolo, é verdade. Não sei o que teria sido de mim sem ele. Apesar de que se eriçava todo quando um homem... Mesmo no tempo em que era pequeno. Uma vez (mas ele já era maior, nessa época) tentou matar o pobre do Waihusiwa (ou seria Popé?) simplesmente porque eu o recebia às vezes. Nunca consegui fazê-lo compreender que é assim que

devem proceder as pessoas civilizadas. A loucura é contagiosa, acho. Em todo caso, parece que John a contraiu com os índios. Porque, naturalmente, convivia muito com eles. Embora tenham sido sempre muito maus com ele, não o deixando fazer o que as outras crianças faziam; o que, por outro lado, era uma vantagem, porque me facilitava o trabalho de condicioná-lo um pouco. Mas você não faz ideia de como isso é difícil. Há tanta coisa que a gente não sabe; não era minha obrigação saber. Quero dizer: se uma criança pergunta como funciona um helicóptero, ou quem foi que fez o mundo... bem, que é que se vai responder, quando se é uma Beta que sempre trabalhou na Sala de Fecundação? Que é que se vai responder?

Oito

LÁ FORA, no meio da poeira e do lixo (havia agora quatro cães), Bernard e John caminhavam lentamente de um lado para outro.

— Para mim é tão difícil de compreender, de reconstruir — dizia Bernard. — Como se vivêssemos em planetas diferentes, em séculos diferentes. Uma mãe, e toda esta sujeira, e os deuses, a velhice, a doença... — balançou a cabeça. — É quase inconcebível. Nunca chegarei a compreender, a menos que você me explique.

— Que explique o quê?

— Isto — indicou o *pueblo*. — Aquilo — e dessa vez era a casinha fora da aldeia. — Tudo. Toda a sua vida.

— Mas que é que devo dizer?

— Desde o começo. Desde a época mais remota que você possa recordar.

— Desde a época mais remota que eu possa recordar — John franziu a testa.

Houve um longo silêncio.

Fazia muito calor. Tinham comido muitas *tortillas* e milho doce. Linda disse: "Vem te deitar, Nenê". Deitaram-se juntos na cama grande. "Canta." E Linda cantou... Cantou: "No meu estreptococo alado,/ Voa a Banbury-T" e "Adeus, bebezinho, em breve serás decantado". Sua voz tornou-se cada vez mais indistinta...

Houve um ruído forte e John acordou sobressaltado. Um homem estava em pé ao lado da cama, enorme, pavoroso. Dizia qualquer coisa a Linda, que ria. Ela puxara o cobertor até o queixo, mas o homem tornou a descobri-la. Os cabelos dele pareciam duas cordas pretas, e em torno do braço tinha uma bonita pulseira de prata, com pedras azuis. John gostou da

pulseira, mas, ainda assim, teve medo; escondeu o rosto contra o corpo de Linda. Esta pousou a mão sobre ele, que se sentiu mais seguro. Empregando aquelas outras palavras que ele não compreendia muito bem, ela disse ao homem: “Não com John aqui”. O homem olhou para ele, depois novamente para Linda, e disse algumas palavras em voz suave. Linda tornou a dizer: “Não”. Mas o homem inclinou-se para ele sobre a cama, e sua cara era enorme, terrível; as cordas negras dos cabelos tocavam nas cobertas. “Não”, repetiu Linda, e ele sentiu que sua mão o segurava com mais força. “Não, não!” Então o homem o agarrou por um braço e ele sentiu dor. E gritou. O homem estendeu a outra mão e levantou-o. Linda continuava a segurá-lo e dizia sempre: “Não, não”. O homem disse umas poucas palavras em tom irritado, e de repente as mãos de Linda soltaram-no. “Linda, Linda!”, esperneou, torceu-se, mas o homem levou-o até a porta, abriu-a, deitou-o no chão no meio do outro cômodo e fechou a porta atrás de si. Ele se levantou e correu para a porta. Espichando-se na ponta dos pés, mal pôde alcançar a tranca de madeira. Levantou-a e empurrou; mas a porta não se abriu. “Linda!”, gritou. Ela não respondeu.

Ele se lembrava de um cômodo imenso, um pouco escuro; e havia ali grandes armações de madeira, às quais estavam atados cordões, e uma porção de mulheres em redor — tecendo cobertores, disse Linda. Esta mandou que ele se sentasse no canto com as outras crianças, enquanto ela ia ajudar as mulheres. Ele brincou um bom tempo com os garotinhos. De repente, começaram a falar muito alto, e lá estavam as mulheres empurrando Linda, e ela estava chorando. Linda dirigiu-se para a porta e ele correu atrás. Perguntou a ela por que elas estavam zangadas. “Porque eu quebrei qualquer coisa.” E então ela também se enraiveceu. “Como é que eu ia saber lidar com esses malditos teares?”, disse. “Selvagens nojentos!” Ele então perguntou-lhe o que eram selvagens. Quando chegaram a sua casa, Popé estava esperando à porta e entrou com eles. Trazia uma cabaça grande cheia de uma coisa que parecia água; mas não era água, era uma coisa que tinha mau cheiro, queimava a boca e fazia a gente tossir. Linda bebeu e também Popé, e então Linda riu muito e falou muito alto. Depois

ela e Popé foram para o outro cômodo. Quando Popé foi embora, ele entrou. Linda estava deitada na cama e dormia tão profundamente que ele não pôde acordá-la.

Popé vinha com frequência. Dizia que a coisa que trazia na cabaça se chamava *mescal*; mas Linda dizia que deveria chamar-se soma, com a diferença que deixava a gente doente, depois. Ele detestava Popé. Detestava todos — todos os homens que vinham visitar Linda. Uma tarde em que estivera brincando com as outras crianças — fazia frio, lembrava-se, e havia neve nas montanhas —, voltou para casa e ouviu vozes irritadas no quarto de dormir. Eram vozes de mulheres, e diziam palavras que ele não compreendia, mas sabia que eram palavras horríveis. Depois, de súbito, *craque*! — derrubaram alguma coisa, e ouviu gente ir e vir rapidamente; houve um novo estrondo e depois um barulho semelhante ao produzido quando se açoita uma mula, mas não tão seco; então Linda gritou: “Oh, não, não, não!” Ele correu para dentro do quarto. Havia três mulheres vestidas com mantos escuros. Linda estava deitada. Uma das mulheres segurava-lhe os pulsos. Outra estava deitada, atravessada sobre suas pernas, para que ela não pudesse dar pontapés. A terceira batia-lhe com um chicote. Uma, duas, três vezes, e a cada vez Linda gritava.

Chorando, ele puxou as franjas do manto da mulher. “Por favor, por favor!” Com a mão livre, a mulher o manteve a distância. O chicote desceu, e de novo Linda gritou. Ele agarrou a enorme mão bronzeada da mulher e mordeu-a com toda a força. Ela deu um grito, libertou a mão com uma sacudida e empurrou-o com tamanha violência que o fez cair. Enquanto estava caído no chão, a mulher deu-lhe três chicotadas. Doeram-lhe mais que tudo que já havia sentido — como fogo. O chicote sibilou novamente e desceu. Dessa vez, porém, foi Linda quem gritou.

— Mas por que é que elas queriam te fazer sofrer, Linda? — perguntou naquela noite. Ele chorava porque os vergões vermelhos do chicote nas costas ainda lhe doíam horrivelmente. Mas também chorava porque as pessoas eram tão más e injustas e porque ele era apenas um menino e não podia fazer nada contra elas. Linda também chorava. Ela era

grande, mas não era bastante forte para lutar contra as três. Para ela também não era justo. — Mas por que é que elas queriam te fazer sofrer, Linda?

— Não sei. Como é que eu vou saber? — era difícil ouvir o que ela dizia, porque estava deitada de bruços, com o rosto no travesseiro. — Disseram que esses homens são os homens delas — continuou, e não parecia estar falando com ele; parecia estar falando com alguém que estivesse dentro dela mesma. Uma longa conversa que ele não compreendeu; e, por fim, recomeçou a chorar, mais alto que nunca.

— Oh, não chore, Linda. Não chore.

Aproximou-se dela. Passou-lhe o braço em volta do pescoço. Linda deu um grito: — Ah! Cuidado! Meu ombro! Oh! — e repeliu-o brutalmente. Sua cabeça bateu na parede. — Pequeno idiota! — gritou ela e, de repente, começou a dar-lhe tapas. Zás! Zás!...

— Linda! — exclamou ele. — Oh, mãe, não faça isso!

— Eu não sou tua mãe! Não quero ser tua mãe!

— Mas, Linda... Oh! — ela deu-lhe uma bofetada.

— Transformada numa selvagem! — vociferou. — Tendo filhos como um animal!... Se não fosse por tua causa, eu poderia ter ido procurar o Inspetor, poderia ter saído daqui. Mas não com um bebê. Teria sido vergonhoso demais!

Viu que ela ia bater-lhe outra vez e levantou o braço para proteger o rosto.

— Oh, não, Linda, não, por favor!

— Animalzinho! — ela baixou seu braço, descobrindo-lhe o rosto.

— Não, Linda! — fechou os olhos, esperando o golpe.

Mas o golpe não veio. Ao cabo de um instante, abriu os olhos e viu que ela o fitava. Tentou sorrir para ela. Repentinamente, ela envolveu-o em seus braços e cobriu-o de beijos.

Às vezes, durante dias, Linda sequer se levantava. Ficava na cama, mergulhada em tristeza. Ou então bebia o líquido que Popé trazia, ria muito e adormecia. Algumas vezes vomitava. Com frequência esquecia-se de

banhá-lo, e não havia nada que comer, a não ser *tortillas* frias... Lembrava-se da primeira vez em que ela achara aqueles bichinhos nos seus cabelos, como ela gritara, gritara.

Os momentos mais felizes eram aqueles em que ela lhe falava sobre o Outro Lado. "E a gente pode mesmo ir voar sempre que tem vontade?"

"Sempre que tem vontade." E ela falava na linda música que saía de uma caixa; em todos os jogos encantadores que havia, nas coisas deliciosas para comer e beber; na luz que aparecia quando se apertava uma pequena coisa na parede; nas imagens que era possível não só ver, mas também ouvir, tocar e cheirar; em outra caixa para fazer cheiros agradáveis; nas casas róseas, verdes, azuis, prateadas, altas como montanhas; ela lhe contava como todos eram felizes, sem que jamais alguém estivesse triste ou zangado; como cada um pertencia a todos; falava-lhe de caixas em que se podia ver e ouvir o que se passava do outro lado do mundo; de bebês em lindos bocais limpos — tudo tão limpo, sem maus cheiros, sem sujeira; e lhe contava que ninguém se sentia só, mas todos viviam juntos, alegres e felizes, como durante as danças de verão aqui em Malpaís, mas muito mais felizes, com a felicidade permanente, cada dia, todos os dias... Ele a ouvia horas a fio. E, por vezes, quando ele e as outras crianças estavam cansados de brincar, um dos velhos do *pueblo* falava-lhes, com aquelas outras palavras, do grande Transformador do Mundo e da longa luta entre a Mão Direita e a Mão Esquerda, entre o Úmido e o Seco; do Awonawilona, que, uma noite, só com o pensamento, fez um nevoeiro espesso e desse nevoeiro criou em seguida o mundo; da Mãe Terra e do Pai Céu; de Ahaiyuta e Marsailema, os gêmeos da Guerra e do Acaso; de Jesus e de Pukong; de Maria e de Etsanatlehi, a mulher que se faz novamente jovem; da Pedra Negra de Laguna e da Grande Águia e de Nossa Senhora de Acoma. Histórias estranhas, tanto mais maravilhosas para ele porque eram contadas por meio daquelas outras palavras e, por isso, não completamente entendidas. Deitado na cama, ele pensava no Céu e em Londres, em Nossa Senhora de Acoma e nas fileiras e mais fileiras de bebês em bonitos bocais

bem limpos, em Jesus voando para o alto e em Linda também voando, no grande Diretor Mundial de Incubação e em Awonawilona.

Muitos homens vinham visitar Linda. Os meninos começavam a apontá-lo com o dedo. Empregando também aquelas outras palavras estranhas, diziam que Linda era má; chamavam-na por nomes que ele não compreendia, mas que sabia serem nomes feios. Um dia, cantaram uma cantiga sobre ela, várias vezes seguidas. Ele atirou-lhes pedras. Os meninos revidaram; uma pedra pontuda cortou-lhe o rosto. O sangue não parava de correr; ficou todo coberto de sangue.

Linda ensinou-o a ler. Com um pedaço de carvão de lenha, ela desenhava figuras na parede — um animal sentado, um bebê num bocal; depois escrevia letras. O GATO ESTÁ NO MATO. O BEBÊ ESTÁ NO BOBÔ. Ele aprendia depressa e com facilidade. Quando soube ler todas as palavras que ela escrevia na parede, Linda abriu sua grande caixa de madeira e tirou debaixo daquele esquisito calção vermelho, que não usava nunca, um livro pequeno e fino. Ele já o vira muitas vezes. “Quando for maior”, ela dissera, “poderás lê-lo”. Bem, agora ele já estava bastante grande. Sentiu-se orgulhoso. “Receio que não ache isso muito interessante, mas é só o que tenho”, disse ela. Suspirou. “Se pudesse ver as lindas máquinas de leitura que temos em Londres!” Ele começou a ler: *O Condicionamento Químico e Bacteriológico do Embrião. Instruções Práticas para os Trabalhadores Betas dos Depósitos de Embriões.* Precisou de um quarto de hora só para ler o título. Atirou o livro no chão. “Livro nojento, livro nojento!”, exclamou, e pôs-se a chorar.

Os garotos continuavam cantando sua horrível cantiga acerca de Linda. Às vezes também faziam troça dele por andar tão maltrapilho. Quando ele rasgava as roupas, Linda não sabia remendá-las. No Outro Lado, dizia ela, as pessoas jogavam fora as roupas rasgadas e compravam outras, novas. “Esfarrapado, esfarrapado!”, gritavam os meninos. “Mas eu sei ler”, dizia consigo mesmo, “e eles não sabem. Nem sabem o que é ler.”

Para ele, era mesmo fácil, se se concentrava o suficiente na ideia de saber ler, fingir que não se importava quando os outros zombavam dele. Pediu a Linda que lhe desse novamente o livro.

Quanto mais os garotos o apontavam com o dedo, mais se aplicava à leitura. Logo se achou em condições de ler perfeitamente bem todas as palavras. Até as mais compridas. Mas o que significavam? Interrogava Linda; porém, mesmo quando ela podia responder, isso não lhe esclarecia muito. E, em geral, ela era absolutamente incapaz de responder.

— O que são produtos químicos? — perguntava ele.

— Oh, são coisas como sais de magnésio, e álcool para manter retardados os Deltas e Ípsilons, e carbonato de cálcio para os ossos, e todas as coisas do mesmo gênero.

— Mas como é que são feitos os produtos químicos, Linda? De onde é que eles vêm?

— Bom, isso eu não sei. Eles estão em frascos. E quando os frascos se esvaziam, manda-se buscar mais no Depósito de Produtos Químicos. É o pessoal do Depósito quem os faz, penso eu. Ou senão mandam buscá-los na fábrica. Mas não sei bem. Nunca estudei Química. Meu trabalho sempre foi com os embriões.

O mesmo acontecia com todas as outras coisas sobre as quais ele a interrogava. Linda parecia que nunca sabia nada. Os anciãos do *pueblo* tinham respostas bem mais categóricas.

"A semente do homem e de todas as criaturas, a semente do sol e a da terra, e a semente do céu — foi Awonawilona quem as criou todas, a partir do Nevoeiro do Crescimento. Ora, o mundo tem quatro matrizes, e ele depôs as sementes na mais baixa das quatro. E pouco a pouco as sementes começaram a crescer..."

Um dia (John calculou, mais tarde, que devia ter sido pouco depois do seu décimo segundo aniversário), entrou em casa e achou no chão do quarto de dormir um livro que nunca tinha visto. Era um livro grosso, que parecia muito antigo. A encadernação tinha sido roída pelos ratos, algumas

páginas estavam soltas e amarrotadas. Apanhou-o e olhou a primeira página; o livro intitulava-se *Obras completas de William Shakespeare*.

Linda estava deitada na cama, bebericando uma xícara daquele horrível e malcheiroso mescal.

— Foi Popé quem o trouxe — disse ela com uma voz espessa e rouca, como se fosse a de outra pessoa. — Estava numa das arcas da Kiva do Antílope.[6] Dizem que estava lá há centenas de anos. Deve ser verdade, porque passei os olhos por ele e me pareceu cheio de bobagens. Incivilizado. De qualquer modo, sempre servirá para se exercitar na leitura.

Tomou um último gole, pôs a xícara no chão perto da cama, virou-se para o lado, deu um ou dois soluços e adormeceu.

Ele abriu o livro ao acaso:

Ah! não, mas viver
No suor fétido de um leito imundo,
Mergulhado na corrupção, acariciando e fazendo amor
Por sobre a asquerosa pocilga...[7]

As palavras estranhas redemoinharam em seu espírito, reboando como um trovão que falasse; como os tambores das danças de verão, se pudessem expressar-se em palavras; como os homens cantando a Canção do Trigo, bela, bela de fazer chorar; como o velho Mitsima pronunciando fórmulas mágicas sobre suas penas, seus bastões esculpidos e seus pedaços de pedra e de ossos — *kiathla tsilu silokwe silokwe silokwe. Kiai silu silu, tsithl* —, mas ainda melhores do que as fórmulas mágicas de Mitsima, porque possuíam mais sentido; porque era a ele que se dirigiam; porque falavam, de modo maravilhoso e apenas em parte compreensível, em fórmulas terríveis e esplêndidas, de Linda; de Linda deitada ali e ressonando, a xícara vazia no chão ao lado da cama; de Linda e de Popé, de Linda e de Popé.

Cada vez mais odiava Popé. Um homem pode prodigalizar sorrisos e não ser mais que um celerado. Traidor, devasso, celerado sem remorsos e sem entranhas. Que significavam exatamente essas palavras? Não sabia

bem. Mas sua magia era poderosa e continuava retumbando em sua cabeça, e, de algum modo, era como se nunca tivesse realmente odiado Popé; como se não o tivesse verdadeiramente odiado porque nunca pudera dizer quanto o odiava. Agora, porém, ele tinha aquelas palavras, aquelas palavras que eram como rufar de tambores, cantos e fórmulas mágicas. Aquelas palavras, e a estranha, estranha história de onde eram tiradas (história sem pé nem cabeça para ele, mas ainda assim era maravilhosa, maravilhosa), davam-lhe uma razão para odiar Popé, tornavam seu ódio mais real; tornavam mais real o próprio Popé.

Um dia em que entrou em casa depois de brincar, estava aberta a porta do quarto, e viu-os deitados na cama, adormecidos — Linda bem branca e Popé quase preto ao lado dela, um braço passado sob seus ombros, a outra mão bronzeada descansando sobre seu peito e uma das tranças dos compridos cabelos do homem atravessada na garganta de Linda, como uma serpente negra que tentasse estrangulá-la. A cabaça de Popé e uma xícara estavam no chão, perto da cama. Linda ressonava.

Pareceu-lhe que seu coração se desvanecera, deixando um vácuo. Sentia-se vazio. Vazio, com frio, um pouco nauseado, e tonto. Encostou-se na parede para firmar-se. Traidor, devasso, sem remorsos... Como tambores, como os homens cantando o encantamento do trigo, como fórmulas mágicas, as palavras repetiam-se, repetiam-se em sua cabeça. Depois da sensação de frio, sentiu subitamente um grande calor. Estava com as faces ardendo sob o afluxo do sangue, o quarto girava e escurecia diante de seus olhos. Rangeu os dentes. “Vou matá-lo, vou matá-lo, vou matá-lo”, repetia sem cessar. E subitamente lhe ocorreram outras palavras.

> *Quando ele estiver embriagado a dormir, ou em sua cólera,*
>
> *Ou no incestuoso prazer de seu leito...*[8]

As fórmulas mágicas estavam de seu lado, a magia explicava e dava ordens. Voltou para o cômodo da frente. “Quando ele estiver embriagado a dormir...” A faca de cozinha estava no chão, junto à lareira. Pegou-a e

encaminhou-se novamente para a porta nas pontas dos pés. “Quando ele estiver embriagado a dormir...” Atravessou o quarto correndo e golpeou — oh, o sangue! —, golpeou de novo enquanto Popé acordava num tranco, levantou a mão para golpear mais uma vez, porém sentiu seu pulso agarrado, dominado e — oh! oh! — torcido. Não podia se mover, achava-se preso numa armadilha, e ali estavam os pequenos olhos negros de Popé, muito próximos, cravados nos seus. Desviou o olhar. Havia dois talhos no ombro esquerdo de Popé. “Oh, olha o sangue!”, gritou Linda. “Olha o sangue!” Ela nunca pudera suportar a visão do sangue. Popé levantou a outra mão — para lhe bater, pensou. Retesou-se para receber o golpe. Mas a mão limitou-se a segurar seu queixo e virar o rosto para ele de modo que fosse obrigado a cruzar novamente o olhar com Popé. Por um longo tempo, por horas e horas. E de repente — não pôde conter-se — começou a chorar. Popé deu uma gargalhada. “Vai-te”, disse ele, empregando as outras palavras, as dos índios. “Vai-te, meu bravo Ahaiyuta.” Saiu correndo para o outro cômodo a fim de esconder as lágrimas.

— Tens quinze anos — observou o velho Mitsima, nas palavras dos índios. — Agora posso te ensinar a trabalhar a argila.

Agachados na beira do rio, trabalharam juntos.

— Em primeiro lugar — disse Mitsima, tomando entre as mãos uma porção de argila úmida —, vamos fazer uma pequena lua.

O velho amassou a argila para dar-lhe a forma de um disco; depois recurvou as bordas; a lua tornou-se uma tigela rasa.

Lenta e desajeitadamente, ele imitou os gestos delicados do velho.

— Uma lua, uma tigela e agora uma cobra. — Mitsima preparou outra porção de argila fazendo um longo cilindro flexível, recurvou-o em círculo e comprimiu-o contra a borda da tigela. — Outra cobra. Mais outra. Outra ainda. — Rodela após rodela, Mitsima modelou o pote; a princípio estreito, depois largo, estreitando-se outra vez no gargalo. Mitsima amassou, bateu, alisou e raspou, e eis que o objeto surgiu enfim: na forma, o jarro de água usado em Malpaís, porém de um branco leitoso em vez de

negro, e ainda mole ao tato. Paródia disforme do de Mitsima, o seu perfilava-se ao lado. Olhando os dois potes, teve de rir.

— Mas o próximo será melhor — disse, e pôs-se a umedecer outro pedaço de argila.

Modelar, dar forma, sentir os dedos adquirirem mais destreza e poder — isso lhe dava um prazer extraordinário. "A, B, C, Vitamina D", cantava para si mesmo enquanto trabalhava. "No fígado o óleo, o bacalhau no mar."[9] E Mitsima também cantava — uma canção sobre a matança de um urso. Trabalharam assim o dia todo, e durante o dia todo sentiu uma felicidade intensa, absorvente.

— No inverno que vem — prometeu o velho Mitsima — vou te ensinar a fazer um arco.

Ficou de pé muito tempo, diante da casa; finalmente, as cerimônias que se realizavam no interior terminaram. A porta se abriu e eles saíram. Kothlu vinha na frente com o braço direito estendido e a mão bem fechada, como se tivesse nela uma joia preciosa; também com o braço estendido e a mão fechada, Kiakimé seguia-o. Caminhavam em silêncio, e em silêncio atrás deles vinham os irmãos, as irmãs, os primos e todo o grupo dos velhos.

Saíram do *pueblo*, atravessaram a *mesa*. Na beira do penhasco detiveram-se, de frente para o sol nascente. Kothlu abriu a mão. Via-se na palma uma pitada de alva farinha de trigo; soprou sobre ela, murmurou algumas palavras, depois atirou-a, um punhado de poeira branca, em direção ao sol. Kiakimé fez o mesmo. Então o pai de Kiakimé adiantou-se e, brandindo um bastão de orações guarnecido de penas, fez uma longa prece e atirou-o na mesma direção da farinha.

— Acabou — disse o velho Mitsima em voz forte. — Estão casados.

— Bem — comentou Linda, enquanto se afastavam —, o que posso dizer é que essa gente faz muita encenação para tão pouca coisa. Nos países

civilizados, quando um rapaz deseja uma moça, simplesmente... Mas aonde você vai, John?

Ele não deu atenção ao seu chamado e continuou a correr, para longe, para qualquer lugar onde pudesse estar só.

Acabou. As palavras do velho Mitsima martelavam em seu espírito. Acabou, acabou... Em silêncio e de longe, mas violenta, desesperadamente, havia amado Kiakimé. E agora estava acabado. Ele tinha dezesseis anos.

Por ocasião da lua cheia, na Kiva do Antílope, seriam ditos segredos, segredos seriam realizados e sofridos. Eles desceriam à Kiva meninos e de lá sairiam homens. Os rapazes estavam todos com medo e, ao mesmo tempo, impacientes. Por fim, chegou o dia, o sol se pôs e a lua surgiu. Ele foi com os outros. Homens mantinham-se de pé, sombrios, na entrada da Kiva: a escada mergulhava nas profundezas iluminadas por um clarão vermelho. Já os primeiros rapazes tinham começado a descer. De repente, um dos homens avançou, pegou-o pelo braço e puxou-o para fora da fileira. Ele escapou e voltou ao seu lugar junto dos outros. Então o homem bateu nele, puxou-o pelos cabelos: "Não para ti, Cabelo-Branco!" "Não para o filho da cadela!", disse outro homem. Os rapazes riram. "Vai-te!" E, como ele ficasse perto do grupo, os homens gritaram novamente: "Vai-te!" Um deles abaixou-se, pegou uma pedra, atirou-a. "Vai-te, vai-te, vai-te!" Choveram pedras. Sangrando, ele fugiu noite adentro. Da Kiva iluminada pelo clarão vermelho, vinha um rumor de cantos. O último rapaz descera a escada. Ele estava inteiramente só.

Inteiramente só, fora do *pueblo*, na planície nua da *mesa*. O rochedo lembrava ossadas esbranquiçadas ao luar. Lá embaixo, no vale, os coiotes uivavam à lua. Ele estava ainda dolorido das suas contusões, os ferimentos recebidos sangravam ainda; mas não era pela dor que ele soluçava, era porque estava inteiramente só, porque fora escorraçado, sozinho, para aquele mundo sepulcral de rochas e luar. À beira do precipício, sentou-se. Tinha a lua às costas, mergulhou o olhar na sombra negra da *mesa*, na sombra negra da morte. Não precisava dar mais que um passo, um pequeno salto... Estendeu a mão direita ao luar. Do corte no pulso, o sangue ainda

escorria. A pequenos intervalos caía uma gota, escura, quase sem cor na luz morta. Uma gota, outra, outra... “Amanhã, e amanhã e ainda amanhã...”[10]

Tinha descoberto o Tempo, a Morte, e Deus.

— Só, sempre só — dizia o jovem.

Essas palavras despertaram um eco doloroso no espírito de Bernard. Só, só...

— Eu também — respondeu, num impulso confidencial. — Terrivelmente só.

— Você também? — John mostrou-se surpreso. — Pensei que no Outro Lado... É que Linda sempre dizia que lá ninguém jamais estava só.

Bernard corou, contrafeito.

— Você vê — disse, balbuciando e desviando os olhos —, eu acho que sou um pouco diferente da maioria das pessoas. Quando, por acaso, alguém é diferente desde a decantação...

— Sim, é isso mesmo — o jovem confirmou com um sinal de cabeça. — Se uma pessoa é diferente, é fatal que se torne solitária. A gente é tratado de um modo abominável. Acredita que eles me mantiveram afastado de tudo, absolutamente tudo? Quando os outros rapazes foram passar a noite nas montanhas (você sabe, quando a gente deve ver em sonho qual é o seu animal sagrado), eles não consentiram que eu fosse com os outros; não quiseram revelar-me nenhum dos segredos. O que não impediu que eu o fizesse sozinho. Fiquei cinco dias sem comer e então fui só, uma noite, para aquelas montanhas, lá — apontou com o dedo.

Bernard deu um sorriso protetor.

— E você viu alguma coisa em sonho? — perguntou.

O outro fez um sinal afirmativo.

— Mas não posso dizer-lhe — calou-se por um momento; depois, em voz baixa, prosseguiu: — Um dia, fiz uma coisa que os outros nunca tinham feito: fiquei em pé contra um rochedo, ao meio-dia, no verão, com os braços abertos, como Jesus na cruz.

— Ora, para quê?

— Queria saber o que era ser crucificado. Suspenso ali, em pleno sol...

— Mas por quê?

— Por quê? Bem... — hesitou. — Porque sentia que devia fazê-lo. Se Jesus pôde suportar... E, além disso, se se fez alguma coisa de mau... Por outro lado, eu me sentia infeliz; essa era outra razão.

— Acho esse um modo bastante estranho de curar-se quando se é infeliz — objetou Bernard. Mas, refletindo, concluiu que, afinal de contas, aquilo tinha algum sentido. Melhor do que tomar soma...

— Desmaiei depois de algum tempo — disse o jovem. — Caí para a frente. Vê a marca do corte que fiz? — E afastou da testa a espessa cabeleira loura. A cicatriz era visível, pálida e enrugada, na têmpora direita.

Bernard olhou-a e depois, vivamente, com um pequeno arrepio, desviou o olhar. Seu condicionamento o inclinava menos à piedade que a uma profunda repugnância. A simples alusão a doenças ou a ferimentos era, para ele, não somente uma coisa apavorante, como, sobretudo, um tanto desagradável e até repulsiva. Tal como a sujeira, a deformidade, a velhice. Mudou apressadamente de assunto.

— Será que não lhe agradaria vir conosco para Londres? — perguntou, dando o primeiro passo de uma campanha cujo plano estratégico ele começara a elaborar secretamente desde que, na pequena casa, compreendera quem devia ser o "pai" do jovem selvagem. — Não lhe agradaria isso?

A fisionomia do rapaz iluminou-se.

— Você fala sério?

— Certamente; isto é, se eu puder obter autorização.

— E Linda também?

— Bom... — hesitou, cheio de dúvidas. Aquela criatura repugnante! Não, era impossível. A menos que... A menos que... Ocorreu-lhe de súbito que o próprio fato de ser ela assim tão repugnante poderia constituir um grande trunfo. — Mas claro! — exclamou, compensando sua hesitação inicial com um excesso de cordialidade ruidosa.

O jovem suspirou profundamente.

— Pensar que se tornará realidade aquilo que eu sonhei toda a vida... Lembra-se do que disse Miranda?

— Quem é Miranda?

Mas o moço, evidentemente, não ouvira a pergunta.

— Oh, maravilha! — dizia ele, e seus olhos luziam, a fisionomia estava iluminada por um rubor vivo. — Como há aqui seres encantadores! Como é bela a humanidade![11] — Seu rubor acentuou-se subitamente; ele pensava em Lenina, num anjo vestido de viscose verde-garrafa, resplandecente de mocidade e de cremes de beleza, rechonchudo, sorrindo benignamente. Sua voz estremeceu-se. — “Oh, admirável mundo novo...” — começou, depois se interrompeu de repente; o sangue fugiu de seu rosto, que ficou branco como papel. — Você é casado com ela? — perguntou.

— Se eu sou... o quê?

— Casado. Você sabe: para sempre. Diz-se “para sempre” nas palavras dos índios; não se pode desfazer.

— Ford, não! — Bernard não pôde deixar de rir.

John também riu, mas por outro motivo — riu de pura alegria.

— “Oh, admirável mundo novo!” — repetiu. — “Oh, admirável mundo novo, que encerra criaturas tais!”... Partamos em seguida.

— Você tem às vezes um modo de falar bem curioso — disse Bernard, admirado e perplexo, encarando-o. — E, de qualquer modo, não seria melhor se você esperasse para ver esse mundo novo?

Nove

LENINA, depois desse dia cheio de coisas estranhas e de horrores, sentia-se com direito a um descanso completo e absoluto. Mal chegaram à hospedaria, tomou seis comprimidos de meio grama de soma, deitou-se na cama e ao cabo de dez minutos vagava numa eternidade lunar. Passar-se-iam pelo menos dezoito horas antes que voltasse ao mundo real.

Bernard, enquanto isso, estava deitado pensando, de olhos abertos na escuridão. Só muito depois da meia-noite adormeceu. Muito depois da meia-noite; mas sua insônia não fora estéril; ele tinha um plano.

Na manhã seguinte, pontualmente às dez horas, o mulato de uniforme verde desceu do helicóptero. Bernard o esperava entre as agaves.

— Srta. Crowne tomou soma para gozar um repouso — explicou. — Dificilmente poderá despertar antes das cinco. Isso nos deixa sete horas.

Teria tempo de voar até Santa Fé, fazer tudo o que pretendia e estar de volta a Malpaís muito antes que ela acordasse.

— Ela estará em completa segurança aqui, sozinha?

— Como se estivesse num helicóptero — asseverou-lhe o mulato.

Subiram ao aparelho e partiram imediatamente. Às dez e trinta e quatro aterrissavam no terraço do Correio de Santa Fé; às dez e trinta e sete Bernard estava em comunicação com o Gabinete do Administrador Mundial em Whitehall; às dez e trinta e nove falava com o quarto secretário particular de sua Fordeza; às dez e quarenta e quatro repetia sua história ao primeiro secretário, e às dez e quarenta e sete e meio foi a voz profunda e sonora do próprio Mustafá Mond que ressoou nos seus ouvidos.

— Tomei a liberdade de pensar — gaguejou Bernard — que Vossa Fordeza talvez achasse o caso de interesse científico suficiente...

— Sim, eu o acho de interesse científico suficiente — interrompeu a voz profunda. — Traga essas duas pessoas consigo para Londres.

— Vossa Fordeza não ignora que precisarei de uma autorização especial...

— As ordens especiais estão sendo dadas neste momento ao Conservador da Reserva — disse Mustafá Mond. — Queira ir imediatamente ao gabinete dele. Passe bem, sr. Marx.

E fez-se silêncio. Bernard pendurou o fone e subiu apressadamente ao terraço.

— Gabinete do Conservador — ordenou ao mulato de verde-Gama.

Às dez e cinquenta e quatro Bernard apertava a mão do Conservador.

— Encantado, sr. Marx, encantado. — Sua voz trovejante expressava deferência. — Acabamos de receber ordens especiais...

— Já sei — disse Bernard, interrompendo-o. — Conversei por telefone com sua Fordeza, há um momento. — Seu tom de indiferença dava a entender que ele tinha o hábito de falar com Sua Fordeza todos os dias da semana. Deixou-se cair numa cadeira. — Tenha a bondade de tomar todas as providências necessárias o mais depressa possível... O mais depressa possível — acentuou. Divertia-se imensamente.

Às onze horas e três minutos tinha no bolso todos os papéis necessários.

— Adeus — disse com ar protetor ao homem, que o acompanhara até o elevador. — Adeus.

Foi a pé para o hotel, tomou um banho, fez uma massagem a vibro-vácuo, barbeou-se com o aparelho eletrolítico, ouviu pelo rádio as notícias da manhã, olhou a televisão durante meia hora, saboreou tranquilamente o almoço e às duas e meia voou com o mulato de regresso a Malpaís.

O jovem estava na frente da hospedaria.

— Bernard! — ele chamou. — Bernard!

Não obteve resposta.

Andando silenciosamente com os mocassins de camurça, subiu os degraus às pressas e tentou abrir a porta. Estava fechada a chave.

Tinham partido! Partido! Era a coisa mais terrível que jamais lhe acontecera. Ela lhe pedira que fosse vê-los, e agora tinham partido. Sentou-se nos degraus da porta e chorou.

Meia hora mais tarde, teve a ideia de olhar pela janela. A primeira coisa que viu foi uma mala verde, com as iniciais L.C. pintadas na tampa. A alegria explodiu nele como uma chama que se aviva. Apanhou uma pedra. O vidro quebrado retiniu no chão. Um instante depois estava dentro do quarto. Abriu a mala verde e logo respirou o perfume de Lenina, enchendo os pulmões com a essência do seu ser. Sentiu o coração bater desordenadamente; por um instante, esteve a ponto de desmaiar. Depois, inclinando-se sobre a preciosa caixa, tocou seu conteúdo, ergueu-o para a luz, examinou-o. O zíper no calção de belbutina de viscose que Lenina trouxera de sobressalente foi, a princípio, um enigma; depois, decifrado, um deslumbramento. Zip, e logo zip; zip, e novamente zip; estava encantado. As chinelinhas verdes da moça eram as coisas mais lindas que jamais vira. Desdobrou uma combinação-calcinha com zíper, corou e a repôs apressadamente no lugar; mas beijou um lenço de acetato, perfumado, e enrolou uma mantilha no pescoço. Abrindo uma caixa, levantou uma nuvem de pó perfumado. Ficou com as mãos brancas como se as tivesse mergulhado em farinha. Limpou-as no peito, nos ombros, nos braços nus. Delicioso perfume! Fechou os olhos; esfregou o rosto no próprio braço empoado. Contato de uma pele macia contra sua face, perfume de pó almiscarado em suas narinas — a presença real dela. “Lenina”, sussurrou. “Lenina!”

Um ruído sobressaltou-o, fazendo-o voltar-se com uma sensação de culpa. Socou o produto de seu furto na mala e fechou-a; depois escutou de novo, olhou. Nenhum sinal de vida, nenhum som. No entanto, tinha certeza de que ouvira alguma coisa — algo que se assemelhava a um suspiro, a um estalido no assoalho. Levantou-se nas pontas dos pés para ir até a porta e, abrindo-a cautelosamente, achou-se diante de largo patamar. No lado oposto desse patamar havia outra porta, entreaberta. Saiu, empurrou-a e olhou.

Numa cama baixa, com o lençol atirado para o lado, vestindo um pijama inteiriço cor-de-rosa, Lenina dormia um sono profundo, tão bela no meio dos anéis dos seus cabelos, tão comovedoramente infantil com seus pezinhos rosados e seu grave rosto adormecido, tão confiante no abandono de suas mãos finas e de seus ombros distendidos, que as lágrimas afloraram nos olhos do jovem.

Com uma infinidade de precauções inteiramente supérfluas — pois teria sido preciso pelo menos o estampido de um tiro de pistola para que Lenina despertasse antes do tempo do sono produzido pelo soma —, ele entrou no quarto e ajoelhou-se junto ao leito. Contemplou-a, entrelaçou os dedos das mãos, seus lábios moveram-se.

— Seus olhos — murmurou,

Seus olhos, seus cabelos, suas faces, seu porte, sua voz,
Deles dissertas em tua fala; oh, e de sua mão,
Em comparação com a qual todo branco é tinta
A escrever seu próprio desdouro; ante o suave contato dessa mão,
É áspera a penugem do pequeno cisne...[12]

Uma mosca zumbiu junto dela; ele espantou-a com a mão. “As moscas”, recordou,

Podem pousar na alva maravilha que é a mão querida de Julieta,
E furtar a graça imortal de seus lábios,
Que, no casto pudor de vestal,
Conservam perpétuo rubor, como se os beijos
Que um ao outro se dão fossem pecado.[13]

Muito lentamente, com o gesto hesitante de alguém que se inclina para acariciar um pássaro tímido e talvez perigoso, avançou a mão. Ela ficou ali, trêmula, a dois centímetros daqueles dedos molemente pendidos, quase a tocá-los. Ousaria? Ousaria “profanar com sua mão indigna aquele...”?[14]

Não, ele não ousou. O pássaro era demasiado perigoso. Sua mão tornou a cair... Como ela era bela! Como era bela!

De repente se surpreendeu a pensar que lhe bastaria pegar o puxador do zíper que aparecia no pescoço e corrê-lo de um só golpe, longo, vigoroso... Fechou os olhos, balançou a cabeça rapidamente, como um cão que sacode as orelhas ao sair da água. Pensamento detestável! Teve vergonha de si mesmo. Casto pudor de vestal...

Houve um zumbido no ar. Outra mosca tentando furtar graças imortais? Uma vespa? Olhou, não viu nada. O zumbido tornou-se cada vez mais forte, localizou-se fora da janela guarnecida de persianas. O helicóptero! Tomado de pânico, levantou-se rápido, correu para o outro cômodo, de um salto pulou a janela aberta e, andando apressadamente ao longo do caminho entre as altas fileiras de agaves, chegou a tempo de receber Bernard quando este descia do aparelho.

Dez

OS PONTEIROS DOS QUATRO MIL RELÓGIOS ELÉTRICOS das quatro mil salas do Centro de Bloomsbury marcavam duas horas e vinte e sete minutos. “Esta colmeia industriosa”, como gostava de chamar-lhe o Diretor, estava em pleno zumbido de trabalho. Todos estavam ocupados, tudo se achava em movimento ordenado. Sob os microscópios, com as longas caudas a agitar-se furiosamente, os espermatozoides insinuavam-se de cabeça nos óvulos; e estes, fecundados, dilatavam-se, segmentavam-se ou, se eram bokanovskizados, germinavam e fragmentavam-se em populações inteiras de embriões. Da sala de Predestinação Social, as escadas rolantes desciam ruidosas ao subsolo e ali, na penumbra vermelha, aquecendo-se em seu colchão de peritônio, saciados de pseudossangue e de hormônios, os fetos cresciam, cresciam; ou, envenenados, estiolavam-se no estado de Ípsilons. Com um pequeno zumbido, um ligeiro matraquear, os porta-tubos móveis percorriam, num movimento imperceptível, as semanas e todas as idades recapituladas, até o lugar em que, na Sala de Decantação, os bebês recém-saídos dos bocais soltavam seu primeiro vagido de horror e de espanto.

Os dínamos ronronavam no andar inferior do subsolo, os elevadores subiam e desciam rapidamente. Em cada um dos doze andares de berçários era hora da alimentação. Em mil e oitocentas mamadeiras, mil e oitocentos bebês cuidadosamente rotulados chupavam ao mesmo tempo seu meio litro de secreção externa pasteurizada.

Acima deles, em dez andares sucessivos de dormitórios, os meninos e meninas ainda bastante novos para precisarem de uma sesta estavam, embora não suspeitassem, tão ocupados quanto os outros, pois inconscientemente ouviam lições hipnopédicas sobre higiene e sociabilidade, sobre a consciência de classe e a vida amorosa dos pequeninos. Mais acima ainda, havia salas de recreio onde, tendo começado

a chover, novecentas crianças de mais idade se distraíam com blocos de construção e massa de modelagem, brinquedos de roda e jogos eróticos.

Bzz, bzz! A colmeia zumbia, ativamente, alegremente. Jovial era o cantarolar das moças curvadas sobre os tubos de ensaio; os Predestinadores assobiavam enquanto trabalhavam e, na Sala de Decantação, que magníficas piadas diziam acima dos bocais vazios! Mas a fisionomia do Diretor, no momento em que entrou na Sala de Fecundação com Henry Foster, era grave, rígida em sua severidade.

— Um exemplo público — dizia ele. — Nesta sala, porque ela contém mais trabalhadores das classes superiores que qualquer outra do Centro. Eu disse a ele que viesse procurar-me aqui às duas e meia.

— Ele faz muito bem o seu trabalho — ponderou Henry, com generosidade hipócrita.

— Eu sei. E isso é mais uma razão para ser severo. Sua elevada condição intelectual traz consigo responsabilidades morais correspondentes. Quanto maior é o talento de um homem, mais poder tem ele para desviar os outros. É preferível o sacrifício de um à corrupção de muitos. Encare o caso sem paixão, sr. Foster, e verá que não há crime mais odioso do que a falta de ortodoxia na conduta. O homicídio mata apenas o indivíduo; e, afinal, que é um indivíduo? — com um gesto largo, apontou as fileiras de microscópios, os tubos de ensaio, as incubadoras. — Nós podemos produzir um indivíduo novo com a maior facilidade; tantos quantos quisermos. A falta de ortodoxia, porém, ameaça mais do que a vida de um simples indivíduo; ela atinge a própria Sociedade. Sim, a própria Sociedade — repetiu. — Ah! Aí vem ele.

Bernard entrara na sala e dirigia-se para eles por entre as fileiras de Fecundadores. Um tênue verniz de desembaraçada segurança mal dissimulava seu nervosismo. O tom de voz com que disse “Bom dia, senhor Diretor” foi absurdamente forte; porém ridiculamente suave, como um guincho de camundongo, foi o tom em que, retificando seu erro:

— O senhor me pediu para vir falar-lhe aqui.

— Sim, sr. Marx. — retorquiu o Diretor com ominosa solenidade. — Pedi efetivamente que você viesse me procurar aqui. O senhor voltou de suas férias ontem, não é?

— Sim — respondeu Bernard.

— S-sim — repetiu o Diretor, sibilando como uma serpente ao prolongar o s. Depois, erguendo subitamente a voz: — Minhas senhoras e meus senhores — trombeteou —, minhas senhoras e meus senhores.

O cantarolar das moças curvadas sobre os tubos de ensaio, o assobio absorto dos microscopistas, cessaram repentinamente. Houve um silêncio profundo, todos se voltaram.

— Minhas senhoras e meus senhores — repetiu mais uma vez o Diretor —, desculpem-me interromper os seus trabalhos. Um dever penoso a isso me obriga. A segurança e a estabilidade da Sociedade estão em perigo. Sim, minhas senhoras e meus senhores, em perigo. Este homem — e apontou para Bernard, com seu dedo acusador —, este homem que aqui está diante de todos, este Alfa-Mais a quem tantas coisas foram dadas, e de quem, portanto, muito se deveria esperar, este colega dos senhores (ou devo antecipar e dizer ex-colega?) traiu grosseiramente a confiança de que era depositário. Por suas ideias heréticas sobre o esporte e o soma, pela escandalosa irregularidade de sua vida sexual, pela sua recusa em obedecer aos ensinamentos de Nosso Ford e em comportar-se fora das horas de trabalho "como um bebê no bocal" — neste ponto do seu discurso o Diretor fez o sinal do T —, ele se revelou um inimigo da Sociedade, um subversor, minhas senhoras e meus senhores, de toda Ordem, de toda Estabilidade, um conspirador contra a própria Civilização. Por esse motivo, eu me proponho a exonerá-lo, exonerá-lo ignominiosamente do posto que ocupava neste Centro; proponho-me a pedir imediatamente sua transferência para um Subcentro da mais baixa categoria, e, a fim de que seu castigo possa servir aos melhores interesses da Sociedade, o mais afastado possível de todo Centro populacional importante. Na Islândia ele terá muito poucas oportunidades de desencaminhar os outros com seu exemplo antifordiano.

— O Diretor calou-se um instante; depois, cruzando os braços, voltou-se com ar imponente para Bernard. — Marx — disse —, pode apresentar alguma razão para que eu não execute neste instante a sentença que acaba de ser pronunciada contra o senhor?

— Sim, posso — respondeu Bernard, em voz muito alta.

Um pouco desconcertado, mas sempre majestosamente, o Diretor falou:

— Então, apresente-a.

— Certamente. Mas está no corredor. Um momento.

Bernard dirigiu-se rapidamente para a porta e escancarou-a.

— Entre — ordenou, e a “razão” entrou e apresentou-se.

Houve um resfolegar convulsivo, um murmúrio de espanto e de horror; uma das moças gritou; alguém que trepara numa cadeira, para ver melhor, derrubou três tubos de ensaio cheios de espermatozoides. Balofa, de carnes pendentes, um monstro de meia-idade estranho e aterrorizador entre aqueles corpos juvenis e rijos, aqueles rostos lisos, Linda adiantou-se, sorrindo coquetemente seu sorriso desdentado e descolorido, meneando as enormes ancas com o que pretendia ser uma ondulação voluptuosa. Bernard caminhava a seu lado.

— Ali está ele — disse, apontando para o Diretor.

— Pensou que eu não o reconheceria? — perguntou Linda, indignada. Depois, voltando-se para o Diretor: — Claro que o reconheci. Tomakin, eu reconheceria você em qualquer parte, entre mil. Mas talvez você tenha me esquecido. Não se lembra? Não se lembra, Tomakin? Sua Linda! — ela ficou ali a olhá-lo, a cabeça para um lado, sorrindo sempre, mas com um sorriso que, ante a expressão de nojo que imobilizara o rosto do Diretor, se tornava progressivamente menos confiante, um sorriso que vacilava e que acabou por extinguir-se. — Você não se lembra, Tomakin? — repetiu ela com voz trêmula. Seus olhos estavam ansiosos, angustiados. O rosto pustuloso e inchado contorceu-se grotescamente ao assumir uma expressão de sofrimento extremo. — Tomakin! — ela estendeu-lhe os braços. Alguém deu uma risadinha espremida.

— O que significa — começou o Diretor — esta monstruosa...

— Tomakin! — ela arremessou-se para a frente, arrastando sua manta, atirou-lhe os braços ao pescoço e escondeu o rosto em seu peito.

As risadas explodiram em urros irreprimíveis.

— ...esta monstruosa farsa? — vociferou o Diretor.

Com o rosto vermelho, procurou desvencilhar-se do abraço de Linda. Ela aferrou-se a ele desesperadamente.

— Mas sou eu, Linda; sou eu, Linda — sua voz foi abafada pelos risos. — Você me fez ter um bebê — gritou, dominando o tumulto. Houve um silêncio súbito e apavorante. Os olhares vagueavam constrangidos, não sabendo onde se fixar. O Diretor empalideceu de repente, parou de debater-se e ficou ali, as mãos nos pulsos de Linda, fitando-a horrorizado. — Sim, um bebê, e eu sou a mãe — atirou essa obscenidade, como um desafio, no silêncio escandalizado; depois, afastando-se repentinamente dele, envergonhada, envergonhada, cobriu os olhos com as mãos, soluçando. — A culpa não foi minha, Tomakin. Porque sempre fiz meus exercícios malthusianos, não é? Não é? Sempre... Eu não sei como... Se você soubesse como é horrível, Tomakin... Mas ele foi um grande consolo para mim, apesar de tudo. — Virando-se para a porta, chamou: — John! John!

Ele entrou em seguida, deteve-se um instante ao transpor a soleira da porta, lançou um olhar em redor, depois atravessou a peça, rápida e silenciosamente, com seus mocassins, caiu de joelhos diante do Diretor e disse em voz clara:

— Meu pai!

Essa palavra (porque “pai” não era uma expressão tão obscena; mais afastada dos aspectos repugnantes e imorais da gestação, era simplesmente grosseira, era antes uma inconveniência escatológica do que pornográfica), essa palavra comicamente indecorosa veio aliviar uma tensão que se tornara absolutamente intolerável. Estrugiram gargalhadas, enormes, quase histéricas, em rajadas sucessivas, como se não fossem acabar mais. “Meu pai” — e era o Diretor! “Meu *pai*!” Oh, Ford! Oh, Ford! Essa era verdadeiramente colossal. Os uivos e rugidos de riso renovaram-se, os

rostos pareciam estar a ponto de desintegrar-se, as lágrimas corriam. Outros seis tubos de espermatozoides foram derrubados. "Meu *pai*!"

Lívido, de olhos desvairados, o Diretor circunvagava o olhar numa agonia de humilhação perplexa.

"Meu *pai*!" As gargalhadas, que pareciam querer aplacar-se, recrudesceram outra vez, mais fortes do que nunca. Ele tapou os ouvidos com as mãos e precipitou-se para fora da sala.

Onze

DEPOIS DA CENA NA SALA DE FECUNDAÇÃO, toda Londres das castas superiores ardia em desejos de ver aquela criatura deliciosa que se ajoelhara diante do Diretor de Incubação e Condicionamento — ou, antes, do ex-Diretor, pois o pobre homem demitira-se imediatamente e não tornara a pôr os pés no Centro —, aquela criatura que se prostrara chamando-o (a piada era quase boa demais para ser verdadeira!) "meu pai". Linda, pelo contrário, não provocava o menor entusiasmo; ninguém manifestava o menor desejo de vê-la. Dizer que era mãe — aquilo já passava dos limites do gracejo: era uma obscenidade. Além disso, ela não era uma selvagem autêntica, pois fora incubada num bocal, decantada e condicionada como qualquer outra pessoa, de modo que não podia ter ideias verdadeiramente singulares. Enfim — e era esse o motivo mais poderoso para que ninguém desejasse ver a pobre Linda —, havia a sua aparência. Gorda, com a mocidade perdida, os dentes cariados, a pele pustulosa e aquele corpo — Ford! Era simplesmente impossível olhá-la sem sentir náuseas; sim, náuseas. Por isso, as pessoas das mais altas camadas estavam firmemente decididas a *não* ver Linda. E, quanto a esta, também não tinha desejo algum de vê-las. A volta à civilização era, para ela, a volta ao soma; era a possibilidade de ficar na cama e ter fugas sobre fugas, sem delas voltar com dor de cabeça ou vômitos; sem ter de sentir o que sempre sentia depois de tomar *peyotl* — a sensação de ter feito algo tão vergonhosamente antissocial que não poderia mais andar de cabeça erguida. O soma não trazia nenhuma dessas consequências desagradáveis. Proporcionava um esquecimento perfeito, e se o despertar era desagradável, não o era intrinsecamente, mas apenas em comparação com as alegrias desfrutadas. O recurso era tornar contínua a fuga. Avidamente, ela reclamava doses cada vez mais fortes, cada vez mais

frequentes. O dr. Shaw a princípio hesitou, depois consentiu que tomasse quanto quisesse. Linda chegou a tomar vinte gramas por dia.

— Isso acabará com ela em um mês ou dois — disse confidencialmente o médico a Bernard. — Um belo dia, o centro respiratório ficará paralisado. Cessará a respiração. Tudo acabado. E será melhor assim. Se pudéssemos rejuvenescê-la, o caso seria diferente, sem dúvida. Mas não podemos.

Coisa surpreendente para todos (pois, durante suas fugas pelo soma, Linda ficava convenientemente afastada do caminho), John opôs objeções.

— Mas não vão encurtar-lhe a vida, dando-lhe doses tão grandes?

— Sob certo ponto de vista, sim — reconheceu o dr. Shaw. — Mas, sob outro, nós realmente a estamos prolongando. — O jovem arregalou os olhos sem compreender. — O soma pode fazer perder alguns anos no tempo — continuou o médico. — Mas pense nas durações enormes, imensas, que ele é capaz de proporcionar fora do tempo. Todo sono produzido pelo soma é um fragmento daquilo que os nossos antepassados chamavam de eternidade.

John começava a compreender.

— "A eternidade estava em nossos lábios e em nossos olhos"[15] — murmurou.

— Como?

— Nada.

— É claro — continuou o dr. Shaw — que não se pode permitir essas fugas para a eternidade às pessoas que têm algum trabalho sério a fazer. Mas como ela não tem nenhum trabalho sério...

— Mesmo assim — insistiu John —, não me parece direito.

O doutor deu de ombros.

— Bom, naturalmente, se o senhor prefere vê-la todo o tempo gritando como uma louca...

Por fim, John foi obrigado a ceder. Linda conseguiu o seu soma. Daí por diante, ela se conservou em seu pequeno quarto no trigésimo sétimo

andar do edifício de apartamentos de Bernard, deitada na cama, com o rádio e a televisão permanentemente ligados, a torneira de patchuli a gotejar o perfume, e os comprimidos de soma ao alcance da mão — ali ficou ela; e, no entanto, não era ali que ela estava; achava-se sempre em outra parte, infinitamente longe, fora da realidade, em algum outro mundo onde a música do rádio era um labirinto de cores sonoras, um labirinto deslizante, palpitante, que levava (por voltas maravilhosamente inevitáveis!) a um centro brilhante de convicção absoluta, onde as imagens dançantes do aparelho de televisão eram os atores de algum filme sensível e cantado, indescritivelmente delicioso; onde o patchuli, caindo gota a gota, era mais do que um perfume — era o sol, um milhão de sexofones, Popé fazendo o amor, mas muito mais intensamente, muitíssimo mais, sem cessar.

— Não, não podemos rejuvenescer — concluiu o dr. Shaw. — Mas estou muito satisfeito por ter tido esta oportunidade de observar um caso de senilidade num ser humano. Muito obrigado por ter me chamado.

E apertou cordialmente a mão de Bernard.

Era, pois, em John que todos estavam interessados. E como era exclusivamente por intermédio de Bernard, seu curador credenciado, que se poderia conhecer John, Bernard viu-se então, pela primeira vez na vida, tratado não apenas normalmente, mas como pessoa de preeminente importância. Não mais se falava de álcool no seu pseudossangue, não mais se fazia troça do seu físico. Henry Foster fez questão de lhe demonstrar amizade; Benito Hoover deu-lhe de presente seis pacotes de chicletes de hormônio sexual; o Predestinador Adjunto veio suplicar-lhe quase abjetamente um convite para uma de suas recepções. Quanto às mulheres, bastava que Bernard deixasse entrever a possibilidade de um convite para ter qualquer delas que lhe agradasse.

— Bernard me convidou para conhecer o Selvagem quinta-feira próxima — anunciou Fanny com ar de triunfo.

— Eu fico tão feliz — respondeu Lenina. — E agora você tem de reconhecer que estava enganada a respeito de Bernard. Não acha que ele é bastante gentil?

Fanny aquiesceu com um sinal de cabeça.

— E devo confessar — acrescentou — que me senti agradavelmente surpreendida.

O Enfrascador-Chefe, o Diretor de Predestinação, três Subadjuntos do Fecundador Geral, o Professor de Cinema Sensível do Colégio de Engenharia Emocional, o Deão do Coro Comunitário de Westminster, o Supervisor da Bokanovskização — a lista de notáveis de Bernard era interminável.

— E tive seis mulheres na semana passada — contou a Helmholtz Watson. — Uma na segunda-feira, duas na terça, outras duas na sexta e uma no sábado. E, se tivesse tido tempo ou desejo, havia pelo menos mais uma dúzia que não quereria outra coisa...

Helmholtz ouviu suas gabolices num silêncio tão sombriamente desaprovador que Bernard se ofendeu.

— Você está com inveja — disse.

Helmholtz balançou a cabeça.

— Estou um pouco triste, nada mais.

Bernard saiu amuado. Nunca mais, prometeu a si mesmo, nunca mais tornaria a falar com Helmholtz.

Os dias passaram. O êxito subiu à cabeça de Bernard como um vinho capitoso e reconciliou-o completamente (como deve fazê-lo um bom produto inebriante) com um mundo que, até então, achara muito pouco satisfatório. Enquanto esse mundo reconhecesse sua importância, a ordem das coisas lhe parecia boa. Mas, embora reconciliado pelo êxito, recusava-se a abandonar o direito de criticar essa ordem. Porque o fato de criticar exaltava nele o sentimento de sua importância, dava-lhe a impressão de ser maior. Além disso, ele acreditava sinceramente que havia coisas a criticar. (Ao mesmo tempo, agradava-lhe genuinamente ter sucesso e possuir todas as mulheres que quisesse.)

Diante daqueles que agora, por causa do Selvagem, o procuravam, Bernard ostentava uma atitude crítica pouco ortodoxa. Ouviam-no cortesmente. Mas, pelas costas, balançaram a cabeça. “Esse rapaz acabará

mal", diziam, profetizando com tanto mais confiança quanto era certo que eles próprios, chegada a ocasião, tratariam de fazer com que Bernard tivesse efetivamente um mau fim. "Ele não encontrará outro Selvagem para tirá-lo de apuros pela segunda vez", comentavam. Enquanto isso, havia o primeiro Selvagem, e por isso eram corteses. E porque se mostravam polidos, Bernard sentia-se positivamente gigantesco — gigantesco e, ao mesmo tempo, todo leveza, mais leve que o ar.

— Mais leve que o ar — disse Bernard, apontando para cima.

Como uma pérola no céu, lá no alto, muito acima deles, o balão cativo do Serviço Meteorológico brilhava, inteiramente róseo, ao sol.

"...Deverá ser mostrada ao referido Selvagem", rezavam as instruções recebidas por Bernard, "a vida civilizada em todos os seus aspectos."

Mostravam-na a ele agora, em vista panorâmica, do alto da plataforma da Torre de Charing-T. O Chefe do Posto e o Meteorologista Residente serviam de guias. Mas era sobretudo Bernard quem falava. Embriagado, portava-se como se fosse, no mínimo, um Administrador Mundial em inspeção. Mais leve que o ar.

O Foguete Verde de Bombaim desceu do céu. Os passageiros desembarcaram. Oito gêmeos dravidianos idênticos, vestidos de cáqui, olharam para fora pelas oito portinholas da cabina — os comissários.

— Mil duzentos e cinquenta quilômetros por hora — disse o Chefe do Posto, em tom impressivo. — Que acha disto, sr. Selvagem?

John achou que era muito bonito.

Entretanto — acrescentou —, Puck era capaz de dar uma volta ao redor da Terra em quarenta minutos.[16]

"O Selvagem", escreveu Bernard em seu relatório a Mustafá Mond, "manifesta surpreendentemente pouca admiração ou reverência diante das invenções da civilização. Isso talvez seja, em parte, devido ao que já lhe contara a mulher Linda, sua m..."

(Mustafá Mond franziu a testa. “O imbecil estará pensando que sou tão suscetível que não posso ver a palavra escrita com todas as letras?”)

“...e, em parte, ao fato de seu interesse se concentrar no que denomina ‘a alma’, que ele insiste em considerar como uma entidade independente do meio físico; ao passo que, como procurei demonstrar-lhe...”

O Administrador pulou as linhas seguintes e estava a ponto de virar a página, à procura de alguma coisa mais concreta e interessante, quando seu olhar foi atraído por uma série de frases absolutamente extraordinárias: “...embora eu tenha de reconhecer”, leu ele, “que estou de acordo com o Selvagem em que a infantilidade civilizada é fácil demais, ou, como ele diz, não exige um preço bastante alto; e eu gostaria de aproveitar a oportunidade de chamar a atenção de Vossa Fordeza para...”

A irritação de Mustafá Mond cedeu lugar quase imediatamente ao riso. A ideia de aquela criatura vir fazer-lhe — a *ele* — uma preleção solene sobre a ordem social era verdadeiramente grotesca demais. O homem devia ter enlouquecido. “Preciso dar-lhe uma lição”, pensou; depois atirou a cabeça para trás e gargalhou. Por enquanto, pelo menos, a lição não seria dada.

Era uma pequena fábrica de equipamento de iluminação para helicópteros, uma sucursal da Companhia Geral de Acessórios Elétricos. Foram recebidos no próprio terraço (pois a carta circular de recomendação enviada pelo Administrador era mágica em seus efeitos) pelo Técnico-Chefe e pelo Diretor do Elemento Humano. Desceram à fábrica.

— Cada tarefa — explicou o Diretor do Elemento Humano — é realizada, tanto quanto possível, por um único grupo Bokanovski.

E, com efeito, oitenta e três Deltas negros braquicéfalos quase sem nariz estavam ocupados com a prensagem a frio. Os cinquenta e seis tornos de quatro brocas eram manejados por cinquenta e seis Gamas cor de gengibre, de nariz aquilino. Cento e sete Ípsilons senegaleses condicionados ao calor trabalhavam na fundição. Trinta e três mulheres Deltas de cabeça

alongada e cabelos cor de areia, de pelve estreita, todas com a estatura aproximada (uns vinte milímetros a mais ou a menos) de um metro e sessenta e nove centímetros, rosqueavam parafusos. Na sala de montagem, os dínamos eram armados por suas turmas de anões Gamas-Mais. As duas mesas baixas defrontavam-se; entre elas, o transportador de correia, com sua carga de peças, avançava lentamente. Quarenta e sete cabeças louras faziam face a quarenta e sete cabeças morenas; quarenta e sete narizes chatos, a quarenta e sete narizes aduncos; quarenta e sete queixos fugidios, a quarenta e sete queixos prognatas. As máquinas, depois de montadas, eram examinadas por dezoito moças idênticas, de cabelos castanhos encaracolados, vestidas de verde-Gama; eram então encaixotadas por trinta e quatro homens Deltas-Menos, de pernas curtas e arqueadas, e carregadas nas plataformas, depois nos caminhões que ali estavam à espera, por sessenta e três Ípsilons Semialeijões de olhos azuis, cabelos cor de linho e pele sardenta.

“Oh, admirável mundo novo...” Por algum capricho perverso de sua memória, o Selvagem viu-se repetindo as palavras de Miranda. “Oh, admirável mundo novo que encerra criaturas tais!”

— E asseguro-lhe — concluiu o Diretor do Elemento Humano, ao deixarem a fábrica — que quase nunca temos dificuldades com a mão de obra. Encontramos sempre...

Mas o Selvagem repentinamente se afastara de seus companheiros e, atrás de uma moita de loureiros, fazia esforços violentos para vomitar, como se a terra firme fosse um helicóptero numa bolsa de baixa pressão.

“O Selvagem”, escreveu Bernard, “recusa-se a tomar soma e parece muito aflito porque a mulher Linda, sua m..., vive em permanente fuga da realidade. É digno de nota que, apesar da senilidade de sua m... e de seu aspecto extremamente repulsivo, o Selvagem vai vê-la frequentemente e parece ser muito apegado a ela — exemplo interessante de como o condicionamento precoce pode modificar e até contrariar os impulsos

naturais (no caso presente, o impulso de recuar ante um objeto desagradável).”

Em Eton, pousaram no terraço da Alta Escola. No lado oposto do Pátio, os cinquenta e dois andares da Torre de Lupton branquejavam ao sol. O Colégio à sua esquerda, e à direita o Coro Comunitário Escolar, erguiam suas massas veneráveis de cimento armado e *vita-glass*. No centro do quadrângulo, via-se a velha e curiosa estátua de aço cromado de Nosso Ford.

O Chanceler, dr. Gaffney, e a Diretora, srta. Keate, os receberam ao descerem do helicóptero.

— Há muitos gêmeos aqui? — perguntou o Selvagem, um tanto apreensivo, enquanto se punham a caminho para a visita de inspeção.

— Oh, não — respondeu o Chanceler. — Eton é reservado exclusivamente para rapazes e moças das castas superiores. Um ovo, um adulto. Isso torna mais difícil a educação, naturalmente. Mas, como serão chamados a assumir responsabilidades e enfrentar emergências imprevistas, não há outro remédio — suspirou.

Bernard, entretanto, achara a srta. Keate muito de seu agrado.

— Se estiver livre uma destas noites, segunda, quarta ou sexta... — dizia ele. E, indicando o Selvagem com o polegar: — Ele é interessante, sabe? Singular.

A srta. Keate sorriu (seu sorriso era realmente encantador, pensou Bernard) e agradeceu, disse que teria muito prazer em comparecer a uma de suas reuniões.

O Chanceler abriu uma porta.

Cinco minutos passados nessa aula para Alfas-Mais-Mais deixaram John um pouco aturdido.

— O que é a relatividade elementar? — perguntou em voz baixa a Bernard.

Este tentou explicar-lhe, mas mudou de ideia e propôs que fossem visitar outra aula.

Enquanto seguiam pelo corredor que levava à aula de geografia dos Betas-Menos, ouviram uma voz sonora de soprano gritar, atrás de uma porta: “Um, dois, três, quatro”, e depois, com uma impaciência cheia de lassidão: “Descansar.”

— Exercícios Malthusianos — explicou a Diretora. — A maioria das nossas moças é neutra, já se vê. Eu própria sou uma neutra — e sorriu para Bernard. — Mas temos umas oitocentas que não são esterilizadas e precisam praticar exercícios constantemente.

Na aula de geografia dos Betas-Menos, John ficou sabendo que “uma Reserva de Selvagens é um lugar que, devido a condições climáticas ou geológicas desfavoráveis, ou à pobreza de recursos naturais, não compensa as despesas necessárias para civilizá-lo”. Um estalido, e a sala ficou mergulhada na escuridão; subitamente, na tela acima da cabeça do Professor, apareceram os *Penitentes* de Acoma, prosternando-se diante de Nossa Senhora e gemendo como John os ouvira gemer, confessando seus pecados diante de Jesus crucificado, diante da imagem de Pukong sob a forma de uma águia. Os jovens estudantes de Eton explodiram em gargalhadas. Sempre gemendo, os Penitentes ergueram-se, despiram-se até a cintura e começaram a flagelar-se com açoites, golpe após golpe. As explosões de riso, redobradas, abafaram até mesmo a reprodução ampliada dos gemidos.

— Mas por que é que eles riem? — perguntou o Selvagem com perplexidade magoada.

— Por quê? — o Chanceler virou para ele o rosto ainda enrugado pelo riso. — Por quê? Ora, porque é extraordinariamente engraçado.

Na penumbra cinematográfica, Bernard arriscou um gesto que, outrora, mesmo na mais completa escuridão, não teria ousado esboçar. Seguro de sua recente importância, passou o braço pela cintura da Diretora. Ela cedeu, flexível e graciosa. Ele ia arrancar um ou dois beijos, e talvez beliscá-la de leve, quando, com um novo estalido, se abriram as persianas das janelas.

— Talvez seja melhor continuarmos a nossa visita — disse a srta. Keate, e dirigiu-se para a porta.

— E isto aqui — disse o Chanceler um momento depois — é a Sala de Controle Hipnopédico.

Centenas de caixas de música sintética, uma para cada dormitório, alinhavam-se em prateleiras ao longo de três paredes da sala; na quarta parede, classificados em pequenos compartimentos, achavam-se os rolos de fita em que estavam gravadas as diversas lições hipnopédicas.

— Introduz-se o rolo aqui — explicou Bernard, interrompendo o dr. Gaffney —, aperta-se este interruptor...

— Não, aquele — retificou o Chanceler, agastado.

— Aquele, então. O rolo gira. As células de selênio transformam os impulsos luminosos em vibrações sonoras e...

— E pronto — disse o dr. Gaffney, concluindo.

— Eles leem Shakespeare? — perguntou o Selvagem quando, a caminho dos Laboratórios Bioquímicos, passavam diante da Biblioteca da Escola.

— De modo algum — respondeu a Diretora, corando.

— Nossa biblioteca — disse o dr. Gaffney — contém somente obras de consulta. Se os nossos jovens precisarem de distrações, poderão encontrá-las no cinema sensível. Nós não os estimulamos a procurar qualquer tipo de diversão solitária.

Cinco ônibus cheios de rapazes e moças a cantar, ou abraçados em silêncio, passaram diante deles pela rua vitrificada.

— Estão voltando neste instante do Crematório de Slough — explicou o dr. Gaffney, enquanto Bernard, em voz baixa, marcava um encontro com a Diretora para aquela mesma noite. — O condicionamento para a morte começa aos dezoito anos. Cada garotinho passa semanalmente duas manhãs em um Hospital para Moribundos. Lá encontram os melhores brinquedos e, nos dias em que ocorre algum falecimento, ganham creme de chocolate. Aprendem, desse modo, a considerar a morte uma coisa natural.

— Como qualquer outro processo fisiológico — acrescentou a Diretora, em tom profissional.

Às oito horas, no Savoy. Estava tudo combinado.

De regresso a Londres, detiveram-se na fábrica da Companhia Geral de Televisão de Brentford.

— Quer me esperar aqui um instante, enquanto vou telefonar? — pediu Bernard.

O Selvagem esperou e ficou observando. Era justamente a hora de saída da turma principal do dia. Uma multidão de trabalhadores das castas inferiores fazia fila diante da estação de monotrilho — setecentos a oitocentos homens e mulheres Gamas, Deltas e Ípsilons que, em sua totalidade, não tinham mais de uma dúzia de fisionomias e estaturas diferentes. A cada um deles o bilheteiro dava, juntamente com a passagem, uma caixinha de papelão contendo pílulas. A longa fila de homens e mulheres avançava lentamente.

— Que é que há nesses... — (lembrando-se de *O mercador de Veneza*) — nesses escrínios? — perguntou o Selvagem, quando Bernard voltou.

— A ração diária de soma — respondeu Bernard em voz um tanto indistinta, pois estava mascando um pedaço do chiclete que ganhara de Benito Hoover. — Eles a recebem quando terminam o trabalho. Quatro comprimidos de meio grama. Seis aos sábados.

Tomou afetuosamente o braço de John e voltaram para o helicóptero.

Lenina entrou cantando no Vestiário.

— Parece muito satisfeita — observou Fanny.

— E *estou* satisfeita — respondeu ela. Zip! — Bernard me telefonou há meia hora. — Zip, zip! Tirou o calção. — Tem um compromisso inesperado... — Zip! — Ele me pediu para levar o Selvagem

ao cinema sensível hoje de noite. Tenho de me apressar — e precipitou-se para a sala de banho.

"É uma garota de sorte", pensou Fanny, enquanto via Lenina afastar-se.

Não havia nenhuma inveja nesse comentário; Fanny, com sua boa índole, constatava simplesmente um fato. Lenina tinha sorte mesmo; sorte de partilhar com Bernard uma generosa porção da imensa celebridade do Selvagem; sorte de, em sua insignificante pessoa, refletir a glória suprema do momento. A Secretária da Associação Fordiana de Moças não a convidara a pronunciar uma conferência acerca de suas aventuras? Não fora ela convidada para o Jantar Anual do Clube Afroditeu? Não aparecera já num filme das últimas Novidades Sensíveis — de modo perceptível à visão, à audição e ao tato de incontáveis milhões de espectadores em todo o planeta?

As atenções que lhe dispensavam personagens de destaque não tinham sido menos lisonjeiras. O Segundo Secretário do Administrador Mundial da região a convidara a jantar e tomar o café da manhã. Passara um fim de semana com Sua Fordeza o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça e outro com o Arquichantre de Canterbury. O Presidente da Companhia Geral de Secreções Internas e Externas telefonava-lhe constantemente e ela fora a Deauville com o Vice-Diretor do Banco da Europa.

— É maravilhoso, sem dúvida. Entretanto, de certo modo — confessou ela a Fanny —, tenho a sensação de que estou conseguindo alguma coisa de má-fé. Porque, naturalmente, a primeira coisa que todos desejam saber é o que se sente ao manter relações amorosas com um Selvagem. E sou forçada a dizer que não sei — balançou a cabeça. — A maioria dos homens não acredita, claro. Mas é a verdade. Bem desejaria que não fosse — acrescentou com tristeza, e suspirou. — Ele é lindo de morrer, você não acha?

— Mas ele não gosta de você? — perguntou Fanny.

— Às vezes me parece que sim e, outras vezes, que não. Ele faz sempre o que pode para me evitar. Sai da sala quando entro; não quer tocar em mim, nem mesmo me olhar. Mas às vezes, se me viro de repente, eu o surpreendo me olhando fixamente; e então... ora, você sabe como os homens olham quando gostam da gente.

Sim, Fanny sabia.

— Não posso compreender isso — continuou Lenina.

Não podia compreender; e estava não somente perplexa, mas também bastante desgostosa.

— Porque, você vê, Fanny, eu gosto dele.

Gostava cada vez mais dele. Bem, agora se apresentava uma verdadeira oportunidade, pensou, enquanto se perfumava após o banho. *Puf, puf, puf* — uma verdadeira oportunidade. Seu otimismo exuberante transbordou numa canção:

Beija-me, abraça-me com rudeza;
Esgota-me até o coma;
Conserva-me a ti presa;
O amor é como o soma.

O órgão de perfumes tocava um Capricho Herbáceo deliciosamente fresco — arpejos saltitantes de tomilho e alfazema, de alecrim, manjericão, murta e estragão; uma série de modulações audaciosas, passando por todos os tons das especiarias até o âmbar cinzento; e um lento retorno, através do sândalo, da cânfora, do cedro e do feno recém-ceifado (com tonalidades sutis, por momentos, de notas discordantes — uma baforada de pastel de rins, uma pitada mínima de esterco de porco) aos aromas simples com os quais a melodia começara. O último acorde de tomilho desvaneceu-se, ouviram-se aplausos, as luzes se reacenderam. Na máquina de música sintética, o rolo de fita sonora começou a girar. Foi um trio para hiperviolino, supervioloncelo e pseudo-oboé que saturou então o ar com sua agradável languidez. Trinta a quarenta compassos — e depois, sobre esse fundo instrumental, uma voz muito mais que humana começou a cantar: ora

voz de garganta, ora voz de cabeça, ora singela como uma flauta, ora carregada de anelantes sons harmônicos, ela passava sem esforço do recorde de baixo de Gaspard Foster, nos extremos limites dos sons musicais, a um trinado agudo como o grito do morcego, muito acima do dó mais elevado que deu uma vez (em 1770, na Ópera Ducal de Parma e para espanto de Mozart) Lucrezia Ajugari, única cantora a fazê-lo em toda a história.

Comodamente instalados em suas poltronas pneumáticas, Lenina e o Selvagem aspiravam e ouviam. Chegou então a vez também dos olhos e da pele.

As luzes da sala apagaram-se; letras chamejantes destacaram-se em relevo, como suspensas na escuridão. TRÊS SEMANAS EM HELICÓPTERO. SUPERFILME CANTANTE, FALANTE, SINTÉTICO, COLORIDO, ESTEREOSCÓPICO E SENSÍVEL. COM ACOMPANHAMENTO SINCRONIZADO DE ÓRGÃO DE PERFUMES.

— Coloque suas mãos nesses botões metálicos que estão nos braços de sua poltrona — sussurrou Lenina. — Sem isso você não terá nenhum dos efeitos do Sensível.

O Selvagem fez o que lhe fora indicado.

Enquanto isso, aquelas letras chamejantes tinham desaparecido; houve dez segundos de escuridão completa; depois, de súbito, deslumbrantes e parecendo incomparavelmente mais sólidas do que se se apresentassem em carne e osso, muito mais reais do que a própria realidade, surgiram as imagens estereoscópicas de um negro gigantesco estreitamente abraçado a uma jovem Beta-Mais braquicéfala, de cabelos cor de ouro.

O Selvagem sobressaltou-se. Aquela sensação nos seus lábios! Ergueu a mão para levá-la à boca; o leve roçar nos lábios cessou; deixou recair a mão no botão metálico; a sensação recomeçou. Ao mesmo tempo, o órgão de perfumes exalava almíscar puro. Em tom expirante, uma superpomba de trilha sonora arrulhou: “U-uh”; e, não vibrando mais de trinta e duas vezes por segundo, uma voz de baixo, mais que africana em sua profundidade, respondeu: “Aa-aah!” “Uh-ah! Uh-ah!” Os lábios

estereoscópicos uniram-se de novo, e mais uma vez as zonas erógenas faciais dos seis mil espectadores do Alhambra titilaram com um prazer galvânico quase intolerável. “U-uh...”

O enredo do filme era extremamente simples. Alguns minutos depois dos primeiros “uuhs” e “aahs” (tendo sido cantado um dueto e realizados alguns contatos amorosos sobre aquela famosa pele de urso, da qual cada pelo — o Predestinador-Adjunto tinha razão — se deixava sentir separada e nitidamente), o negro era vítima de um acidente de helicóptero e caía de cabeça. Pan! Que ferroada de um lado a outro da testa! Um coro de *uis* e *ais* elevou-se dentre os espectadores.

O choque transtornou todo o condicionamento do negro. Este sentiu-se tomado de uma paixão exclusiva e demente pela Beta loura. Ela protestou. Ele insistiu. Houve lutas, perseguições, agressão a um rival e, finalmente, um sensacional sequestro. A Beta loura foi raptada e mantida em pleno céu, pairando, durante três semanas, em um *tête-à-tête* ferozmente antissocial com o negro louco. Por fim, depois de uma longa série de aventuras e muitas acrobacias aéreas, três jovens e belos Alfas conseguiram libertá-la. O negro foi mandado para um Centro de Recondicionamento de Adultos e o filme terminou de um modo feliz e decoroso, com a Beta loura tornando-se amante de seus três salvadores. Interromperam-se por um instante para cantar um quarteto sintético com acompanhamento de superorquestra e de gardênias no órgão de perfumes. Depois a pele de urso apareceu uma última vez e, em meio a um clangor de sexofones, o último beijo estereoscópico esvaiu-se na escuridão, a última titilação elétrica amorteceu-se nos lábios, como uma mariposa em agonia, que palpita, palpita, cada vez mais fracamente, cada vez mais imperceptivelmente, e acaba por ficar imóvel, completamente imóvel.

Para Lenina, porém, a mariposa não morrera completamente. Mesmo depois que as luzes se reacenderam, enquanto caminhavam lentamente com a multidão para os elevadores, o fantasma palpitava ainda nos seus lábios, traçando na pele finos arabescos frementes de angústia e de prazer. Estava com as faces coradas, tinha um brilho orvalhado nos olhos,

respirava profundamente. Tomou o braço do Selvagem, apertou-o, inerte, contra o seu corpo. Ele baixou os olhos um segundo para ela, pálido, atormentado, cheio de desejo e envergonhado por isso. Ele não era digno, não era... Seus olhares se cruzaram por um momento. Que tesouros prometiam o de Lenina! De um temperamento preciosíssimo. Ele apressou-se a desviar os olhos, desprendeu seu braço aprisionado. Obscuramente, temia que ela deixasse de ser algo de que ele pudesse considerar-se indigno.

— Acho que você não deveria ver coisas assim — disse, apressando-se a transferir de Lenina para as circunstâncias ambientes a culpa de qualquer imperfeição passada ou possível no futuro.

— Assim como, John?

— Como esse filme horrível.

— Horrível? — Lenina ficou sinceramente espantada. — Mas eu o achei encantador.

— Era vil — retrucou ele, indignado —, era ignóbil.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei o que você quer dizer... — por que ele era tão esquisito? Por que se empenhava em estragar as coisas?

No taxicóptero, mal olhou para ela. Preso por votos poderosos que nunca tinham sido proferidos, obediente a leis caídas em desuso havia muito tempo, ficou sentado, desviando os olhos, em silêncio. Por vezes, como se um dedo tocasse numa corda tensa prestes a romper-se, todo o seu corpo era sacudido por um brusco sobressalto nervoso.

O taxicóptero pousou no terraço do edifício de apartamentos de Lenina. “Enfim”, pensou ela, exultante, quando desceu do aparelho. Enfim — muito embora ele tivesse sido tão esquisito havia pouco. De pé, sob uma lâmpada, ela olhou-se em seu espelho de mão. Enfim. Sim, ela estava realmente com o nariz um nadinha lustroso. Sacudiu o pó solto de sua esponja. Enquanto ele pagava o táxi, teria tempo de empoar-se. Esfregou a parte lustrosa, pensando. “Ele é terrivelmente bonito. Não tem nenhum motivo para ser tímido como Bernard. E, no entanto... Qualquer outro homem já o teria feito há muito tempo. Mas agora, enfim!” Aquele

fragmento de rosto refletido em seu espelhinho redondo sorria-lhe de repente.

— Boa noite — disse uma voz embargada, atrás dela.

Lenina voltou-se vivamente. Ele estava junto à porta do táxi, os olhos fixos, muito abertos; era evidente que estivera olhando durante todo esse tempo, enquanto ela empoava o nariz, esperando — mas o quê? — ou hesitando, procurando decidir-se e pensando continuamente, pensando — ela não podia imaginar que pensamentos extraordinários seriam os seus.

— Boa noite, Lenina — repetiu ele, e esboçou um estranho arremedo de sorriso.

— Mas, John... Pensei que você fosse... Quero dizer, você não vai...?

Ele fechou a porta e inclinou-se para dizer qualquer coisa ao condutor. O aparelho subiu de um salto.

Olhando para baixo através da janela do piso, o Selvagem pôde ver o rosto de Lenina voltado para cima, pálido sob a luz azulada das lâmpadas. Ela estava com a boca aberta, e chamava. Seu vulto, em perspectiva reduzida, afastou-se dele a toda velocidade; o quadrado do terraço, diminuindo cada vez mais, parecia afundar nas trevas.

Cinco minutos depois, ele estava de volta ao seu quarto. Tirou de um esconderijo o volume roído pelos ratos, virou com cuidado religioso as páginas manchadas e amarfanhadas e começou a ler *Otelo*. Otelo, lembrou-se, parecia-se com o herói de *Três semanas em helicóptero* — era um negro.

Enxugando os olhos, Lenina atravessou o terraço até o elevador. Enquanto descia ao vigésimo sétimo andar, pegou o seu frasco de soma. Um grama não bastaria, decidiu; seu desgosto correspondia a uma dose maior. Mas, se tomasse dois gramas, correria o risco de não acordar a tempo, na manhã seguinte. Optou por um meio-termo e, sacudindo o frasco, fez cair na palma da mão esquerda, aberta em concha, três comprimidos de meio grama.

Doze

BERNARD TEVE DE GRITAR através da porta fechada a chave; o Selvagem não queria abrir.

— Mas todos estão lá esperando por você.

— Que esperem — foi a resposta que veio em voz abafada.

— Mas você sabe muito bem, John — (como é difícil ser persuasivo falando em altos brados!) —, que eu os convidei expressamente para conhecê-lo.

— Devia ter perguntado primeiro a mim se queria conhecê-los.

— Mas você sempre veio nas outras vezes, John.

— É justamente por isso que agora não quero ir mais.

— Só para me agradar — suplicou Bernard com voz tonitruante. — Você não quer vir, para me agradar?

— Não.

— Está falando sério?

— Sim.

Em desespero, Bernard gemeu:

— Mas, então, que hei de fazer?

— Vá para o inferno! — berrou lá de dentro a voz exasperada.

— Mas o Arquichantre de Canterbury está aí hoje. — Bernard estava quase chorando.

— *Ai yaa tákwa!* — somente em zuni podia o Selvagem expressar adequadamente o que pensava a respeito do Arquichantre. — *Háni!* — acrescentou, como se refletisse melhor; em seguida (com que sarcástica ferocidade!): — *Sons éso tse-ná*. — E cuspiu no chão, como teria feito Popé.

No fim, Bernard foi obrigado a retirar-se de cabeça baixa, humilhado, para o seu apartamento, e comunicar aos impacientes

convidados que o Selvagem não apareceria aquela noite. A notícia foi recebida com indignação. Os homens ficaram furiosos por terem sido induzidos a tratar cortesmente aquela criatura insignificante, de reputação duvidosa e opiniões heréticas. Quanto mais elevada era a posição deles na hierarquia, mais profundo era o seu ressentimento.

— Pregar uma peça destas em mim! — repetia constantemente o Arquichantre. — Em mim!

Quanto às mulheres, estavam indignadas por sentirem que haviam sido possuídas dolosamente por um homenzinho miserável em cujo bocal fora posto álcool por engano — uma criatura que tinha o físico de um Gama-Menos. Era uma afronta, elas proclamavam em tom cada vez mais alto. A Diretora de Eton foi particularmente dura.

Somente Lenina não disse nada. Pálida, com os olhos azuis velados por uma melancolia pouco habitual, estava sentada a um canto, separada dos que a cercavam por uma emoção de que não participava. Fora àquela reunião dominada por um estranho sentimento de exultação ansiosa. "Dentro em pouco", pensara ao entrar na sala, "eu o estarei vendo, falando com ele, dizendo a ele" (pois viera com sua resolução tomada) "que gosto dele — mais do que de qualquer outro homem que eu tenha jamais conhecido. E então ele dirá, talvez..."

Que diria ele? O sangue subira-lhe às faces.

"Por que se mostrou tão estranho aquela noite, depois do cinema sensível? Tão esquisito. E, no entanto, estou absolutamente certa de que ele gosta mesmo um pouco de mim. Estou certa..."

Foi nesse momento que Bernard fez sua comunicação: o Selvagem não compareceria.

Lenina sentiu, de súbito, todas as sensações normalmente experimentadas no início de um tratamento de Sucedâneo de Paixão Violenta — uma sensação de vácuo atroz, uma apreensão ofegante, náuseas. Parecia-lhe que o coração deixara de pulsar.

"Talvez seja porque não gosta de mim", pensou. E em seguida essa possibilidade se tornou uma certeza indiscutível: John se recusara a vir

porque não gostava dela. Não gostava dela...

— É realmente demais — declarou a Diretora de Eton ao Diretor dos Crematórios e da Recuperação do Fósforo. — Quando penso que cheguei a...

— Sim — fez-se ouvir a voz de Fanny Crowne —, é a pura verdade essa história do álcool. Conheço alguém que conhecia uma pessoa que trabalhava no depósito de embriões naquele tempo. Essa pessoa contou à minha amiga, que por sua vez me contou...

— É verdadeiramente lamentável — disse Henry Foster, manifestando sua simpatia ao Arquichantre. — Talvez lhe interesse saber que o nosso ex-Diretor esteve a ponto de transferi-lo para a Islândia.

Perfurado por cada uma das palavras que diziam, o inflado balão da autoconfiança de Bernard se esvaziava agora por mil orifícios. Pálido, aturdido, abjeto e agitado, ia e vinha por entre seus convidados, gaguejando desculpas incoerentes, assegurando-lhes que, na próxima vez, o Selvagem por certo estaria presente, suplicando-lhes que se sentassem e aceitassem um sanduíche de carotina, uma fatia de torta de vitamina A, uma taça de pseudochampanha. Os convidados comiam, mas não lhe davam atenção; bebiam e mostravam-se francamente rudes com ele, ou falavam a seu respeito uns com os outros, em voz alta e de maneira ofensiva, como se ele não estivesse presente.

— E agora, meus amigos — disse o Arquichantre de Canterbury, com aquela bela voz sonora com que dirigia os coros durante as cerimônias do Dia de Ford —, agora, meus amigos, creio que é chegado, talvez, o momento...

Levantou-se, pôs o copo sobre a mesa, sacudiu de seu colete de viscose roxa as migalhas de uma abundante refeição e dirigiu-se para a porta.

Bernard precipitou-se para detê-lo.

— Será realmente preciso, senhor Arquichantre?... Ainda é muito cedo. Esperava que o senhor...

Sim, o que não tinha ele esperado quando Lenina lhe dissera, em confidência, que o Arquichantre aceitaria um convite, se lhe fosse enviado? “Na realidade, ele é muito amável, sabe?” E ela mostrara a Bernard o pequeno zíper de ouro, em forma de T, que o Arquichantre lhe dera como lembrança do fim de semana que os dois haviam passado no Instituto Coral Diocesano. *“Estarão presentes o Arquichantre de Canterbury e o sr. Selvagem.”* Bernard proclamara seu triunfo em cada um dos convites. Mas o Selvagem havia escolhido justamente essa reunião para fechar-se no quarto, para gritar *“Háni!”* e até (por sorte Bernard não compreendia o zuni) *“Sons éso tse-ná!”* O que deveria ter sido o momento culminante da carreira de Bernard tornara-se o da sua maior humilhação.

— Tanto que eu esperava... — balbuciou ele, erguendo os olhos suplicantes e desvairados para o alto dignitário.

— Meu jovem amigo — disse o Arquichantre em voz alta e de solene severidade; houve um silêncio geral. — Permita que lhe dê um conselho — sacudiu o dedo na direção de Bernard. — Antes que seja demasiado tarde. Um útil e precioso conselho. — (O tom de sua voz tornou-se sepulcral.) — Corrija-se, meu jovem amigo, corrija-se. — Fez-lhe o sinal do T e virou-se. — Lenina, minha cara — chamou em outro tom —, venha comigo.

Obediente, mas sem sorrir e (completamente insensível à honra que se lhe fazia) sem entusiasmo, Lenina saiu da sala atrás dele. Os demais convidados retiraram-se depois de um respeitoso intervalo. O último bateu com a porta. Bernard ficou só.

Esmagado, completamente murcho, atirou-se numa cadeira e, cobrindo o rosto com as mãos, começou a chorar. Ao fim de alguns minutos, entretanto, mudou de parecer e tomou quatro comprimidos de soma.

Lá em cima, no seu quarto, o Selvagem lia *Romeu e Julieta*.

Lenina e o Arquichantre desceram no terraço do Instituto Coral.

— Vamos depressa, meu jovem amigo... quero dizer, Lenina — chamou com impaciência o Arquichantre, que esperava junto à porta do elevador.

Lenina, que se havia retardado um momento para contemplar a lua, baixou os olhos e apressou-se a atravessar o terraço para reunir-se a ele.

Uma nova teoria biológica era o título do trabalho que Mustafá Mond acabava de ler. Ficou sentado algum tempo, as sobrancelhas franzidas meditativamente; depois tomou a pena e escreveu sobre a página de rosto: "A maneira pela qual o autor trata matematicamente a concepção de finalidade é nova e extremamente engenhosa, mas herética e, no que diz respeito à ordem social presente, perigosa e potencialmente subversiva. *Não publicar*". Sublinhou essas palavras. "O autor será mantido sob vigilância especial. Sua transferência para o Posto de Biologia Marinha de Santa Helena poderá tornar-se necessária." Uma lástima, pensou, enquanto assinava. Era um trabalho magistral. Mas se se começasse a admitir explicações de ordem finalística... bem, não se sabia qual poderia ser o resultado. Era o tipo de ideia que poderia facilmente descondicionar os espíritos menos estáveis das castas superiores — que poderia fazê-los perder a fé na felicidade como Soberano Bem e levá-los a crer, em vez disso, que o objetivo estava em alguma parte além e fora da esfera humana presente; que a finalidade da vida não era a manutenção do bem-estar, e sim uma certa intensificação, um certo refinamento da consciência, uma ampliação do saber... O que, refletiu o Administrador, bem podia ser verdade. Mas inadmissível nas circunstâncias presentes. Retomou a pena e, sob as palavras *"Não publicar"*, riscou um segundo traço, mais espesso, mais preto do que o primeiro; depois suspirou. "Como seria divertido", pensou, "se não se tivesse de pensar na felicidade!"

De olhos fechados, a fisionomia radiante e extática, John declamava docemente no vazio: Ah! é dela que a tocha aprende a luzir com fulgor!

Sua beleza junto ao rosto escuro da noite
É qual joia soberba presa à orelha de um etíope:

Bela demais para os usos da vida, preciosa demais para a terra... [17]

O T de ouro brilhava no peito de Lenina. Brincando, o Arquichantre tomou-o entre os dedos; brincando puxou, puxou.

— Creio — disse Lenina de súbito, quebrando um longo silêncio — que seria melhor eu tomar uns dois gramas de soma.

A essa hora, Bernard dormia profundamente e sorria no paraíso pessoal dos seus sonhos. Sorria, sorria. Mas, inexoravelmente, a cada trinta segundos o ponteiro dos minutos do relógio elétrico acima de sua cabeça pulava para a frente com um estalido quase imperceptível. Clique, clique, clique, clique... E amanheceu. Bernard retornou às misérias do espaço e do tempo. Foi num estado de desânimo total que tomou o táxi para o trabalho no Centro de Condicionamento. A embriaguez do sucesso havia se dissipado; voltara sobriamente ao seu velho eu; e, em contraste com o balão temporário das últimas semanas, o eu antigo parecia ser, como nunca, mais pesado do que a atmosfera ambiente.

A esse Bernard apático, o Selvagem demonstrou uma inesperada simpatia.

— Você está mais parecido com aquele que era em Malpaís — disse ele, quando Bernard lhe contou sua lastimosa história. — Lembra-se da primeira vez em que nós conversamos? Na frente da pequena casa? Você se parece com o que era então.

— Porque sou infeliz de novo, essa é a razão.

— Pois bem, eu preferiria ser infeliz a ter essa espécie de felicidade falsa e mentirosa que você gozava aqui.

— Essa é boa! — retrucou Bernard com amargura. — Quando foi você a causa de tudo! Recusando-se a comparecer à minha reunião e voltando todos contra mim!

Ele sabia que o que estava dizendo era absurdamente injusto; reconhecia isso intimamente e, por fim, admitiu em voz alta a verdade do

que o Selvagem lhe dizia agora sobre o nenhum valor de amigos que, por motivos tão insignificantes, podiam transformar-se em inimigos e perseguidores. Mas, embora soubesse e reconhecesse tudo isso, embora o apoio e a simpatia do amigo fossem agora seu único consolo, Bernard continuou a alimentar perversamente, ao mesmo tempo que uma afeição sincera, um secreto ressentimento contra o Selvagem, e a meditar uma campanha de pequenas vinganças contra ele. Guardar ressentimento contra o Arquichantre era inútil; tampouco havia possibilidade de vingar-se do Enfrascador-Chefe ou do Predestinador-Adjunto. Como vítima, o Selvagem tinha, para Bernard, uma superioridade enorme sobre os outros: era acessível. Uma das principais funções de um amigo é suportar (sob forma atenuada e simbólica) os castigos que nós gostaríamos, mas não temos possibilidade, de infligir aos nossos inimigos.

O outro amigo-vítima era Helmholtz. Quando, derrotado, Bernard voltou para pedir-lhe novamente a amizade que, em seu período de prosperidade, havia julgado inútil conservar, Helmholtz tornou a dar-lha; e a restituiu sem uma censura, sem um comentário, como se tivesse esquecido que entre eles houvera um estremecimento. Bernard sentiu-se comovido e, ao mesmo tempo, humilhado por aquela magnanimidade — uma magnanimidade tanto mais extraordinária e, por isso mesmo, tanto mais humilhante porque não era devida ao soma e sim, exclusivamente, ao caráter de Helmholtz. Era o Helmholtz da vida cotidiana que esquecia e perdoava, não o Helmholtz das fugas proporcionadas por meio grama de soma. Bernard ficou devidamente agradecido (era um grande conforto reencontrar o amigo) e também devidamente ressentido (seria um prazer vingar-se de Helmholtz por sua generosidade).

No primeiro encontro após a separação, Bernard contou a história de suas desventuras e aceitou o consolo oferecido. Foi somente alguns dias depois que ele veio a saber, com surpresa e uma pontada de vergonha, que não era o único que estava em dificuldade. Helmholtz também entrara em conflito com a Autoridade.

— Foi a propósito de uns versos — explicou. — Estava dando meu curso costumeiro de Engenharia Emocional Avançada para Alunos do Terceiro Ano. Doze conferências, das quais a sétima trata de versos. “Do Emprego dos Versos na Propaganda Moral e na Publicidade”, para ser exato. Sempre ilustro minhas preleções com uma porção de exemplos técnicos. Desta vez, pensei em apresentar-lhes um que eu próprio acabara de escrever. Pura insensatez, é claro; mas não pude resistir — riu. — Tinha curiosidade de ver quais seriam as reações dos alunos. Além disso — acrescentou seriamente —, queria fazer um pouco de propaganda; estava tentando levá-los a experimentar o que eu havia sentido quando escrevi os versos. Ford! — riu novamente. — Que escândalo! Fui chamado pelo Diretor e ameaçado de expulsão imediata. Sou um homem marcado.

— Mas que versos eram esses? — perguntou Bernard.

— Eram sobre a solidão.

Bernard arqueou as sobrancelhas.

— Vou recitá-los, se você quiser — e Helmholtz começou: A sombra de um dia de Conselho

Vaga em torno; em eco veloz
Meia-noite por sobre a Cidade
Ressoa em toda a cena vazia:
Lábios fechados, rostos a dormir,
Máquinas quietas, paralisadas,
Lugares mudos, ora desertos
Que não faz muito o povo habitava...
Esses silêncios, ao mesmo tempo
Tristes, alegres, doces, sonoros,
Todos falando — mas com que voz?
Sim, com que voz?
Ah! isso ignoro.

A ausência dos braços de Susana,
A falta dos beijos de Egéria,

Seus corpos sem motivo ausentes,
Este vazio que me contraria
Acaba formando uma presença.
Loucura vã!... E entretanto,
Por absurda que seja a origem,
Esta sombra em que só o nada
Povoa melhor — miragem, bolha —
O grande vácuo sutil da noite
Do que o objeto com que se copula
Tão tristemente — assim me parece!

— Bem, eu lhes apresentei isso como exemplo e eles me denunciaram ao Diretor.

— Não me surpreende — disse Bernard. — Isso está completamente em desacordo com tudo o que lhes foi ensinado durante o sono. Lembre-se: martelaram-lhes pelo menos um quarto de milhão de vezes a advertência contra a solidão.

— Eu sei. Mas queria ver que efeito produziria.

— Pois bem, agora você viu.

Helmholtz limitou-se a rir.

— Sinto — disse, após um silêncio — que estou começando a ter alguma coisa sobre a qual escrever; que estou começando a ser capaz de usar aquele poder que sinto existir em mim, aquele poder suplementar, latente. Alguma coisa parece que está vindo a mim.

Apesar de todas as suas dificuldades, pensou Bernard, ele parecia profundamente feliz.

Helmholtz e o Selvagem logo simpatizaram um com o outro. Na verdade, tanto, que Bernard sentiu uma ferroada de ciúme. Em todas aquelas semanas, ele nunca pudera chegar a uma intimidade tão completa com o Selvagem quanto a que Helmholtz alcançara imediatamente. Observando-os, ouvindo suas conversas, arrependia-se às vezes, cheio de ressentimento, de os ter aproximado. Tinha vergonha de seu ciúme e, para

não o sentir, alternadamente empregava a sua força de vontade e recorria ao soma. Os seus esforços, porém, não tiveram muito êxito, e entre as fugas do soma havia forçosamente intervalos. O odioso sentimento voltava sempre.

No terceiro encontro com o Selvagem, Helmholtz recitou-lhe seus versos sobre a solidão.

— Que acha deles? — perguntou, ao terminar.

O Selvagem balançou a cabeça.

— Ouça isto — foi a sua resposta; e, abrindo com a chave a gaveta onde guardava seu livro roído pelos ratos, tirou-o e leu:

Que o pássaro de forte gorjeio,
Sobre a solitária árvore da Arábia,
Seja arauto triste e seja trombeta...

Helmholtz ouviu com uma excitação crescente. Depois de "solitária árvore da Arábia", teve um sobressalto; depois de "tu, mensageiro ruidoso", sorriu de súbito prazer; depois de "todo pássaro de asa tirânica", o sangue subiu-lhe às faces; mas depois de "música funérea", empalideceu e tremeu com uma emoção inteiramente nova. O Selvagem continuou a ler: O sentido do ser ficou aterrado

Por esse eu que não era o mesmo;
Natureza única e duplo nome,
Que não se chamava dois nem um.

E a própria razão, confusa,
Via a divisão amalgamar-se...[18]

— Orgião-espadão! — disse Bernard, interrompendo a leitura com uma risada sonora e desagradável: — É, pura e simplesmente, um cântico da cerimônia de Solidariedade.

Vingava-se assim dos seus dois amigos por sentirem um pelo outro mais afeição do que por ele. Durante as duas ou três reuniões seguintes, repetiu com frequência esse pequeno ato de vingança. Era simples, mas

extremamente eficaz, pois tanto Helmholtz como o Selvagem sofriam profunda mortificação ao verem assim despedaçado e maculado um cristal poético que lhes era caro. Por fim, Helmholtz ameaçou expulsá-lo a pontapés se ousasse interrompê-los outra vez. No entanto, coisa bastante estranha, a seguinte interrupção, a mais vergonhosa de todas, partiu do próprio Helmholtz.

O Selvagem lia em voz alta *Romeu e Julieta* — lia com paixão intensa e fremente, pois via a si mesmo no lugar de Romeu, e Lenina no de Julieta. Helmholtz ouvira com interesse intrigado a cena do primeiro encontro dos dois amantes. A cena do pomar tinha-o encantado por sua poesia; mas os sentimentos expressados fizeram-no sorrir. Chegar a tal estado por causa de uma mulher parecia-lhe um tanto ridículo. Mas, examinando os detalhes verbais um por um, que trabalho soberbo de engenharia emocional!

— Esse bom velho — disse — faz parecerem tolos os nossos melhores técnicos de propaganda.

O Selvagem deu um sorriso de triunfo e prosseguiu na leitura. Tudo foi razoavelmente bem até o ponto em que, na última cena do terceiro ato, Capuleto e sua esposa começam a intimidar Julieta para induzi-la a desposar Páris. Helmholtz mostrara-se agitado durante toda a cena. Quando, porém, na mímica patética do Selvagem, Julieta exclamou: Não há, pois, para mim um olhar de piedade,

Que do alto das nuvens veja o abismo de minha dor?
Oh, minha doce mãe, não me repilas!
Retarda esse consórcio de um mês, de uma semana,
Ou, senão, faz estender meu leito nupcial
Na capela sombria onde repousa Tybalt...

Quando Julieta disse isso, Helmholtz explodiu numa gargalhada incontrolável.

A mãe e o pai (obscenidade grotesca) obrigando a filha a ser de alguém a quem não queria! E essa jovem idiota, que não dizia que se daria a

um outro, a quem (de momento, pelo menos) preferia! No seu absurdo indecoroso, a situação era irresistivelmente cômica. Ele conseguira, com um esforço heroico, conter a pressão crescente de sua hilaridade; mas "doce mãe" (no tom trêmulo de angústia com que o dissera o Selvagem) e a alusão a Tybalt estendido morto, porém manifestamente não cremado e desperdiçando seu fósforo numa capela escura — isso foi demais para ele. Riu às gargalhadas, até lhe escorrerem as lágrimas pelas faces — riu com um riso inextinguível, enquanto, pálido e ofendido, o Selvagem o olhava por cima do livro, e depois, continuando sempre as risadas, fechou-o com indignação, levantou-se e, com o gesto de alguém que retira suas pérolas da frente dos porcos, guardou-o na gaveta, que fechou à chave.

— E, no entanto — disse Helmholtz quando, depois de recuperar suficientemente o fôlego para poder desculpar-se, conseguira acalmar o Selvagem a ponto de fazê-lo ouvir suas explicações —, eu sei perfeitamente que são necessárias situações ridículas e loucas como essas; não se pode escrever verdadeiramente bem sobre qualquer outro assunto. Por que é que esse bom velho era um maravilhoso técnico de propaganda? Porque tinha tantas coisas insensatas e excruciantes pelas quais podia exaltar-se. É preciso estar ferido e perturbado, sem o que não se acham as expressões verdadeiramente boas, penetrantes, as frases de raios X. Mas pais e mães!... — balançou a cabeça. — Você não vai esperar que eu fique sério a propósito de pais e mães. E quem é que pode ficar excitado com a questão de saber se um homem vai ou não tomar uma mulher? — (O Selvagem teve um estremecimento; mas Helmholtz, os olhos pensativamente fixos no chão, nada viu.) — Não — concluiu, com um suspiro —, isso não serve. Precisamos de outra espécie de loucura e violência. Mas qual? Qual? Onde se poderá encontrar? — calou-se; depois, balançando a cabeça: — Não sei — disse por fim —; não sei.

Treze

O VULTO DE HENRY FOSTER apareceu na penumbra do Depósito de Embriões.

— Quer ir esta noite ao cinema sensível?

Lenina balançou a cabeça, sem nada dizer.

— Você vai sair com alguém? — a ele interessava saber quais de seus amigos, homens e mulheres, andavam atualmente juntos. — É com Benito? — perguntou.

Lenina balançou a cabeça.

Henry percebeu a fadiga naqueles olhos roxos, a palidez sob aquele verniz de lupo, a tristeza nos cantos dos lábios carmesins que não sorriam.

— Você não está doente, não é? — perguntou um pouco inquieto, temendo que ela estivesse afetada por uma das poucas moléstias contagiosas que ainda subsistiam.

Mais uma vez, Lenina fez que não com a cabeça.

— Em todo caso, você devia ir ao médico — disse Henry. — "Um médico por dia dá vigor e alegria" — acrescentou efusivamente, dando-lhe uma palmada no ombro para acentuar bem o adágio hipnopédico. — Quem sabe se você não está precisando de um Sucedâneo de Gravidez — sugeriu. — Ou talvez de um tratamento de Sucedâneo de Paixão Violenta extraforte. Às vezes, você sabe, o Sucedâneo normal não é...

— Oh! Pelo amor de Ford, cale a boca! — retrucou Lenina, quebrando seu mutismo obstinado. E virou-se para os embriões de que descuidara.

Um tratamento de S.P.V., na verdade! Ela teria rido se não estivesse a ponto de chorar. Como se já não tivesse bastante P.V. ao natural! Suspirou profundamente enquanto enchia a seringa. "John", murmurou para si mesma, "John..." Depois: "Meu Ford, será que eu dei a injeção de doença do sono a este aqui, ou não?" Simplesmente não conseguia lembrar-se.

Afinal, decidiu não correr o risco de dar-lhe uma segunda dose e avançou ao longo da fileira para o bocal seguinte.

(Vinte e dois anos, oito meses e quatro dias depois, um jovem e promissor Alfa-Menos, administrador em Muanza-Muanza, morria de tripanossomíase — o primeiro caso em mais de meio século.) Suspirando, Lenina recomeçou seu trabalho.

Uma hora mais tarde, no vestiário, Fanny protestava energicamente:
— É absurdo você se deixar chegar a esse estado. Simplesmente absurdo — repetiu. — E por quê? Por causa de um homem, *um* homem!

— Mas é o homem que eu quero.

— Como se não houvesse milhões de outros homens no mundo.

— Mas eu não quero esses.

— Como é que você pode saber, se não experimentou?

— Eu experimentei.

— Mas quantos? — perguntou Fanny, dando de ombros desdenhosamente. — Um? Dois?

— Dúzias. Mas — e Lenina sacudiu a cabeça — isso não me serviu de nada.

— Pois é preciso insistir — sentenciou Fanny. Contudo, era evidente que sua confiança na própria receita fora abalada. — Não se pode alcançar nada sem perseverança.

— Mas, enquanto isso...

— Não pense nele.

— Não posso deixar de pensar.

— Tome soma, então.

— É o que eu faço.

— Pois continue.

— Mas nos intervalos continuo gostando dele. Gostarei dele sempre.

— Bem, se a coisa é assim — disse Fanny com decisão —, por que você não vai lá e o agarra, simplesmente, quer ele queira, quer não?

— Ah, se você soubesse como ele é terrivelmente estranho!

— Mais uma razão para você adotar uma linha de conduta firme.

— É muito fácil *dizer* isso.

— Não tolere subterfúgios. Aja! — a voz de Fanny era um clarim; parecia uma conferencista da Associação Fordiana de Moças fazendo uma palestra noturna às Betas-Menos adolescentes. — Sim, aja, imediatamente. Já.

— Eu ficaria apavorada — objetou Lenina.

— Ora! Basta tomar meio grama de soma. E agora vou para o meu banho.

E se afastou com passo decidido, arrastando a toalha.

A campainha soou. O Selvagem, que esperava, impaciente, que Helmholtz viesse aquela tarde (pois, tendo enfim se decidido a falar com ele de Lenina, não podia retardar por um minuto mais suas confidências), pôs-se em pé de um salto e correu para a porta.

— Tive um pressentimento de que era você, Helmholtz — gritou, enquanto abria.

Diante dele, vestida com um traje branco de marinheiro, de cetim de acetato, com um gorro branco inclinado audaciosamente sobre a orelha esquerda, estava Lenina.

— Oh! — fez o Selvagem, como se tivesse levado um vigoroso murro.

Meio grama fora suficiente para fazer Lenina esquecer seus receios e constrangimentos.

— Olá, John! — disse sorrindo, e, passando junto a ele, entrou na sala.

Maquinalmente, ele fechou a porta e seguiu-a. Lenina sentou-se. Houve um longo silêncio.

— Você não parece muito contente em me ver, John — disse ela, afinal.

— Não pareço contente? — o Selvagem olhou-a com ar de censura; e logo caiu de joelhos diante dela e, tomando-lhe a mão, beijou-a com reverência. — Não pareço contente? Ah! Se você soubesse! — murmurou,

e, animando-se a erguer os olhos para ela: — Querida Lenina, píncaro mesmo de toda admiração, digna do que há de mais precioso no mundo... — ela sorriu-lhe com deliciosa ternura. — Oh, perfeição — (ela inclinava-se para ele, os lábios entreabertos) —, criatura tão perfeita e incomparável — (cada vez mais próxima) —, criada com tudo que há de melhor em todos os seres...[19] — ainda mais próxima. O selvagem pôs-se em pé de repente. — É por isso — disse ele, desviando os olhos — que eu queria primeiro realizar alguma coisa... Quero dizer, para provar que era digno de você. Não que eu creia que pudesse consegui-lo. Mas queria ao menos provar que não sou completamente *indigno*. Queria fazer *alguma coisa*.

— Por que é que você acha necessário...? — começou Lenina, mas deixou a frase inacabada. Havia uma nota de irritação em sua voz. — Quando a gente se inclina para a frente, cada vez mais, com os lábios entreabertos, para ver-se de repente, sem mais nem menos (enquanto um pateta imbecil se levanta), inclinada sobre um lugar vazio... meu Ford, tem-se algum motivo, mesmo com meio grama de soma circulando no sangue, tem-se um motivo sério para estar contrariada.

— Em Malpaís — gaguejava incoerentemente o Selvagem — a gente devia trazer a pele de um leão das montanhas... quero dizer, quando queria casar com alguém. Ou então de um lobo.

— Não há leões na Inglaterra — retrucou Lenina em voz quase ríspida.

— E, mesmo que houvesse — tornou o Selvagem com um ressentimento súbito e desdenhoso —, seriam mortos com gases tóxicos ou qualquer coisa semelhante, lançados de helicóptero, suponho. Mas eu, Lenina, não faria *isso*! — endireitou os ombros, animou-se a olhá-la e deparou com seu olhar de incompreensão. Confuso e com crescente incoerência, recomeçou: — Farei não importa o quê. Tudo o que me ordenar. Existem jogos dolorosos, você sabe. Mas a dificuldade realça-lhes as delícias.[20] Eis o que sinto. Quero dizer que eu varreria o chão se você quisesse.

— Mas aqui nós temos aspiradores — disse Lenina, desorientada. — Não é necessário.

— Não, sem dúvida não é *necessário*. Mas há coisas vis que nobremente se suportam. Quisera eu suportar alguma coisa nobremente. Não me compreende?

— Mas uma vez que temos aspiradores...

— Não é essa a questão.

— E Ípsilons Semialeijões para fazê-los funcionar, então *por quê*?

— Por quê? Mas por você, por *você*! simplesmente para provar que eu...

— E que é que os aspiradores têm a ver com os leões...?

— Para mostrar quanto...

— Ou os leões com o seu prazer em me ver... — ela estava ficando cada vez mais exasperada.

— Quanto eu a amo, Lenina — ele conseguiu dizer, quase com desespero.

Como um emblema da onda interior de júbilo repentino, o sangue subiu às faces de Lenina.

— É verdade, John?

— Mas eu não tinha a intenção de dizê-lo — exclamou o Selvagem, unindo as mãos como num paroxismo de angústia. — Não antes de... Escute, Lenina, em Malpaís as pessoas casam-se.

— As pessoas... o quê? — a irritação recomeçara a invadir sua voz. De que estaria ele falando agora?

— Para sempre. Fazem-se a promessa de viverem juntos para sempre.

— Que ideia horrorosa! — Lenina ficou sinceramente chocada.

— Durando mais que o brilho exterior da beleza, com uma alma que se renova mais depressa do que o sangue se empobrece e se fana.[21]

— *O quê?*

— Também é assim em Shakespeare: "Mas, se romperes o nó virginal antes que todas as santas cerimônias, na plenitude de seus ritos sagrados..."[22]

— Pelo amor de Ford, John, fale direito. Não compreendo uma única palavra do que você está dizendo. Primeiro você me vem com aspiradores, depois com um nó. Você está me deixando louca!

Levantou-se de um salto e, como se receasse que ele pudesse fugir-lhe fisicamente, como o fazia em espírito, segurou-o pelo pulso.

— Responda a esta pergunta: você gosta realmente de mim, ou não?

Houve um momento de silêncio; depois, em voz baixa, ele disse:

— Eu a amo mais do que tudo no mundo.

— Mas então por que não dizia? — exclamou ela, e estava tão intensamente exasperada que lhe enterrou as unhas no pulso. — Em vez de ficar aí dizendo baboseiras sobre um nó, aspiradores e leões, e de me fazer sofrer semanas e semanas! — ela soltou sua mão, que repeliu com cólera. — Se eu não gostasse tanto de você — disse —, ficaria furiosa.

E subitamente passou seu braço em torno do pescoço dele; ele sentiu os lábios de Lenina unidos suavemente aos seus. Tão deliciosamente macios, tão tépidos, tão elétricos, que inevitavelmente se lembrou dos beijos de *Três semanas em helicóptero*. Uh! uh! a loura estereoscópica, e aah! o negro mais do que real. Horror, horror, horror... Tentou desprender-se, mas Lenina apertou-o com mais força.

— Por que você não disse? — ela murmurou, afastando o rosto para contemplá-lo. Tinha os olhos carregados de terna censura.

"O antro mais escuro, o lugar mais propício" (clamava poeticamente a voz da consciência), "a mais forte sugestão do nosso pior demônio, nada poderá jamais transformar minha honra em desejos impuros.[23] Jamais, jamais!", decidiu ele.

— Tolinho! — dizia Lenina. — Eu o desejava tanto! E se você também me queria, por que é que não...?

— Mas, Lenina... — ele começou a protestar; e, como ela afrouxasse imediatamente os braços e recuasse, acreditou, por um instante, que Lenina procedia de acordo com sua muda sugestão. Quando, porém, ela desafivelou a cartucheira de couro branco envernizado e pendurou-a com cuidado no espaldar da cadeira, começou a suspeitar que se enganara. — Lenina! — repetiu, apreensivo.

Ela levou a mão ao pescoço e puxou com um longo gesto vertical; sua blusa branca de marinheiro abriu-se até embaixo; a suspeita condensou-se em certeza concreta, demasiado concreta.

— Lenina, que é que você está fazendo?

Zip, zip! Sua resposta dispensava palavras. Ela desembaraçou-se da calça boca-de-sino. Sua combinação-calcinha com zíper era de um rosa-pálido de concha. O T de ouro do Arquichantre pendia sobre seu peito.

"Porque esses lácteos seios que, através das grades das janelas, perfuram os olhos dos homens..."[24] As palavras cantantes, ribombantes, mágicas, faziam-na parecer duplamente perigosa, duplamente tentadora. Doces, doces, mas quão penetrantes! Perfurando e brocando a razão, cavando um túnel através da resolução. "Quando o sangue está em chamas, os juramentos mais fortes não são mais do que palha. Contém-te mais, senão..."[25]

Zip! O róseo arredondado abriu-se como uma maçã habilmente partida. Uma contorção dos braços, o levantamento, primeiro do pé direito, depois do esquerdo; a combinação-calcinha jazia no chão, sem vida, como se tivesse sido desinflada.

Ainda com as meias e os sapatos, conservando na cabeça o gorro branco audaciosamente caído para um lado, ela avançou para John.

— Querido. *Querido!* Se ao menos você tivesse dito isso antes! — estendeu os braços para ele.

Mas, em vez de dizer também "Querida" e de estender-lhe igualmente os braços, o Selvagem recuou aterrorizado, agitando as mãos

para ela, como se tentasse afugentar um animal importuno e perigoso. Quatro passos para trás, e ele ficou apertado contra a parede.

— Meu bem! — disse Lenina, e, pousando-lhe as mãos nos ombros, achegou-se a ele. — Envolve-me em teus braços — pediu. — Beija-me, abraça-me com rudeza — ela também tinha poesia ao seu dispor, conhecia palavras que cantavam, que enfeitiçavam e faziam rufar os tambores. — Beija-me... — fechou os olhos, sua voz tornou-se como um murmúrio sonolento. — Esgota-me até o coma; conserva-me a ti presa...

O Selvagem tomou-lhe os pulsos, arrancou de seus ombros as mãos de Lenina e repeliu-a brutalmente.

— Ai, você está me machucando, você... oh! — ela se calou de repente. O terror fizera com que ela esquecesse a dor. Abrindo os olhos, vira aquele rosto... não, não era o rosto de John, mas o de um estranho feroz, um rosto pálido, desfeito, contraído por um furor insensato e inexplicável. Apavorada, sussurrou: — O que é que há, John? — ele não respondeu, limitando-se a encará-la com aqueles olhos dementes. As mãos que seguravam os pulsos de Lenina tremiam. A respiração de John era profunda e irregular. Fracamente, a ponto de ser um ruído quase imperceptível, mas assustador, ela ouviu-o de súbito ranger os dentes. — O que é? — gritou, quase num uivo.

E ele, como se tivesse sido despertado por seu grito, segurou-a pelos ombros e sacudiu-a.

— Prostituta! — urrou. — Prostituta! Impudente cortesã![26]

— Oh! não, nã-ão... — protestou ela, com uma voz que as sacudidas que ele lhe dava tornavam grotescamente trêmula.

— Prostituta!

— Por favo-or!

— Maldita prostituta!

— Um gra-ama é melho-or... — começou ela.

O Selvagem repeliu-a com tal violência que ela cambaleou e caiu.

— Vai-te — vociferou ele de pé ao lado dela, dominando-a com um olhar ameaçador. — Vai-te para longe de minha vista, ou eu te mato! — cerrou os punhos.

Lenina levantou o braço para proteger o rosto.

— Não, John, por favor...

— Anda. Depressa!

Com o braço sempre erguido e seguindo com os olhos aterrorizados todos os movimentos de John, ela se pôs em pé, e, ainda reclinada, ainda protegendo a cabeça, arremessou-se na direção do banheiro.

O estrondo do prodigioso tapa que acelerou a sua saída foi como um tiro de pistola.

— Ai! — e Lenina pulou para a frente.

Finalmente em segurança no banheiro, onde se fechou à chave, teve tempo de passar em revista seus ferimentos. De pé, de costas para o espelho, torceu a cabeça para trás. Olhando por cima do ombro esquerdo, viu a marca de uma mão aberta destacar-se nítida e vermelha na carne nacarina. Delicadamente esfregou a região ferida.

Fora, no outro cômodo, o Selvagem caminhava de um lado para outro, caminhava, caminhava, ao ritmo dos tambores e da música das palavras mágicas. “A carriça e a mosquinha dourada entregam-se à libertinagem sob meus olhos.”[27] Elas retumbavam enlouquecedoramente em seus ouvidos. “Nem a doninha, nem o cavalo fechado em sua estrebaria, se atiram a ela com tão desordenado apetite. Do busto para baixo são centauros, para cima são mulheres. Para os deuses a parte de cima, tudo o que fica abaixo pertence aos demônios; aí é o inferno, as trevas, o abismo sulfuroso, que queima, que ferve, a fetidez, a corrupção... puah, puah, puah! Dá-me uma onça de almíscar, bom boticário, para me purificar a imaginação.”[28]

— John! — atreveu-se a dizer, do banheiro, uma vozinha insinuante. — John!

“Ó tu, flor dos bosques, que és tão bela e exalas um perfume tão doce que me fere os sentidos! Esse livro admirável foi, pois, feito para nele se escrever ‘prostituta’? O céu, à sua aproximação, tapa o nariz...”[29]

Mas o perfume de Lenina ainda recendia em torno dele, sua roupa estava toda branca do pó que perfumara o corpo aveludado da jovem. “Impudente cortesã, impudente cortesã, impudente cortesã.” O ritmo inexorável martelava sempre. “Impudente...”

— John, você não acha que eu podia apanhar as minhas roupas?

Ele juntou a calça boca-de-sino, a blusa, a combinação-calcinha com zíper.

— Abra! — ordenou, dando um pontapé na porta.

— Não, não abro — a voz era medrosa e rebelde.

— Então, como quer que eu lhe dê a roupa?

— Jogue pela abertura acima da porta.

Ele assim fez, e recomeçou suas inquietas passadas pelo quarto. “Impudente cortesã, impudente cortesã. O demônio Luxúria com suas ancas gordas e dedo abatatado...”[30]

— John!

Ele não respondia. “Ancas gordas e dedo abatatado.”

— John!

— Que é? — perguntou rispidamente.

— Você não se importaria de me alcançar meu cinto malthusiano?

Lenina ficou sentada, escutando os passos no outro cômodo, perguntando-se, enquanto escutava, até quando ele continuaria caminhando assim, de um lado para outro; se lhe seria preciso esperar que ele saísse do apartamento; ou se seria prudente, depois de dar um prazo razoável à loucura de John para acalmar-se, abrir a porta do banheiro e tentar uma fuga rápida.

Foi interrompida nas suas cogitações inquietas pelo som da campainha do telefone, que tilintou no outro cômodo. As idas e vindas pelo

quarto cessaram abruptamente. Ouviu a voz do Selvagem conversando com o silêncio.

— Alô!

...

— Sim.

...

— Sou, se é que não usurpo minha própria pessoa.

...

— Sim, não me ouviu? É o sr. Selvagem quem está falando.

...

— Hein? Quem é que está doente? Claro que me interessa.

...

— Mas é coisa séria? Ela está realmente mal? Irei em seguida...

...

— Ela não está mais no apartamento? Para onde a levaram?

...

— Oh! Meu Deus! Qual é o endereço?

...

— Park Lane, três. É isso? Três? Obrigado.

Lenina ouviu o estalido do fone ao ser reposto no lugar; depois, passos precipitados. Uma porta fechou-se com estrondo. Fez-se um silêncio. Teria realmente saído?

Com precauções infinitas, entreabriu a porta, meio centímetro; espiou pela fresta; animou-se ao ver o cômodo vazio; abriu um pouco mais, passou a cabeça pela abertura; e, finalmente, entrou nas pontas dos pés; parou alguns segundos com o coração batendo violentamente, escutando, escutando; depois correu para a porta do apartamento, abriu-a, deslizou para fora, bateu a porta e fugiu. Somente quando se viu no elevador, e já descendo por ele, começou a sentir-se em segurança.

Catorze

O HOSPITAL DE PARK LANE para Moribundos era uma torre de sessenta andares de blocos cerâmicos de um amarelo-pálido. No momento em que o Selvagem descia do taxicóptero, um comboio de carros fúnebres aéreos de cores alegres elevou-se do terraço, zumbindo, e seguiu sobre o Parque para oeste, rumo ao Crematório de Slough. Na porta do elevador o Porteiro-Chefe deu-lhe as informações necessárias, e ele desceu à Sala 81 (uma sala para Senilidade Galopante, explicou o porteiro), no décimo sétimo andar.

Era uma sala vasta, clara graças ao sol e à pintura amarela, com vinte leitos, todos ocupados. Linda morria acompanhada — acompanhada e com todo o conforto moderno. O ar era constantemente animado por alegres melodias sintéticas. Ao pé de cada cama, diante do ocupante moribundo, havia um aparelho de televisão. Deixava-se funcionar a televisão, como uma torneira aberta, da manhã à noite. A cada quarto de hora, o perfume dominante na sala era automaticamente mudado.

— Nós tentamos — explicou a enfermeira que recebera o Selvagem desde a porta — criar aqui uma atmosfera inteiramente agradável, algo assim entre um hotel de primeira categoria e um palácio de Cinema Sensível, se é que o senhor me compreende.

— Onde está ela? — perguntou o Selvagem, sem prestar a menor atenção àquelas explicações corteses.

A enfermeira sentiu-se ofendida.

— Como o senhor está com pressa!

— Há alguma esperança? — perguntou ele.

— Quer saber se há alguma esperança de ela não morrer? — o Selvagem fez que sim com a cabeça. — Não, é claro que não há. Quando mandam alguém para cá, não há nenhuma... — sobressaltada com a expressão de sofrimento do rosto pálido de John, interrompeu-se de repente.

— Que é que há? — perguntou. Não estava acostumada com manifestações dessa natureza nos visitantes. (De qualquer modo, nunca havia muitos visitantes, nem razão para que os houvesse em quantidade.) — O senhor não está se sentindo mal, não é?

Ele balançou a cabeça.

— É minha mãe — respondeu em voz apenas perceptível.

A enfermeira lançou-lhe um olhar horrorizado e, em seguida, desviou os olhos. Do pescoço às têmporas, seu rosto nada mais era que um rubor ardente.

— Conduza-me para junto dela — disse o Selvagem, esforçando-se para falar em tom natural.

Sempre ruborizada, ela conduziu-o através da sala. Fisionomias ainda jovens e sem rugas (pois a senilidade galopava tão depressa que não tinha tempo de envelhecer as faces — somente o coração e o cérebro) voltaram-se à passagem deles. Sua marcha foi acompanhada pelos olhares vagos e sem curiosidade da segunda infância. O Selvagem sentiu um estremecimento ao vê-los.

Linda estava deitada no último leito de uma longa fila deles, junto à parede. Amparada por travesseiros, olhava as Semifinais do Campeonato Sul-Americano de Tênis em Superfície de Riemann, que se desenrolavam em reprodução silenciosa e reduzida no vídeo do televisor colocado ao pé do seu leito. Os pequenos vultos corriam para cá e para lá no quadrado de vidro iluminado, como peixes num aquário — habitantes silenciosos, mas agitados, de um outro mundo.

Linda contemplava o espetáculo, sorrindo vagamente e sem compreender. Seu rosto pálido e inchado tinha uma expressão de felicidade imbecil. A todo momento suas pálpebras fechavam-se, e durante alguns segundos ela parecia dormitar. Depois, com um pequeno sobressalto, despertava novamente — despertava para os jogos de aquário dos Campeões de Tênis, para a execução em Super-Vox Wurlitzeriana de "Beija-me, abraça-me com rudeza", para a baforada tépida de verbena soprada através da abertura existente acima de sua cabeça —, despertava

para todas essas coisas ou, antes, para um sonho de que essas coisas, transformadas e embelezadas pelo soma que tinha no sangue, eram os elementos maravilhosos, e sorria novamente o seu sorriso irregular e descorado de contentamento infantil.

— Bem, preciso deixá-lo — disse a enfermeira. — Tenho o meu grupo de crianças que está por chegar. E, além disso, há o número 3. — Apontou para a outra extremidade da sala. — Poderá ir-se a qualquer momento, agora. Mas fique à vontade — afastou-se a passos rápidos.

O Selvagem sentou-se junto ao leito.

— Linda — murmurou, tomando-lhe a mão.

Ao ouvir seu nome, ela virou a cabeça. Seus olhos vagos tiveram um lampejo de reconhecimento. Apertou-lhe a mão, sorriu, moveu os lábios; mas de súbito sua cabeça recaiu para a frente. Tinha adormecido. Ele ficou ali, olhando-a, procurando através daquelas feições destroçadas, procurando e reencontrando a fisionomia jovem e vivaz que se inclinara sobre sua infância em Malpaís, recordando (e fechou os olhos) sua voz, seus gestos, todos os acontecimentos de sua vida em comum. "No meu estreptococo alado — Voa a Banbury T..." Como suas canções eram lindas! E aqueles versos infantis, como eram magicamente estranhos e misteriosos!

A, B, C, Vitamina D.
No fígado o óleo, o bacalhau no mar.

Sentiu as lágrimas ardentes acumularem-se atrás das pálpebras, enquanto se lembrava das palavras e da voz de Linda a repeti-las. E, mais tarde, as lições de leitura: o bebê está no bobô, o gato está no mato; e as Instruções Elementares para Trabalhadores Betas do Depósito de Embriões. E os longos serões junto à lareira ou, durante o verão, no terraço da pequena casa, quando ela lhe contava histórias do Outro Lado, de fora da Reserva: daquele maravilhoso, maravilhoso Outro Lado, cuja lembrança, como a de um paraíso de bondade e de beleza, ele ainda conservava completa e intata,

não poluída pelo contato com a realidade daquela Londres real, daqueles civilizados autênticos.

Um alarido súbito de vozes agudas obrigou-o a abrir os olhos e, depois de ter enxugado apressadamente as lágrimas, a voltar-se. O que parecia ser um fluxo contínuo de gêmeos idênticos, de oito anos, invadiu a sala. Vinham um gêmeo após outro, um após outro — um verdadeiro pesadelo. Seus rostos, ou antes, aquele rosto que se repetia — pois era um único para todos — alargava-se, de nariz achatado, narinas enormes e olhos pálidos esbugalhados. Seu uniforme era cáqui. Todos tinham a boca aberta. Entraram gritando e palrando. Em um momento, a sala parecia repleta deles. Amontoavam-se entre as camas, trepavam nelas, arrastavam-se por baixo, olhavam para os aparelhos de televisão, faziam caretas para os pacientes.

Linda causou-lhes espanto e algum alarma. Um grupo reuniu-se ao pé do leito, encarando-a com a curiosidade medrosa e estúpida dos animais que se defrontam subitamente com o desconhecido.

— Oh! Olhem, olhem! — falavam em voz baixa e assustada. — Que é que ela tem? Por que será que ela é tão gorda?

Nunca tinham visto um rosto como o de Linda — nunca tinham visto um rosto que não fosse jovem e liso, nem um corpo que não fosse esbelto e aprumado. Todas aquelas sexagenárias moribundas tinham o aspecto de mocinhas. Aos quarenta e quatro anos, Linda parecia, por contraste, um monstro de senilidade flácida e deformada.

— Ela não é horrível? — tais os comentários murmurados. — Olhem os dentes dela!

De repente, de sob a cama, um gêmeo de rosto achatado surgiu entre a cabeça de John e a parede, e pôs-se a olhar o rosto adormecido de Linda.

— Escute... — começou; mas sua frase terminou prematuramente num guincho. O Selvagem segurara-o pela gola, suspendera-o por cima da cadeira e, com uma sonora bofetada, fizera-o sair berrando.

Seus gritos chamaram a atenção da Enfermeira-Chefe, que acudiu em socorro.

— O que o senhor fez com ele? — perguntou enfurecida. — Não admito que bata nas crianças.

— Pois então afaste-as desta cama — a voz do Selvagem tremia de indignação. — E, afinal, o que estão fazendo aqui esses fedelhos repugnantes? É uma vergonha!

— Vergonha? Mas o que é que o senhor quer dizer com isso? Estão sendo condicionados para a morte. E vou lhe dizer uma coisa — continuou, advertindo-o com truculência —, se o descubro outra vez perturbando o condicionamento deles, chamo os carregadores e mando pô-lo na rua.

O Selvagem levantou-se e deu dois passos em direção a ela. Seus movimentos e a expressão do seu rosto eram tão ameaçadores que a enfermeira recuou, aterrorizada. Com grande esforço ele se conteve e, sem dizer uma palavra, voltou e sentou-se novamente junto à cama.

Tranquilizada, mas com uma dignidade um tanto estridente e incerta, a enfermeira insistiu:

— Eu o avisei; portanto, tenha cuidado.

Mesmo assim, ela afastou os gêmeos mais curiosos e os fez entrar no brinquedo de zipfurão que uma de suas colegas organizara na outra extremidade da sala.

— Pode ir agora tomar sua xícara de solução de cafeína, minha cara — disse para a outra enfermeira. O exercício da autoridade restabeleceu sua autoconfiança e fez-lhe bem. — Vamos, crianças! — chamou.

Linda se agitara, inquieta, abrira os olhos um instante, lançara um olhar vago em redor, e mais uma vez adormecera. Sentado ao seu lado, o Selvagem esforçou-se por retornar ao estado de espírito anterior. “A, B, C, Vitamina D”, repetia a si mesmo, como se essas palavras fossem um sortilégio capaz de chamar à vida um passado morto. Mas o sortilégio não produziu efeito. Obstinadamente, as belas recordações recusavam-se a aparecer; houve apenas uma ressurreição detestável de ciúmes, fealdades e

desgraças. Popé sujo do sangue que escorria de seu ombro cortado e Linda horrendamente adormecida, enquanto as moscas zumbiam em roda do mescal derramado no chão ao lado da cama; e os garotos gritando aqueles nomes quando ela passava... Ah! não, não! Fechou os olhos, sacudiu a cabeça numa negação vigorosa dessas recordações. "A, B, C, Vitamina D..." Procurou pensar nos momentos em que ele se aninhava no colo de Linda, em que ela o envolvia em seus braços e cantava, sem cessar, embalando-o, embalando-o para o fazer dormir: "A, B, C, Vitamina D, Vitamina D, Vitamina D..."

A Super-Vox Wurlitzeriana elevara-se num crescendo soluçante; e subitamente a verbena foi substituída, no aparelho de circulação de perfume, por um patchuli intenso. Linda agitou-se, acordou, olhou com espanto por alguns momentos os semifinalistas, depois, erguendo o rosto, aspirou uma ou duas vezes o ar de perfume renovado e sorriu de repente — um sorriso de êxtase infantil.

— Popé — murmurou, e fechou os olhos. — Oh, como gosto disto, como gosto... — suspirou e deixou-se cair novamente sobre os travesseiros.

— Mas, Linda! — implorou o Selvagem. — Você não me conhece? — ele esforçara-se tanto, fizera tudo o que lhe era possível; por que ela não lhe permitia esquecer? Apertou quase violentamente a mão flácida, como se quisesse obrigá-la a deixar aquele sonho de prazeres ignóbeis, aquelas recordações vis e detestáveis, para voltar ao presente, à realidade; presente assustador e realidade espantosa, mas sublimes, carregados de significado, desesperadoramente importantes justamente por causa da iminência daquilo que os tornava tão aterradores. — Você não me reconhece, Linda?

Recebeu em resposta uma ligeira pressão da mão. As lágrimas vieram-lhe aos olhos; inclinou-se sobre ela e beijou-a.

Ela moveu os lábios. — Popé! — murmurou de novo, e ele teve a sensação de que lhe atiravam ao rosto um balde de imundícies.

A cólera ferveu subitamente nele. Contrariada pela segunda vez, a paixão de sua dor achou outra válvula, transformou-a em paixão de

atormentada raiva.

— Mas eu sou John! — gritou. — Eu sou John! — E, na sua dor enfurecida, agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a.

Os olhos de Linda abriram-se com um adejar de pálpebras; ela viu-o, reconheceu-o — “John!” —, mas situou o rosto real, as mãos reais e violentas, num mundo imaginário — entre os equivalentes interiores e pessoais do patchuli e do Super-Wurlitzer, entre as recordações transfiguradas e as sensações estranhamente transpostas que constituíam o universo de seu sonho. Ela o reconhecia como John, seu filho, mas imaginava-o como um intruso naquele Malpaís paradisíaco, onde passava sua fuga de soma com Popé. Ele estava zangado porque ela amava Popé, sacudia-a porque Popé estava ali na sua cama — como se houvesse algum mal nisso, como se todas as pessoas civilizadas não fizessem o mesmo. — “Cada um pertence a...” — a voz de Linda esvaiu-se subitamente, até não ser mais que um crocitar ofegante, quase inaudível; sua boca se abriu; ela fez um esforço desesperado para encher os pulmões de ar. Mas era como se não soubesse mais respirar. Tentou chamar — mas não emitiu som algum; somente o terror dos olhos arregalados revelava o que ela estava sofrendo. Levou as mãos à garganta, depois agitou-as como se tentasse agarrar avidamente o ar — o ar que não podia mais respirar, o ar que para ela cessara de existir.

O Selvagem estava de pé, inclinado sobre ela.

— O que é, Linda? O que é? — Sua voz implorava; dar-se-ia que ele lhe suplicava que o tranquilizasse.

O olhar que ela lhe dirigiu estava carregado de terror indiscutível — de terror e, pareceu-lhe, de censura. Linda tentou soerguer-se, mas recaiu sobre os travesseiros. Tinha o rosto horrivelmente contorcido, os lábios azuis.

O Selvagem virou-se e correu para a outra extremidade da sala.

— Depressa, depressa! — gritou. — Depressa!

De pé no meio de uma roda de gêmeos que brincavam de zipfurão, a Enfermeira-Chefe voltou-se. A surpresa do primeiro instante foi quase

imediatamente substituída por um gesto de reprovação.

— Não grite! Lembre-se das crianças — disse, franzindo as sobrancelhas. — Poderia descondicioná-las... Mas que está fazendo? — Ele rompera a roda. — Tenha cuidado! — Um dos meninos berrava.

— Depressa, depressa! — Ele pegou a enfermeira pela manga e levou-a de arrasto. — Depressa! Aconteceu alguma coisa! Eu a matei!

Quando chegaram junto a Linda, ela estava morta.

O Selvagem permaneceu um momento de pé, mudo, depois caiu de joelhos junto à cama e, cobrindo o rosto com as mãos, soluçou perdidamente.

A enfermeira estava sem saber o que fazer, olhando ora a figura ajoelhada ao pé da cama (que exibição escandalosa!), ora (pobres crianças!) os gêmeos que tinham interrompido o brinquedo de zipfurão e, do outro extremo da sala, olhavam embasbacados, com os olhos esbugalhados e as narinas abertas, a cena chocante que se desenrolava junto ao Leito 20. Deveria falar-lhe? Procurar despertar nele o senso de decoro? Lembrar-lhe onde se achava? O prejuízo fatal que poderia causar àqueles pobres inocentes? Destruindo assim todo o saudável condicionamento deles para a morte, com aquele repugnante alarido — como se a morte fosse uma coisa horrível, como se alguém tivesse tanta importância! Isso poderia dar-lhes as ideias mais desastrosas sobre o assunto, desorientá-los e fazê-los reagir de modo inteiramente errado, completamente antissocial.

Deu um passo à frente e tocou-lhe no ombro.

— Não pode comportar-se de modo conveniente? — disse em voz baixa e irritada.

Mas, virando a cabeça, viu que uma meia dúzia de gêmeos já estava de pé e atravessava a sala. A roda se desintegrava. Mais um instante, e... Não, o risco era demasiadamente grande; o grupo inteiro poderia ficar retardado seis ou sete meses no seu condicionamento. Ela voltou correndo para seus pupilos em perigo.

— Vamos, quem é que quer uma bomba de chocolate? — perguntou, em voz forte e alegre.

— Eu! — berrou em coro todo o Grupo Bokanovsky. O Leito 20 estava completamente esquecido.

“Oh! Deus, Deus, Deus!...”, repetia consigo mesmo o Selvagem. No caos de dor e de remorso que lhe enchia o espírito, era a sua única palavra articulada. — Deus! — sussurrou audivelmente. — Deus...

— O que é que ele está dizendo? — perguntou uma voz muito próxima, distinta e penetrante, através do chilrear do Super-Wurlitzer.

O Selvagem teve um sobressalto violento e, descobrindo o rosto, olhou em redor. Cinco gêmeos vestidos de cáqui, cada um segurando na mão direita a ponta de uma bomba de chocolate, os rostos idênticos diversamente lambuzados, estavam em linha, a fitá-lo de olhos esbugalhados.

Cruzaram seus olhares com o dele e arreganharam os dentes ao mesmo tempo. Um deles apontou com o doce:

— Ela está morta? — perguntou.

O Selvagem encarou-o por um momento em silêncio. Depois, em silêncio, levantou-se, em silêncio dirigiu-se lentamente para a porta.

— Ela está morta? — repetiu o gêmeo curioso, trotando a seu lado.

O Selvagem baixou os olhos para ele e, sempre mudo, empurrou-o. O gêmeo caiu no chão e pôs-se logo a berrar. O Selvagem nem sequer se virou.

Quinze

O PESSOAL SUBALTERNO DO HOSPITAL de Park Lane para Moribundos compunha-se de cento e sessenta e dois Deltas, divididos em dois grupos Bokanovsky, de oitenta e quatro gêmeas ruivas e setenta e oito gêmeos dolicocéfalos morenos, respectivamente. Às seis horas, terminado o seu dia de trabalho, reuniam-se no vestíbulo do Hospital e recebiam do Subecônomo-Assistente a sua ração de soma.

Saindo do elevador, o Selvagem irrompeu por entre eles. Mas seu espírito estava longe dali — com a morte, com a sua dor, com o seu remorso; maquinalmente, sem ter consciência do que fazia, começou a abrir caminho, aos empurrões, através da multidão.

— Quem é você para empurrar assim? Onde pensa que está?

Duas únicas vozes, uma aguda e outra grave, guincharam ou rosnaram, provenientes da multidão de gargantas distintas. Multiplicadas indefinidamente como por uma série de espelhos, duas fisionomias apenas — uma em forma de lua cheia picotada de sardas e cercada de uma auréola cor de laranja, a outra em forma de máscara de ave, fina e adunca, hirsuta, com barba de dois dias — voltaram-se para ele com raiva. Suas palavras e algumas cotoveladas vigorosas nas costelas conseguiram romper a crosta de alheamento do Selvagem. Ele despertou novamente para a realidade exterior, olhou em torno de si, reconheceu o que estava vendo — reconheceu, com uma desalentadora sensação de horror e repugnância, o delírio incessantemente renovado de seus dias e suas noites, o pesadelo da pululante mesmice indistinguível. Gêmeos, gêmeos... Como gusanos, tinham vindo em enxames macular o mistério da morte de Linda. Gusanos ainda, porém maiores, completamente adultos, rastejavam agora sobre sua dor e seu arrependimento. Estacou, circunvagou os olhos aturdidos e horrorizados pela multidão vestida de cáqui no meio da qual se achava, com

sua cabeça sobressaindo acima dela. "Como há aqui seres encantadores!" As palavras cantantes vergastaram-no com seu sarcasmo. "Como é bela a humanidade! Oh! admirável mundo novo... !"

— Distribuição de soma! — gritou uma voz forte. — Em boa ordem, por favor. Apressem-se, vocês aí!

Uma porta se abrira, uma mesa e uma cadeira haviam sido trazidas para o vestíbulo. A voz era a de um jovem Alfa desenvolto, que entrara com uma pequena caixa preta de ferro. Um murmúrio de satisfação correu entre os gêmeos à espera. Esqueceram completamente o Selvagem. Sua atenção se concentrava agora na caixa que o rapaz colocara sobre a mesa e que estava abrindo. A tampa foi levantada.

— Uh-uuh! — fizeram simultaneamente os cento e sessenta e dois, como se estivessem assistindo a fogos de artifício.

O jovem tirou da caixa um punhado de caixinhas de comprimidos.

— Agora — disse em tom peremptório — façam o favor de aproximar-se. Um de cada vez e nada de empurrões.

Um por um, e sem atropelos, os gêmeos adiantaram-se. Primeiro, dois homens; depois, uma mulher; a seguir, outro homem; logo após, três mulheres; depois...

O Selvagem permanecia ali, contemplando a cena. "Oh, admirável mundo novo! Oh, admirável mundo novo!..." Em seu espírito, as palavras cantantes pareciam ter mudado de tom. Elas lhe haviam escarnecido na sua dor e no seu remorso; haviam-lhe escarnecido, e com que horrendo acento de zombaria cínica! Rindo como demônios, elas tinham insistido sobre a sordidez ignóbil, a fealdade nauseante daquele pesadelo. Agora, de repente, elas clarinavam um chamado às armas. "Oh, admirável mundo novo!" Miranda proclamava a possibilidade da beleza, a possibilidade de transformar até mesmo aquele pesadelo em algo de magnífico e nobre. "Oh, admirável mundo novo!" Era um desafio, uma ordem.

— Não empurrem! — bradou o Subecônomo-Assistente, furioso. Fechou com estrépito a tampa da caixa. — Suspendo a distribuição se vocês não se portarem bem.

Os Deltas murmuraram, empurraram-se um pouco uns aos outros, depois ficaram quietos. A ameaça fora eficaz. A privação de soma — espantosa ideia!

— Assim está melhor — disse o jovem, e reabriu a caixa.

Linda fora uma escrava, Linda morrera; outros, pelo menos, viveriam livres e a beleza brilharia sobre o mundo. Era uma reparação, um dever. E, subitamente, o Selvagem viu com uma clareza cristalina o que tinha a fazer; foi como se tivessem aberto uma janela, como se tivessem afastado uma cortina.

— Vamos — disse o Subecônomo.

Outra mulher de cáqui adiantou-se.

— Parem! — gritou o Selvagem, com voz retumbante. — Parem!

Abriu caminho até a mesa; os Deltas fitaram-no com assombro.

— Ford! — disse o Subecônomo Assistente, a meia voz. — É o Selvagem! — Estava assustado.

— Ouçam-me, suplico-lhes — bradou o Selvagem com ardor. — Emprestem-me seus ouvidos...[31] — nunca falara em público, e tinha muita dificuldade em expressar o que queria dizer. — Não tomem essa droga horrível. É veneno, é veneno.

— Escute, sr. Selvagem — disse o Subecônomo-Assistente, com um sorriso conciliador —, não se importaria de deixar que eu...

— Veneno para a alma, assim como para o corpo.

— Eu sei, mas deixe-me continuar minha distribuição, sim? Seja camarada — com a doçura cautelosa de quem acaricia um animal sabidamente mau, ele deu umas palmadinhas no braço do Selvagem. — Deixe-me...

— Nunca! — bradou o Selvagem.

— Mas olhe aqui, meu amigo...

— Jogue fora tudo isso, esse horrível veneno!

As palavras "jogue fora" conseguiram penetrar as camadas envolventes de incompreensão e chegar ao âmago da mente dos Deltas. Um

murmúrio irado elevou-se do seio da multidão.

— Venho trazer-lhes a liberdade — disse o Selvagem, voltando-se para os gêmeos. — Venho...

O Subecônomo-Assistente não ouviu mais nada; tinha se esgueirado para fora do vestíbulo e estava procurando um número no guia telefônico.

— Não está no apartamento dele — resumiu Bernard. — Não está no meu, nem no seu; tampouco no Afroditeu, no Centro ou no Colégio. Onde terá se metido?

Helmholtz deu de ombros. Tinham vindo do trabalho pensando encontrar o Selvagem à sua espera em um ou outro de seus pontos de encontro habituais, mas em parte alguma haviam encontrado vestígios dele. Era uma contrariedade, pois pretendiam fazer uma visita a Biarritz no esporticóptero de quatro lugares de Helmholtz. Iam chegar atrasados para o jantar, se ele tardasse.

— Vamos conceder mais cinco minutos a ele — disse Helmholtz. — Se até então não tiver aparecido, nós...

A campainha do telefone interrompeu-o. Ele pegou o fone.

— Alô? Sim, é ele mesmo. — E, depois de um longo intervalo de escuta: — Ford dos Calhambeques! — blasfemou. — Irei agora mesmo.

— Que é? — perguntou Bernard.

— Um camarada que eu conheço no Hospital de Park Lane — respondeu Helmholtz. — É lá que está o Selvagem. Parece que enlouqueceu. Em todo caso, é urgente. Quer vir comigo?

Precipitaram-se corredor afora, em direção aos elevadores.

— Mas vocês gostam de ser escravos? — dizia o Selvagem quando eles entraram no Hospital. Seu rosto estava rubro, seus olhos chamejavam de ardor e indignação. — Gostam de ser bebês? Sim, bebês, choramingas e babões — acrescentou, exasperado com aquela estupidez bestial, a ponto de lançar injúrias contra os que viera salvar. As injúrias escorregavam sobre a crosta espessa de estupidez; eles o encaravam com uma expressão atônita

de ressentimento embrutecido e sombrio. — Sim, babões — vociferou o Selvagem. A dor e o remorso, a compaixão e o dever, tudo estava agora esquecido e de algum modo absorvido num ódio intenso e irresistível àqueles monstros menos que humanos. — Vocês não querem ser livres, ser homens? Sequer compreendem o que significa ser homem, o que é a liberdade! — a raiva tornava-o um orador fluente, as palavras ocorriam-lhe com facilidade, jorravam. — Não compreendem? — insistiu, mas não obteve resposta. — Pois bem! Então — prosseguiu em tom feroz —, então eu vou ensiná-los; vou *obrigá-los* a ser livres, queiram ou não queiram! — e, abrindo uma janela que dava para o pátio interno do Hospital, pôs-se a atirar para fora, aos punhados, as caixinhas de comprimidos de soma.

Por um instante, a multidão cáqui ficou muda, petrificada de assombro e horror diante do espetáculo daquele sacrilégio inaudito.

— Ele está louco — murmurou Bernard, com os olhos arregalados. — Vão matá-lo. Vão...

Um grande grito se elevou subitamente do meio da multidão; uma onda de movimento impeliu-a, ameaçadora, para o lado do Selvagem.

— Que Ford o ajude! — disse Bernard, e desviou os olhos.

— Ford ajuda a quem ajuda a si mesmo — e, com uma risada, uma verdadeira risada de exultação, Helmholtz Watson abriu caminho através da turba.

— Livres, livres! — bradava o Selvagem, e com uma das mãos continuava a atirar o soma ao pátio, enquanto, com a outra, esmurrava os rostos indistinguíveis de seus assaltantes. — Livres! — e eis que, de súbito, aparece Helmholtz a seu lado. — Ah, meu bom Helmholtz! — também esmurrando. — Enfim, homens! — e, nos intervalos, também atirando o veneno pela janela a mancheias. — Sim, homens, homens! — e acabara-se o veneno. Ele ergueu a caixa e mostrou-lhes o interior vazio e negro. — Vocês são livres!

Urrando, os Deltas avançaram com furor redobrado.

Hesitante, conservando-se à margem da batalha, Bernard pensou: “Eles estão perdidos” e, movido por um impulso repentino, correu para a

frente em seu auxílio; depois reconsiderou e deteve-se; envergonhado, avançou novamente; reconsiderou outra vez, e ali estava numa agonia de indecisão humilhada — pensando que *eles* poderiam ser mortos se não os ajudasse e que *ele* se expunha a sofrer o mesmo fim se o fizesse — quando (Ford seja louvado!), com os olhos redondos e o focinho de porco das máscaras antigás, os policiais irromperam no local.

Bernard precipitou-se ao encontro deles. Agitou os braços; aquilo já era ação, ele estava fazendo alguma coisa. Bradou várias vezes "Socorro!", cada vez mais alto para se dar a ilusão de que era útil: — Socorro! *Socorro!* SOCORRO!

Os policiais arredaram-no do caminho e continuaram o seu trabalho. Três homens, que traziam pulverizadores presos aos ombros por correias, espalharam no ar densas nuvens de vapores de soma. Dois outros trataram de fazer funcionar a Caixa de Música Sintética portátil. Munidos de pistolas de água carregadas com um anestésico poderoso, outros quatro abriram caminho no meio da multidão e punham metodicamente fora de combate, com jatos sucessivos, os combatentes mais ferozes.

— Depressa, depressa — berrava Bernard. — Eles serão mortos se vocês não se apressarem. Eles... Oh!

Irritado com a sua tagarelice, um dos policiais disparara sobre ele a pistola de água. Bernard ficou de pé um ou dois segundos, bamboleando-se como um ébrio sobre pernas que pareciam ter perdido os ossos, os tendões, os músculos, transformando-se em meros bastões de gelatina e, por fim, nem mesmo em gelatina — em água: desabou no chão como uma massa.

Subitamente, da Caixa de Música Sintética, uma Voz começou a falar. A Voz da Razão, a Voz da Benevolência. O cilindro girava com o Discurso Sintético Número Dois (Força Média) Contra Motins, brotado do fundo de um coração inexistente. "Meus amigos, meus amigos!", dizia a Voz, num tom tão patético, com uma nota de censura tão infinitamente terna, que, por trás de suas máscaras antigás, os olhos dos próprios policiais instantaneamente se marejaram de lágrimas. "Que significa tudo isto? Por

que não são todos felizes e bons uns com os outros? Felizes e bons", repetiu a Voz. "Em paz, em paz." A Voz tremeu, desceu a um murmúrio e expirou por um momento. "Oh, como desejo que vocês sejam felizes", recomeçou, com ardente sinceridade. "Como desejo que vocês sejam bons! Peço-lhes, por favor, sejam bons e..."

Ao fim de dois minutos, a Voz e os vapores de soma tinham produzido seu efeito. Em lágrimas, os Deltas abraçavam-se e beijavam-se — em grupos de meia dúzia de gêmeos unidos em um largo abraço. Até mesmo Helmholtz e o Selvagem estavam a ponto de chorar. Nova provisão de caixinhas de comprimidos foi trazida do Almoxarifado; fez-se às pressas uma nova distribuição e, ao som das despedidas abaritonadas e expressivamente afetuosas da Voz, os gêmeos dispersaram-se, soluçando como se seus corações estivessem prestes a romper-se. "Adeus, meus caros amigos, meus caríssimos amigos, Ford os guarde! Adeus, meus caros amigos, meus caríssimos amigos, Ford os guarde! Adeus, meus caros amigos, meus..."

Depois que o último Delta se retirara, o policial desligou a corrente. A Voz angelical silenciou.

— Os senhores estão dispostos a vir por bem? — perguntou o sargento. — Ou será preciso que os anestesiemos? — apontou ameaçadoramente a pistola de água.

— Oh, nós iremos por bem — respondeu o Selvagem, estancando alternadamente um lábio partido, o pescoço arranhado e a mão esquerda mordida.

Mantendo sempre o lenço contra o nariz que sangrava, Helmholtz confirmou com um sinal de cabeça.

Reanimado e tendo recuperado o uso das pernas, Bernard escolhera esse momento para dirigir-se à porta o mais discretamente possível.

— Eh! O senhor aí! — chamou o sargento, e um policial com a máscara de focinho de porco atravessou correndo o local e pôs a mão no ombro do jovem.

Bernard virou-se com uma expressão de inocência ultrajada. Escapar? Nem sonhara com semelhante coisa.

— Se bem que eu não consigo imaginar para que diabo poderá precisar de *mim* — disse ele ao sargento.

— O senhor não é amigo dos detidos?

— Bem... — começou Bernard, e hesitou. Não, ele evidentemente não podia negar. — E por que não havia de ser?

— Então venha — tornou o sargento, e conduziu-o para o carro da polícia, que esperava lá fora.

Dezesseis

A SALA EM QUE OS TRÊS FORAM INTRODUZIDOS era o gabinete do Administrador.

— Sua Fordeza descerá dentro de um minuto.

O mordomo Gama deixou-os sós.

Helmholtz riu alto.

— Isto parece mais uma reunião de amigos para tomar solução de cafeína do que um julgamento — disse, e deixou-se cair na mais luxuosa poltrona pneumática. — Ânimo, Bernard! — acrescentou, ao dar com os olhos no rosto esverdeado e infeliz de seu amigo.

Bernard, porém, não desejava ser animado; sem responder, sem mesmo olhar para Helmholtz, foi sentar-se na cadeira menos confortável da sala, escolhida com cuidado na obscura esperança de conjurar de algum modo a cólera dos poderes superiores.

Enquanto isso, o Selvagem caminhava irrequieto pela sala, lançando olhares de vaga e superficial curiosidade sobre os livros das estantes, sobre os rolos de gravação sonora e as bobinas para máquinas de leitura, em seus compartimentos numerados. Em cima da mesa, abaixo da janela, havia um volume maciço encadernado em macio pseudocouro preto e marcado com grandes TT dourados. Tomou-o e abriu-o. MINHA VIDA E MINHA OBRA, POR NOSSO FORD. O livro havia sido publicado em Detroit, pela Sociedade para a Propagação do Conhecimento Fordiano. Folheou descuidadamente as páginas, leu uma frase aqui, um parágrafo ali, e chegara à conclusão de que o livro não o interessava, quando a porta se abriu e o Administrador Mundial Residente para a Europa Ocidental entrou a passos ligeiros na sala.

Mustafá Mond apertou a mão dos três; mas foi ao Selvagem que se dirigiu.

— Quer dizer que não gosta muito da civilização, sr. Selvagem?

O Selvagem olhou-o. Tinha vindo disposto a mentir, a esbravejar, a encerrar-se numa reserva sombria; mas, tranquilizado pela inteligência bem-humorada da fisionomia do Administrador, resolveu dizer a verdade, com toda a franqueza.

— Não — e balançou a cabeça.

Bernard estremeceu e mostrou-se horrorizado. Que pensaria o Administrador? Ser catalogado como amigo de um homem que confessava não gostar da civilização — que o dizia abertamente e, ainda mais, ao próprio Administrador — era terrível.

— Mas, John... — começou.

Um olhar de Mustafá Mond o reduziu a um silêncio abjeto.

— Naturalmente — reconheceu o Selvagem — existem coisas que são muito agradáveis. Toda essa música no ar, por exemplo...

— Por vezes, mil instrumentos melodiosos sussurram em meus ouvidos, e, por vezes, vozes.[32]

A fisionomia do Selvagem iluminou-se de súbito prazer.

— O senhor também o leu? — perguntou. — Julguei que ninguém tivesse ouvido falar nesse livro aqui na Inglaterra.

— Quase ninguém. Sou uma das raríssimas exceções. O senhor compreende, ele está proibido. Mas, como sou eu que faço as leis aqui, posso também transgredi-las. Impunemente, sr. Marx — acrescentou, dirigindo-se a Bernard. — O que, lamento dizê-lo, o senhor *não* pode fazer.

Bernard mergulhou num acabrunhamento ainda mais profundo.

— Mas por que é que ele está proibido? — perguntou o Selvagem. Na excitação de conhecer um homem que havia lido Shakespeare, esquecera momentaneamente tudo o mais.

O Administrador deu de ombros.

— Porque é antigo; essa a razão principal. Aqui não queremos saber de coisas antigas.

— Mesmo quando são belas?

— Sobretudo quando são belas. A beleza atrai, e nós não queremos que ninguém seja atraído pelas coisas antigas. Queremos que amem as novas.

— Mas as novas são tão estúpidas e horríveis! Esses espetáculos em que não há senão helicópteros voando de um lado para outro e em que se *sente* quando as pessoas se beijam! — fez uma careta. — Bodes e macacos! — somente nas palavras de Otelo podia encontrar um veículo adequado para seu desprezo e seu ódio.

— Animaizinhos simpáticos e inofensivos, em todo o caso — murmurou o Administrador, como num parêntese.

— Por que não lhes faz ver *Otelo*?

— Já lhe disse: é antigo. Além disso, não o compreenderiam.

Sim, era verdade. Ele lembrou-se como Helmholtz rira de *Romeu e Julieta*.

— Pois, então — disse o Selvagem, após um silêncio —, algo novo que seja como *Otelo* e que eles possam compreender.

— É o que todos nós temos desejado escrever — declarou Helmholtz, rompendo seu prolongado silêncio.

— E o que o senhor nunca há de escrever — respondeu o Administrador. — Porque, se se parecesse realmente com *Otelo*, ninguém poderia compreendê-lo, por mais novo que fosse. E, se fosse novo, não poderia de maneira alguma ser parecido com *Otelo*.

— Por que não?

— Sim, por que não? — repetiu Helmholtz. Ele também esquecera as realidades desagradáveis da situação. Verde de ansiedade e temor, Bernard era o único que se lembrava; os outros não lhe deram atenção. — Por que não?

— Porque o nosso mundo não é o mesmo mundo de Otelo. Não se pode fazer um calhambeque sem aço, e não se pode fazer uma tragédia sem instabilidade social. O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa

ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma. Que o senhor atira pela janela em nome da liberdade, sr. Selvagem. Da *liberdade*! — riu. — Espera que os Deltas saibam o que é a liberdade! E agora quer que eles compreendam *Otelo*! Meu caro jovem!

O Selvagem calou-se um momento.

— Apesar de tudo — insistiu obstinadamente —, *Otelo* é bom, *Otelo* é melhor do que esses filmes sensíveis.

— Sem dúvida — aquiesceu o Administrador. — Mas esse é o preço que temos de pagar pela estabilidade. É preciso escolher entre a felicidade e aquilo que antigamente se chamava a grande arte. Nós sacrificamos a grande arte. Temos, em seu lugar, os filmes sensíveis e o órgão de perfumes.

— Mas eles não significam nada.

— Significam o que são; representam para os espectadores uma porção de sensações agradáveis.

— É que eles são... são narrados por um idiota.[33]

O Administrador pôs-se a rir.

— O senhor não está sendo muito cortês com seu amigo, o sr. Watson. Um dos nossos mais notáveis engenheiros em Emoção...

— Mas ele tem razão — disse Helmholtz com ar sombrio. — É realmente idiota. Escrever quando nada há a dizer...

— Justamente. E isso exige a maior habilidade. Os senhores fabricam calhambeques com o mínimo absoluto de aço, obras de arte com praticamente nada mais que sensação pura.

O Selvagem balançou a cabeça.

— Tudo isso me parece absolutamente horrível.

— Sem dúvida. A felicidade real sempre parece bastante sórdida em comparação com as supercompensações do sofrimento. E, por certo, a

estabilidade não é, nem de longe, tão espetacular como a instabilidade. E o fato de estar satisfeito nada tem da fascinação de uma boa luta contra a desgraça, nada do pitoresco de um combate contra a tentação, ou de uma derrota fatal sob os golpes da paixão ou da dúvida. A felicidade nunca é grandiosa.

— Pode ser — disse o Selvagem, depois de um silêncio. — Mas será preciso chegar ao horror desses gêmeos? — passou a mão pelos olhos, como se procurasse apagar da lembrança a imagem daquelas longas filas de anões idênticos nas mesas de montagem, daquelas manadas de gêmeos enfileirados na entrada da estação do monotrilho de Brentford, daquelas larvas humanas que rodeavam o leito de morte de Linda, da fisionomia incessantemente repetida de seus agressores. — Horríveis!

— Mas como são úteis! Estou vendo que o senhor não gosta dos nossos Grupos Bokanovsky; mas, asseguro-lhe, eles são o alicerce sobre o qual está edificado tudo o mais. São o giroscópio que estabiliza o avião-foguete do Estado na sua rota imutável — a voz profunda vibrava, emocionante; a mão, gesticulando, representava todo o espaço e o impulso da máquina irresistível. A oratória de Mustafá Mond achava-se quase à altura dos modelos sintéticos.

— Eu estava pensando — disse o Selvagem — por que é que os senhores os toleram, afinal de contas, uma vez que podem produzir tudo o que quiserem nesses bocais. Por que, já que lhes custa o mesmo, não fazem de cada um deles um Alfa-Mais-Mais?

Mustafá Mond riu novamente.

— Porque não temos nenhuma vontade de que nos cortem a cabeça — respondeu. — Nós acreditamos na felicidade e na estabilidade. Uma sociedade composta de Alfas não poderia deixar de ser instável e infeliz. Imagine uma usina cujo pessoal fosse constituído por Alfas, isto é, por indivíduos distintos, sem relações de parentesco, com boa hereditariedade e condicionados de modo a tornarem-se capazes (dentro de certos limites) de fazerem livremente uma escolha e de assumirem responsabilidades. Imagine isso! — repetiu.

O Selvagem tentou imaginar, mas sem grande resultado.

— É um absurdo. Um homem decantado como Alfa, condicionado como Alfa, ficaria louco se tivesse de fazer o trabalho de um Ípsilon Semialeijão; ficaria louco ou se poria a destruir tudo. Os Alfas podem ser completamente socializados, mas com a condição de que se lhes dê um trabalho de Alfa. Somente a um Ípsilon se pode pedir que faça sacrifícios de Ípsilon, pela simples razão de que, para ele, não são sacrifícios. São a linha de menor resistência. Seu condicionamento fixou trilhos ao longo dos quais ele tem de correr. Não tem outro remédio, está predestinado. Mesmo depois da decantação, ele fica sempre dentro de um bocal, um bocal invisível de fixações infantis e embrionárias. Cada um de nós, é claro — continuou meditativamente o Administrador —, atravessa a vida no interior de um bocal. Mas, se somos Alfas, nosso bocal é relativamente enorme. Sofreríamos intensamente se nos víssemos confinados num espaço mais estreito. Não se pode pôr pseudochampanha para castas superiores em bocais de casta inferior. Teoricamente, isso é óbvio. Mas também foi demonstrado na prática. O resultado da experiência de Chipre foi convincente.

— Que experiência foi essa? — perguntou o Selvagem.

Mustafá Mond sorriu.

— Pois, se quiser, pode chamar-lhe uma experiência de reenfrascamento. Começou no ano 473 d.F. Os Administradores fizeram evacuar a ilha de Chipre e, uma vez retirados todos os seus habitantes, recolonizaram-na com um lote especialmente preparado de vinte e dois mil Alfas. Entregaram-lhes todo um equipamento agrícola e industrial, e deixaram-lhes a responsabilidade de dirigir seus negócios. O resultado correspondeu exatamente a todas as predições teóricas. A terra não era convenientemente trabalhada; houve greves em todas as fábricas; as leis eram desrespeitadas, as ordens, desobedecidas; todas as pessoas destacadas para um serviço inferior passavam o tempo fazendo intrigas para obter cargos mais elevados e todas as pessoas que ocupavam cargos mais

elevados tramavam contraintrigas para, a qualquer preço, ficar onde estavam. Em menos de seis anos, viram-se às voltas com uma guerra civil de primeira ordem. Quando, dos vinte e dois mil, dezenove mil tinham sido mortos, os sobreviventes fizeram uma petição unânime aos Administradores Mundiais para que estes retomassem o governo da ilha, o que foi feito. E assim acabou a única sociedade de Alfas que o mundo viu.

O Selvagem suspirou profundamente.

— A população ótima — disse Mustafá Mond — obedece ao modelo do iceberg: oito nonas partes abaixo da linha de flutuação e uma nona parte acima dela.

— E são felizes os que estão abaixo da linha de flutuação?

— Mais felizes do que os que estão acima dela. Mais felizes do que os seus dois amigos aqui, por exemplo — e apontou para eles.

— Apesar daquele trabalho horrível?

— Horrível? Eles não acham. Pelo contrário, até gostam. É leve, de uma simplicidade infantil. Nenhum esforço excessivo da mente nem dos músculos. Sete horas e meia de trabalho leve, de modo algum exaustivo, e depois a ração de soma, os esportes, a cópula sem restrições e o cinema sensível. Que mais poderiam pedir? É verdade — acrescentou — que poderiam pedir uma jornada de trabalho mais curta. E, por certo, nós poderíamos concedê-la. Do ponto de vista técnico, seria perfeitamente possível reduzir a três ou quatro horas a jornada de trabalho das castas inferiores. Mas isso as faria mais felizes? Não, de modo algum. A experiência foi tentada, há mais de século e meio. Toda a Irlanda foi submetida ao regime de quatro horas de trabalho diário. Qual o resultado? Perturbações e um acréscimo considerável do consumo de soma, nada mais. Essas três horas e meia de folga suplementar estavam tão longe de ser uma fonte de felicidade, que as pessoas se viam obrigadas a gastá-las em fugas pelo soma. O Departamento de Invenções está cheio de planos destinados a economizar mão de obra. Milhares de planos — Mustafá Mond fez um gesto largo. — E por que não os executamos? Para o bem dos trabalhadores; seria pura crueldade infligir-lhes folgas excessivas. O mesmo

ocorre na agricultura. Poderíamos sintetizar cada um dos nossos alimentos, se quiséssemos. Mas não o fazemos. Preferimos conservar um terço da população trabalhando na terra. Para seu próprio bem, porque é preciso *mais tempo* para obter alimentos tirados da terra do que para fabricá-los numa usina. Além disso, temos de pensar na nossa estabilidade. Não queremos mudar. Toda mudança é uma ameaça à estabilidade. Essa é outra razão que nos torna pouco propensos a utilizar invenções novas. Toda descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva: até a ciência deve, às vezes, ser tratada como um inimigo possível. Sim, a própria ciência.

Ciência? O Selvagem franziu a testa. Conhecia a palavra. O que significava exatamente, porém, ele não o sabia. Shakespeare e os velhos do *pueblo* nunca se haviam referido à ciência, e de Linda ele recebera apenas indicações muito vagas: a ciência era uma coisa com a qual se faziam helicópteros, uma coisa que fazia com que a gente risse das Danças do Trigo, uma coisa que impedia de ter rugas e de perder os dentes. Fez um esforço desesperado para compreender o que o Administrador queria dizer.

— Sim — continuou Mustafá Mond —, essa é outra parcela no custo da estabilidade. Não é somente a arte que é incompatível com a felicidade, também o é a ciência. Ela é perigosa; temos de mantê-la cuidadosamente acorrentada e amordaçada.

— O quê? — exclamou Helmholtz, assombrado. — Mas nós vivemos repetindo que a ciência é tudo. É um lugar-comum hipnopédico.

— Três vezes por semana, dos treze aos dezoito anos — recitou Bernard.

— E toda a propaganda da ciência que fazemos no Colégio...

— Sim, mas que espécie de ciência? — perguntou sarcasticamente Mustafá Mond. — Os senhores não receberam instrução científica, de modo que não têm condições de julgar. Quanto a mim, fui um bom físico, no meu tempo. Bom demais; bastante bom para compreender que toda a nossa ciência é simplesmente um livro de cozinha, com uma teoria ortodoxa de arte culinária que ninguém tem o direito de contestar e uma lista de receitas às quais não se deve acrescentar nada, salvo com autorização do cozinheiro-

chefe. Sou eu o cozinheiro-chefe, agora. Mas houve tempo em que eu era apenas um jovem lava-pratos cheio de curiosidade. Pus-me a cozinhar um pouco a meu modo. Cozinha heterodoxa, cozinha ilícita. Um pouco de ciência verdadeira, em suma.

Calou-se.

— E que aconteceu? — perguntou Helmholtz Watson.

O Administrador suspirou.

— Quase aconteceu o mesmo que vai acontecer aos senhores, meus jovens amigos. Estive a ponto de ser mandado para uma ilha.

Estas palavras galvanizaram Bernard, provocando nele uma reação violenta e indecorosa.

— Mandar-me para uma ilha, a *mim*? — levantou-se de um pulo, atravessou a sala correndo e se pôs a gesticular diante do Administrador. — O senhor não pode me mandar para uma ilha. Eu não fiz nada. Foram os outros. Juro que foram os outros — apontou Helmholtz e o Selvagem com um dedo acusador. — Oh, por favor, não me mande para a Islândia. Prometo fazer tudo o que devo. Dê-me outra oportunidade. Por favor, dê-me outra oportunidade! — as lágrimas começaram a correr. — Foi culpa deles, asseguro-lhe — disse, soluçando. — E não para a Islândia. Oh, eu suplico a Vossa Fordeza, por favor...

E, num paroxismo de abjeção, atirou-se de joelhos aos pés do Administrador. Mustafá Mond tentou fazê-lo levantar; mas Bernard persistiu em sua postura aviltante, e o fluxo de palavras continuou, inesgotável. Por fim, o Administrador teve de tocar a campainha para chamar seu quarto secretário.

— Traga três homens — ordenou — e conduza o sr. Marx a um quarto. Dê-lhe uma boa vaporização de soma, ponha-o na cama e deixe-o só.

O quarto secretário saiu e voltou com três lacaios gêmeos de uniforme verde. Ainda gritando e soluçando, Bernard foi levado para fora.

— Alguém poderia dizer que vão cortar a cabeça dele — comentou o Administrador, quando fecharam a porta. — Ao passo que, se tivesse a

mínima parcela de bom senso, compreenderia que esse castigo é na realidade uma recompensa. Vai ser mandado para uma ilha, isto é, para um lugar onde conhecerá o mais interessante conjunto de homens e mulheres existentes em qualquer parte do mundo. Todas as pessoas que, por esta ou aquela razão, adquiriram demasiada consciência de sua individualidade para poderem adaptar-se à vida comunitária; todas as pessoas a quem a ortodoxia não satisfaz, que têm ideias próprias e independentes; todos aqueles, numa palavra, que são alguém. Quase lhe tenho inveja, sr. Watson.

Helmholtz riu.

— Então, por que motivo o senhor não está numa ilha?

— Porque, no fim das contas, preferi isto — respondeu o Administrador. — Deram-me a escolher: ser mandado para uma ilha, onde poderia continuar dedicando-me à ciência pura, ou ser admitido no Conselho Supremo, com a perspectiva de ser promovido oportunamente a um posto de Administrador. Escolhi isto e abandonei a ciência — depois de um pequeno silêncio, acrescentou: — Às vezes lamento haver renunciado à ciência. A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros. Uma soberana muito mais exigente do que a verdade, quando não se está condicionado para aceitá-la sem restrições. — Suspirou, tornou a calar-se, e logo recomeçou, com mais vivacidade: — Enfim, o dever é o dever. Não podemos consultar as nossas preferências pessoais. Interesso-me pela verdade, gosto da ciência. Mas a verdade é uma ameaça, a ciência é um perigo público. Ela é tão perigosa hoje quanto foi benfazeja no passado. Deu-nos o equilíbrio mais estável que a história registra. O da China era, em comparação, irremediavelmente inseguro. Os próprios matriarcados primitivos não eram tão estáveis quanto nós. Graças, repito-o, à ciência. Mas não podemos permitir que ela desfaça a boa obra que realizou. Por isso limitamos com tanto cuidado o círculo das pesquisas; por isso estive a ponto de ser mandado para uma ilha. Nós permitimos apenas que ela se ocupe dos problemas mais imediatos do momento. Todas as demais pesquisas são ativamente desestimuladas. É curioso — prosseguiu, depois de pequena pausa — ler o que se escrevia na época de Nosso Ford sobre o

progresso científico. Segundo parece, imaginavam que se podia permitir que ele continuasse indefinidamente, sem consideração a qualquer outra coisa. O saber era o mais alto bem; a verdade, o valor supremo; tudo o mais era secundário e subordinado. É certo que as coisas já então estavam começando a mudar. Nosso Ford mesmo fez muito para diminuir a importância da verdade e da beleza, em favor do conforto e da felicidade. A produção em massa exigia essa transferência. A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo. E, é claro, cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais do que a verdade e a beleza, o que importava. Não obstante, e apesar de tudo, a pesquisa científica irrestrita ainda era permitida. Continuava-se a falar na verdade e na beleza como se fossem os bens supremos. Até a época da Guerra dos Nove Anos. Ela fez com que mudassem de tom, posso garantir-lhes. Que valor podem ter a verdade, a beleza e o conhecimento quando as bombas de carbúnculo estouram em torno de nós? Foi então que a ciência começou a ser controlada: depois da Guerra dos Nove Anos. Nesse ponto, as pessoas estavam dispostas a deixar controlar até os seus apetites. Qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada. Desde então, nós temos continuado a controlar. Isso não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade. É impossível obter alguma coisa por nada. A felicidade tem de ser paga. O senhor tem de pagar, sr. Watson; tem de pagar porque se interessa demais pela beleza. Eu me interessava demais pela verdade; também paguei.

— Mas o senhor não foi para uma ilha — disse o Selvagem, rompendo um longo silêncio.

O Administrador sorriu.

— Foi assim que eu paguei. Optando por servir à felicidade. A dos outros, não a minha. É uma sorte — acrescentou, após uma pausa — que haja tantas ilhas pelo mundo. Não sei o que faríamos sem elas. Seríamos obrigados a metê-los todos na câmara de gás, suponho. A propósito, sr. Watson, agradar-lhe-ia um clima tropical? As Marquesas, por exemplo, ou Samoa? Ou preferiria algo mais estimulante?

Helmholtz levantou-se da poltrona pneumática.

— Gostaria de um clima fundamentalmente ruim — respondeu. — Acredito que se poderia escrever melhor num clima rigoroso. Se houvesse muito vento e muitas tempestades, por exemplo...

O Administrador manifestou sua aprovação com um movimento de cabeça.

— Gosto de sua coragem, sr. Watson. Gosto muitíssimo. Tanto quanto a desaprovo oficialmente — sorriu. — Que acha das Ilhas Falkland?

— Sim, creio que me servem — retorquiu Helmholtz. — E agora, se me permite, vou ver como está o pobre Bernard.

Dezessete

— A ARTE, A CIÊNCIA... Parece-me que os senhores pagaram um preço bastante alto pela sua felicidade — observou o Selvagem, quando ficaram sós. — Mais alguma coisa?

— Bem, a religião, naturalmente — respondeu o Administrador. — Havia outrora algo que se chamava Deus, antes da Guerra dos Nove Anos. Mas esquecia-me: o senhor sabe muito bem o que é Deus, não?

— Ora... — o Selvagem hesitou. Teria gostado de dizer alguma coisa sobre a solidão, a noite, a *mesa* estendendo-se pálida sob o luar, o precipício, o mergulho nas trevas cheias de sombras, a morte. Teria gostado de falar, mas não encontrava palavras. Nem mesmo em Shakespeare.

O Administrador, entretanto, atravessara a sala e destrancara à chave um grande cofre embutido na parede, entre as estantes de livros. A porta abriu-se. Remexendo na escuridão do interior do cofre, disse:

— É um assunto que sempre me interessou muito — puxou um grosso volume negro. — Nunca leu isto, por exemplo?

O Selvagem pegou o livro.

— *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento* — leu em voz alta no frontispício.

— Nem isto? — era um livro pequeno, que tinha perdido a capa.

— *A imitação de Cristo.*

— Nem isto? — mostrou-lhe outro volume.

— *As variedades da experiência religiosa*, por William James.

— E tenho ainda muitos outros — continuou Mustafá Mond, voltando à sua poltrona. — Toda uma coleção de velhos livros pornográficos. Deus no cofre e Ford nas estantes.

Indicou, rindo, sua biblioteca, as estantes carregadas de livros, os armários cheios de bobinas para máquinas de leitura e rolos de gravação

sonora.

— Mas se os senhores não ignoram Deus, por que não falam nele? — perguntou o Selvagem, indignado. — Por que não permitem a leitura desses livros sobre Deus?

— Pela mesma razão por que não apresentamos *Otelo*: eles são antigos. Tratam de Deus tal qual era há centenas de anos, não de Deus como é agora.

— Mas Deus não muda.

— Acontece que os homens mudam.

— Que diferença faz?

— Um mundo de diferença — retorquiu Mustafá Mond. Levantou-se outra vez e dirigiu-se ao cofre. — Houve um homem que se chamava Cardeal Newman. Um cardeal — explicou, como num parêntese — era uma espécie de Arquichantre.

— "Eu, Pandolfo, da bela Milão cardeal."[34] Li alguma coisa sobre eles em Shakespeare.

— Sem dúvida. Bem, como eu ia dizendo, havia um homem que se chamava Cardeal Newman. Ah, eis o livro — retirou-o do cofre. — E já que estou aqui, vou tirar também este outro. É de um homem que se chamava Maine de Biran. Era um filósofo, se é que sabe o que quer dizer isso.

— Um homem que sonha menos coisas do que as que existem no céu e na terra[35] — respondeu prontamente o Selvagem.

— Perfeitamente. Daqui a pouco vou ler uma das coisas que ele sonhou. Por enquanto, ouça o que diz este velho Arquichantre — abriu o livro no lugar marcado com uma tira de papel e começou a ler: — "Nós não pertencemos a nós mesmos, assim como não nos pertence aquilo que possuímos. Não fomos nós que nos fizemos, não podemos ter a jurisdição suprema sobre nós mesmos. Não somos nossos próprios senhores. Somos a propriedade de Deus. Não é para nós uma felicidade encararmos as coisas desse modo? Será a qualquer título uma felicidade, um conforto,

considerarmos que pertencemos a nós mesmos? Os que são jovens e prósperos podem acreditar nisso. Podem crer que é uma grande coisa serem capazes de conseguir tudo segundo seus desejos, como supõem — não dependerem de ninguém, não terem de pensar em nada que não esteja ao alcance da vista, dispensarem a obrigação molesta da gratidão constante, da prece contínua, da incessante referência a tudo o que fazem à vontade de outro. Mas, com o correr do tempo, acabam percebendo, como todos, que a independência não foi feita para o homem — que é um estado antinatural —, que pode satisfazer por algum tempo, mas não nos leva com segurança até o fim...” — Mustafá Mond parou, pousou sobre a mesa o primeiro livro e, tomando o outro, virou-lhe as páginas. — Veja isto, por exemplo — disse, e com sua voz profunda começou a ler novamente: — “Um homem envelhece; percebe em si mesmo aquela sensação radical de fraqueza, de atonia, de mal-estar que acompanha o avançar da idade; e, sentindo-se assim, julga estar apenas doente, aquieta seus temores com a ideia de que esse estado penoso é devido a alguma causa particular, da qual espera curar-se como de uma moléstia. Vãs imaginações! A moléstia é a velhice; e trata-se de uma doença horrível. Dizem que é o medo da morte, e do que vem depois da morte, que leva os homens a se voltarem para a religião à medida que os anos se acumulam. Todavia, a experiência pessoal me trouxe a convicção de que, completamente à parte de tais temores e imaginações, o sentimento religioso tende a desenvolver-se quando envelhecemos; tende a desenvolver-se porque, à medida que as paixões se acalmam, que a fantasia e a sensibilidade vão sendo menos excitadas e menos excitáveis, a razão é menos perturbada em seu exercício, menos obscurecida pelas imagens, desejos e distrações que a absorviam; então, Deus emerge como se tivesse saído de trás de uma nuvem; nossa alma vê, sente a fonte de toda luz, volta-se natural e inevitavelmente para ela; porque, tendo começado a esvair-se dentro de nós tudo aquilo que dava ao mundo das sensações sua vida e seu encanto, não sendo mais a existência material sustentada por impressões externas e internas, sentimos a necessidade de nos apoiarmos em algo que permaneça, que nunca nos traia — uma realidade, uma verdade, absoluta e

eterna. Sim, voltamo-nos inevitavelmente para Deus; pois esse sentimento religioso é por natureza tão puro, tão delicioso para a alma que o experimenta, que compensa todas as nossas outras perdas”.

Mustafá Mond fechou o livro e recostou-se na sua poltrona.

— Uma das numerosas coisas do céu e da terra com que não sonharam aqueles filósofos é isto — e agitou a mão —; nós, o mundo moderno. “Só se pode ser independente de Deus enquanto se tem juventude e prosperidade; a independência não nos levará até o fim em segurança.” Pois bem, agora nós temos juventude e prosperidade até o fim. O que resulta daí? Evidentemente, que podemos prescindir de Deus. “O sentimento religioso nos compensará de todas as nossas perdas.” Mas não há, para nós, perdas a serem compensadas; o sentimento religioso é supérfluo. E por que iríamos em busca de um sucedâneo dos desejos infantis, se esses desejos nunca nos faltam? De um sucedâneo das distrações, quando continuamos desfrutando todas as velhas tolices até o fim? Que necessidade temos de repouso, quando nosso corpo e nosso espírito continuam deleitando-se na atividade? De consolo, quando temos o soma? De alguma coisa imutável, quando temos a ordem social?

— Então o senhor acha que não existe um Deus?

— Ao contrário, penso que muito provavelmente existe.

— Então por que...?

Mustafá Mond atalhou-o.

— Mas ele se manifesta de modo diferente a homens diferentes. Nos tempos pré-modernos, manifestava-se como o ser descrito nesses livros. Agora...

— Como se manifesta ele agora? — perguntou o Selvagem.

— Bem, ele se manifesta como uma ausência; como se absolutamente não existisse.

— A culpa é sua.

— Diga, antes, que a culpa é da civilização. Deus não é compatível com as máquinas, a medicina científica e a felicidade universal. É preciso escolher. Nossa civilização escolheu as máquinas, a medicina e a felicidade.

Eis por que é preciso que eu guarde esses livros no cofre. Eles são indecentes. As pessoas ficariam escandalizadas se...

O Selvagem interrompeu-o.

— Mas não é *natural* sentir que há um Deus?

— O senhor poderia igualmente perguntar se é natural fechar as calças com zíper — retrucou o Administrador sarcasticamente. — Faz-me lembrar outro desses antigos, chamado Bradley. Ele definia a filosofia como a arte de encontrar más razões para aquilo em que se crê por instinto. Como se nós acreditássemos em alguma coisa, seja o que for, por instinto! Cremos nas coisas porque somos condicionados a crer nelas. A arte de encontrar más razões para aquilo em que se crê por outras más razões, isto é a filosofia. As pessoas creem em Deus porque foram condicionadas para crer em Deus.

— Ainda assim — insistiu o Selvagem — é natural crer em Deus quando se está só, completamente só, à noite, pensando na morte...

— Mas agora nunca se está só — disse Mustafá Mond. — Fazemos com que todos detestem a solidão, e organizamos a vida de tal forma que seja quase impossível conhecê-la.

O Selvagem concordou inclinando a cabeça com tristeza. Em Malpaís, sofrera porque o haviam excluído das atividades comunitárias do *pueblo*; na Londres civilizada, sofria porque nunca podia fugir dessas atividades comunitárias, nunca podia estar sossegado e só.

— Lembra-se daquela passagem do *Rei Lear*? — disse, por fim. — "Os deuses são justos e de nossos vícios amáveis fazem instrumentos para nos torturar; o lugar sombrio e corrupto em que ele te engendrou custou-lhe os olhos"; e Edmund responde; — o senhor se lembra, ele está ferido e agonizante: "Disseste bem; é a verdade. A roda deu a volta completa, e eis-me aqui". Que diz a isso? Não lhe parece que há um Deus dirigindo as coisas, punindo, recompensando?

— E lhe parece? — interrogou, por sua vez, o Administrador. — O senhor pode entregar-se com uma neutra a todos os vícios amáveis que quiser, sem correr o risco de ter os olhos furados pela amante de seu filho.

“A roda deu a volta completa, e eis-me aqui.” Mas onde estaria Edmund, em nossos dias? Sentado numa poltrona pneumática, com o braço em torno da cintura de uma mulher, mascando seu chiclete de hormônio sexual e assistindo a um filme sensível. Os deuses são justos. Sem dúvida. Mas o seu código de leis é ditado, em última instância, pelas pessoas que organizam a sociedade; a Providência recebe a palavra de ordem dos homens.

— Tem certeza disso? — perguntou o Selvagem. — Tem plena certeza de que Edmund, naquela poltrona pneumática, não foi punido tão severamente quanto o Edmund ferido e esvaindo-se em sangue? Os deuses são justos. Não terão usado seus vícios amáveis para degradá-lo?

— Degradá-lo de que posição? Como cidadão feliz, laborioso, consumidor de riquezas, ele é perfeito. Naturalmente, se o senhor escolher um critério de avaliação diferente do nosso, então talvez possa dizer que ele foi degradado. Mas é preciso que nos atenhamos a um só conjunto de postulados. Não se pode jogar o Golfe-Eletromagnético segundo as regras da Balatela Centrífuga.

— Mas o valor de uma coisa não está na vontade de cada um. A sua estima e dignidade vêm tanto do seu valor real, intrínseco, como da opinião daquele que a tomou.[36]

— Vamos, vamos — protestou Mustafá Mond. — Isso é ir um pouco longe demais, não lhe parece?

— Se os senhores se permitissem pensar em Deus, não se deixariam degradar por vícios amáveis. Teriam uma razão para suportar as coisas com paciência, para fazer as coisas com coragem! Vi isso entre os índios.

— Estou certo que sim — respondeu Mustafá Mond. — Mas acontece que nós não somos índios. Um homem civilizado não tem por que suportar seja lá o que for de seriamente desagradável. E, quanto a fazer as coisas, Ford os preserve de ter jamais tal ideia na cabeça! Toda a ordem social ficaria desorganizada se os homens se pusessem a fazer as coisas por iniciativa própria.

— E o desprendimento, então? Se tivessem um Deus, teriam um motivo para o desprendimento.

— Mas a civilização industrial somente é possível quando não há desprendimento. É necessário o gozo até os limites impostos pela higiene e pelas leis econômicas. Sem isso, as rodas cessariam de girar.

— Teriam uma razão para a castidade! — disse o Selvagem, corando levemente ao pronunciar as palavras.

— Mas a castidade significa paixão, a castidade significa neurastenia. E a paixão e a neurastenia significam instabilidade. E a instabilidade é o fim da civilização. Não se pode ter uma civilização duradoura sem uma boa quantidade de vícios amáveis.

— Mas Deus é a razão de ser de tudo o que é nobre, belo, heroico. Se tivessem um Deus...

— Meu jovem amigo, a civilização não tem nenhuma necessidade de nobreza ou de heroísmo. Essas coisas são sintomas de incapacidade política. Numa sociedade convenientemente organizada como a nossa, ninguém tem oportunidade para ser nobre ou heroico. É preciso que as coisas se tornem profundamente instáveis para que tal oportunidade possa apresentar-se. Onde houver guerras, onde houver obrigações de fidelidade múltiplas e antagônicas, onde houver tentações a que se deva resistir, objetos de amor pelos quais se deva combater ou que seja preciso defender, aí, evidentemente, a nobreza e o heroísmo terão algum sentido. Mas não há guerras em nossos dias. Toma-se o maior cuidado em evitar amores extremados, seja por quem for. Não há nada que se assemelhe a obrigações de fidelidade antagônicas; todos são condicionados de tal modo que ninguém pode deixar de fazer o que deve. E o que se deve fazer é, em geral, tão agradável, deixa-se margem a tão grande número de impulsos naturais, que não há, verdadeiramente, tentações a que se deva resistir. E se alguma vez, por algum acaso infeliz, ocorrer de um modo ou de outro qualquer coisa de desagradável, bem, então há o soma, que permite uma fuga da realidade. E sempre há o soma para acalmar a cólera, para nos reconciliar com os inimigos, para nos tornar pacientes e nos ajudar a suportar os

dissabores. No passado, não era possível alcançar essas coisas senão com grande esforço e depois de anos de penoso treinamento moral. Hoje, tomam-se dois ou três comprimidos de meio grama e pronto. Todos podem ser virtuosos agora. Pode-se carregar consigo mesmo, num frasco, pelo menos a metade da própria moralidade. O Cristianismo sem lágrimas, eis o que é o soma.

— Mas as lágrimas são necessárias. Não se lembra do que disse Otelo? "Se depois de toda tempestade vêm tais calmarias, então que soprem os ventos até acordar a morte!" Há uma história que os velhos índios costumavam contar, a respeito da Donzela de Mátsaki. Os jovens que desejavam desposá-la deviam passar a manhã capinando o seu jardim com uma enxada. Parecia fácil, mas havia moscas e mosquitos encantados. A maioria dos jovens simplesmente não podia suportar as picadas. Mas aquele que pôde suportá-las ficou com a moça.

— Encantador! Mas nos países civilizados — disse Mustafá Mond — podem-se ter moças sem precisar capinar para elas; e não há moscas nem mosquitos que piquem. Há séculos que nos livramos completamente deles.

O Selvagem inclinou a cabeça em aquiescência, franzindo o sobrolho.

— Livraram-se deles. Sim, é bem o modo de os senhores procederem. Livrar-se de tudo o que é desagradável, em vez de aprender a suportá-lo. É mais nobre para a alma sofrer os açoites do azar e as flechas da fortuna adversa, ou pegar em armas contra um oceano de desgraças e, fazendo-lhes frente, destruí-las...[37] Mas os senhores não fazem nem uma coisa nem outra. Não sofrem e não enfrentam. Suprimem, simplesmente, as pedras e as flechas. É fácil demais.

Calou-se repentinamente, pensando na mãe. Em seu quarto do trigésimo sétimo andar, Linda flutuara num mar de luzes cantantes e de carícias perfumadas — e, flutuando, partira para fora do espaço e do tempo, para fora da prisão de suas recordações, de seus hábitos, de seu corpo envelhecido e inchado. E Tomakin, ex-Diretor de Incubação e

Condicionamento, estava ainda em fuga pelo soma — em fuga da humilhação e da dor, num mundo em que não podia ouvir aquelas palavras, aquele riso zombeteiro, em que não podia ver aquele rosto hediondo, sentir aqueles braços úmidos e flácidos em torno do pescoço — num mundo de beleza.

— O que os senhores precisam — disse — é de alguma coisa com lágrimas, para variar. Nada custa bastante caro aqui.

(“Doze milhões e quinhentos mil dólares”, tinha protestado Henry Foster, quando o Selvagem lhe dissera isso. “Doze milhões e quinhentos mil dólares — foi o que custou o novo Centro de Condicionamento. Nem um centavo menos.”)

— Expor o que é mortal e inseguro ao acaso, ao perigo, à morte, ainda que por uma casca de ovo.[38] Isso não é alguma coisa? — perguntou ele, erguendo os olhos para Mustafá Mond. — Mesmo abstraindo de Deus, embora Deus, por certo, possa ser uma razão. Não é alguma coisa viver perigosamente?

— Sem dúvida nenhuma — respondeu o Administrador. — Os homens e as mulheres necessitam que se lhes estimulem de tempos em tempos as cápsulas suprarrenais.

— O quê? — perguntou o Selvagem, que não compreendera.

— É uma das condições da saúde perfeita. Foi por esse motivo que tornamos obrigatórios os tratamentos de S.P.V.

— S.P.V.?

— Sucedâneo de Paixão Violenta. Regularmente, uma vez por mês, inundamos todo o organismo com adrenalina. É o equivalente fisiológico completo do medo e da cólera. Todos os efeitos tônicos de assassinar Desdêmona e de ser assassinada por Otelo, sem nenhum dos inconvenientes.

— Mas eu gosto dos inconvenientes.

— Nós, não. Preferimos fazer as coisas confortavelmente.

— Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado.

— Em suma — disse Mustafá Mond —, o senhor reclama o direito de ser infeliz.

— Pois bem, seja — retrucou o Selvagem em tom de desafio. — Eu reclamo o direito de ser infeliz.

— Sem falar no direito de ficar velho, feio e impotente; no direito de ter sífilis e câncer; no direito de não ter quase nada que comer; no direito de ter piolhos; no direito de viver com a apreensão constante do que poderá acontecer amanhã; no direito de contrair a febre tifoide; no direito de ser torturado por dores indizíveis de toda espécie.

Houve um longo silêncio.

— Eu os reclamo todos — disse finalmente o Selvagem.

Mustafá Mond deu de ombros.

— À vontade — respondeu.

Dezoito

A PORTA ESTAVA ENTREABERTA; eles entraram.

— John!

Do banheiro veio um ruído desagradável e característico.

— Está sentindo alguma coisa? — gritou Helmholtz.

Não houve resposta. O ruído desagradável repetiu-se por duas vezes. Fez-se um silêncio. Depois, com um estalido, a porta do banheiro abriu-se e, muito pálido, o Selvagem apareceu.

— Que é isso, John? — exclamou Helmholtz com solicitude. — Você está mesmo com ar de doente!

— Comeu alguma coisa que não lhe fez bem? — perguntou Bernard.

O Selvagem fez um sinal afirmativo.

— Comi a civilização.

— O quê?

— Ela me envenenou; fiquei contaminado. E então — acrescentou em voz mais baixa — engoli minha própria perversidade.

— Sim, mas o que foi, precisamente...? Quero dizer, ainda há pouco, você estava...

— Agora estou purificado — retorquiu o Selvagem. — Tomei mostarda com água morna.

Os dois fitaram-no assombrados.

— Quer dizer que fez isso de propósito? — perguntou Bernard.

— É assim que os índios sempre se purificam — o Selvagem sentou-se e, suspirando, passou a mão pela testa. — Vou repousar alguns minutos. Estou um pouco cansado.

— Bem, isso não me surpreende — disse Helmholtz. Depois de um silêncio, acrescentou em outro tom: — Nós viemos nos despedir; partimos

amanhã pela manhã.

— Sim, nós partimos amanhã pela manhã — confirmou Bernard, em cujo rosto o Selvagem notou uma expressão nova de decisão resignada. — E, a propósito, John — continuou ele, inclinando-se para a frente na cadeira e pousando a mão no joelho do Selvagem —, eu queria dizer o quanto lamento o que se passou ontem — corou. — Quanto estou envergonhado — prosseguiu, apesar do tremor de sua voz —, quanto, na verdade...

O Selvagem interrompeu-o e, tomando-lhe a mão, apertou-a afetuosamente.

— Helmholtz foi extremamente bondoso comigo — recomeçou Bernard, depois de pequena pausa. — Se não fosse ele...

— Ora, vamos — protestou Helmholtz.

Houve um silêncio. Apesar da sua tristeza — por causa mesmo dessa tristeza, pois ela era um sintoma da afeição que se tributavam —, os três jovens sentiam-se felizes.

— Fui falar com o Administrador esta manhã — disse, por fim, o Selvagem.

— Para quê?

— Para perguntar se eu não poderia ir com vocês para as ilhas.

— E o que disse ele? — perguntou vivamente Helmholtz.

O Selvagem balançou a cabeça.

— Não consentiu.

— Por que não?

— Disse que queria continuar a experiência. Mas diabos me levem — acrescentou o Selvagem, com súbito furor —, diabos me levem se eu continuar a servir de objeto de experiências. Nem por todos os Administradores do mundo. Também parto amanhã.

— Mas para onde? — perguntaram os dois ao mesmo tempo.

O Selvagem deu de ombros.

— Para qualquer parte. Pouco me importa. Contanto que eu possa estar só.

De Guildford, a rota aérea de sudoeste seguia o vale do Wey até Godalming, depois, por Milford e Witley, dirigia-se para Haslemere e continuava por Petersfield até Portsmouth. Com um traçado aproximadamente paralelo, a rota de retorno passava por Worplesden, Tongham, Puttenham, Elstead e Grayshott. Entre a crista do Hog's Back e Hindhead, havia pontos em que as duas rotas não distavam mais de seis ou sete quilômetros uma da outra. Essa distância era muito pequena para os aviadores descuidados — sobretudo à noite e quando tinham ingerido meio grama além da dose normal. Houvera acidentes. Graves. Por isso, resolveram desviar a rota de retorno alguns quilômetros para oeste. Entre Grayshott e Tongham, quatro faróis aéreos abandonados assinalavam o traçado da antiga rota de Portsmouth a Londres. O céu, acima deles, tornara-se silencioso e deserto. Era por Selborne, Borden e Farnham que, zumbindo e rugindo, passavam agora sem interrupção os helicópteros.

O Selvagem escolhera para seu eremitério o velho farol que se erguia sobre a crista da colina entre Puttenham e Elstead. A construção era de cimento armado e estava em excelentes condições — quase confortável demais, pensara o Selvagem, ao explorar o local pela primeira vez, quase excessivamente luxuosa e civilizada. Aplacou a consciência prometendo impor-se, como compensação, uma disciplina pessoal mais dura, purificações completas e rigorosas. Sua primeira noite no novo eremitério foi deliberadamente de insônia. Passou-a de joelhos, dirigindo preces ora àquele Céu a que o culpado Cláudio mendigara perdão, ora em zuni a Awonawilona, ora a Jesus e Pukong, ora ao seu próprio animal guardião, a águia. De quando em quando, abria os braços como se estivesse pregado numa cruz e mantinha-os assim por longos minutos, sentindo dores que aumentavam gradualmente até se tornarem uma agonia trêmula e cruciante; mantinha-os assim numa crucificação voluntária, repetindo entre os dentes semicerrados (ao mesmo tempo que o suor lhe escorria pelo rosto): "Oh! Perdoai-me! Purificai-me! Oh! Ajudai-me a ser virtuoso!", muitas e muitas vezes, até quase desmaiar de dor.

Quando raiou a manhã, ele sentiu que havia conquistado o direito de habitar o farol; sim, embora ainda houvesse vidraças na maioria das janelas, embora a vista da plataforma fosse tão bela. Pois a razão que o levara a escolher o farol tinha se tornado quase imediatamente uma razão para preferir outro lugar. Ele decidira viver ali porque a paisagem era belíssima; porque, desse ponto elevado, parecia-lhe contemplar a encarnação de um ser divino. Mas quem era ele, para ser agraciado com o espetáculo de todos os dias, e mesmo de todas as horas, da beleza? Quem era ele, para viver na presença visível de Deus? Tudo o que merecia, como habitação, era alguma pocilga suja, algum escuro buraco no chão. Ainda dolorido e com as juntas emperradas depois da longa noite de sofrimentos, mas, por isso mesmo, acalmado interiormente, subiu até a plataforma da sua torre e contemplou o luminoso mundo matinal em que agora tinha novamente o direito de viver. Ao norte, a paisagem era limitada pela longa aresta de giz da crista de Hog's Back, atrás de cuja extremidade oriental se erguiam as torres dos sete arranha-céus que constituíam Guildford. Vendo-as, o Selvagem fez uma careta; mas ainda iria reconciliar-se com elas, porque, à noite, cintilavam alegremente em constelações geométricas, ou então, iluminadas por projetores, dirigiam seus dedos luminosos, solenemente (num gesto que ninguém na Inglaterra, exceto o Selvagem, compreendia agora), para os mistérios insondáveis do céu.

No vale que separava o Hog's Back da colina arenosa sobre a qual se erguia o farol, Puttenham era uma pequena e modesta aldeia, alta, de nove andares, com silos, uma granja avícola e uma pequena fábrica de vitamina D. Do outro lado do farol, para o sul, o terreno descia em pendentes cobertas de urzes até uma série de pequenas lagoas.

Além, acima dos bosques intermediários, erguia-se a torre de quatorze andares de Elstead. Vagamente perceptíveis através do ar brumoso da Inglaterra, Hindhead e Selborne solicitavam o olhar para um longínquo e romântico azul. Mas não era só a paisagem distante o que atraíra o Selvagem ao farol; as cercanias não eram menos sedutoras. Os bosques, as

extensões abertas de urzes e tojos amarelos, os grupos de pinheiros-silvestres, as lagoas brilhantes com suas bétulas inclinadas, seus nenúfares, suas moitas de junco — tudo isso era magnífico e, para olhos habituados à aridez do deserto norte-americano, surpreendente. E, além do mais, a solidão! Passavam-se dias inteiros sem que ele visse um único ser humano. O farol estava a apenas um quarto de hora de voo da Torre de Charing-T; mas as montanhas de Malpaís eram um pouco mais desertas do que aquela charneca do Surrey. As multidões que deixavam diariamente Londres só o faziam para jogar Golfe-Eletromagnético ou Tênis. Puttenham não tinha campo de golfe; as superfícies de Riemann mais próximas achavam-se em Guildford. As flores e a paisagem eram ali as únicas atrações. De modo que, como não havia razão plausível para vir, ninguém vinha. Durante os primeiros dias o Selvagem viveu só, sem ser incomodado.

Do dinheiro que recebera ao chegar, para suas despesas pessoais, tinha gasto a maior parte com o seu equipamento. Antes de deixar Londres, comprara quatro cobertores de lã de viscose, corda, barbante, pregos, cola, algumas ferramentas, fósforos (se bem que tivesse a intenção de fazer uma broca de fogo), algumas panelas e caçarolas, duas dúzias de pacotes de sementes e dez quilos de farinha de trigo. “Não, nada de pseudofarinha de amido sintético e resíduos de algodão”, insistira, “mesmo que seja mais nutritiva”. Mas, quanto aos biscoitos panglandulares e à pseudocarne vitaminada, não pudera resistir às palavras persuasivas do vendedor. Contemplando agora as latas, censurou-se amargamente por sua fraqueza. Asquerosos produtos civilizados! Tinha resolvido nunca os comer, ainda que estivesse morrendo de fome. “Isso lhes servirá de lição”, pensou vingativamente. Também serviria de lição a ele.

Contou o dinheiro. O pouco que sobrara bastaria, segundo esperava, para passar o inverno. Na próxima primavera sua horta produziria o necessário para torná-lo independente do mundo exterior. Enquanto isso, sempre haveria a caça. Tinha visto coelhos em quantidade, e também aves aquáticas nas lagoas. Imediatamente se pôs a preparar um arco e flechas.

Havia freixos perto do farol e, para as hastes das flechas, uma mata de amendoeiras novas, maravilhosamente retas. Começou por derrubar um freixo novo, cortou um pedaço de tronco de dois metros, sem galhos, descascou-o e, camada após camada, tirou toda a madeira branca, como o velho Mitsima lhe havia ensinado, até obter uma haste de arco da sua altura, rígida no centro mais grosso, flexível e vibrátil nas extremidades afinadas. O trabalho causou-lhe intenso prazer. Depois de todas aquelas semanas de ócio em Londres, durante as quais nada mais tinha a fazer, quando desejava alguma coisa, do que apertar um botão ou dar volta a uma manivela, era uma delícia dedicar-se a uma ocupação que exigia habilidade e paciência.

Já tinha quase terminado de desbastar a vara até lhe dar a forma desejada quando percebeu, com sobressalto, que estava cantando — *cantando!* Foi como se, vindo do exterior e encontrando a si mesmo por acaso, se tivesse apanhado em flagrante delito. Corou como um culpado. No fim de contas, não era para cantar e ser feliz que tinha ido para lá. Era para escapar à contaminação da imundície da vida civilizada; era para purificar-se e tornar-se virtuoso; era para redimir-se ativamente. Para sua consternação, deu-se conta de que, absorvido pela fabricação do arco, esquecera o que tinha jurado recordar constantemente — a pobre Linda e sua própria dureza suicida para com ela, e aqueles gêmeos repulsivos, formigando como piolhos sobre o mistério de sua morte, insultando com sua presença não somente a dor e o arrependimento dele, como até os próprios deuses. Tinha jurado lembrar-se, tinha jurado consagrar-se incessantemente ao resgate de tudo aquilo. E ali estava sentado, feliz, trabalhando na vara do seu arco, cantando, incrivelmente cantando...

Então, abriu a lata de mostarda e pôs a água para ferver.

Meia hora depois, três trabalhadores agrícolas Deltas-Menos de um dos Grupos Bokanovsky de Puttenham passavam em um caminhão para Elstead e, no alto da colina, surpreenderam-se ao ver um jovem de pé, diante do farol abandonado, nu da cintura para cima e flagelando-se com um chicote. Tinha as costas riscadas horizontalmente de carmesim, e entre as riscas corriam delgados filetes de sangue. O motorista parou à beira da

estrada e, com os dois companheiros, contemplou, de olhos arregalados e boca aberta, o extraordinário espetáculo. Um, dois, três — eles contaram os golpes. Depois do oitavo, o jovem interrompeu o castigo que se estava impondo para correr à orla do bosque e vomitar violentamente. Quando acabou, apanhou o chicote e recomeçou a golpear-se. Nove, dez, onze, doze...

— Ford! — murmurou o motorista. E os seus gêmeos foram da mesma opinião.

— Meu Ford! — disseram.

Três dias depois, como urubus descendo sobre a carniça, chegaram os repórteres.

Secado e endurecido a fogo lento de madeira verde, o arco ficara pronto. O Selvagem estava ocupado na confecção de flechas. Trinta varinhas de amendoeira tinham sido cortadas e secadas, munidas, na ponta, de um prego aguçado e, no cabo, de um pequeno entalhe cuidadosamente cortado. Ele fizera, certa noite, uma incursão à granja avícola de Puttenham, e tinha agora penas em quantidade suficiente para suprir todo um arsenal de flechas. Foi em pleno trabalho de guarnecer de penas as suas setas que o primeiro repórter o encontrou. Sem ruído, graças aos seus sapatos pneumáticos, o homem aproximou-se dele pelas costas.

— Bom dia, sr. Selvagem — disse. — Sou o representante do *Rádio Horário*.

Sobressaltado como pela picada de uma serpente, o Selvagem ergueu-se de um pulo, espalhando flechas, penas, pote de cola e pincel em todas as direções.

— Peço-lhe desculpas — disse o repórter, com sincero pesar. — Não tinha a intenção... — levou a mão ao chapéu, à cartola de alumínio em que levava seu receptor e transmissor de rádio. — Desculpe-me se não o tiro — excusou-se. — É um pouco pesado... Como estava dizendo, sou o representante do *Rádio*...

— Que é que quer? — perguntou o Selvagem, carrancudo.

Em resposta, o repórter dirigiu-lhe seu sorriso mais insinuante.

— É que, naturalmente, nossos leitores se interessariam muito em... — inclinou a cabeça para um lado, seu sorriso tornou-se quase sedutor. — Apenas algumas palavras suas, sr. Selvagem.

Rapidamente, com uma série de gestos rituais, desenrolou dois fios metálicos ligados à bateria portátil que trazia presa ao cinto; conectou-os simultaneamente às paredes do chapéu de alumínio; tocou em uma mola na copa — e duas antenas ergueram-se no ar; tocou em outra mola na margem da aba — e, como um boneco de uma caixa de surpresas, saltou um microfone que ficou ali suspenso, balançando-se a quinze centímetros do seu nariz; baixou dois receptores sobre as orelhas; apertou um comutador no lado esquerdo do chapéu — e do interior saiu um leve zumbido de abelha; torceu um botão à direita — e o zumbido foi interrompido por uma crepitação e um chiado estetoscópico, por soluços e guinchos súbitos.

— Alô — falou ele ao microfone. — É você, Edzel? Aqui, Primo Mellon. Sim, encontrei-o. O sr. Selvagem vai agora tomar o microfone e dizer algumas palavras. Não é, sr. Selvagem? — Ergueu os olhos para o Selvagem com outro daqueles sorrisos cativantes. — Queira simplesmente dizer aos nossos leitores por que veio para cá. O que o fez deixar Londres (não corte, Edzel!) de maneira tão repentina. E, naturalmente, fale-lhes do seu chicote — (O Selvagem sobressaltou-se. Como sabiam do flagelo?) — Nós estamos todos ansiosos por ouvi-lo falar a respeito do chicote. E, depois, diga-nos alguma coisa sobre a Civilização. O senhor sabe a que espécie de coisa me refiro. “O que penso da Mulher Civilizada.” Algumas palavras somente, umas poucas...

O Selvagem obedeceu ao pé da letra, de modo desconcertante. Pronunciou cinco palavras, não mais — cinco palavras, as mesmas que dissera a Bernard acerca do Arquichantre de Canterbury. — *Háni! Sons éso tse-ná!* — e, segurando o repórter pelos ombros, virou-o (o rapaz revelou-se convidativamente bem fornido), apontou e, com toda a força e precisão de um campeão de futebol, desferiu-lhe um pontapé verdadeiramente prodigioso.

Oito minutos mais tarde, uma nova edição do Rádio Horário era vendida nas ruas de Londres. *“Repórter do Rádio Horário Recebe do Selvagem Misterioso um Pontapé no Cóccix”*, dizia a manchete da primeira página. *“Sensação no Surrey.”*

“Sensação mesmo em Londres”, pensou o repórter quando, ao voltar, leu essas palavras. E, principalmente, uma sensação bastante dolorosa. Sentou-se com muito cuidado para almoçar.

Sem se deixarem intimidar por aquela contusão admonitória no cóccix de seu colega, quatro outros repórteres, representando o Times de Nova York, o *Continuum Quadridimensional* de Frankfurt, o *Monitor da Ciência Fordiana* e o *Espelho dos Deltas*, foram na mesma tarde ao farol, sendo recebidos com uma violência progressivamente maior.

A uma distância suficiente para sentir-se em segurança, e ainda esfregando as nádegas, o homem do *Monitor da Ciência Fordiana* gritou:

— Imbecil ignorante! Por que não toma soma?

— Vá embora! — o Selvagem mostrou-lhe o punho cerrado.

O outro recuou alguns passos, depois voltou-se novamente:

— O mal é uma irrealidade se se tomam dois gramas.

— *Kohakwa iyathtokyai!* — o tom de voz do Selvagem era ameaçadoramente zombeteiro.

— A dor é uma ilusão.

— Ah, sim? — replicou o Selvagem; e, pegando uma grossa vara de amendoeira, avançou para ele.

O homem do *Monitor* correu para o helicóptero.

Depois disso, deixaram o Selvagem em paz durante algum tempo. Uns poucos helicópteros vieram pairar inquiridoramente em volta da torre. Ele atirou uma flecha no mais importunamente próximo. A seta furou o piso de alumínio da cabina. Houve um urro estridente, e o aparelho deu no ar um salto correspondente ao máximo de aceleração que lhe pôde imprimir o piloto. Os outros, desde então, conservaram-se a uma distância respeitosa. Sem dar atenção ao zumbido fastidioso dos helicópteros (ele comparava-se, na imaginação, a um dos candidatos à Donzela de Mátsaki, impassível e

persistente ante o inseto), o Selvagem cavava o que viria a ser a sua horta. No fim de algum tempo, o inseto evidentemente se cansava e ia embora; durante horas a fio, o céu acima dele ficaria vazio e silencioso, não fossem as cotovias.

Estava quente e pesado, o ar carregado de eletricidade. Ele cavara toda a manhã e repousava deitado no chão. De repente, a lembrança de Lenina tornou-se uma presença real, nua e tangível, dizendo: “Meu querido!” e “Aperta-me em teus braços!” — vestida somente com suas meias e sapatos, e perfumada. Cortesã impudente! Mas — oh! oh! — seus braços rodeando o pescoço de John, o arfar de seus seios, sua boca! “A eternidade estava em nossos lábios e em nossos olhos.” Lenina... Não, não, não, não! Ergueu-se de um salto e, tal como se achava, seminu, saiu da casa correndo. Na orla da mata erguia-se um maciço de zimbros velhos. Atirou-se sobre eles e apertou contra si não o corpo macio de seus desejos, mas uma braçada de espinhos verdes. Afiados, com suas mil pontas, eles picaram-no. Tentou pensar na pobre Linda, ofegante e muda, com suas mãos que faziam o gesto de agarrar e os olhos cheios de terror indizível — na pobre Linda, de quem tinha jurado lembrar-se sempre. Mas era ainda a presença de Lenina que o obsidiava. Mesmo sob os arranhões e as picadas do zimbro, sua carne fremente tinha consciência dela, da sua presença real, à qual não podia fugir. “Meu querido, meu querido... E se você também me queria, por que é que não...?”

O chicote estava pendurado num prego ao lado da porta, ao alcance da mão para o caso de chegarem repórteres. Num frenesi, o Selvagem voltou correndo à casa, apanhou-o e brandiu-o. Os nós do açoite morderam-lhe a carne.

— Cortesã, cortesã! — bradava a cada golpe, como se fosse Lenina (e com que furor, sem o saber, desejava que fosse ela!), aquela Lenina infame de corpo branco, tépido, perfumado, que ele flagelava assim. — Cortesã! — e depois, com voz desesperada: — Oh! Linda, perdoa-me. Perdoai-me, Deus! Eu sou vil! Eu sou mau. Eu sou... Não, não, cortesã! Cortesã!

Do seu esconderijo construído cuidadosamente no bosque, a trezentos metros dali, Darwin Bonaparte, o mais hábil fotógrafo de caça de grande porte da Companhia Geral de Filmes Sensíveis, observara toda a cena. A paciência e a habilidade tinham sido recompensadas. Ele passara três dias sentado no tronco oco de um carvalho artificial, três noites a arrastar-se por entre as urzes, escondendo microfones nos arbustos, enterrando fios na areia cinzenta e mole. Setenta e duas horas de profundo desconforto. Mas agora chegara o grande momento — o maior, teve tempo de refletir Darwin Bonaparte enquanto se deslocava entre seus aparelhos, o maior desde aquela tomada do famoso Sensível cem por cento urrante e estereoscópico do casamento dos gorilas. “Esplêndido!”, dissera consigo mesmo quando o Selvagem começara suas estranhas atividades. “Esplêndido!” Manteve suas câmeras telescópicas cuidadosamente focadas no alvo móvel — coladas nele; instalou uma objetiva mais poderosa para obter um close da fisionomia frenética e contorcida (admirável!); tomou durante meio minuto a vista em câmara lenta (efeito de uma comicidade deliciosa, prometeu a si mesmo); ouviu durante esse tempo, no receptor, os golpes, os gemidos, as palavras ferozes e desvairadas que se gravavam na trilha sonora, à margem da fita; ensaiou o efeito de uma leve ampliação (sim, decididamente era melhor assim); ficou encantado ao ouvir, num silêncio momentâneo, o canto estridente de uma cotovia; desejou que o Selvagem se virasse, para que ele pudesse obter um close do sangue que escorria pelas costas — e, quase em seguida (que sorte assombrosa!), o jovem, complacente, virou-se e ele pôde dar um close perfeito.

— Sim, senhor! Foi formidável! — disse, quando tudo terminou. — Realmente formidável! — enxugou o rosto. Depois que introduzissem os efeitos do sensível, no estúdio, seria um filme estupendo. Quase tão bom, pensou Darwin Bonaparte, como a *Vida amorosa da cachalote*; e isso, por Ford, não era pouca coisa!

Doze dias depois, *O selvagem do Surrey* era projetado, e podia ser visto, ouvido e sentido em todas as salas de cinema sensível de primeira ordem da Europa Ocidental.

O efeito produzido pelo filme de Darwin Bonaparte foi imediato e enorme. Na tarde que se seguiu à apresentação ao público, a solidão rústica de John foi subitamente violada por um enxame de helicópteros.

Ele estava cavando com a pá a sua horta — e cavando igualmente em seu espírito, trazendo laboriosamente à tona a substância dos seus pensamentos. A morte — e enterrava a pá uma vez, e outra, e ainda outra. "E todos os nossos dias passados iluminaram o caminho da morte para os tolos." Ribombava por meio dessas palavras um trovão convincente. Levantou mais uma pá de terra. Por que morrera Linda? Por que tinham permitido que ela se tornasse gradualmente menos que humana, e por fim...? Estremeceu. Um cadáver putrefato bom para beijar.[39] Pôs o pé sobre a pá e enterrou-a raivosamente no chão duro. Para os deuses, somos como moscas para as crianças travessas; matam-nos para se divertirem.[40] Outra vez, o ribombar; palavras que se proclamavam verdadeiras — mais verdadeiras, de algum modo, que a própria verdade. E no entanto esse mesmo Gloucester chamara-os de deuses sempre benévolos. Além do mais, o melhor do teu repouso é o sono, e tu mesmo o provocas muitas vezes; no entanto, temes intensamente a morte, que não é mais do que ele.[41] Não mais do que o sono. Dormir. Talvez sonhar... A pá topou numa pedra, ele abaixou-se para tirá-la. E nesse sono da morte, que sonhos...?[42]

Um zumbido sobre sua cabeça tinha se transformado em rugido; e, de repente, achou-se na sombra, havia algo entre ele e o sol. Sobressaltado, ergueu os olhos de sua pá e de seus pensamentos; ergueu os olhos num aturdimento deslumbrado, o espírito ainda vagando naquele mundo mais verdadeiro que a verdade, ainda concentrado na imensidade da morte e dos deuses; ergueu os olhos e viu, acima de sua cabeça e bem perto, o enxame dos aparelhos a planar. Chegavam como gafanhotos, ficavam suspensos, imóveis, desciam em torno dele sobre as urzes. E do ventre desses gafanhotos gigantescos saíam homens em calças brancas de viscose, mulheres (pois fazia calor) em pantalonas de xantungue de acetato ou em bermudas de belbutina e jérsei, e camiseta sem mangas, de zíper semiaberto

— um casal por aparelho. No fim de alguns minutos havia ali dúzias deles, numa vasta circunferência em volta do farol, olhando, rindo, tirando fotografias, atirando-lhe (como a um macaco) amendoim, pacotes de chiclete de hormônio sexual, *petits beurres* panglandulares. E a todo instante — pois, sobrevoando a crista de Hog's Back, a torrente de tráfego corria sem parar — seu número aumentava. Como num pesadelo, as dúzias tornavam-se vintenas, centenas.

O Selvagem recuara em busca de abrigo; e agora, na posição de um animal acossado, encostara-se na parede do farol, dirigindo o olhar de um rosto a outro, num horror mudo, como um homem demente.

Despertou-o desse estupor o choque de um pacote de chiclete atirado com precisão contra seu rosto, trazendo-o a uma consciência mais imediata da realidade. Um sobressalto de dor e de surpresa — e ele estava completamente desperto, desperto e tomado de uma cólera feroz.

— Vão embora! — bradou.

O macaco falara; houve uma explosão de risos e aplausos. “Este bom Selvagem! Hurra! Hurra!” E, no meio da algazarra, ouviu gritos de “Chicote, chicote, chicote!”.

Obedecendo à sugestão dessa palavra, tirou do prego, atrás da porta, o feixe de açoites trançados e brandiu-o diante dos seus atormentadores.

Houve um urro de aplausos irônicos.

Avançou ameaçadoramente para eles. Uma mulher soltou um grito de medo. A linha oscilou no seu ponto mais imediatamente exposto, depois se refez e manteve-se firme. A consciência da esmagadora superioridade numérica dava aos curiosos uma coragem que o Selvagem não esperava. Surpreendido, parou e lançou um olhar em redor.

— Por que não me deixam em paz? — havia uma nota quase queixosa em sua cólera.

— Tome estas amêndoas salgadas com magnésio — disse o homem que, se o Selvagem avançasse, seria o primeiro a sofrer o ataque. E estendeu a mão com um pacote. — São realmente boas, garanto-lhe —

acrescentou com um sorriso propiciatório um pouco nervoso — , e os sais de magnésio ajudam a conservar sua mocidade.

O Selvagem não deu atenção ao oferecimento.

— Que querem de mim? — perguntou, volvendo os olhos de um rosto sarcástico a outro. — Que querem de mim?

— O chicote! — responderam confusamente cem vozes. — As chicotadas! Queremos ver as chicotadas!

Depois, em coro e num ritmo lento, pesado:

— Nós-queremos-o-chicote! — gritou um grupo no extremo da linha. — Nós-queremos-o-chicote!

Outros retomaram logo o grito, e a frase foi repetida como por papagaios, muitas e muitas vezes, com um volume de som sempre crescente, até que, depois da sétima ou oitava repetição, não se ouvia nenhuma outra palavra. "Nós-queremos-o-chicote!"

Todos gritavam juntos; e, embriagados pelo clamor, pela unanimidade, pelo sentimento de comunhão rítmica, teriam podido, segundo parecia, continuar durante horas — quase indefinidamente. Mas, pela vigésima quinta repetição, a cena foi de súbito interrompida. Outro helicóptero tinha chegado de além da crista de Hog's Back, ficou pairando acima da multidão, depois pousou a alguns metros do lugar onde estava o Selvagem, no espaço livre entre a linha de curiosos e o farol. O barulho das hélices dominou momentaneamente os gritos; depois, quando o aparelho pousou no chão e os motores pararam, eles recomeçaram: "Nós-queremos-o-chicote! Nós-queremos-o-chicote!" — no mesmo tom invariável, insistente e forte.

A porta do helicóptero abriu-se, saindo um rapaz louro de rosto vermelho; depois, com um calção de belbutina verde, uma blusa branca e, na cabeça, um boné de jóquei, apareceu uma moça.

À visão da jovem, o Selvagem estremeceu, recuou, empalideceu.

A moça ficou de pé, sorrindo para ele — um sorriso hesitante, súplice, quase abjeto. Passaram-se alguns segundos. Seus lábios moveram-

se — ela dizia qualquer coisa; mas sua voz foi abafada pelo estribilho forte e repetido dos curiosos:

"Nós-queremos-o-chicote! Nós-queremos-o-chicote!"

A jovem apoiou as duas mãos no coração, e no seu rosto corado como um pêssego, lindo como o de uma boneca, apareceu uma expressão estranhamente inadequada de desejo angustiado. Seus olhos azuis pareceram dilatar-se, tornar-se mais brilhantes; e, subitamente, duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Em voz inaudível, falou outra vez; depois, com um gesto vivo e apaixonado, estendeu os braços para o Selvagem e deu um passo à frente.

"Nós-queremos-o-chicote! Nós-queremos..."

E, de repente, eles tiveram o que pediam.

— Cortesã! — o Selvagem avançou para ela como um louco. — Raposa! — como um louco, pôs-se a vergastá-la com seu chicote de cordas finas.

Aterrorizada, ela virou-se para fugir, tropeçou e caiu no meio das urzes.

— Henry! Henry! — gritou.

Mas seu rubicundo companheiro correra para abrigar-se do perigo atrás do helicóptero.

Com um bramido de excitação deliciada, a linha rompeu-se. Houve uma corrida convergente para aquele centro de atração magnética. A dor era um horror que fascinava.

— Ferve, luxúria, ferve![43] — com frenesi, o Selvagem vergastou-a outra vez.

Avidamente os curiosos os rodearam, empurrando-se e atropelando-se como porcos em redor do cocho.

— Oh! A carne! — o Selvagem rangeu os dentes. Dessa vez foi sobre seus próprios ombros que se abateu o chicote. — Mata! Mata!

Atraídos pela fascinação do horror do sofrimento e, interiormente, impelidos pelo hábito da ação em comum, pelo desejo de unanimidade e

comunhão, que o condicionamento neles implantara de forma tão indelével, os curiosos puseram-se a imitar o frenesi dos gestos do Selvagem, batendo uns nos outros, enquanto ele fustigava sua própria carne rebelde, ou aquela encarnação roliça da torpeza que se contorcia nas urzes a seus pés.

— Mata, mata, mata... — continuava gritando o Selvagem.

Depois, subitamente, alguém começou a cantar: “Orgião-espadão!” Num instante, todos repetiram o estribilho e, cantando, puseram-se a dançar. Orgião-espadão, girando, girando, girando em círculo, batendo uns nos outros, em compasso de seis-oito. Orgião-espadão...

Passava da meia-noite quando o último helicóptero levantou voo. Entorpecido pelo soma e esgotado por um prolongado frenesi de sensualidade, o Selvagem jazia adormecido sobre as urzes. O sol já ia alto no céu quando ele acordou. Ficou imóvel um momento, os olhos piscando à luz, numa incompreensão de mocho; depois, repentinamente, lembrou-se — de tudo.

— Oh! Meu Deus, meu Deus! — cobriu os olhos com as mãos.

Naquela tarde, o enxame de helicópteros que vinham zumbindo por sobre a crista de Hog’s Back era uma nuvem escura de dez quilômetros de comprimento. A descrição da orgia de comunhão da noite anterior fora publicada em todos os jornais.

— Selvagem! — gritaram os primeiros a chegar, enquanto desciam dos aparelhos. — Sr. Selvagem!

Não tiveram resposta.

A porta do farol estava entreaberta. Empurraram-na e entraram numa penumbra de janelas fechadas. Por um arco na outra extremidade do local viam-se os primeiros degraus da escada que levava aos andares superiores. Exatamente sob o fecho do arco pendiam dois pés.

— Sr. Selvagem!

Lentamente, muito lentamente, como duas agulhas de bússola sem pressa, os pés voltaram-se para a direita: norte, nordeste, leste, sudeste, sul, sul-sudoeste; depois se detiveram e, passados alguns segundos,

recomeçaram a girar, com a mesma lentidão, para a esquerda. Sul-sudoeste, sul, sudeste, leste...

Obras de Aldous Huxley pela Biblioteca Azul Admirável mundo novo Contos escolhidos Contraponto

Os demônios de Loudun Folhas inúteis O gênio e a deusa A ilha
O macaco e a essência Moksha
As portas da percepção Céu e inferno Sem olhos em Gaza A situação humana O tempo deve parar Também o cisne morre

[1] Paródia de um verso célebre de Robert Browning. [N. T.]

[2]"Out, damned spot!" (*Macbeth*, V, 1).

[3]"The multitudinous seas incarnadine..." (*Macbeth*, II, 2).

[4]"Mislike me not for my complexion" (*O mercador de Veneza*, II, 1).

[5]O texto original é uma paródia de uma *nursery rhyme*, isto é, de uma pequena poesia infantil, familiar a todas as crianças inglesas. [N. T.]

[6]Os índios Pueblos dividem-se em diversas tribos ou fratrias, cada uma das quais toma o nome de um animal ou vegetal protetor e possui um lugar de reunião constituído por uma construção parcialmente subterrânea, chamada *kiva*. [N. T.]

[7]"Nay, but to live/ In the rank sweat of an enseamed bed,/ Stew'd in corruption, honeying and making love/ Over the nasty sty..." (*Hamlet*, III, 4).

[8]"When he is drunk asleep, or in his rage/ Or in the incestuous pleasure of his bed..." (*Hamlet*, III, 3).

[9]Paródia de outra *nursery rhyme*. [N. T.]

[10]"To-morrow, and to-morrow, and to-morrow,/ Creeps in this petty pece from day to day/ To the last syllable of recorded time" (*Macbeth*, V, 5).

[11]"O wonder!/ How many goodly creatures are there here!/ How beauteous mankind is! O brave new world,/ That has such people in't" (*Tempestade*, V, 1).

[12]*Troilo e Cressida*, I, 1.

[13]*Romeu e Julieta*, III, 3.

[14]"If I profane with my unworthiest hand/ This holy shrine" (*Romeu e Julieta*, I, 5).

[15]*Antônio e Cleópatra*, I, 3.

[16] "I'll put a girdle round about the earth/ In forty minutes" (*Sonho de uma noite de verão*, II, 1).

[17]*Romeu e Julieta*, I, 5.

[18]*The phoenix and the turtle.*

[19]"Admired Miranda!/ Indeed, the top of admiration; worth/ What's dearest in the world.../ You, o you/ So perfect and so peerless, are created/ Of every creature's best" (*A tempestade*, III, 1).

[20]"There be some sports are painful, and their baseness/ Delight in them sets off: some kinds of labour/ Are nobly undergone". (*A tempestade*, III, 1).

[21]"Outliving beauty's outward, with a mind/ That doth renew swifter than blood decays" (*Troilo e Cressida*, III, 2).

[22]"If thou dost break her virgin knot before/ All santimonious ceremonies may/ With full and holy rite..." (*A tempestade*, IV, 1).

[23]"The murkiest den,/ The most opportune place, the strong'st suggestion/ Our worser genius can, shall never melt/ Mine honour into lust" (*A tempestade*, IV, 1).

[24]“For those milk paps that through the window bars/ Bore at men’s eyes” (*Timão de Atenas*, IV, 3).

[25]“The strongest oaths are straw/ To the fire i’ the blood: be more abstemious,/ Or else good-night your vow” (*A tempestade*, IV, 1).

[26]“Impudent strumpet!” (*Otelo*, IV, 2).

[27]*O rei Lear*, IV, 6.

[28]*O rei Lear*, IV, 6.

[29]*Otelo*, IV, 2.

[30]“...The devil Luxury, with his fat rump and potato finger...” (*Troilo e Cressida*, V, 2).

[31]“Friends, Romans, countrymen, lend me your ears” (*Júlio César*, III, 2).

[32]“Sometimes a thousand twangling instruments/ Will hum about my ears, and sometimes voices” (*A tempestade*, III, 2).

[33]“Life is a tale/ Told by an idiot, full of sound and fury,/ Signifying nothing” (*Macbeth*, V, 9).

[34]*O rei João*, III, 1.

[35] “There are more things in heaven and earth, Horatio,/ Than are dreamt of in your philosophy” (*Hamlet*, I, 5).

[36]“But value dwells not in particular will./ It holds his estimate and dignity/ As well wherein ‘tis precious in itself/ As in the prizer” (*Troilo e Cressida*, II, 2).

[37]“Whether ‘tis nobler in the mind to suffer/ The slings and arrows of outrageous fortune/ Or to take arms against a sea of troubles,/ and by opposing end them...” (*Hamlet*, III, 1).

[38]“Exposing what is mortal and unsure/ To all that fortune, death and danger dare,/ Even for an eggshell” (*Hamlet*, IV, 4).

[39]“A good kissing carrion” (*Hamlet*, II, 2).

[40]“As flies to wanton boys are we to the gods:/ They kill us for their sport” (*O rei Lear,* IV, 1).

[41]“Thy best of rest is sleep./ And that thou oft provok’st; yet grossly fear’st/Thy death which is no more” (*Medida por medida*, II, 1).

[42]*Hamlet*, III, 1.

[43]“Fry, lechery, fry!” (*Troilo e Cressida*, V, 2).